

ERIN BEATY

A MISSÃO TRAICOEIRA



SEGUINTE



ERIN BEATY

A MISSÃO
TRAÍDOEIRA

Tradução

GUILHERME MIRANDA

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

*Para Kim, que não me avisou que aquele primeiro rascunho era horrível e
tornou tudo isto possível.*

Sumário

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29

30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66

67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100
101
102
103

104
105
106
107
108
109
110
111
112
Epílogo



1

AGULHAS DE TRICÔ NÃO ERAM ARMAS MUITO EFICAZES, mas funcionavam melhor na esgrima do que bicos de pena.

Sage partiu para cima da princesa, que a bloqueou sem dificuldades, parando pouco antes de terminar o golpe.

— Não, não — disse Sage. — Continue empunhando a espada e empurre a minha para longe para poder atacar. — Ela deu um passo para trás. — Vamos tentar de novo.

— Com licença? — interrompeu Carinthia, que tinha onze anos e estava do outro lado da sala de aula. — Não consigo me concentrar com combate de tricô ao fundo.

A princesa Rose baixou sua “espada” e revirou os olhos, mas Sage fez sinal para que ficasse quieta.

— Desculpe, Cara. Quantos exercícios faltam?

— Cinco.

— Já chega por hoje. Está liberada.

Carinthia saiu correndo antes que Sage terminasse a frase.

— Quer que eu dê uma olhada na tarefa dela por você?

Aritmética era fácil para Rose, e ela faria qualquer coisa para deixar o bordado para depois.

— Não, obrigada. — Sage pegou a folha de papel e a examinou. Doze dos quinze exercícios respondidos estavam corretos. Carinthia tinha melhorado muito nos nove meses desde que ela tinha se tornado sua tutora.

— Você vai ao pátio de treinamento hoje? — Rose perguntou, girando a agulha de tricô distraidamente.

Sage tentou fingir que não estava pensando naquilo havia horas enquanto respondia que sim.

— Vai ter um jogo de esgrima de círculo duplo hoje. O sr. Reed disse que estou pronta. — Ela observou a sala para confirmar que estava tudo arrumado, então estendeu a agulha de tricô para Rose. — Não esqueça isto.

A princesa fez uma careta antes de pegá-la. Juntas, elas entraram na sala adjacente, onde a mãe e a irmã de Rose estavam sentadas trabalhando numa tapeçaria elaborada perto da lareira. A rainha era uma nortenha de pele clara com cachos brilhantes da cor do trigo, os quais Rose havia herdado. Ao lado dela, a princesa Cara finalmente estava em seu território, costurando figuras escarlates no tecido pesado. Rose resmungou. Ela não gostava de tricotar, mas *odiava* bordar.

Sage fez uma reverência.

— Acabamos por hoje, vossa majestade — ela disse. — Precisa de mim para mais alguma coisa? — A rainha tinha um pouco de hipermetropia, e Sage havia assumido a função adicional de secretária particular poucos meses antes. — Alguma correspondência nova?

— Desconfio que na verdade quer saber se tem algo para você — a rainha brincou. — Mas não, não tem nada.

Sage franziu a testa. Era a segunda semana seguida sem nenhuma mensagem de Alex. Como ele era sobrinho do rei e ela trabalhava para a família real, suas cartas particulares costumavam ser incluídas em despachos oficiais que iam e vinham para a capital. A entrega era mais confiável, embora ainda assim esporádica.

Orianna tirou os olhos da tapeçaria com um sorriso caloroso.

— O desfileiro de Tegann já abriu este ano, então a comunicação vai melhorar nas próximas semanas. Fique tranquila que, se chegar algo, encaminho para você na mesma hora.

Sage não sabia se algum dia deixaria de se sentir tão constrangida quando membros da família real demonstravam tanta consideração pelos seus sentimentos.

— Se não tenho mais nada a fazer, peço licença, vossa majestade.

— Posso ir com ela, mãe? — perguntou Rose.

O tom da rainha ficou mais formal ao se dirigir à filha mais velha.

— Você já negligenciou o bordado duas vezes esta semana para acompanhar Sage. Em ambas, prometeu compensar o trabalho, e não manteve sua palavra.

— Mas, mãe...

— A resposta é não. — Orianna analisou o tecido com a lupa. A leitura e as tentativas de enxergar de perto forçavam sua visão e lhe davam dor de cabeça, mas costurar era uma atividade que ela se recusava a abandonar. — Não adianta insistir.

Sage deu de ombros para a menina de treze anos, mas, por dentro, estava feliz

de não ter um público. Rose foi até seu cesto de costura batendo os pés e se jogou na poltrona, sentando-se de qualquer jeito. Orianna olhou feio para ela, e Rose se empertigou na mesma hora. Com um suspiro, a rainha se recostou e esfregou os olhos antes de se voltar para Sage com um sorriso cansado.

— Você foi ao pátio de treinamento todos os dias esta semana, se não me engano. Se não fosse pelo capitão Quinn, diria que está de olho em alguém.

Sage corou.

— Treinar faz com que me sinta mais próxima dele de alguma forma. — O conflito em Tasmét havia começado no verão anterior e já entrava no nono mês. Por mais cartas que trocassem, não havia como compensar todo o tempo separados. — Além disso, eu gosto. E, com tantos soldados novos chegando, há muita coisa a aprender.

A expressão de Orianna ficou sombria.

— Bem, tenho certeza de que não quer se atrasar.

Ela voltou para sua costura e enfiou a agulha no tecido.

Sage não entendeu a mudança súbita de humor da rainha, mas não tinha tempo de pensar naquilo. Fez uma reverência e saiu da sala já empunhando uma espada mentalmente. Teria de se apressar para garantir uma armadura acolchoada pequena o bastante para seu corpo esguio. Em sua euforia, já tinha descido vinte degraus antes de se dar conta de que ainda estava de vestido. Sage deu meia-volta e correu para o quarto, afrouxando os laços do corpete no caminho. Cinco minutos depois, pegava atalhos pelos corredores de serviço, de calça e camisa de linho.

Mais soldados do que nunca enchiam o pátio, gritando cumprimentos a velhos conhecidos e fazendo novas amizades. Sage atravessou a multidão, concentrada em chegar à arena principal. Fazia tempo que havia deixado de procurar automaticamente o rosto de Alex em cada grupo de soldados, na esperança inútil de que não tivesse conseguido avisar que estava a caminho de Tennegol.

Ela tinha sido parcialmente honesta com a rainha. Aquele lugar de fato a fazia se sentir mais próxima de Alex, mas seus motivos eram mais profundos. Desde a morte de seu pai, cinco anos antes, a vida de Sage tinha sido controlada por outras pessoas. Seus tios eram bem-intencionados, mas a haviam criado para depender de um marido para sua segurança e seu bem-estar. Quando trabalhou para Darnessa, a casamenteira lhe deu uma independência maior. Sage poderia ter encontrado seu caminho depois de alguns anos, mas no verão anterior tudo tinha mudado. Ela nunca havia se sentido tão desamparada, um fardo ainda maior do que se sentia em Tegann.

Os soldados de Alex tiveram de levar pacotes de chama vermelha — um pó que criava colunas enormes de fumaça quando incendiado — aos batedores fora da fortaleza para que pudessem pedir reforços. Sage era a única capaz de sair pela galeria de esgoto, mas foi capturada por um sentinela. Aquilo quase tinha custado sua vida: ela havia conseguido escapar por muito pouco.

E se recusava a ficar desamparada novamente.

Sage conseguiu pegar a última armadura pequena o bastante para ela, à frente de um escudeiro que havia perdido tempo pegando uma espada primeiro. Ela tentou não parecer triunfante enquanto enfiava os braços nas mangas e afivelava a metade de cima à de baixo. Para sua sorte, aquele traje era feito para cavalgar, o que significava que era mais largo e não era acolchoado nas nádegas e atrás das coxas — e Sage precisava de espaço extra naquelas partes específicas.

Depois de atar a armadura, ela escolheu uma espada de treinamento, optando por uma mais pesada do que as que os escudeiros costumavam usar. Ia se cansar rápido, mas havia aprendido que o peso extra compensava um pouco seus braços fracos. Aquilo também a deixava mais forte. Sage prendeu a espada entre os joelhos enquanto enfiava a trança cor de areia dentro do elmo e o fechava. Então se empertigou e avaliou o peso da espada, sentindo um nervosismo súbito que a fez tremer.

Naquele dia, descobriria se era boa de verdade.

2

SAGE ASSUMIU SUA POSIÇÃO NO CÍRCULO INTERNO DE LUTADORES, voltada para o lado de fora. Outro círculo se formou ao redor deles, com o mesmo número de participantes. Ela saudou seu primeiro rival e assumiu uma postura em guarda, se perguntando vagamente se conhecia aquele homem. Com o estofamento volumoso e muitas vezes disforme, além do capacete, havia apenas três ou quatro soldados que ela conseguia identificar com certeza — e um deles só porque não tinha um braço. A recíproca também era verdadeira. Por causa de seu tamanho, a maioria imaginava que Sage era um escudeiro, o que era bom para ela. Os guardas regulares haviam se acostumado com sua presença nos últimos meses, mas, com tantos soldados novos chegando, a situação ficaria delicada se descobrissem que era uma mulher.

Ao toque de um sino, Sage e seu oponente entraram num ritmo de ataques e defesas. Como era a primeira rodada, os dois estavam mais interessados em se aquecer do que em marcar pontos. Eles avançaram e bloquearam com intensidade crescente até um sino indicar o fim da rodada, sete minutos depois. Ambos baixaram as armas e se cumprimentaram. O parceiro de Sage deu alguns passos à direita para que outro lutador pudesse se posicionar na frente dela. Sage saudou o novo rival e ajeitou os pés para a próxima rodada.

Depois de quatro rotações, ela suava muito sob a armadura, mas estava satisfeita com seu desempenho. Alguns esgrimistas entravam e saíam da formação, e dois deles se inseriram duas posições à direita dela. Sage não os reconheceu, mas teve a impressão de que um a observava. Teria visto indícios de que era uma mulher? Sage esperava que não. Quando o homem chegou mais perto, ela o avaliou com cuidado.

Um pouco de barba escura escapava do elmo acolchoado, de modo que ele deveria ter no mínimo uns vinte anos. Era mais alto do que ela, mas a maioria dos homens era. Parecia forte, mas sem ser corpulento demais. O estofamento o deixava um pouco corcunda, e sua espada... era uma arma de treino comum, não uma espada pessoal, mas ele a manjava como uma extensão de seu braço, com

agilidade e uma eficiência tranquila. Nenhum movimento era desperdiçado. Um golpe em seu ombro a lembrou de prestar mais atenção em seu oponente. Sage enxugou o suor dos olhos e voltou a se concentrar na luta.

Ao toque seguinte do sino, o homem de barba entrou à frente dela. Um movimento exagerado do elmo indicou que a olhava de cima a baixo. Avaliando-a, sem dúvida. Embora Sage não conseguisse ver nada — daquele ângulo, nem mesmo o pescoço barbudo —, teve a impressão de que ele sorria quando a saudou. Definitivamente não a via como um desafio. Ela mostraria a ele que não era nenhuma novata.

Em menos de um minuto, a superioridade do soldado ficou óbvia. O sr. Reed descrevia Sage como avançada, para seu tempo de treinamento, com uma técnica elegante e promissora, mas seu novo oponente previa todos os seus golpes e os contra-atacava sem dificuldade. Quando ele partiu para a ofensiva, Sage pôde ver que se movia devagar para facilitar. Sentiu raiva por ser tratada com condescendência, mas ao mesmo tempo estava grata que o homem não a tivesse simplesmente desarmado em três segundos. Depois de um tempo, ela percebeu que estava sendo testada. Seu oponente deixava que mostrasse o que sabia fazer, de modo que Sage começou a gostar dele — até se inclinar demais para a direita em uma parada e o homem girar sua espada e batê-la no traseiro dela.

Através da fenda do elmo, Sage entreviu os dentes dele quando sorriu. Ela sentiu um rompante de fúria — seu oponente sabia que ela era mulher! Por que outro motivo teria feito aquilo, senão para zombar dela? Quase cega de raiva, Sage recuperou o equilíbrio e atacou. Ele a bloqueou facilmente. Sage o empurrou e deu um passo para trás, enquanto o homem balançava a cabeça em alerta. Ela atacou ferozmente, mas ele derrubou a espada dela no chão e encostou a parte plana da sua própria no traseiro de Sage mais uma vez.

Lágrimas de humilhação turvaram seus olhos. Quando ela se levantou de punhos cerrados, pensando no que fazer, ele pegou a espada dela e a ofereceu de volta. Não havia sinal de sorriso atrás da máscara daquela vez, e Sage entendeu. Ele a tinha alertado para não atacar com raiva e lhe dera uma lição quando não seguira seu conselho. Resignada, Sage pegou a arma e assumiu a posição em guarda. O homem aprovou com a cabeça, e os dois recomeçaram.

O sino tocou, finalizando a disputa, mas ele fez sinal para o lutador seguinte dar a volta. O outro deu de ombros e passou pelos dois. Seu parceiro misterioso tinha interesse nela. Era estranho, considerando seu nível de habilidade — ele não ganharia nada ao ficar. Então o sino tocou novamente, e ela deixou sua confusão de lado para se concentrar na luta. Depois de alguns golpes, o homem

deu um passo para trás e fez sinal para ela abaixar a espada. Com cautela, Sage obedeceu. Seu adversário passou a espada para a mão esquerda e se aproximou por trás dela. Sem dizer uma palavra, encostou a mão no punho de Sage e a corrigiu, guiando seu braço num arco de ataque mais eficiente. Suas instruções eram mais úteis à sua altura e à sua força do que aquelas que haviam lhe dado antes.

— Obrigada — Sage disse, a palavra ecoando em seu elmo. O homem assentiu e reassumiu sua posição. Quando passou a espada de volta para a mão direita, flexionou a esquerda algumas vezes, como se estivesse dormente. Os olhos dela se arregalaram.

Não podia ser.

No entanto, quanto mais o observava, mais certeza tinha. Quando a rodada acabou, seu parceiro mais uma vez fez sinal para o lutador seguinte passar. O homem do sino gritou que aquela seria a última rodada.

A luta entre eles mudou. O oponente de Sage ficou mais agressivo, forçando-a para trás quase o tempo todo. O homem claramente pretendia fazer com que ela se rendesse ao final, embora Sage soubesse que ele poderia fazer aquilo a qualquer momento.

Para ganhar a luta, ela precisaria de mais do que habilidade.

Sage esperou o momento certo, então vacilou. Como ela sabia que aconteceria, o homem aproveitou sua abertura. Mas Sage estava pronta para levar o golpe. Fingindo que ele a havia cortado, ela se jogou no chão com um grito de dor. Seu parceiro soltou a espada e tentou segurá-la.

Ele a virou de costas no chão e se ajoelhou ao lado dela, tirando o capacete de Sage e apalpando suas costelas.

— Onde? — o homem ofegou. — Onde se machucou?

Sage sorriu.

— Estou bem, capitão, mas você já era. — Ela deu um golpe na barriga dele com a ponta cega de sua espada de treino. Ele baixou os olhos.

Tirando o próprio capacete com dificuldade, voltou-se para Sage com um misto de orgulho e irritação nos olhos castanhos.

— Você é uma trapaceira, sabia?

— Pelo que me lembro, você me ensinou a usar todas as vantagens a meu favor.

Alex riu.

— Pois é. Me rendo, milady.

Todo o acolchoamento dificultava um beijo, mas ele deu um jeito.

3

O CAPITÃO MALKIM HUZAR ESTAVA SENTADO no canto da movimentada taverna, bebendo devagar uma caneca de cerveja. Era uma bebida fraca, mas ele a tolerava, como tolerava tudo naquele país. O tecido áspero de seu capote o envolvia de maneira que apenas seus antebraços ficavam expostos. Sob o capuz, seus olhos acompanhavam os movimentos de mais de vinte outros clientes, três garçonetes e do dono do estabelecimento — um homem gordo e ensebado que agia como se fosse dono das garçonetes também. A única exceção era uma garota bonita de boca e unhas pintadas do mesmo tom flamejante do cabelo. O homem passava longe dela. As duas cicatrizes prateadas atrás da orelha esquerda dele deviam ser o motivo.

A ruiva lhe levou uma caneca de cerveja para substituir a que ele havia acabado de tomar. Antes de pegar a caneca vazia, ela passou a unha na tatuagem tribal no braço bronzeado do capitão.

— Não vemos muitos aristelanos por aqui — disse com a voz rouca.

Ela o tomara por um demorano oriental, mas aquilo era bom para ele. Os kimisaros já não eram bem-vindos em Demora mesmo antes do conflito do momento. Huzar mostrou um sorriso ténue. A porta da taverna se abriu, deixando entrar uma rajada do ar frio de março que Huzar conseguiu sentir mesmo daquele canto. Finalmente.

— Mais uma cerveja — ele pediu. — Para meu amigo.

Ela olhou por cima do ombro na direção do homem que atravessava a multidão e voltou para o balcão com um suspiro. Huzar expirou, aliviado. Por mais bonita que fosse, quanto menos atenção ele chamasse, melhor.

O recém-chegado jogou para trás seu capote, feito de um tecido elegante e grosso, com a crista real demorana na gola. Ele se sentou à mesa de Huzar, carregando consigo um cheiro forte de suor e excremento de cavalo, num ângulo que não obstruía a visão de nenhum dos dois do salão. Ao contrário de Huzar, ele havia passado a maior parte de seus invernos em lugares fechados. Os braços que apoiou na mesa eram magros se comparados aos musculosos de Huzar.

— Você está atrasado — o capitão disse em demorano. Fazia mais de nove meses que não usava sua língua nativa; restava apenas um traço de seu sotaque. Ele conseguia até dizer Jovan como os demoranos pronunciavam, “Shovan”.

— Meu trabalho aumentou com todas essas chegadas — o cavaleiro disse. — Felizmente, meu pagamento também. Os cavaleiros dão gorjetas boas para cuidarmos melhor das montarias deles. — O homem empurrou um saquinho de moedas pela mesa.

Huzar pegou o dinheiro com um resmungo. Com tantos deslocamentos, não tinha tempo para encontrar um emprego fixo, o que significava que todo homem que se apresentava a ele tinha de lhe dar uma pequena porção de seus rendimentos.

— Tem notícias? Vi muitos soldados chegando.

O outro homem assentiu.

— Ouvi boatos.

Huzar ergueu um dedo quando a garçonete voltou com uma caneca cheia. O cavaleiro abriu um sorriso quando ela o serviu, mas o capitão não se atreveu a encará-la. Depois que a mulher se afastou, Huzar baixou a mão e esperou que o outro se explicasse.

— Estão falando que o rei vai restaurar os norsaris.

Depois daquela notícia inacreditável, o homem tomou um gole presunçoso, deixando a bebida escorrer pelos cantos da boca até o queixo. Huzar piscou enquanto processava a informação. A unidade de combate de elite de Demora tinha sido dispersada mais de vinte anos antes, como uma condição da trégua após a última grande campanha de Kimisara para recuperar a região de Tasmét. Uma manobra fraca e tola do rei demorano, que era jovem e queria ser visto como um pacifista. Contudo, os acontecimentos do ano anterior sem dúvida anulavam o tratado.

Huzar apenas bateu o dedo na lateral da caneca.

— Eu não consideraria que a confusão em Tasmét merece uma ação como essa. Talvez só mais um ano com as forças que eles têm seja suficiente. — Huzar também estava surpreso que os kimisaros continuassem em Tasmét depois de todos aqueles meses, mas, após três anos de fome e miséria, provavelmente não tinham muitos motivos para voltar para casa.

— Parece que o rei demorano espera mais problemas.

Huzar não sabia o que sua própria nação estava planejando, mas, considerando o estado de Kimisara quando partira no ano anterior, duvidava que o país tivesse se recuperado o suficiente para arriscar uma invasão. Só a aliança com a família

D'Amiran havia tornado o verão anterior possível. O pacto tinha sido ruim desde o começo, mas ele havia seguido suas ordens. Quando ficara claro que o duque demorano não tinha a menor intenção de cumprir sua parte, porém, Huzar havia mandado seus homens abandonarem Tegann e voltarem para casa. Infelizmente, uma companhia de Kimisara tinha se perdido em Demora, ao leste dos montes Catrux, e o capitão havia assumido a missão de encontrá-los.

Quando conseguira, tinha percebido que havia pouquíssimos homens para abrir caminho lutando, e homens demais para manter unidos por muito tempo. Ele ordenara que se dispersassem no interior demorano, arrandassem trabalho e não chamassem atenção até chegar o momento de fugir ou atacar. Para despistar seus inimigos, Huzar havia levado uma equipe até a fronteira, de modo a fazer parecer que o grupo tinha entrado em Casmun. Talvez seu plano não tivesse funcionado tão bem quanto pensara.

— Problemas? De onde?

— Casmun. Há indícios de uma aliança entre nosso povo e o deles.

Huzar bufou. Os kimisaros e os casmunis tinham origens em comum, mas se odiavam ainda mais do que Kimisara e Demora. Era mais provável que o rei demorano tivesse interpretado mal o rastro que o capitão havia deixado ao ir para o sul, pensando que era obra dos casmunis testando a fronteira, já que os kimisaros estavam a oeste.

Ele afagou a barba rala, se perguntando se a notícia era boa ou ruim. A confusão dos demoranos poderia ser uma vantagem, mas, com a volta dos norsaris, seria apenas uma questão de tempo até ele e seus homens serem caçados e eliminados.

No entanto, uma unidade norsari exigiria semanas de treinamento. Huzar provavelmente tinha tempo suficiente para reunir os cerca de cento e cinquenta kimisaros espalhados ao leste e ao sul da capital e tramar um plano para voltar para casa. Até lá, as informações seriam sua principal vantagem.

O capitão voltou os olhos para o cavaleiro.

— Quem vai ser o comandante dos norsaris?

— Ouvi um nome mais do que qualquer outro. — O homem abriu um sorriso, exibindo dois buracos de dentes faltantes. — E é um nome que você vai reconhecer.

Alguns minutos depois, o cavaleiro voltou para seu trabalho no palácio. Huzar pediu uma terceira cerveja e mal notou quando a bebida foi servida. Ele de fato reconheceu o nome. Poucos na cidade não reconheceriam. Mas Huzar tinha um motivo especial para saber quem ele era.

Capitão Alexander Quinn.

Fazia tempo que havia descoberto o nome do líder dos soldados que tinham escoltado as mulheres até Tennegol no verão anterior. Reunindo informações por meses, Huzar tinha uma boa noção do que havia acontecido em Tegann. D'Amiran tinha sido derrotado e Quinn assumira o controle de toda a fortaleza com apenas meia dúzia de soldados. Ao que parecia, o capitão demorano teria saído vitorioso mesmo se Huzar e seus homens tivessem permanecido, de tão perfeito que fora seu plano e a execução dele. Quinn havia matado o duque com as próprias mãos.

Um inimigo respeitável era muito melhor do que um aliado sem honra, e Huzar não desejava mal nenhum a ele. Só queria voltar para casa. E para isso teria de passar por cima do capitão Quinn.

DE ONDE ESTAVA SENTADA, NO GALHO DO SALGUEIRO GIGANTE, Sage observava Alex andar de um lado para o outro da trilha do jardim, parando com frequência para olhar na direção de onde achava que ela viria. Sage havia chegado alguns minutos antes. Enquanto esperava, trançara de qualquer jeito o cabelo molhado após o banho. Podia parecer cruel, mas queria observar Alex por alguns minutos, relembrar a maneira como ele se movia, saborear sua ansiedade. Era justo até, já que era provável que a tivesse espionado nos pátios por um bom tempo.

Alex flexionou a mão esquerda enquanto andava, talvez mais por hábito do que por necessidade àquela altura. Tinha levado semanas para recuperar os movimentos depois do ferimento que havia sofrido em Tegann. Ele até havia admitido em suas cartas que temia ter sofrido alguma sequela permanente. Alex não queria deixá-la preocupada, portanto Sage temia que fosse pior do que ele dizia. Teria de perguntar ao melhor amigo dele, o tenente Casseck.

Sage delineou com nervosismo os bordados prateados de seu vestido. O traje azul tinha mangas curtas e um decote mais profundo do que ela costumava usar, o que fazia com que se sentisse exposta. Era uma roupa formal demais para um passeio nos jardins, mas todos diziam que aquela cor combinava com ela e realçava seus melhores traços. Sage até tinha passado a gostar de saias. Ou talvez “gostar” fosse forte demais. Tinha passado a apreciar roupas bonitas, mesmo se sentindo um patinho feio nas penas de um cisne.

Quando o sol mergulhou atrás das muralhas altas, Alex se sentou no banco, balançando os joelhos com impaciência. Sage decidiu que ele já tinha sofrido demais e chamou seu nome.

Alex se levantou com um salto e virou para espreitar por entre os galhos grossos pendendo atrás de si.

— Sage?

— Estou aqui.

Ele subiu em cima do banco, abriu a cortina de folhas e se inclinou para dentro. Quando a viu, fechou a cara.

— Há quanto tempo está aí?

Ela desceu do galho baixo.

— Tempo demais.

— Ah, você vai pagar por isso. — Alex mergulhou entre as folhas da árvore e a ergueu do chão. Sage gritou e se debateu até ele a descer com delicadeza. Alex segurou os braços dela para beijar seu pescoço. — Peça desculpas — ele sussurrou, e sua respiração no ouvido dela lhe provocou uma sensação que a percorreu da cabeça aos pés.

— Não posso. — Sage riu baixo. — Não estou arrependida.

— Quanto tempo fiquei esperando que nem bobo? Uma hora?

— Uns três minutos. Cinco no máximo.

— Foram os mais longos da minha vida.

— Você mereceu depois da peça que me pregou no pátio. Quanto tempo ficou me observando lá?

— É a segunda vez em duas horas que me derrota trapaceando. — Alex soltou os braços dela para ajeitar seu cabelo com uma mão enquanto deslizava a outra em torno da sua cintura. — Vou me casar com um gênio do crime.

— Estou longe de...

Ele a interrompeu encostando sua boca na dela. Sage colocou os braços em volta do pescoço de Alex e retribuiu o beijo. O cabelo dele também estava molhado e cheirava a sabonete de sempre-verde, como a montanha no inverno.

Alex afastou o rosto para sussurrar:

— Senti muito a sua falta. — Ele a beijou de novo e de novo. Cada beijo parecia diferente, associado a uma saudade distinta. Sage queria que os beijos nunca acabassem, mas, por fim, ele recuou para encará-la, delineando os lábios dela com o polegar. — Santo Espírito — Alex disse baixo. — Tinha esquecido tudo o que faria por esse sorriso.

Sage tirou uma das mãos do ombro dele.

— Você está bonito, mas vou levar um tempo para me acostumar com isso.

Ela passou os dedos na barba dele.

Alex pareceu confuso por um segundo, depois riu.

— Acredita que tinha esquecido? Foi mais fácil deixar assim esses meses. E é mais quente no inverno. — Ele examinou o rosto dela. — Gostou?

Sage fez uma careta.

— Não sei ainda. É elegante, mas só tinha visto e imaginado você sem barba, então fica um pouco esquisito. E a sensação é um pouco áspera no meu rosto.

— Amanhã eu tiro.

— Vou me acostumar. Só me dê alguns dias.

Alex balançou a cabeça.

— Nada vai ficar entre nós dois, muito menos algo que possa fazer com que evite meus beijos. Além disso, sempre posso deixar crescer de novo depois.

— Como preferir. — Sage deu de ombros, sem se importar muito. — Quem mais veio com você?

— Cass e Gram entre os oficiais — Alex disse, tocando o rosto onde ela havia tocado antes. Os tenentes Casseck e Gramwell eram dois dos amigos mais próximos de Alex e tinham participado do grupo de escolta no ano anterior, em Tegann. — E mais uns cem soldados escolhidos a dedo.

Aquilo era interessante, ainda mais considerando a quantidade de soldados que andava chegando. Sage respirou fundo. Precisava fazer a pergunta cuja resposta não sabia se queria ouvir.

— Quanto tempo vai ficar?

— Ainda não sei. Pelo menos alguns dias.

Não era perfeito, mas estava longe de ser ruim.

— Vai ter muito trabalho?

Alex virou de lado preguiçosamente e passou um dedo por seu braço nu, fazendo os pelos dela se arrepiarem entre as sardas e cicatrizes pálidas.

— Cass pode dar conta da maior parte do trabalho por mim.

— Muito bonito, capitão. Isso é abuso de poder.

— A hierarquia tem seus privilégios. Além do mais, ele vai virar capitão logo mais, então precisa treinar.

— Para onde você vai depois?

Alex baixou a manga do vestido dela com carinho e deu um beijo em seu ombro exposto.

— Não sei direito. Tenho uma teoria, mas só vou confirmar daqui a alguns dias. Chegamos um pouco antes do esperado. Nem imagino o que me fez cavalgar tão rápido.

— Vocês vieram por Tegann?

Mesmo sob a luz fraca ela pôde ver o rosto dele empalidecer.

— Sim, por quê?

— Só estava curiosa para saber se o lugar foi reconstruído, depois de todos os incêndios.

— Sinceramente, não sei. Não paramos. — A raiva na voz dele a fez se encolher um pouco. — Se dependesse de mim, teria botado fogo em tudo.

Como ela podia ter sido tão insensível? Sage ergueu o rosto de Alex para que

seus próprios olhos encontrassem os dele, cheios de lágrimas.

— Desculpe. Não pensei direito.

Ele fechou os olhos bem apertados.

— Tudo bem. Eu que peço desculpas pela minha reação.

Ela tentou encontrar algo melhor para dizer.

— E qual é sua teoria sobre sua missão?

Alex suspirou.

— Sage, passei nove meses esperando por esta noite. Podemos, por favor, falar sobre outra coisa que não o exército?

Os olhos de Alex ainda estavam fechados quando ela encostou sua boca na dele.

— Acho que a gente nem precisa falar — Sage disse.

MORROW D'AMIRAN PRENDIA CHARLIE COM FORÇA COM UMA MÃO e empunhava uma adaga na outra. O irmão de Alex, que tinha acabado de completar nove anos, se debatia em vão enquanto seus olhos castanhos imploravam perdão por ter sido pego.

Não, Alex queria dizer a ele. Você fez tudo certo. Isso está acontecendo por culpa minha.

— Escolha, capitão.

D'Amiran sorriu enquanto apontava a lâmina para a garganta de Charlie.

Escolher?

Do cômodo de trás — o quarto —, saiu o capitão da guarda do duque, Geddes, arrastando Sage, espancada e coberta de sangue. Ela estava fraca demais para resistir enquanto Geddes a imobilizava contra o peito, mas encarou Alex com um olhar de acusação.

— Você disse que viria me buscar — gritou. — Mas não veio.

Pensei que você estava morta. Ele implorou para ela entender. Teria virado essa torre do avesso com minhas próprias mãos se soubesse que estava aqui.

O ódio nos olhos cinza dela não diminuiu quando Geddes sacou uma faca e puxou a cabeça dela para trás para encostar a lâmina em sua garganta. O guarda de orelha deformada olhou para o duque.

D'Amiran ainda estava sorrindo.

— Escolha — ele repetiu.

Alex levou a mão à espada, mas não encontrou nada na cintura, batendo com o cotovelo na parede de pedra ao lado da cama. Uma dor repentina subiu até seu ombro, despertando-o por completo antes de deixar seu braço dormente. Ele afastou o cobertor com a outra mão e meio caiu, meio rolou para fora da cama, depois atravessou cambaleante a escuridão total até a porta e saiu para o corredor frio do quartel. A luz da tocha baixa fez seus olhos arderem, e ele os fechou com força enquanto recuperava o fôlego. Quando teve certeza de que não ia vomitar, se empertigou e foi apalpando a parede até a saída.

A luz fraca da aurora que se aproximava era mais gentil com seus olhos, e ele secou o suor e as lágrimas enquanto se recostava contra um barril de água potável. Já havia tido aquele pesadelo antes, mas fazia meses que ele não se repetia.

Respire, Alex disse a si mesmo. *Não foi real.*

Mas uma parte foi.

Quando ele arrombou a janela dos aposentos particulares de D'Amiran naquele dia em Tegann, tinha certeza de que Sage estaria ali. Alex achava que seria obrigado a escolher entre Sage e Charlie, e não fazia ideia do que faria. Mas apenas seu irmão e o duque estavam nos aposentos. E Charlie morreria.

D'Amiran havia cometido um erro grave naquela manhã, ao mandar o capitão Geddes sugerir que Sage tinha sido capturada em sua tentativa de fugir de Tegann. A intenção era fazer Alex pensar que ela estava sendo torturada, mas ele havia concluído que tinha morrido. Durante uma hora, ficara mal demais para tomar qualquer atitude. Quando Alex e seus soldados se deram conta de que Sage poderia estar viva, ele já havia recuperado o autocontrole e fora capaz de tramar um plano racional, ainda que apressado. Se não tivesse pensado que ela estava morta, Alex talvez tivesse atacado sem pensar.

Talvez, não. Com certeza.

Alex passou a mão no cabelo úmido, aliviado por ter recuperado a sensação dos dedos, e se empertigou. A adrenalina pulsava em seu corpo quando voltou para o quartel. Tateou pelo quarto em busca das botas e meias sem fazer barulho. O tenente Casseck despertou quando Alex abriu a porta para sair de novo.

— Aonde está indo? — ele murmurou. — Pensei que tínhamos a manhã de folga.

Normalmente, o dia começava com exercícios em grupo, mas Alex havia exigido demais de seus homens para chegar logo à capital, e achou que eles mereciam um descanso.

— Vou sair para correr — ele respondeu. — O sol está quase nascendo. É a melhor hora.

— Você é maluco. — Cass rolou para se sentar e semicerrou os olhos contra a luz da tocha que cortava o chão. — Quer companhia?

Alex hesitou. Ele não queria esperar até que Cass se aprontasse.

— Me alcança na segunda volta?

O circuito tinha dois quilômetros e meio. Cass esfregou o rosto.

— Está bem. Me espere.

— Não se atrase, então. — Alex desatou a correr assim que saiu do quarto.

Quando Cass o alcançou, todos os vestígios do pesadelo e do medo tinham abandonado seu rosto.

Ou era o que ele esperava.

6

SAGE TINHA COMBINADO DE ENCONTRÁ-LO DEPOIS DA MISSA para um passeio de cavalo nas colinas da cidade. Alex havia levado sua montaria reserva para Tennenhol, pensando em deixá-la com Sage. Como sabia que ela relutaria em aceitar o presente, ele planejara fingir que a garota estaria fazendo um favor para ele, o que não era completamente mentira. Shadow tinha sido sua primeira montaria, e Alex não estava preparado para abandoná-la, mas o peso de um soldado totalmente armado era um pouco demais para a égua naqueles dias. Ela seria perfeita para Sage, no entanto.

A jovem estava usando calça de montaria e o velho casaco de passarinho feito de couro que era do pai dela, enquanto o esperava na frente do quartel, conversando com um soldado baixo de cabelo preto. O cabelo de Sage cintilava sob o sol enquanto balançava a cabeça e ria. Ela estava brava no pesadelo, e Alex parou um momento para admirar sua felicidade, trocando a memória falsa pela real. Sage desviou o olhar da conversa e o viu encarando. O soldado com quem estivera conversando se empertigou.

— Há quanto tempo — o sargento Ash Carter disse, batendo continência. Alex tentou não revirar os olhos enquanto retribuía a saudação. Ash podia não ser um oficial, mas havia recusado uma patente para apoiar o meio-irmão, o príncipe herdeiro. — Como você está?

— Nada mal — Alex respondeu. — O que o traz aqui? Pensei que estava em Mondelea, como babá de Rob.

Quando o conflito em Tasmet tinha ficado arriscado demais, o príncipe fora transferido para uma região mais segura. Robert não tinha aceitado aquilo com tranquilidade, e Ash fora junto com o irmão para acalmá-lo.

— Coisas importantes às vezes precisam ser feitas por pessoas dispensáveis — Ash disse com um sorriso autodepreciativo. Como nascera um ano depois da morte da primeira rainha, era um filho ilegítimo, mas tinha toda a autoridade e os privilégios da realeza. Tecnicamente, Alex era primo apenas do príncipe herdeiro, mas considerava Ash da família da mesma maneira que Robert. Os três

tinham ficado muito próximos durante os treinamentos de pajem e escudeiro. Suas vidas tinham começado a se afastar só nos anos mais recentes.

Alex e Robert tinham posições de destaque no exército, mas Ash preferia trabalhar nas sombras. Com seu talento em passar despercebido, era um excelente espião. Se Alex não o tivesse realocado como batedor e assumido seu lugar como informante principal, as coisas em Tegann teriam sido muito diferentes. Sage teria conhecido e ficado amiga do verdadeiro Ash Carter, por exemplo.

Ao pensar naquilo, Alex se virou para ela, sentindo-se enjoado. Sage o olhou de volta, preocupada. Ele sorriu, embora a náusea continuasse.

— Então você também foi convocado? — Alex perguntou ao amigo, mantendo a voz baixa e tentando lançar um olhar significativo.

Ash era quase da altura de Sage, e teve de erguer a cabeça para encarar Alex.

— Sim.

— Sabe por quê?

Ele abriu um sorriso maroto.

— Talvez.

— Pode revelar o que sabe?

— E perder sua cara de surpresa amanhã? De jeito nenhum.

Alex revirou os olhos.

— Acho que já sei.

— Estou certo de que não sabe. — Ash deixou de lado o jeito brincalhão. — Tem alguma coisa grande acontecendo.

Alex voltou a olhar para Sage, cujo rosto tinha ficado inexpressivo. Ela prestava atenção, mas fingia que não.

— Passei os últimos meses lutando em Tasmét. Acha que não tenho ideia do tamanho do conflito?

Ash balançou a cabeça.

— Alguma coisa maior do que isso.

— Maior como?

— Sem ofensa a Sage, mas é grande o suficiente a ponto de eu não poder contar a não ser na segurança das câmaras do conselho. — Ash piscou para ela. — Vou deixar vocês dois passarem um tempo juntos. Depois de amanhã, você vai ficar bem ocupado.

Sage observou Ash se afastar, com uma careta no rosto. Alex colocou um braço em torno da cintura dela e a puxou para perto. Como ela cheirava bem! A lavanda, sálvia e luz do sol.

Sage se voltou para ele.

— Você fez a barba — ela disse.

Alex abaixou o rosto para beijá-la.

— Deu para sentir?

— Sonhei com você ontem à noite — Sage sussurrou alguns segundos depois.

Alex conteve um arrepio enquanto se lembrava do seu próprio sonho.

— Espero que eu tenha me comportado.

— Não muito.

Faltavam seiscentos e quarenta e quatro dias até Alex chegar à idade em que os oficiais do exército demorano podiam se casar. Seiscentos e quarenta e quatro dias em que teria de continuar resistindo a ela. Ele suspirou.

— Vamos. Vai chover daqui a algumas horas.

Trinta minutos depois eles estavam subindo a trilha da encosta. Os pensamentos de Alex vacilavam entre as palavras misteriosas de Ash e a pergunta que o atormentava havia meses. Ele mal falou até chegarem aonde queria e desmontarem. Alex amarrou os cavalos na sombra enquanto Sage estendia uma toalha e servia o almoço que havia pegado na cozinha. Ela estava descascando uma laranja com cuidado quando Alex se sentou ao seu lado e se espreguiçou com um suspiro. A noite mal dormida e a corrida matinal tinham seu preço.

— Bela vista, não acha? — ele perguntou, apontando para os pináculos e telhados de Tennesol que se estendiam abaixo deles. Depois da cidade, ficava o vale do Tenne, parcialmente coberto por nuvens carregadas que se aproximavam lentamente. Só teriam algumas horas antes de voltar, se não quisessem se molhar.

Sage não ergueu os olhos.

— Não vai me dizer o que está incomodando você?

— Só estou curioso. Está na cara que Ash sabe alguma coisa sobre minha missão, mas não quer me dizer.

— Hum. — Ela não pareceu convencida. — É um pouco estranho conversar com ele, considerando... você sabe.

Que ela havia se apaixonado por Alex pensando que ele era Ash Carter. Ao representar o papel de agente infiltrado normalmente reservado a ele, Alex tinha contado boa parte da história de Ash. Em todo o resto, porém, tinha sido o mais sincero possível. O enjoo voltou.

Sage baixou a laranja e olhou para ele com a sobrancelha arqueada.

— Sabia que tinha a ver com Ash. O que foi?

Ele se perguntou se o trabalho dela com a casamenteira no ano anterior havia aguçado sua percepção ou se Sage sempre tinha sido tão perspicaz. Alex sabia que ela não deixaria o assunto de lado a menos que ele falasse. E, na verdade, ele precisava ouvir a resposta de Sage.

— Posso perguntar uma coisa? — ele disse, tirando a poeira da calça dela para evitar encará-la.

Sage colocou a mão sobre a dele.

— Claro.

Alex respirou fundo.

— Quando você descobriu quem eu era... ficou decepcionada?

— Fiquei furiosa. Esqueceu que bati em você?

Alex não sorriu.

— Não porque eu menti. Porque não sou Ash. — Ele entrelaçou os dedos nos dela, mas não conseguiu erguer o olhar. — Se eu fosse mesmo ele, poderia dar uma vida de princesa a você. Já estaríamos casados a essa altura.

— Bem, acho que me resignei a casar com o capitão mais jovem e condecorado do exército — ela brincou. — Acabei com um herói nacional que escreve cartas prometendo buscar a lua se isso me fizer sorrir. Coitadinha de mim. — Como Alex não respondeu, ela ergueu o queixo dele com a outra mão, que ainda segurava a laranja descascada pela metade. A luz em seus olhos cinza passou de brincalhona para sincera. — Vou admitir que pareceu muito... romântico me apaixonar por um príncipe — ela disse, suavizando a voz. — Talvez isso tenha me impedido de ver o óbvio. Mas não fiquei decepcionada.

— Nem um pouquinho?

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Você ficou decepcionado quando descobriu que eu não era da nobreza?

Alex finalmente sorriu de leve.

— Só fiquei aliviado porque não ia se casar no Concordium. Depois me dei conta da encrenca em que tinha me metido.

— E que encrenca. — Ela se aproximou para beijá-lo, depois voltou a se sentar. — Está com fome?

Alex pegou a laranja da mão dela e a jogou de lado antes de puxar Sage para junto dele.

— Nem um pouco.

ALEX CAMINHAVA UM POUCO ATRÁS DE SAGE enquanto eles voltavam para o palácio, roçando os dedos no quadril dela com mais frequência do que o balanço natural de seu braço implicaria. Foi bom o clima tê-los obrigado a voltar. Senão, ainda estariam na encosta, tentando desesperadamente resistir a algo impossível.

Por que ele não podia sonhar com aquilo?

Quando chegaram ao pátio de entrada, Sage soltou um gritinho súbito e correu pelo cascalho na direção de uma jovem que descia de uma carruagem. Elas se abraçaram e dançaram em volta uma da outra por alguns segundos, rindo e conversando. Mesmo com o vestido simples de viagem e os cachos cor de mogno presos numa única trança grossa, foi fácil para Alex reconhecer Lady Clare Holloway.

— Quando chegou a Tennegol? — Sage perguntava quando ele as alcançou.

— Acabamos de chegar — respondeu Clare, com os ombros caídos de exaustão. — Passamos a noite inteira viajando. — Ela apontou para o homem imponente que a havia ajudado a descer do coche. — Papa foi chamado pelo rei, e ele disse que eu poderia vir junto visitar você.

O homem deu um passo à frente, e Clare o apresentou.

— Papa, esta é a amiga de que tanto falo, Sage Fowler. Sage, este é meu futuro sogro, o embaixador Lord Gramwell.

Seu bigode cor de bronze se contorceu com um leve sorriso enquanto o embaixador beijava a mão de Sage.

— É um prazer finalmente conhecê-la, minha cara. Sua aparência é exatamente como eu imaginava.

As bochechas de Sage coraram. Com a cavalgada e o tempo deitada com Alex, a maior parte de seu cabelo cor de areia tinha se soltado do coque. Clare estendeu a mão livre para Alex.

— Capitão Quinn, não sabia que também estaria aqui.

— Cheguei ontem, Lady Clare — ele respondeu, levando a mão dela aos lábios.

— O... Você trouxe... Quer dizer... Toda a companhia veio? — Clare balbuciou enquanto ele soltava sua mão. Ela corava acaloradamente.

Alex sorriu.

— Vim com os tenentes Casseck e Gramwell. — Os dois oficiais tinham sido uma escolha fácil. — Vou avisar Gram que está aqui. — Ele acenou para o Lord Gramwell. — E o embaixador também.

Ele cumprimentou Alex com um aperto de mão. Seu filho era um dos tenentes de Alex desde que o próprio embaixador se aposentara e voltara com a família a Demora, alguns anos antes. Um dia, o jovem Gramwell também serviria como emissário, o que era um dos motivos por que Lady Clare morava com os pais dele agora, aprendendo o papel que representaria como esposa de um diplomata.

— Venha — Sage disse, puxando Clare na direção das portas principais. — Vamos avisar sua majestade de que chegou e arranjar um quarto para você.

Alex tinha algumas tarefas a cumprir, então era melhor que Sage ficasse com a amiga.

— Vejo você depois do jantar? — ele perguntou, esperançoso. — No mesmo lugar?

Sage parou, parecendo dividida, mas Clare respondeu por ela.

— É claro. Podemos conversar melhor amanhã, quando eu estiver descansada.

Alex agradeceu, embora duvidasse que a boa vontade de Clare em se separar de Sage fosse completamente altruísta. Casseck acabaria cobrindo a maior parte das tarefas de Gramwell também, agora que a noiva do outro tenente estava ali.

O embaixador Gramwell se abaixou para beijar o topo da cabeça de Clare.

— Vejo que está em boas mãos. Tenho assuntos urgentes a tratar, então, se me derem licença... — Ele acenou para Alex, encarando-o por um segundo. — Nos vemos amanhã, capitão.

Alex franziu a testa enquanto o homem dava as costas. Primeiro Ash e agora um embaixador. Todos pareciam saber mais do que ele.

8

SAGE ACORDOU MAIS TARDE DO QUE DE COSTUME na manhã seguinte. Estava sofrendo para arrumar seu cabelo quando Clare bateu à porta.

— Ficou acordada até tarde? — a garota perguntou com um sorriso. — Parece cansada.

— Olha quem fala — Sage disse. — Como se você e Luke não tivessem feito o mesmo. — Era um tiro no escuro, mas ela soube que estava certa quando Clare ficou vermelha. Com a ajuda da amiga, Sage conseguiu trançar e prender o cabelo em poucos minutos. Elas foram juntas à suíte da rainha, fazendo planos para as próximas semanas. Clare não tinha ideia de quanto tempo Lord Gramwell pretendia ficar, mas o homem agia como se fosse permanecer em Tennenol durante todo o verão. — Ele se aposentou bem jovem, não? — Sage perguntou.

Clare assentiu.

— A saúde de mama é fraca, então ele voltou para Mondelea para cuidar dela. Mas acho que sente falta do trabalho. Adorou a oportunidade de vir para cá.

Sage não pôde deixar de notar como Clare estava apegada a seus futuros sogros, referindo-se a eles como mama e papa, tal qual os nortenhos faziam. Considerando que o pai de Clare era cruel e que sua mãe não fazia nenhum esforço para proteger as filhas de casamentos movidos pela ganância, Sage estava contente por sua amiga finalmente ter encontrado uma família de verdade, ainda que tivesse demorado dezesseis anos para tal.

Uma criada conduziu a dupla até a sala de jantar da rainha para um café da manhã particular. Ela já estava sentada à mesa circular aconchegante coberta por uma toalha violeta com um jogo de chá decorado com motivos de hera em cima. Embora tivesse cumprimentado Clare calorosamente no dia anterior, Orianna parecera um tanto irritada com sua chegada. Sage observou a rainha por alguns minutos, procurando sinais de que ainda estivesse de mau humor. Mas ela parecia alegre, brincando ao dizer que Sage deveria descansar em seu dia de folga, e não vagar pelos corredores até altas horas da madrugada. Pouco

escapava à sua atenção.

Sage ficou aliviada com a provocação da rainha, já que esperava por um sermão. Estava chovendo demais na noite anterior para que ela e Alex ficassem no ponto de encontro habitual, nos jardins, então haviam passeado pelos salões do palácio, de mãos dadas, aproveitando alguns minutos de privacidade nas alcovas isoladas pelas quais passavam — e havia muitas. Tal comportamento não convinha a uma tutora real, claro. Ainda que Orianna não parecesse se incomodar, Sage não tinha a intenção de abusar de sua bondade. Teriam de ser mais discretos.

— Estou feliz que estejam aqui — a rainha disse, segurando as mãos tanto de Sage como de Clare depois que elas declamaram a oração de café da manhã ao Espírito. — Preciso da ajuda de vocês.

Sage olhou para Clare, que parecia igualmente confusa.

— Claro, vossa majestade — disse Clare. — Faremos o que pudermos.

— Que bom. — Orianna soltou as mãos delas, se recostou e pegou o garfo. — Sabe por que o capitão Quinn está aqui, Sage?

A jovem fez que não antes de colocar uma garfada de ovo na boca, aliviada que a rainha tivesse começado a comer logo, para que também pudesse fazê-lo.

— Só tenho a informação de que ele vai receber uma nova missão. Nem ele sabe qual é.

A rainha assentiu brevemente e voltou os olhos verde-azulados para Clare.

— Sabe por que o embaixador Gramwell veio a Tennegol?

— Não, vossa majestade. Ele não me disse nada.

Havia um brilho duro nos olhos de Orianna.

— Então todas nós temos o mesmo problema. Estamos sendo deixadas de fora de alguma coisa importante. — Ela apontou para a criada logo atrás, uma jovem que ficava quase o tempo todo ao lado da rainha. — Esta é Meadow. O irmão dela, Bryony, trabalha como criado do rei.

A explicação fora direcionada a Clare, uma vez que Sage sabia quem era Bryony. Ele servia o rei em todas as funções públicas — e nas privadas também. No entanto, depois de vê-lo lançando facas com uma precisão surpreendente no pátio de treinamento, Sage concluiu sozinha que o rapaz na verdade era guardacostas do rei. Ela nunca o tinha ouvido falar, e diziam que ele não tinha língua.

A rainha continuou:

— Durante anos, eles me mantiveram a par das questões de Estado em que o rei não queria me incluir. Embora eu raramente tente interferir, creio que é meu dever me manter informada. — A rainha fez uma pausa e arqueou uma

sobrancelha delicada. — Gostariam de saber o que Bryony ouviu sobre as intenções atuais do rei?

Sage assentiu, surpresa com a admissão casual da rainha de que bisbilhotava as conversas sigilosas do rei.

— Nada.

Sage pestanejou.

— Nada?

Orianna balançou a cabeça.

— Nem uma palavra. Bryony foi deixado de fora de quase todas as reuniões e conselhos de meu marido. — Ela se debruçou novamente, parecendo ter esquecido a comida. — Mas o embaixador Gramwell começou a participar assim que chegou. Hoje, será a vez do capitão Quinn.

As intenções da rainha ficaram óbvias.

— Vossa majestade quer que descubramos o possível através dos nossos contatos — Sage disse.

— Sim.

Ela não soube como reagir, mas Clare pareceu horrorizada. Se a rainha fosse pega espionando o rei, provavelmente seria perdoada, mas Sage e Clare não tinham a mesma garantia.

— Vossa majestade, com tantas pessoas deixadas de fora, o segredo deve ser perigoso — Sage disse. *Assim como tentar descobri-lo*, ela acrescentou mentalmente.

— Esse é o motivo pelo qual devo saber o que está acontecendo, Sage — Orianna disse, cerrando os lábios finos. De repente, ela pareceu muito mais velha do que seus trinta e cinco anos. — Quando essa nova unidade que estão reunindo marchar, Nicholas irá com eles.

O príncipe tinha catorze anos e treinava como escudeiro com os guardas do palácio, e não no exército regular, como seus meios-irmãos mais velhos haviam feito. Como consequência, era muito menos habilidoso do que eles na mesma idade. Também estava atrás de seus colegas nos estudos, e Sage desconfiava que, como a princesa Cara, ele tinha dificuldades de aprendizado. Os números e as letras pareciam mudar de ordem quando a garota lia. No entanto, Sage raramente tinha contato com o príncipe, por isso não havia como saber se ele tinha o mesmo problema. Se fosse o caso, o garoto o escondia sob seu comportamento arrogante. De qualquer maneira, parecia que o rei queria que ele se desenvolvesse mais.

— Isso pode ser uma prova de que não é algo perigoso — Clare comentou. —

O fato de estar disposto a levar o próprio filho.

Orianna revirou os olhos da mesma maneira pela qual criticava Rose.

— Quando Raymond foi conhecido por proteger os próprios filhos do perigo? Robert e Ash sempre serviram nas linhas de frente.

— Não é verdade — Sage não pôde evitar discordar. Clare pareceu chocada com sua correção atrevida, e a jovem corou um pouco. A rainha sempre havia incentivado a franqueza, mas talvez Sage tivesse ultrapassado os limites. — Robert foi transferido de Tasmet no ano passado.

— Porque ele é o herdeiro. Ele é maior de idade e se torna mais valioso a cada dia, tanto por seus atos como pela aproximação da hora em que vai assumir o trono. Nicholas pode ser o segundo na linha de sucessão, mas, para meu marido, é apenas seu terceiro filho homem. — Orianna balançou a cabeça. — Mas é o único que eu tenho.

Sage ainda achava que a rainha estava exagerando.

— Se o capitão Quinn for mesmo nessa missão, garanto que não há ninguém melhor para proteger o príncipe.

— Talvez, mas isso não muda o fato de que estou no escuro. — Orianna cerrou o punho pálido. — Tem ideia de como é ouvir uma mentira do homem que ama, Sage? Saber que ele não confia a verdade a você?

A jovem se encolheu. Nunca havia contado à rainha que Alex tinha mentido sobre quem era — entre outras coisas — para proteger tanto ela como o príncipe Robert. Ele tinha sido sincero assim que pôde e havia prometido nunca mais enganá-la. Era diferente.

Não era?

Seu olhar se voltou para Clare, que a havia abraçado quando ela chorara, depois se oferecido para esfolar Alex vivo, mas se contentara em apenas ameaçá-lo em silêncio. Clare balançou a cabeça ligeiramente, como se dissesse que não havia comparação.

— Não estou pedindo que façam nada ilegal ou enganador — Orianna disse. — Só que prestem atenção, façam perguntas e me contem o que descobrirem. Não querem saber o que está acontecendo também?

De repente, Sage não queria saber.

Precisava saber.

ALEX OLHOU PARA AS COLUNAS DE SOLDADOS. Ele havia trazido apenas cem homens consigo, mas, enquanto os guiava nos exercícios matinais, outros foram se juntando a eles. Quando terminaram, as fileiras tinham o dobro do tamanho. Ele ergueu os olhos para a plataforma de observação, de onde um único homem os observava. Reconheceu-o apenas pela postura.

O coronel Traysden era não apenas o ministro da Inteligência e um dos conselheiros mais próximos do rei, como também comandante dos norsaris. Ou, melhor, tinha sido — o batalhão havia sido dissolvido antes de Alex nascer. Fazia mais de dez anos que poucos fora do exército pensavam nele, mas o coronel era amigo do seu pai, e Alex havia crescido ouvindo as histórias da unidade de combate de elite de Demora. O nome vinha do aristelano antigo “norsar”, que se referia a uma ave de rapina tão veloz e furtiva que a maioria das pessoas nunca tinha visto. Muitos pensavam não passar de um mito. Se Traysden observava os recrutas novos — todos os quais tinham sido selecionados a dedo por seus comandantes —, não era difícil adivinhar o motivo.

Os norsaris iam voltar, e Alex faria parte deles.

Ele foi bastante minucioso ao se lavar, tentando ocupar o tempo antes de sua reunião com o rei. Quando a hora finalmente chegou, obrigou-se a caminhar com passos comedidos pelo corredor central que dava para a câmara do conselho. Os tenentes Casseck e Gramwell o cercavam um de cada lado. Quando chegaram às portas duplas da câmara, ambos ficaram para trás, de modo a entrar na sala um passo atrás dele, embora o batente fosse largo o bastante para os três. Assim como acontecia com Ash, a deferência deles o incomodava, mas era assim que seus amigos demonstravam respeito à sua patente na frente dos outros.

Um tenente andava de um lado para o outro atrás das cadeiras a um dos lados da mesa comprida. Alex o reconheceu dos exercícios matinais. Tinha se dado muito bem, apesar da estatura baixa. Alex não sabia seu nome, então foi até ele e estendeu a mão para se apresentar.

— Capitão Alex Quinn.

Os olhos azuis do tenente se arregalaram em reconhecimento. Ele começou a bater continência, depois percebeu que não deveria fazê-lo naquela situação. Em vez disso, apertou a mão de Alex como se estivesse se afogando.

— Tenente Ben N-Nadira — ele gaguejou. — É uma honra conhecer o senhor.

Alex abriu um sorriso tenso. Gostava quando Sage o chamava de herói nacional, mas era estranho encontrar outras pessoas que acreditavam naquilo. Depois de alguns segundos, ele encerrou o aperto de mão e deu um passo para o lado para que seus amigos se apresentassem.

A cabeça loira de Cass ficava uns trinta centímetros acima de Nadira.

— Tenente Casseck. Mas todo mundo me chama de Cass.

— Tenente Lucas Gramwell. — Ele apertou a mão de Nadira. — Luke ou Gram, está bom para mim.

Dois outros homens com barras prateadas de tenente entraram na sala. Um parecia ter a mesma idade de Alex, mas o outro era alguns anos mais velho.

— Tenente Sorrel Hatfield — o mais jovem disse com um aceno, encarando Alex nos olhos, como se o desafiasse a comentar a ilegitimidade que seu nome revelava. Alex não mordeu a isca, mas fez uma nota mental de que aquele homem poderia sentir mais necessidade de se provar do que os outros. O tenente tinha o cabelo do mesmo tom castanho-avermelhado que Gram, mas, fora aquilo, os dois eram completamente diferentes: Hatfield era baixo, robusto e tinha olhos verdes. Sua pele era a mais sardenta que Alex já tinha visto.

O tenente mais velho se apresentou com sua voz áspera como Zach Tanner. Alex gostou dele na hora. Vindo de uma família de curtidores de couro, devia ter lutado muito — fora do campo de batalha e dentro dele — para chegar àquela patente, a julgar pelas cicatrizes em seu rosto. Tanner e Hatfield tinham uma boa relação e experiências afins. Alex não tinha dúvidas de que os dois mereciam suas patentes. Ironicamente, seu nome famoso significava que ele mesmo sempre precisava provar seu valor.

Feitas as apresentações, Alex assumiu seu lugar ao lado de uma cadeira perto da cabeceira da mesa retangular, e os outros seguiram seu exemplo. Normalmente, a mesa era comprida o bastante para caberem todos os vinte membros do conselho do rei, mas as extensões dela tinham sido retiradas para que houvesse apenas dez lugares, o que fazia o salão parecer ainda maior. Depois de um minuto, o arauto anunciou a chegada do rei.

— Sua majestade, Raymond II, rei de Demora.

Todos assumiram posição de continência para a entrada do tio de Alex, do coronel Traysden, do embaixador Gramwell e de Ash Carter. O cabelo do rei de

quarenta e quatro anos estava rareando no topo e tinha uma cor entre o grisalho e o branco, mas seus passos eram leves e sua mente, astuta. O embaixador atrás dele era mais velho, com o cabelo volumoso muito mais vermelho que o do filho marcado por mechas brancas. Alex e os outros se voltaram para o rei e fizeram uma reverência enquanto as portas da câmara se fechavam. Raymond puxou sua cadeira e se sentou, depois esperou que os outros fizessem o mesmo. Traysden e Ash ficaram à direita e à esquerda de sua majestade, respectivamente. Alex se sentou ao lado de Ash, seguindo sua indicação.

O embaixador se sentou na ponta oposta da mesa, mal trocando um olhar com o filho, enquanto o ministro da Inteligência observava Alex com os olhos vermelhos alertas em seu rosto envelhecido. O pouco cabelo que ainda tinha estava cortado tão rente que quase parecia raspado. Raymond observou cada rosto com um brilho nos olhos cor de avelã, pousando-os por último em Alex.

— Sejam bem-vindos — o rei disse. — O tempo é curto, então vamos direto ao assunto. A maioria de vocês passou os últimos meses em Tasmét enfrentando as repercussões da rebelião de D’Amiran e de sua aliança com Kimisara. Me entristece ver que nossa própria nobreza nos apunhalou pelas costas.

O pai de Alex, o general Quinn, suspeitara que os D’Amiran estavam envolvidos em algum tipo de conspiração, mas o inverno o tinha impedido de informar o rei — motivo pelo qual a missão do Concordium na primavera anterior havia incluído uma discreta missão de reconhecimento. Alex não teria descoberto o poder que o duque planejava alcançar por meio do casamento de seus aliados se não fosse por Sage. Embora a rebelião tivesse sido detida, a região ainda estava mergulhada no caos graças àqueles leais a D’Amiran e aos invasores kimisaros. Sempre que o exército enfrentava o inimigo, saía vitorioso, mas estavam tendo dificuldades para encontrá-lo.

O rei pigarreou.

— Muitos anos atrás, dissolvi os norsaris como um gesto de paz, acreditando que a existência do grupo provocava hostilidade. Agora sei que a ausência dele é um convite. A guerra está mais uma vez à nossa porta, e estamos menos preparados do que nunca para enfrentá-la. — O rei apontou para sua direita. — Portanto, andei consultando o coronel Traysden sobre o que imagino que todos vocês desconfiam. — Ele fez uma pausa; seria possível ouvir uma pena caindo tamanho o silêncio. — Vou restaurar o Batalhão Norsari. De acordo com seus superiores, vocês seis são os mais qualificados a realizar essa façanha.

Alex não pôde evitar o sorriso que se abriu em seu rosto. Então ele se deu conta de que seu tio havia dito “seis”. Tirando Traysden, Alex era o oficial de

mais alto escalão presente. Seu sorriso logo se desfez.

Não era possível.

— Vamos começar com apenas uma companhia — o rei continuou. — Depois que a unidade estiver funcional, os protocolos de treinamento forem instaurados e vocês tiverem experiência suficiente para liderar novos recrutas de maneira eficiente, vamos expandir para um batalhão inteiro.

A boca de Alex estava completamente seca quando seu tio o encarou. Mas foi o coronel Traysden quem falou:

— Capitão Alexander Quinn, estamos lhe oferecendo o comando do Primeiro Batalhão Norsari, em vigor a partir de agora.

Alex se recostou na parede fora da câmara do conselho depois que Nadira, Tanner e Hatfield desapareceram no corredor.

— O que acabou de acontecer? — ele perguntou.

Casseck revirou os olhos.

— Ninguém mais ficou surpreso.

— Nem posso contar a Sage. — Alex passou as mãos no rosto. Os norsaris precisavam ser um segredo até que estivessem prontos. — Como vou esconder isso dela?

— Diga que está no comando de uma missão especial — Gramwell sugeriu.

Comando. Ela ficaria orgulhosa. Alex desencostou da parede.

— Vejo vocês dois no quartel. Temos trabalho a fazer.

— Ainda não. — Ash Carter estava apoiado no batente da sala onde o coronel Traysden, o embaixador Gramwell e o rei haviam ficado. O sargento apontou para ele. — Você não está dispensado, capitão.

DENTRO DA CÂMARA DO CONSELHO, o coronel Traysden desenrolou um mapa e ajeitou livros nos cantos do papel para mantê-lo esticado.

— O que vamos lhe contar, capitão, não deve sair desta sala. Nem mesmo seus oficiais podem saber.

Aquilo era desconcertante. Alex não conhecia Nadira, Tanner nem Hatfield ainda, mas, se tinham sido escolhidos para aquela missão, já os considerava leais e confiáveis. Quanto a Cass e Gram, confiaria sua vida a eles. E a vida de Sage. Ele virou para seu tio, o rei, que estava olhando pela janela com os braços para trás, as mãos entrelaçadas.

— Por que não? — Alex não pôde deixar de perguntar.

— Pelo mesmo motivo que mantivemos segredo sobre nosso segundo objetivo durante a escolta do Concordium — respondeu Ash. — Um homem procurando fantasmas os vê em toda parte.

Como todas as missões de reconhecimento, a espionagem sobre o duque no ano anterior fora abordada com neutralidade; caso contrário, tudo teria parecido traição. Mas era difícil ser imparcial. Alex sentiu seu rosto ficar vermelho ao se lembrar de quando havia suspeitado que Sage era uma espiã. As evidências pareceram bem convincentes na época, suficientes para levá-lo a invadir seu quarto e revirar seus pertences. Ele também fora sincero ao admitir que suas motivações pessoais para descobrir a verdadeira identidade dela haviam sido tão fortes quanto as razões táticas.

— Que tipo de fantasma estamos procurando?

O coronel Traysden apontou para o mapa que mostrava a fronteira sul com o território desértico de Casmun.

— No final de setembro do ano passado, um destacamento especial de patrulheiros deparou com um lugar onde pelo menos cinquenta homens haviam acampado na margem norte do rio Kaz. — Ele moveu os dedos sobre algumas linhas em carvão. — Rastros deles apareciam a partir deste ponto e desapareciam, mas um, o maior, chegou à estrada de Jovan. Em seguida,

voltaram para o sul, cruzaram o rio e entraram em Casmun.

O ministro da Inteligência parou e olhou para Alex.

— O que concluiria disso, capitão?

Casmun não conversava com Demora havia gerações, mas parecia óbvio.

— Nossa fronteira está sendo testada — disse Alex.

Todos assentiram, e Traysden continuou.

— Infelizmente, conseguimos poucas informações. O acampamento tinha quase duas semanas quando foi encontrado, o que significa que havia sido montado logo depois que os patrulheiros passaram e implica conhecimento da rotina demorana.

Os esquadrões especiais de patrulheiros tinham cerca de dez soldados que inspecionavam regularmente as fronteiras de Demora, uma das missões mais fáceis e seguras que havia fora de Tasmét.

— Está dizendo que estão nos vigiando há meses sem que percebemos?

— Nós percebemos — respondeu Traysden. — Os patrulheiros interagiram com os casmunis nos últimos anos, mas sempre pareceu algo inocente, até amigável. — Ele apontou para o rei. — Tínhamos esperanças de que pretendessem negociar.

O rei se aproximou.

— Até que no ano passado os D'Amiran se rebelaram e os kimisaros se juntaram a eles — ele disse. — Nossos confrontos com os casmunis não pareciam importantes até que essa informação chegasse até nós, em novembro. Os dois desfiladeiros já estavam congelados àquela altura. Foi um péssimo momento para notarmos o número baixo de soldados que tínhamos a leste dos Catix.

As ordens para Alex se apresentar em Tennegol tinham sido dadas em dezembro, mas haviam levado quase dois meses para chegar até ele, depois o capitão precisara de mais um mês para reunir os homens que queria. Muito tempo tinha sido perdido.

O rei sentou e cruzou as mãos sobre o colo.

— A questão é: isso tem alguma coisa a ver com o que está acontecendo em Tasmét? Os casmunis estão trabalhando com os kimisaros para aumentar o caos ou só estão esperando que nos descuidemos? Seja como for, um grupo tão grande avançando tanto em nosso território sem ser visto não é algo que podemos ignorar.

— E não deve ser a primeira nem a última vez que fazem isso — acrescentou Ash.

O coronel Traysden encostou um dedo no mapa, onde o rio Kaz corria para sudeste.

— É aqui que vamos montar seu campo de treinamento. De lá, vocês podem enviar destacamentos de batedores por toda a fronteira. Descubram por onde os casmunis estão atravessando, quando e em que número.

— Perdoe a pergunta, vossa majestade — disse Alex —, mas por que não posicionar todo um batalhão do exército na região agora? Por que apenas uma unidade do tamanho de uma companhia? E em treinamento, ainda por cima.

— Por vários motivos — respondeu o rei, recostando-se e contando nos dedos. — Primeiro: quero os norsaris de volta. Faz anos que esse é meu desejo, mas aquele maldito tratado me deixou de mãos atadas até Kimisara violá-lo. Mesmo depois do último verão, tive de discutir com o conselho porque muitos diziam que era apenas uma rebelião, não uma invasão, e tecnicamente os kimisaros em Tasmét tinham sido convidados pela nobreza demorana. Foi só quando o filho de Lord Farthingham foi morto em batalha que a maré virou a meu favor. Segundo: vocês vão começar com duzentos e cinquenta dos melhores soldados do reino. Eles equivalem a, pelo menos, o dobro desse número. Terceiro: a flexibilidade e a velocidade de uma unidade norsari as tornam ideais para esse tipo de reconhecimento.

Depois que estiverem treinados, Alex queria dizer, mas estava claro que esperavam que agissem desde o primeiro momento.

— Por fim, os norsaris não precisam de apoio; vivem basicamente do que a terra dá. Você sabe quantas provisões uma unidade normal exige e a atenção que atrai. Não posso gastar com homens, não posso gastar com provisões, e definitivamente não quero chamar a atenção.

Alex franziu a testa. Desde quando Demora estava sofrendo com escassez de recursos?

— Pai — Ash interrompeu. — Creio que o capitão não sabe a gravidade da nossa situação.

— Sei que o exército teve de ocupar boa parte de Crescera para garantir que os aliados de D'Amiran não tentassem nenhuma bobagem — disse Alex. Nos anos anteriores à tentativa de golpe, o duque havia associado metade de seus nobres às famílias mais ricas de Crescera por meio de casamentos. Sage havia descoberto o motivo.

— Não é só isso — disse o embaixador Gramwell, falando pela primeira vez. — Quase nenhum grão vem de Crescera há mais de um ano. Agora, a maior parte vai para o exército ou viaja pela estrada setentrional. Quando os vagões

chegam a Mondelea, enfrentam mais três semanas de jornada árdua para o sul ou vendem suas cargas a mercadores costeiros. A maioria prefere a segunda opção. Juntando isso com o vale e a capital recebendo os refugiados de Tasmet, os estoques de alimento deste lado das montanhas estão quase esgotados. Como acha que as pessoas reagiriam à notícia de que estamos esperando uma invasão casmuni?

— E *não* estamos esperando — o rei insistiu. — Mas as pessoas vão pensar o pior, e não quero gerar pânico. Preciso de uma solução diplomática temporária, que começa com uma demonstração de força. Quaisquer que sejam as intenções de Casmun, a presença dos norsaris vai fazê-los pensar duas vezes. Seu trabalho, capitão, é descobrir quais intenções são essas.

O embaixador Gramwell apontou para a fortaleza Vinova no canto sudeste de Demora.

— Vou criar uma espécie de embaixada aqui, mas vou precisar de tempo para reunir o necessário. Vinova não é bem guarnecida há anos. Como consequência, devo reunir muitas provisões e pessoal. — Ele se virou para se dirigir ao rei. — Minhas ações ainda não foram notadas. Em retrospecto, trazer Lady Clare comigo foi providencial. A rainha a convidou para passar o verão aqui, então tenho um motivo público para ter vindo à capital.

Alex ficou contente por Sage. Ele partiria em breve, mas Clare ficaria.

O coronel Traysden se concentrou no mapa.

— Quando estará pronto para partir, senhor?

— Para manter o sigilo, preciso de tempo. Sem mencionar que está tudo em falta.

Traysden resmungou.

— E seus contatos em Reyan? Podem ajudar?

— Já falei com eles, senhor. Virão, mas levará semanas. — Lord Gramwell coçou a barba curta. — Também sugiro reunir o grupo de viagem em algum lugar fora de Tennegol para atrair o mínimo de atenção possível.

— Cambria pode servir — ofereceu Alex. A casa de sua família ficava a menos de dois dias ao sul da capital. — Fica fora da estrada principal, mas ainda perto, e é grande o bastante para armazenar o que você precisa e acomodar sua comitiva.

Lord Gramwell sorriu.

— Obrigado, capitão. Estava torcendo por essa oferta. — Alex pensou que precisava avisar a mãe enquanto o embaixador continuou: — Devo partir antes do fim de abril.

— Muito bem — disse o coronel Traysden, embora não parecesse contente ao examinar o calendário. — Capitão, daqui a cerca de oito semanas o embaixador Gramwell passará pela sua região a caminho de Vinova. Nesse período, você deve treinar os norsaris e descobrir o que os casmunis estão tramando.

Levaria duas semanas para chegar à fronteira, deixando apenas seis para todo o resto — estaria completamente sozinho e teria muito mais trabalho do que já tivera.

— Quando posso contar aos meus oficiais sobre a missão secundária? — Alex perguntou.

— Fazer o reconhecimento da situação casmuni é sua missão *primária*, capitão — disse Traysden. — Só vai poder falar sobre a secundária depois que tiver evidências sólidas. Para seus homens, é tudo um treinamento, até deixar de ser.

Até deixar de ser?

Durante a missão de reconhecimento da escolta do Concordium, os tenentes de Alex sabiam tudo o que ele sabia, e estavam ao seu lado para controlar seus impulsos, ainda que nem sempre lhes desse ouvidos. Se Alex não podia contar nada a eles, o fardo do bom senso recaía apenas sobre si próprio.

SAGE ESTAVA A CAMINHO DA BIBLIOTECA REAL quando Alex apareceu e a pegou pela cintura. Com um olhar iluminado, ele a girou, tirando-a do chão, depois a puxou para um canto, para longe da vista dos outros. O beijo foi breve, mas reacendeu a chama que queimava dentro dela desde a última noite.

— Descobri qual é minha missão — ele sussurrou.

Era impossível não notar a animação dele.

— Dá para ver que gostou. Vai ficar por aqui?

O sorriso dele vacilou.

— Na verdade, não.

Sage sabia que seria bom demais para ser verdade, por isso sorriu e envolveu os braços ao redor dele.

— Deve ser incrível, pela sua animação.

— Você não faz ideia. — Alguém passava diante do esconderijo. Ele parou e a puxou para o fundo da alcova. — Vamos para um lugar mais discreto. Seu cabelo está arrumadinho demais — Alex disse, acariciando o pescoço dela.

Espírito do céu, como Sage queria aquilo.

— Não posso — ela sussurrou. — Tenho aula. Clare e as meninas já devem estar na biblioteca.

— Droga. É melhor ir, então — ele disse. — Conversamos depois, mas só à noite. Tenho muita coisa para planejar. Vejo você no jardim? Umas oito? Devo ter um tempo livre antes de encontrar o coronel Traysden.

A decepção de Sage deve ter transparecido. Alex ergueu o queixo dela e a encarou nos olhos.

— Tenho poucos dias, mas todos os meus minutos livres são seus. Prometo.

— Eu sei. Vou estar lá.

Ele deu um último beijo atrás da orelha dela antes de sair correndo. Sage alisou o vestido e arrumou o cabelo antes de seguir seu caminho, com uma dorzinha no peito. Os deveres de Alex já estavam ocupando o tempo dele. Ela sabia que aquilo aconteceria, sabia que sempre seria daquele jeito, mas aquilo

facilitava as coisas.

E Sage tinha ficado tão distraída com os beijos e a animação dele que não havia conseguido nenhuma informação útil para a rainha.

Com um suspiro, entrou na biblioteca. A luz do sol se infiltrava pelo domo do enorme cômodo de dois andares. Várias vidraças aparentemente aleatórias estavam bloqueadas, e as estantes em volta ficavam dispostas em ângulos e alturas estranhas. Sage tinha achado a disposição peculiar até o bibliotecário lhe explicar que era para que a luz do sol não batesse diretamente sobre os volumes da coleção real. Em seguida, ele tinha mostrado a ela e às suas alunas o dano que a luz poderia causar aos livros e documentos com o tempo. Até a princesa Cara tinha achado interessante.

Clare tirou os olhos da mesa onde estava sentada com as duas princesas, já concentradas em seu projeto de pesquisa — Carinthia para acabar logo, Rose porque adorava aquilo.

— Qual é o problema?

Sage deu de ombros, tentando diminuir a importância do que iria dizer.

— Acabei de cruzar com Alex.

Clare assentiu, compreendendo.

— Luke me achou uma hora atrás. Disse que o capitão Quinn recebeu o comando de uma unidade nova. Ele, o tenente Casseck e alguns outros vão se juntar a ele.

Sage franziu a testa. Era bobagem ficar com inveja porque Clare havia descoberto mais do que ela.

— Para onde vão?

— Ele não disse. — Clare levantou e colocou um braço em torno da cintura da amiga. — Não se preocupe, podemos ficar tristes juntas o verão todo.

O fato de que tanto Luke como Alex haviam dado tão poucos detalhes era intrigante. A rainha talvez estivesse certa.

— Clare, já ouviu falar do coronel Traysden?

— Papa o mencionou esses dias, mas não sei nada sobre ele.

Era a única informação que Sage tinha.

— Vamos perguntar a Sir Francis.

O bibliotecário tirou os olhos de sua mesa cheia de coisas e sorriu quando se aproximaram. Sage o tinha conhecido na semana em que chegara ao palácio, antes de saber que receberia uma proposta para trabalhar como tutora real. Graças ao mapa que ele havia traçado para ela naquele dia, nunca se perdera no labirinto de corredores do palácio.

— Posso ajudar? — ele perguntou, sua longa barba branca subindo e descendo com as palavras.

— Talvez — disse Sage. — Já ouviu falar do coronel Traysden? Achei que conhecesse todos os guardas do palácio, mas esse nome é novo para mim.

Sir Francis se recostou na cadeira. Seu manto caía sobre o corpo magro como cera em uma vela empoeirada.

— Ele não é um guarda. É ministro da Inteligência.

Um mestre da espionagem.

— De onde vem a patente dele? — Sage perguntou.

— Ele foi o último comandante dos norsaris.

Sage inspirou fundo, mas Clare parecia confusa.

— Eram os melhores combatentes de Demora — Sage explicou à amiga. Quase não havia limites para o que eles poderiam ser chamados para fazer: participar de batalhas tradicionais, missões de resgate, de reconhecimento em território inimigo ou até de assassinatos e sabotagem. Ao menos era o que o pai de Sage havia contado a ela.

— Eles foram dispensados pelo meu pai há vinte e quatro anos — disse Rose atrás delas. — Como parte do tratado de paz de 486. Escrevi um trabalho sobre essa guerra no mês passado — ela explicou a Clare enquanto entregava algumas páginas da tarefa do dia para Sage corrigir. — Entrevistei papa para a tarefa. Ele disse que se arrepende de ter aceitado a condição.

Sage olhou a tarefa de Rose enquanto pensava que conhecia bem os termos do tratado — os norsaris tinham sido dispersos, e Kimisara havia cedido Tasmet permanentemente a Demora. Se o combate do ano anterior pudesse ser considerado uma tentativa de recuperar a região, o pacto perdera a validade.

Era aquilo — os norsaris estavam voltando. E Alex... Espírito do céu, Alex ia comandá-los. Não era de admirar que estivesse tão entusiasmado.

Sage olhou para Rose.

— Vou conferir sua tarefa hoje à noite. Pode ir almoçar. Encontro você depois, na sala de aula. — Cara ergueu os olhos, esperançosa. — Sim, você também — Sage disse para ela. — Deixe a tarefa na mesa.

Carinthia saiu pela porta antes mesmo da irmã. Sage abriu seu sorriso mais doce para o bibliotecário.

— Sir Francis, tem algum livro sobre os norsaris para Lady Clare?

— Claro, minha querida. — O bibliotecário se levantou e as guiou por entre as estantes, sem precisar de um sistema de catalogação para tanto. Quando ele morresse, seu substituto teria dificuldades para encontrar qualquer coisa.

— Não pode ser só os norsaris, Sage — Clare sussurrou enquanto elas o seguiam. — Por que papa estaria envolvido? Ele é um diplomata, não um soldado.

— Talvez estejam prevendo um novo tratado quando isso acabar.

— Talvez. — Clare não parecia convencida.

Sir Francis parou em frente a uma estante com livros sobre história militar e passou o dedo esquelético sobre as lombadas até encontrar o que queria.

— Aqui está, milady. O relato de Birley é o mais fiel, na minha opinião. Ele é neto de um dos primeiros norsaris.

— Obrigada — agradeceu Clare, pegando o livro. O bibliotecário assentiu e retornou à sua mesa, já voltando a pensar em sua tarefa anterior. Em seu caminho, ele passou por uma estante quase vazia.

— O que ficava aqui, Sir Francis? — Sage perguntou.

O bibliotecário parou para ver o que ela apontava.

— História e comércio casmunis. O embaixador Gramwell levou tudo ontem à noite.

Sage e Clare trocaram um olhar e seguiram Sir Francis.

— No que está trabalhando agora? — Sage perguntou, apontando para os pergaminhos espalhados na mesa dele.

— Documentos comerciais — ele respondeu. — Têm mais de duzentos anos. Muitos estão em casmuni, que ninguém mais sabe ler. Eu os encontrei enquanto ajudava o embaixador ontem à noite. Meu antecessor não os arquivou corretamente. Estão todos misturados, caindo aos pedaços. — O bibliotecário voltou a se acomodar em sua velha cadeira e esfregou os olhos. — O embaixador quer esses documentos também, mas preciso organizá-los e mandar um escriba copiá-los primeiro. Minha visão não é mais a mesma.

— Posso fazer isso — Sage se ofereceu, ansiosa. — Se Lady Clare me ajudar. Ela auxilia o embaixador Gramwell em boa parte do trabalho dele.

Sir Francis sorriu para ela. Seus olhos azuis estavam esmaecidos e lacrimejantes com o esforço das últimas horas.

— Seria ótimo, mas é um trabalho terrivelmente maçante. E ainda preciso organizar os escritos em kimisaro.

— Eu e Lady Clare falamos kimisaro. Podemos fazer isso.

— Ora, que sorte a minha. Vai ser um prazer contar com a ajuda de vocês. — Ele se levantou de novo e foi arrastando os pés até uma sala nos fundos. — Vou buscar cadernos em branco para vocês, então. Precisaremos de uma cópia para o embaixador e de outra para os registros da biblioteca, se não se importarem.

— De jeito nenhum — Sage disse às costas dele, antes de sorrir para Clare. — Podemos fazer uma para a rainha também.

SAGE SUBIU SALTITANTE A TRILHA ATÉ O SALGUEIRO. Não só tinham conseguido organizar as páginas caindo aos pedaços como haviam descoberto que vinham em grupos de três, com diferentes traduções do mesmo documento. Também haviam sido capazes de decifrar as palavras e frases em casmuni nos tratados antigos — não muito bem, mas não importava. Como ficara óbvio que o rei pretendia abrir diálogos com Casmun, o que ela e Clare haviam descoberto podia ser inestimável.

Sage também tinha uma ideia de que Alex ia gostar.

Ela abriu a cortina de galhos de salgueiro. Ele estava lá, e a jovem pulou em seus braços e o beijou antes mesmo que pudesse dizer alguma coisa.

— Oi para você também — Alex disse quando ela se afastou. — É bom ver que não quer desperdiçar o pouco tempo que temos.

O sorriso dela era quase bobo.

— E quanto tempo temos?

Alex se sentou na grama macia e a puxou para junto dele.

— Uma meia hora.

Ele se aproximou.

— Alex, espera. — Sage ergueu a mão para impedi-lo. — Quero conversar primeiro.

Ele beijou o pescoço dela, o que a deixava muito distraída.

— Sobre o quê?

— Quando os norsaris vão partir? — ela perguntou.

Ele ficou paralisado por um momento, depois recuou, com os olhos arregalados.

— Quem contou a você?

— Ninguém. Mas fui reunindo detalhes suficientes para chegar a essa conclusão.

— Que tipo de detalhe? — A sobrancelha dele havia baixado. Alex parecia mais preocupado do que bravo. — De quem?

— Só... — Era tão sigiloso assim? — Clare disse que você recebeu o comando de uma unidade nova. Faz semanas que estão chegando soldados, todos muito habilidosos. E você mencionou o coronel Traysden. Sei quem ele é.

Alex suspirou, mas ela não sabia se de alívio ou exasperação.

— Esqueça o que sabe então. Não comente com ninguém.

— Claro. — Ela sabia guardar segredo. — Mas por que o embaixador Gramwell está envolvido?

— Caramba, Sage! — Alex se afastou dela. — O que mais você sabe?

— Nada!

— Não é o que parece.

Sage segurou a mão dele.

— Juro que não estou ouvindo atrás da porta. Só sei quem está envolvido. Fiz algumas perguntas. Não é difícil tirar conclusões.

— Então não faça mais perguntas, está bem? — Alex disse, balançando a cabeça. — As pessoas vão achar que contei mais do que deveria. Nós dois podemos ter problemas por isso.

— Bem, há uma saída — ela disse, com o entusiasmo voltando a crescer. — E se eu for com você?

— Para onde?

— Para a fronteira sul, onde vocês vão treinar.

Alex se levantou de um salto.

— Outra informação que se esqueceu de mencionar que tinha!

— Alex, calma! — ela disse. — Os norsaris precisam de treinamento, e todos os mapas do sul de Demora sumiram da biblioteca. É óbvio. — Ela notara quando tinha ido procurar um para encontrar os lugares sobre os quais ela e Clare liam nos acordos de comércio. Quanto ao trabalho de Sage com os documentos, não parecia uma boa ideia mencionar naquele momento. Tampouco o fato de que ela já havia contado todas as suas conclusões à rainha.

— Óbvio para você, talvez. — Ele cruzou os braços. — A resposta é não. De jeito nenhum.

Sage esperara hesitação, de modo que a certeza na voz dele a surpreendeu.

— Alex, mulheres viajam com o exército o tempo todo.

— Não desta vez.

— Claro que vocês vão avançar rápido, mas consigo acompanhar — ela disse.

— Eu sei que consegue. O problema não é esse.

Alex não fez menção de voltar a sentar.

— Então qual é?

— Você não tem responsabilidades aqui?

— Sim, mas seria por algumas poucas semanas. — A rainha ia dispensá-la com o maior prazer se Sage agisse como os olhos dela. A jovem se ajoelhou e ergueu as mãos em um gesto de súplica. — Posso ajudar. Vocês vão viver quase só do que a terra dá. Tenho certeza de que seus soldados são bons de caça, mas posso ensinar a montar armadilhas...

— Não.

— ... e a encontrar plantas comestíveis...

— Eu disse não.

— ... e ervas medicinais. Até a cuidar das aves, se quiserem levar...

— Caramba, Sage, *NÃO!* — ele gritou.

A jovem se encolheu um pouco. Alex nunca tinha levantado a voz para ela antes. Nem quando ficara bravo com ela por espionar se passando por criada ou por deixar Clare sozinha com o duque D'Amiran por alguns minutos. Ele não confiava que ela soubesse quais riscos valia a pena correr. E era difícil saber quando ela ficava por fora de tanta coisa.

O que significava que, por mais que Sage tivesse descoberto sobre a missão, havia muita coisa que não sabia.

— Esse é meu mundo — Alex disse, com uma inspiração longa e trêmula. — Você não entende.

Era Tegann de novo.

— Nunca vou entender seu mundo se continuar me deixando fora dele!

— Tem coisas que você não precisa entender.

— Alex, só me escute!

— Sage. — Ele se ajoelhou na frente dela e segurou seu rosto entre as mãos. — Não vou discutir. A resposta é não.

Alex não daria ouvidos. Não queria dar. Ela girou a cabeça para se soltar dele, as lágrimas escorrendo descontroladamente por seu rosto. Alex estendeu a mão para secá-las, mas Sage se inclinou para trás antes que pudesse encostar nela. Ele suspirou.

— A questão não é você — disse baixo.

Ela secou o rosto com a manga do vestido e se recusou a encará-lo.

— Você não tem uma reunião?

Um longo silêncio caiu entre ambos.

— Quer que eu vá embora? — ele perguntou.

Não.

— Sim.

Alex suspirou de novo e se levantou.

— Está bem. — Ele parou na barreira de folhas. — Vai estar aqui mais tarde?

— Duvido muito.

— Vou dar uma olhada mesmo assim. Por via das dúvidas. — Ele empurrou os galhos do salgueiro, deixando a luz do luar e de algumas tochas no jardim entrarem. — Eu te amo.

Então a luz se foi, e ele também.

Sage não sabia quanto tempo tinha ficado sentada ali, tentando decidir o que odiava mais: que Alex houvesse se recusado até a considerar que ela fosse com ele ou que ela tivesse reagido fazendo biquinho como uma noiva mimada do Concordium.

Ele estava mentindo quando dissera que a questão não era ela. Havia admitido que Sage conseguia acompanhar o ritmo, e a maneira como a interrompera quando ela apontara tudo o que poderia fazer para ajudar a missão provava que ele reconhecia tudo aquilo também. Alex não deixara que ela apresentasse seu argumento e nem se dera ao trabalho de apresentar o dele — o que significava que seus motivos eram fracos ou sigilosos.

Se fossem fracos, Sage conseguiria derrubar seu argumento. Se fossem sigilosos, significava que a missão era muito maior do que desconfiava. De todo modo, ela estava ainda mais desesperada para ir junto, mas não haveria como se Alex se recusasse.

A menos que...

Sage se levantou e ajeitou o vestido. Alguns segundos depois, estava na trilha do jardim, a caminho dos aposentos particulares da família real. Era tarde, mas a rainha ainda estaria acordada, esperando as infinitas reuniões do rei terminarem. Sage bateu na porta, e a própria Orianna atendeu.

— Vossa majestade — disse. — Tenho uma proposta.

CASSECK PAROU DE ENGRAXAR AS BOTAS quando Alex entrou empurrando a porta e a fechou com estrondo atrás de si. Sem dizer nenhuma palavra, dirigiu-se à sua cama e abriu o gibão.

O tenente voltou a atenção à bota.

— Falta menos de dois anos, Alex. Pelo menos você tem um motivo para ficar ansioso.

Os ombros do capitão ficaram tensos, enquanto seus braços continuavam erguidos para tirar o gibão. Casseck parou e estreitou os olhos para ele.

— Vocês... brigaram?

Alex arrancou o gibão.

— Ela é muito teimosa.

Cass começou a rir, mas se segurou depois de um olhar cortante de Alex.

— Pensei que você gostasse disso nela — disse, com cautela. Alex não respondeu. — Quer conversar?

O capitão jogou o gibão na cama e se virou.

— Sage quer ir junto. Enfiou na cabeça que pode ensinar sobre plantas comestíveis, armadilhas e como cuidar de aves.

Casseck pareceu pensativo.

— Não é má ideia. Estamos focando no condicionamento físico, mas essas coisas podem ser fundamentais. Além disso, temos poucos recrutas que sabem ler; ela poderia dar aulas para eles. Aposto que poderia ensinar kimisaro também. — Cass franziu a testa, confuso. — Você não parece contente.

Todas aquelas coisas já haviam passado pela cabeça de Alex. Sage poderia contribuir muito e ficaria ainda mais feliz do que estava no palácio, de modo que fora ainda mais dolorido ter que lhe dizer não. Alex estava esperando que Casseck concordasse com ele.

— É uma péssima ideia!

O tenente se sobressaltou.

— Alex, ninguém vai zombar de você por causa dela, muito menos depois que

virem que Sage pode contribuir e que não vai dar trabalho. E você vai estar ocupado demais para, hum, outras coisas.

Alex fechou a cara.

— Não posso ter Sage por perto. Ela é uma distração.

Casseck arqueou as sobrancelhas.

— Nos últimos nove meses, me pareceu que ela é uma distração quando *não* está por perto.

— Não. — Alex balançou a cabeça. — Sage não me escuta. Ficou magoada, e precisei ir embora antes de resolver a situação. Depois não consegui mais encontrá-la.

Cass dobrou o trapo de engraxar.

— Nesse caso, é melhor eu encerrar o dia.

Alex observou Casseck enquanto ele guardava suas coisas.

— Do que está falando?

— Os exercícios matinais eram um inferno quando você ficava um tempo sem receber notícias dela. Imagino que vão ser ainda piores amanhã. — Cass tirou a calça e se deitou. — É melhor eu descansar o máximo que posso.

Alex apertou a ferida aberta na garganta de seu irmão mais novo.

— Não! É tudo culpa minha!

Charlie engasgou e gorgolejou enquanto o sangue escorria pelos dedos de Alex, pingando no chão de pedra. Não havia nada que ele pudesse fazer além de vê-lo morrer.

— É uma pena — disse uma voz familiar. — Quer tentar de novo?

De novo?

Ainda ajoelhado, Alex ergueu os olhos. O duque D'Amiran segurava Sage junto ao corpo, as roupas dela rasgadas e ensanguentadas. A faca que ele havia usado para cortar a garganta de Charlie estava apertada contra a dela.

— Escolha — o duque disse.

Ao lado dele, o capitão Geddes, com a orelha mutilada, segurava uma adaga no pescoço de um soldado quase inconsciente.

Casseck.

Cass o chacoalhava pelos ombros.

— Alex, acorde!

O capitão jogou os braços para cima, quase dando um soco na cara do amigo, que desviou a tempo. Eles estavam no quarto escuro.

Alex se levantou, procurando armas que não estavam ali.

— O que foi? Qual é o problema?

— Você estava gritando durante o sono. Me acordou.

Alex esfregou o rosto e afastou o cabelo molhado da frente dos olhos.

— Desculpe.

Ele ouviu Cass voltar para a cama.

— Tudo bem. Agora volte a dormir. É cedo demais para correr, até mesmo para você.

Alex voltou a se deitar.

Mas não pegou no sono.

SAGE FOI PARA A SALA DE ESTAR ANTES DAS AULAS, quase esperando que a rainha não tivesse encontrado a chance de apresentar sua ideia ao rei. Orianna ergueu os olhos da mesa com um sorriso, depois pegou o pergaminho em que estava escrevendo e o balançou de um lado para o outro para secar a tinta.

— Eu poderia ter feito isso por vossa majestade — Sage disse. Ela não se lembrava de ver a rainha escrevendo nada desde que tinha assumido a função de secretária dela, nem mesmo cartas pessoais.

— Desta vez não — disse Orianna, orgulhosa. — É uma ordem real nomeando você tutora e acompanhante de Nicholas. Você não poderia ter escrito isso.

Sage ficou boquiaberta.

— O rei concordou?

A rainha deu de ombros.

— Bom, não especifiquei quem eu pretendia enviar.

— Não acha que ele vai desaprovar quando descobrir?

— Acho que meu marido tem coisas mais importantes na cabeça. Duvido que vá notar. — Orianna abaixou o pergaminho na mesa e o examinou. — Não me diga que mudou de ideia.

— Bom... — Na verdade, a raiva que a havia impulsionado na noite anterior tinha passado, deixando apenas a tristeza com a ideia de que Alex não queria que ela fosse junto. Sage deveria ter voltado ao jardim e retomado a conversa com ele. Agir pelas costas de Alex era imperdoável. — E os estudos de Rose e Cara?

— Ora essa. — A rainha colocou o comunicado sobre a mesa e assinou com um floreio. — Elas avançaram tanto no último ano que podem tirar umas férias. Vou levar as duas a Mondelea por algumas semanas. Podemos visitar Lady Gramwell. Fiquei impressionada com o tanto que Clare aprendeu com ela. Acho que pode fazer bem às meninas.

Clare. Estava tudo praticamente definido, e Sage não tinha contado nada para sua melhor amiga.

— Além do mais, pensei que o plano era me manter informada quanto ao que

realmente está acontecendo na missão. — Orianna voltou a olhar para ela com as sobrancelhas arqueadas. — Ontem concordamos que me deixarem de fora era ao mesmo tempo ofensivo e perigoso, não? Você foi especialmente veemente quanto a isso.

Sage assentiu, mas agora a ideia de trabalhar ativamente contra Alex a deixava mal. Por que não tinha pensado direito naquilo?

Por que Alex não tinha lhe dado ouvidos?

A rainha fez uma careta diante do silêncio dela.

— Se está considerando mudar de ideia, vou esperar para enviar esta ordem, mas as meninas e Nicholas já sabem. Conte para eles durante o café da manhã. — Ela se levantou e se colocou à frente de Sage, levando as mãos aos ombros dela. — Me acostumei com a ideia de contar com sua descrição total e sincera quanto ao que está acontecendo. Nicholas e Rose já têm idade suficiente para ser prometidos em casamento. Eu não estava preocupada com isso antes, porque não parecia haver candidatos nem urgência, mas a abertura do diálogo com Casmun pode mudar as coisas. — Os olhos verde-azulados de Orianna suplicavam. — Não deixe que isso me pegue de surpresa, Sage.

As meninas não podiam ser prometidas por uma casamenteira oficial antes dos dezesseis anos. Mas casamentos fora do sistema costumavam acontecer entre os mais ricos e entre os mais pobres — a realeza ou camponeses escravizados. Rose tinha treze anos, e Sage muitas vezes se sentia mais como a irmã mais velha da princesa do que como sua professora. Se era aquilo que estava em jogo, não poderia abandoná-la.

— Pode enviar a ordem, vossa majestade — ela disse, então se encolheu, ao perceber que tinha acabado de dar à rainha *sua permissão*.

Orianna deu um beijo em sua testa.

— Não vou me esquecer disso, Sage.

Era a hora de enfrentar Clare, que estava esperando por ela na sala de aula, folheando um livro de história distraidamente. Sua postura deixava claro que estava brava, o que significava que já sabia. Sage atravessou a sala e se sentou na frente dela. Clare não tirou os olhos do livro.

— Eu deveria ter contado antes — disse, timidamente. — Sinto muito.

— E deve sentir mesmo. Vim até aqui para ficar com você, e agora vai embora.

— Desculpe — Sage pediu. — Tudo aconteceu muito rápido. Não pensei que fosse dar certo.

Clare afastou o livro.

— Pensei que a única coisa boa em ter de esperar anos para me casar era poder passar mais tempo com você, mas, pelo jeito, você prefere Alex a mim.

— Não é verdade! — contestou Sage. — Tenho que ajudar a rainha. Eu iria mesmo se ele não estivesse envolvido.

Clare bufou.

— Por favor, Sage... Você só quer provar seu valor e se vingar por Alex ter mentido.

Era exatamente o que Sage havia pensado na noite anterior. A jovem sentiu seu rosto ficar vermelho.

— O problema é que você está tão ocupada com essa história de provar seu valor que não percebe que Alex é a única pessoa para quem não precisa provar nada. — Clare se levantou com uma dignidade serena. — A rainha me pediu para trabalhar como secretária particular dela na sua ausência, e temos todos aqueles documentos para copiar. Então, se me der licença, tenho trabalho a fazer.

Sage encarou a cadeira vazia. Ela nunca havia tido uma amiga de verdade até conhecer Clare, que demorara para vencer as barreiras que Sage erguera em torno de si. Aparentemente, manter uma amizade dava tanto trabalho quanto começar uma. Sage colocou a cabeça entre as mãos e suspirou.

Rose e Carinthia chegaram na hora da aula. Elas se lançaram sobre a tutora assim que atravessaram a porta.

— Ficamos sabendo que você vai embora! — gritou Carinthia, com lágrimas nos olhos castanhos arregalados.

— É só por um tempo — Sage disse, com a voz exausta.

— O que aconteceu? — perguntou Rose, sentando numa cadeira perto.

— Só estou cansada. Na verdade, já estou me perguntando se deveria mesmo ir.

Carinthia ficou radiante.

— Por favor, fique! Você é a melhor professora que a gente já teve!

— É exatamente por isso que ela deve ir. — Rose franziu a testa para a irmã caçula. — Nicholas precisa mais dela do que nós agora. Acho maravilhoso.

Sage balançou a cabeça.

— Também pensei nisso, mas... — Ela hesitou. Suas discussões com Alex e Clare pareciam rudes e pessoais demais para revelar. — Eu tinha muitos planos para nós neste verão.

— Não seja ridícula — Rose disse. Carinthia fez bico, mas ficou quieta. — Sei do que você precisa — ela continuou, levantando-se e puxando Sage pela mão.

AS PRINCESAS PRATICAMENTE ARRASTARAM SAGE para fora da sala de aula, através do corredor e dos vários lances de escada. Em uma das oficinas dos andares de baixo, Eleanor Draper ouviu Rose explicar que Sage seria tutora do príncipe enquanto ele estivesse em treinamento com o exército. Quando ela terminou, a costureira mandou Sage ficar só com as roupas de baixo e subir numa pequena plataforma no centro da sala.

Até Carinthia entrou no clima enquanto ajudava Sage a se despir. Rose se aproximou para sussurrar enquanto a irmã colocava o vestido de Sage em cima de uma cadeira.

— Você precisa ir, Sage, por mim. Estou presa aqui no palácio, costurando, dançando e sorrindo meigamente enquanto tudo o que quero é arranhar a cara de alguém. Você pode viver uma aventura, assim como nos livros.

Sage olhou para sua aluna, percebendo pela primeira vez que não era por curiosidade ou tédio que Rose a observava nos pátios e vivia perguntando sobre sua vida antes de morar no palácio. A princesa a invejava, mas Sage nunca notara um sinal definitivo daquilo. A tutora segurou as mãos da menina e assentiu.

— Eu vou — ela disse. — Quando voltar, vou falar com seus pais para expandir sua formação para ao menos um pouco além da sala de aula.

Os olhos de Rose se iluminaram com a promessa de Sage, e ela a abraçou enquanto Eleanor voltava alvoroçada, com um rolo de tecido cor de creme e uma pilha de linho. A costureira colocou tudo sobre a mesa e puxou uma túnica de linho.

Antes de vesti-la em Sage, ela parou e franziu a testa. Com um dedo, puxou a alça de ombro que havia na faixa que cobria os seios de Sage.

— Vou ter que fazer algumas mais resistentes para você.

— Vou tomar notas — ofereceu Rose, indo para a mesa onde estavam as folhas de pergaminho e os lápis de carvão.

— Obrigada, vossa alteza — Eleanor disse, colocando a túnica em Sage. —

Acho que três bastam, e essa túnica caiu bem, então posso usar as mesmas medidas. Espere aqui um minuto. — A costureira dirigiu o último comentário a Sage enquanto voltava para o rolo de tecido.

Com toda a sua habilidade, Eleanor estendeu o tecido e usou uma lâmina giratória para cortar uma blusa rústica em questão de minutos. Ela a levou até Sage e a ajudou a vesti-la por cima da roupa de baixo branca. Cara levou o espelho de corpo inteiro — um luxo garantido a Eleanor por causa de sua posição como costureira particular da família real — para que Sage pudesse se ver enquanto Eleanor marcava as mangas com alfinetes e ajustava a barra no comprimento que queria.

A longa blusa cor de creme se estendia por sua cintura como uma saia, mas parava na altura dos joelhos. Sage continuaria usando calça por baixo.

— Eu imaginei um pouco mais curta — a jovem disse.

— Ora! — Eleanor parou de colocar alfinetes para responder ao comentário com um gesto de desprezo. — Você não quer parecer um homem, quer?

Sage ia responder que não se importava com sua aparência, mas ficou quieta. Ela se importava, sim. Queria que Alex gostasse do que via quando a olhava.

— Esse é um bom meio-termo — a costureira disse. — Simples e confortável para andar, mas feminino. Olhe. — Eleanor se levantou e envolveu um cordão em volta da cintura fina de Sage, cruzando-o atrás e levando-o para a frente para amarrá-lo. — Um cinto assim vai ficar bem vistoso e ser funcional ao mesmo tempo. — Ela se moveu para o lado para que Sage pudesse ver o efeito no espelho. Rose bateu palmas em aprovação.

Sage observou seu reflexo, pensativa. Quase parecia um vestido curto, mas ela conseguiria se mover com ele como com as calças em que crescera. Quanto mais observava, mais a roupa parecia o melhor de dois mundos. Depois de alguns segundos, sorriu timidamente para a costureira.

— Vou precisar de várias. Tem esse tecido em verde-escuro e marrom?

As maçãs do rosto de Eleanor se ergueram com seu sorriso.

— Claro.

A costureira começou a prender os alfinetes e anotar o que precisaria para produzir mais trajes daquele tipo, fazendo Sage se lembrar da última vez em que tinha sido cutucada e medida daquela forma. Tinha sido na preparação para encontrar a casamenteira, quando suportara tudo com um pavor crescente. Quando se observou no espelho mais uma vez, Sage teve uma sensação muito diferente. Na época, ela estava sendo vestida para o papel que todos queriam que representasse.

Agora, era como se encontrasse a si mesma.

AS AULAS DO DIA ACABARAM. Sage estava na sala, copiando um tratado comercial de trezentos anos enquanto o sol do fim da tarde entrava pela janela. Clare se sentou à mesa do outro lado, para fazer o mesmo trabalho enquanto se esforçava em ignorá-la. Todo o otimismo que Sage sentira pela manhã havia ficado para trás. Ela se perguntava se era tarde demais para desistir.

Alguém bateu à porta, e Alex entrou antes que elas tivessem tempo de atender, com a ordem da rainha na mão. Ele olhou furioso para Sage antes de se dirigir a Clare.

— Pode nos dar licença, milady?

Ela pareceu assustada e começou a se levantar.

— Na verdade, prefiro que você fique — disse Sage sem desviar os olhos de Alex. Ainda que a amiga estivesse brava, ela sentia que precisaria do seu apoio para o que estava por vir.

Alex cerrou os dentes.

— Que seja. — Ele ergueu o documento da rainha. — O que é isto?

Sage se recusou a parecer intimidada.

— Sua majestade está preocupada com a educação do príncipe e acredita que um hiato na sua instrução vai prejudicá-lo ainda mais. Ela me pediu para servir como tutora dele durante a missão.

— Ela pediu ou você se ofereceu?

— Importa? Sou a escolha da rainha.

— É claro que importa, Sage. — Alex bateu o pergaminho na mesa dela. — Discutimos isso ontem à noite.

— É mesmo? — Sage arqueou a sobrancelha. — Pelo que lembro, você se recusou terminantemente a discutir esse assunto.

— Então simplesmente passou por cima de mim para conseguir o que queria?

— Fui falar com alguém que me desse ouvidos — ela retrucou. — Se outra pessoa conseguisse ver que era importante que eu fosse, pensei que talvez você conseguisse também. — Sage se recostou e cruzou os braços. — Não sei por que

tem tanto problema com isso. Sua mãe me contou que viajou com seu pai durante quatro meses. *Grávida*.

— Excelente argumento, Sage. Eles eram *casados*. — Alex passou a mão no cabelo e na nuca enquanto olhava para ela. — Nós não somos.

— Não vamos ficar na mesma barraca.

Alex corou e lançou um olhar para Clare, que nem fingia não escutar.

— Não foi o que eu quis dizer. Mas não posso deixar que me distraia.

— Não pretendo ser uma distração — Sage respondeu com uma calma que não sentia. — Tenho minhas próprias responsabilidades. Você mal vai me ver.

Alex baixou a mão e balançou a cabeça.

— Isso não importa. Só de você estar lá... — Ele perdeu a voz.

Lá estava de novo, aquele tom de medo. Por que Alex sentia aquilo, afinal?

— Se quer corrigir isso — ela disse —, vá falar com o rei.

Sage quase torcia para que fosse.

Alex fez que não.

— Recebi isso na frente dos meus oficiais. Não posso fazer algo sem que um de nós, ou ambos, pareçam um idiota.

Um de nós, ou ambos. Ele não estava disposto a manchar a reputação dela. Sage sentiu o rosto ficar vermelho. Nem tinha considerado que suas ações iam fazê-lo de bobo.

— Então a solução é óbvia — ela disse, voltando-se para a escrita a fim de esconder as lágrimas nos olhos. — Deixe a ordem vigorar.

— Prefiro que você mude de ideia.

Ela não respondeu. Houve uma longa pausa, durante a qual Alex pegou o pergaminho com a ordem de novo.

— Só pense um pouco, Sage — ele disse baixo.

— Já pensei.

— *Então pense mais*. — Alex ficou em silêncio e respirou fundo. — Podemos conversar hoje à noite? No lugar e na hora de sempre?

— Talvez eu esteja ocupada. — Sage ainda se recusava a encará-lo. Depois do que parecera um minuto inteiro, Alex saiu sem dizer mais nada.

Quando a porta se fechou atrás dele, Sage ouviu Clare juntar os papéis e livros em que estava trabalhando. Aparentemente, também estava farta dela.

Mas Clare só levou tudo para a mesa de Sage e se sentou ao lado dela.

— Clare... — Sage começou.

— Psiu — a outra disse. — Temos trabalho a fazer, ainda mais se você for partir depois de amanhã.

ERA MAIS FÁCIL CONTROLAR AS EMOÇÕES quando sua mente estava concentrada em uma tarefa desafiadora. Aquele era o motivo pelo qual seu tio William havia feito dela tutora de seus filhos depois que o pai de Sage morrera — aquilo a distraía do luto, e as pequenas vitórias que alcançava com seus alunos ajudavam a combater sua depressão. Naquele momento, Sage se concentrava em copiar os documentos, sem permitir que qualquer outro pensamento entrasse em sua cabeça. Clare trabalhava ao seu lado, agindo como se a discussão pela manhã nunca tivesse acontecido, pelo que Sage era grata.

As duas pararam por volta das sete da noite, e Sage se recostou com um suspiro, esfregando os olhos cansados com o dorso da mão para não encostar os dedos manchados de nanquim no rosto. Clare afastou os pergaminhos originais e o caderno com as cópias para o lado.

— Notou as semelhanças entre as línguas kimisara e casmuni? — ela perguntou.

— Vi algumas no começo — Sage respondeu. — Mas, depois de um tempo, me concentrei em copiar. Coloquei cada conjunto em kimisaro, demorano e casmuni, nessa ordem, o que também as separou na minha mente.

Clare balançou a cabeça.

— Você deveria ter copiado as estrangeiras juntas. Quando as coloca uma do lado da outra, fica óbvio que a estrutura do casmuni é idêntica à do kimisaro. A conjugação verbal também.

— Faz sentido — disse Sage. — Esses povos têm uma história em comum. É até um pouco estranho que, em muitos dos tratados, Demora tenha atuado como intermediário, como se eles não quisessem dialogar sozinhos.

— Notei isso também. Mas o que eles têm em comum? Nunca aprendi muito a respeito nos meus estudos.

Sage revirou os olhos.

— Eu sei. A julgar pela maioria dos nossos livros de história, parece que o mundo começou quando Demora foi unificada.

— Bem, contamos os anos a partir desse momento.

— Exato. Quinhentos e dez anos não é muito no quadro mundial. — Sage esticou os braços acima da cabeça e suspirou. Tinha ficado debruçada sobre a mesa horas demais. — Meu tio William tinha uma coleção de livros sobre a história kimisara, que é um dos motivos por que falo bem a língua. Aparentemente, tanto os kimisaros como os casmunis vieram da região sudoeste do continente. Eles eram povos praticamente nômades, já que suas terras eram ruins para a lavoura.

— Como Tasmet? — perguntou Clare. — Notei que a região era rochosa e quase infértil quando passamos por lá no ano passado.

— Sim, algo parecido — Sage concordou. — Eles se espalharam pelo continente, sem se assentar em qualquer lugar. Quando a terra era melhor, já estava ocupada. O lado oriental dos montes Catrix é praticamente desértico, então foi ignorado. Então descobriram que havia uma área fértil inabitada ao sul do rio Kaz. Algumas pessoas começaram a se estabelecer lá.

— Eles simplesmente foram se afastando? — perguntou Clare.

— Sim. Com o tempo, foram sentindo cada vez menos lealdade uns em relação aos outros. Os povos orientais se enriqueceram com recursos e conhecimento, por isso boa parte de sua história foi registrada. A explosão populacional e do comércio marítimo aqui no norte levou os kimisaros de volta para o sul, onde passaram dificuldades. — Sage apontou para o mapa na parede. — Na época, Demora nem existia, e tudo ao sul de Jovan, dos dois lados dos montes, era considerado Kimisara, embora não se tratasse exatamente de uma nação. Os que hoje se denominam casmunis lutaram contra os kimisaros ao longo do rio, chegando a um lugar chamado Yanli. Foi uma derrota terrível e desigual para os kimisaros, por causa de uma arma que os casmunis haviam desenvolvido. Eles bateram em retirada para as terras que ocupam hoje. Tudo isso aconteceu mais de cem anos antes de Demora ser unificada.

— E eles se odeiam até hoje?

Sage deu de ombros.

— Quem sabe? Éramos aliados de Casmun, como dá para ver por esses acordos, mas a família real D'Amiran se recusou a oferecer auxílio militar em 291, quando Kimisara tentou invadir Casmun, e o contato foi interrompido desde então. Se guardam rancor há mais de duzentos anos, não é difícil imaginar que o mesmo vale em relação a Kimisara.

— Fascinante. — Clare passou os dedos numa página copiada. — E o que aprendemos com esses documentos pode ser fundamental para nossa

reconciliação.

— Talvez seja um exagero — disse Sage. — Mas poderia nos ajudar a dar o primeiro passo; talvez acelerar o processo.

— Você comentou isso com o capitão Quinn?

Sage franziu a testa.

— Pelo jeito como ele ficou irritado com o que sei sobre os norsaris, achei melhor não comentar nada. Você comentou com o embaixador Gramwell?

— Ele sabe que estou copiando os tratados comerciais para Sir Francis — respondeu Clare. — Não queria mencionar tudo o que podíamos descobrir antes de ter certeza de que seria útil.

— Foi uma boa ideia, mas acho que podemos contar tudo para a rainha. — De repente, o estômago de Sage roncou alto o bastante para Clare ouvir. — Estou morrendo de fome. Chega por hoje.

— Podemos pedir para trazerem alguma coisa para cá? Prefiro continuar trabalhando.

Sage arqueou as sobrancelhas.

— Achei que fosse querer dar uma volta com o tenente Gramwell hoje. Ele vai partir depois de amanhã.

— Isto é mais importante agora — Clare respondeu. — *Você* é mais importante.

Sage se sentiu à beira das lágrimas pela terceira vez no dia.

— Clare, sinto muito por não ter conversado com você primeiro.

— Eu sei. — Clare abriu um sorriso doce. — Você costuma agir de cabeça quente, mas acho que fiquei com inveja. Vai poder ver o capitão todos os dias. E Luke.

— Acho que vai ser muito menos divertido do que parece — disse Sage. — Não sei por que ele é tão contra eu ir. — Sage espiou o céu escurecendo do lado de fora da janela. — Em breve ele vai estar me esperando, para tentar me dissuadir mais uma vez.

— Sage? — Clare abriu um sorrisinho travesso. — Ele que espere.

ALEX CORREU PARA O JARDIM, mesmo sabendo que era tarde demais para Sage ainda estar lá. O rei o tinha chamado para discutir as regras de combate da missão, e depois ele tinha ficado preso numa conversa com o coronel Traysden sobre os métodos de treinamento. Ele chegou ao salgueiro e abriu os galhos, mas quando chamou o nome dela não obteve resposta.

O capitão ficou quase contente por não a encontrar. A espera de mais de duas horas não teria acalmado Sage. Àquela altura, ela deveria estar na cama.

Alex foi até o quarto dela, pegando o caminho mais longo pelos corredores para poder pensar no que dizer. A intenção era fazer as pazes, e pedir desculpas. Estava arrependido, mas precisava pensar num jeito de fazê-la lhe dar ouvidos. Se começasse contestando sua ida, ia incitá-la como um galo de briga. Tinha de acalmá-la e fazer com que fosse racional, o que era difícil pois pensar que ela ia acompanhá-lo o deixava em pânico e o fazia ignorar qualquer lógica.

Ele chegou ao quarto dela antes de estar preparado. Depois de olhar em volta, agachou-se para espiar por debaixo da porta. Estava completamente escuro. Sage devia estar dormindo.

Ele pensou em acordá-la, e já estava com o punho erguido para bater na porta quando a imaginou atendendo de camisola, com o cabelo cheiroso caindo sobre os ombros e as costas, os olhos turvos de sono, talvez vermelhos de tanto chorar. Seria como o dia seguinte àquele em que ele havia dito a ela quem realmente era, quando teria feito qualquer coisa para apagar tudo aquilo por que a havia feito passar. Pelo Espírito, ele estaria de joelhos implorando seu perdão em questão de segundos.

E, se Sage o perdoasse, ele entraria no quarto dela em meio a beijos no escuro, abraçando seu corpo seminu, desejando apenas se perder nela.

A noite acabaria com os dois juntos na cama.

Alex deu um passo para trás. Não, não podia fazer aquilo. Não enquanto os dois eram incapazes de pensar com clareza.

No dia seguinte. Seria a primeira coisa que faria.

SAGE NÃO SE ARREPENDEU NEM POR UM MINUTO SEQUER de ter ficado trabalhando com Clare até tarde da noite, mas ainda precisava resolver as coisas com Alex. Só teria mais um dia antes que os norsaris partissem para Tennegol, e ele estaria ocupado do amanhecer até a meia-noite. Ela não queria que a discussão ficasse pairando entre os dois como uma nuvem negra, interferindo no que ele precisava fazer. Felizmente, sabia onde encontrá-lo pela manhã.

Todos os duzentos e cinquenta recrutas norsaris se exercitavam juntos ao nascer do sol, antes de saírem para uma longa corrida nas colinas atrás do palácio. Sage estava sentada na cerca do curral quando os soldados começaram a voltar, a maioria segurando a camisa na mão, parecendo ter se lavado no riacho gelado perto do portão. Alex era o último, com a camisa no pescoço. Ele não deixava ninguém para trás.

Sage pulou para pegar o cantil que havia trazido.

— Com sede, capitão? — gritou.

Ele levou um susto, virando ao ouvir a voz dela. Sem esperar sua resposta, Sage jogou o cantil na direção de Alex, que o apanhou. Depois de olhar desconfiado, ele o ergueu e deixou o fio de água lavar seu rosto antes de apontá-lo para a boca.

Sage não conseguia desviar os olhos. Já o tinha visto sem camisa, quando estava ferido e inconsciente em Tegann, mas estivera muito ocupada lavando o sangue dele, aterrorizada que pudesse nunca acordar. Aquilo era diferente.

Espírito do céu, ele era lindo.

Um par de tatuagens no bíceps esquerdo declarava sua aprovação na irmandade de oficiais da cavalaria e sua posição como comandante da companhia. Tanto elas quanto as cicatrizes pelos músculos dos braços e do tronco pediam para ser tocadas e exploradas, enquanto pelos pretos se espalhavam por seu peitoral e se afunilavam em um rio estreito que ia em direção ao umbigo... e mais para baixo. Sage sentiu um calor repentino por todo o corpo, imaginando o corpo dele junto ao seu, sem nada entre eles.

Depois de alguns goles, Alex baixou o cantil e secou o rosto com a camisa. Foi então que ela viu a tatuagem colorida no braço direito dele — o da espada. Era um desenho tão grande quanto o outro, se não maior. Ele a notou olhando e girou o ombro para que tivesse uma visão melhor. Em vez do preto, azul e vermelho usados nos símbolos do exército, aquela tatuagem tinha tons claros de verde e violeta. Era um galho com folhas e flores.

Sálvia. O significado do nome de Sage.

Ela ergueu os olhos e o encontrou sorrindo timidamente. Alex deu alguns passos em sua direção e lhe ofereceu o cantil de volta.

— Obrigado, milady.

Sage estendeu a mão para pegar, e os olhos dele vagaram pelo corpo dela, parando na curva de seus quadris, acentuada pela calça. Seus dedos se tocaram, mas ele não soltou.

— Desculpe por ontem à noite — Alex disse. — Eu tinha questões a resolver. Espero que não tenha esperado demais.

Ele nem tinha chegado a ir. Toda a culpa que ela sentia evaporou.

— Não tem importância, já que vamos ter todo o verão juntos.

A expressão de Alex mudou rápido, como se tivessem batido uma porta na sua cara.

— Precisamos conversar sobre isso.

O tom deixou claro que Alex só pretendia falar, e não ouvir. Sage tirou o cantil da mão dele.

— O que há para conversar? Vou a pedido da rainha.

— Sage, eu te amo e quero ficar com você o maior tempo possível. — Ele fechou os olhos e apertou a ponte do nariz. — Mas não assim.

Fúria e vergonha a atingiram como um soco no estômago. Sua mão livre se cerrou em punho.

— Acha que estou fazendo isso para passar mais tempo com você?

Alex abaixou a mão e olhou para ela.

— Não está?

— Vou como tutora do príncipe — ela disse devagar, entre dentes. — Também estou disposta a auxiliar em qualquer outra instrução que queira dar aos soldados. Esses são meus objetivos.

Ao menos, até onde ele precisava saber.

Alex cerrou a boca numa linha fina.

— Não posso ter você lá — disse, tenso. — Não... *quero* você lá. Não me faça...

— O quê? — Sage se esforçou para não levantar a voz. — Não sou um dos seus soldados, Alex. Não pode me dar ordens.

Ele baixou as sobrancelhas.

— Posso, sim. Já passou pela sua cabeça que eu teria de tratar você como seu comandante? Não posso deixar nada abalar minha autoridade. Tudo seria estritamente profissional. Sem afeição, sem favoritismo.

Alex ainda achava que ela só queria ir para ficar com ele.

— Não sou uma adolescente apaixonada seguindo você como um cachorrinho.

— Não foi isso que eu quis dizer, Sage.

— Foi, sim. — Ela cruzou os braços. — Se é meu comandante, por que não me manda ficar?

— Eu não deveria ter de fazer isso. O fato de que não quero que vá deveria bastar.

Ela já estava cansada de ouvi-lo dizer que não queria que fosse.

— Você tem medo de parecer fraco — ela vociferou. — De que as pessoas pensem que não aguenta ficar perto de mim. O que importa para você nessa história é a sua imagem como comandante.

Alex estremeceu; ela tinha acertado. Ele se encolheu e apertou os olhos. Naquele momento, pareceu tão vulnerável que Sage sentiu uma pontada de arrependimento.

— Por favor, fique aqui — Alex disse. — Não posso fazer meu trabalho se também tiver de cuidar de você.

Aquela discussão não ia chegar a lugar nenhum.

— Que bom que sei me cuidar, então, não é? — Ela passou por ele, voltando para o palácio. Alex pegou sua cintura e a puxou contra si.

— Por favor, não vá embora assim — ele sussurrou no ouvido de Sage. — Temos tão pouco tempo. Não quero desperdiçá-lo brigando.

Ela quase se derreteu quando ele encostou os lábios em seu pescoço. Água do cabelo dele pingou na gola da camisa dela.

— Nem eu — Sage sussurrou.

— Vou compensar isso, prometo.

Ela abriu os olhos até então semicerrados e virou para encará-lo.

— Não precisa compensar nada, porque eu vou.

Ela o empurrou, apertando o cantil sem querer e espirrando água nele. Com a surpresa de ser atingido no rosto, ele deixou que Sage escapasse de seu abraço.

— Agora, se me der licença, capitão, tenho preparativos a fazer.

*

As princesas nem se deram ao trabalho de comparecer às aulas. Sage e Clare continuaram trabalhando na lista de termos e frases casmunis que haviam relacionado ao demorano, mas as únicas palavras na mente de Sage eram as de Alex.

Não posso fazer meu trabalho se também tiver de cuidar de você.

Ele a via como um fardo. Era aquilo que ela tinha sido em Tegann? Mais de uma vez Alex insinuara que Sage não sabia se cuidar.

Já passou pela sua cabeça que eu teria de tratar você como seu comandante?

Ela não queria favoritismo. Queria ajudar. E não pareceria que estava mentindo para Alex se tivesse outros motivos para estar lá, como manter a rainha informada — ou, na verdade, espionar para ela. Aquele era seu único objetivo. Todo o resto era mentira.

— Qual é o problema? — perguntou Clare do outro lado da mesa. — Parece que você não quer mais ir.

— Talvez não deva mesmo ir — murmurou Sage.

— Por que não?

Não quero que vá.

— Cem motivos pequenos que fazem este plano ridículo.

Clare não pareceu convencida.

— Cite um.

Sage mexia na ponta da trança.

— Meu cabelo. Vai ser impossível de lavar lá.

— É uma desculpa patética — disse Clare.

— Não — Sage insistiu. — Ele vai atrapalhar. Nunca o deixei crescer tanto.

— Então corte.

Sage pestanejou.

— Como é que é?

— Resolva o problema. Pare de hesitar e se comprometa. — Clare balançou a cabeça. — Você não é assim. — Ela se levantou e foi até a sala de estar vazia da rainha, voltando com uma tesoura grande e afiada em seguida. Clare a colocou na mesa e cruzou os braços. — Diga a si mesma que vai.

Era ridículo pensar que Sage não poderia mais desistir se cortasse o cabelo, mas, de alguma forma, sentiu que aquilo acabaria com seu conflito interno. Ou, ao menos, silenciaria um dos lados.

— Você está certa — Sage disse, tirando o laço de couro da ponta da trança.

— Vou fazer isso.

A TAVERNA ESTAVA LOTADA DE SOLDADOS. Huzar reconheceu a sensação que permeava o ar. Eles partiriam no dia seguinte. Era a última celebração antes que o trabalho começasse.

Tratava-se de homens sérios e fortes, que guardavam segredo de sua missão, mesmo depois de algumas rodadas de bebida. Um que estava bêbado o bastante para começar a se vangloriar foi retirado dali por seus companheiros. Quinn havia escolhido bem seus norsaris. Huzar saiu discretamente depois de observar de um canto por alguns minutos. Não descobriria nada daquele modo, e não queria que reconhecessem seu rosto depois.

Seu homem o encontrou na rua e o acompanhou em silêncio até a loja de couro algumas quadras dali. Lá dentro, estava outro compatriota seu, trabalhando. Huzar esperou que o último cliente terminasse a compra e saísse para fazer um sinal a seu companheiro, que fechou as cortinas e trancou a porta. Ele se sentou em um banquinho e apoiou um braço tatuado no balcão enquanto o cavaleiro voltava para seu lado, admirando distraidamente o par de luvas no balcão.

— Alguma notícia? — Huzar perguntou em demorano. Ele havia ordenado que, mesmo a sós, nenhuma conversa acontecesse em kimisaro. Bastaria comentar o clima em sua língua nativa para ser condenado à morte. Era mais seguro serem compreendidos e provavelmente ignorados.

O comerciante recolheu alguns retalhos de couro e os jogou no fogareiro atrás de si. Diferente de Huzar, a pele dele era mais clara e seus olhos eram quase âmbar, não chegando a castanho. Juntando aquilo a seu sotaque, ele conseguia se misturar perfeitamente com os comerciantes de Tennenol. Até havia conquistado o afeto de uma jovem que trabalhava na lavanderia do palácio. Huzar apreciava a fonte extra de informações, mas o relacionamento o incomodava.

— Os soldados levaram quase tudo: luvas, gibões, cintos, bolsas — o homem respondeu. — Mas não fizeram nenhum pedido além do que já estava pronto.

Huzar assentiu.

— Como eu imaginava. — Ele se voltou para o cavaleiro. — O que você ouviu?

O homem assobiou entre os dentes faltantes.

— Muitos preparativos sussurrados. Poucas informações. — Ele jogou as luvas de lado e se apoiou no balcão com um sorriso convencido demais para um homem com tão pouco a revelar. — A quantidade de provisões era enorme para o número de homens.

— Devem estar indo para algum lugar sem apoio local ou do exército. — Huzar franziu a testa. — Mas em que direção?

— Se eu tiver de chutar, diria que para o sul.

Aquilo não era nada bom. Os kimisaros estavam espalhados ao leste e ao sul. Huzar havia passado meses contemplando formas de levar todos para casa, e sempre retornava à questão original. Na última primavera, o grupo tivera a missão de guiar boa parte do exército demorano numa perseguição pelo desfiladeiro de Jovan até aquele lado das montanhas, usando o príncipe herdeiro como isca. Depois de levá-lo de volta através de Tegann, Huzar negociaria um resgate para alimentar seu povo faminto, mas D'Amiran havia pegado o príncipe para si. O duque ainda tivera a ousadia de culpar Huzar quando o refém escapara.

Ter um nobre gordo e rico como prisioneiro garantiria a segurança de seus homens na longa jornada por Jovan e Tasmeth. O único jeito de voltar para casa era atravessar as centenas de quilômetros do deserto casmuni e um desfiladeiro estreito e fortemente protegido mais ao sul. Na melhor das hipóteses, perderia metade de seus homens. O rapto podia ser pouco criativo, mas oferecia chances muito melhores.

Ele tinha torcido para que os norsaris escolhessem um local de treinamento distante, dando-lhe tempo para reunir todos, raptar um ou dois reféns e correr até a fronteira. Os demoranos já estariam em alerta? Ele tamborilou os dedos no balcão e se virou para o outro homem.

— Precisamos chamar todos...

— Você nem perguntou quem vai — interrompeu o cavaleiro.

Ele pediu paciência ao Espírito e olhou feio para o homem.

— A garota de Filip no castelo confirmou que Quinn está no comando. — Ele apontou o polegar para o homem atrás do balcão. — Os dois oficiais que estavam com ele em Tegann também vão.

— Foi tudo o que ela disse? — O homem sorriu. — Qualquer garçonne da cidade poderia contar esse tipo de coisa.

Huzar estendeu a mão e pegou o cavaliço pelo pescoço magricela. Ele o segurou ali, sem se dar ao trabalho de puxá-lo para perto.

— Não brinco com informações que podem significar vida ou morte, e você tampouco deveria.

O kimisaro engasgou e tossiu por alguns segundos.

— O príncipe — ele ofegou quando Huzar afrouxou um pouco a mão. — O príncipe vai com eles.

Huzar o soltou.

— Idiota. O príncipe Robert está em Mondelea.

— O príncipe bastardo não vale muita coisa — acrescentou Filip.

O cavaliço engasgou enquanto caía aos pés de Huzar.

— Não Robert nem o outro. Nicholas. O mais novo.

— Ele é só um menino — disse Filip.

O cavaliço esfregou o pescoço enquanto se empertigava com um sorriso triunfante.

— Ele é um escudeiro. Foi designado com outros três para quatro pelotões.

Huzar franziu a testa, pensativo. Os demoranos levavam o treinamento militar muito a sério — algo que ele admirava —, e seus escudeiros tinham de cumprir muitas funções independentes. Nem um príncipe escaparia àquele rigor.

Um dos reféns mais valiosos que havia, a céu aberto. Perto da fronteira.

Talvez aquela fosse a oportunidade pela qual ele estava esperando.

OS RECRUTAS NORSARIS SE REUNIRAM NA CAMPINA fora dos portões da cidade, sob a luz do amanhecer. Alex guiou suas duas éguas enquanto procurava por Sage. Ela não tinha ido ao relatório da missão no dia anterior, embora ele tivesse lhe enviado um convite. Na verdade, aquilo o deixara contente. Durante todo o tempo que falara com as patrulhas em treinamento, esteve consciente do quanto omitia, de quantas mentiras contava a seus próprios homens. Sage teria visto seus segredos.

Alguns moradores da cidade tinham ido vê-los partir, e vários de seus homens conversavam em voz baixa com suas namoradas. A maioria dos soldados alistados não tinha dinheiro nem moradia fixa que permitissem um noivado intermediado por uma casamenteira. Ou se casavam com plebeias sem uma casamenteira, esperavam até ter economizado o bastante para comprar sua própria terra — raros eram os soldados que o conseguiam — ou buscavam uma patente, como um de seus novos tenentes. Tanner havia alcançado sua posição no campo de batalha, tendo sido recusado pela cavalaria por não saber ler até depois dos vinte.

Aquilo lembrava Alex de como havia conhecido Sage, que achava que ele não sabia ler e queria ensiná-lo. Ela não tinha sido motivada pela culpa por causa de seu desentendimento inicial; simplesmente queria ajudá-lo a ser o seu melhor. Não seria apenas o príncipe Nicholas a se beneficiar da atitude dela. Sage inconscientemente tirava de todos os que conhecia aquilo de que precisavam para evoluir, fosse aprender a ler ou — no caso de Alex — lembrar quem era por baixo do dever e da responsabilidade.

O capitão seguiu em frente, ainda sem vê-la na multidão. Como não havia tido a chance de perguntar que cavalo Sage montaria, antecipara-se e selara Shadow para ela, deixando sua própria bagagem numa égua dos estábulos. Embora montaria fosse fazer parte do treinamento dos norsaris, apenas os oficiais fariam a viagem a cavalo. Todos os outros animais que os acompanhariam carregariam provisões, e os homens alistados marchariam.

Depois de vários minutos de busca em vão, Alex analisou as mulheres observando do lado de fora. Sage poderia ter mudado de ideia? Se sim, ele abandonaria a pose de capitão mesmo na frente dos outros para beijá-la sem considerar as consequências. Para o inferno a descrição.

Seu otimismo se transformou em confusão quando ele não a encontrou ali. Alex foi puxando as éguas até encontrar Cass, que verificava uma lista de controle.

— Você viu Sage?

Casseck ergueu os olhos, surpreso.

— Acha que ela mudou de ideia sobre vir? — Alex perguntou, esperançoso.

O tenente o encarou como se não soubesse o que dizer.

— Onde ela está?

Devagar, Casseck ergueu a mão que segurava a prancheta e apontou.

Alex se virou para olhar, mas só viu um dos quatro escudeiros. Ele usava uma túnica enorme que chegava até seus joelhos e amarrava a carga num cavalo.

Então, o menino se virou.

SAGE PENSOU QUE IA VOMITAR. No dia anterior, cortar o cabelo parecera ter firmado sua decisão; ela não teria mais dúvidas. Então tudo parecera menor diante do espanto no rosto de Alex, mas era tarde demais.

Ele deu alguns passos na direção de Sage, então, sem dizer nenhuma palavra, soltou as rédeas que carregava aos pés dela e virou de costas, deixando-a com Shadow e uma terrível sensação de vazio.

Quando pegaram a estrada, a mágoa dela se transformou em raiva. Sage iria com eles. Era hora de Alex aceitar aquilo.

A capital foi ficando para trás, e então o último vislumbre da cidade foi bloqueado pelas colinas. Casseck cavalgou ao lado de Sage, oferecendo conselhos sobre como guiar o cavalo de carga e passando parte do planejamento para ela. Talvez o tenente estivesse evitando Alex, mas guardou seus pensamentos e motivações para si. No entanto, havia um número limitado de tópicos inofensivos de que poderiam tratar.

— Há quanto tempo conhece Alex? — Sage finalmente perguntou.

Cass respondeu com cautela.

— Desde os dez anos. Quando cheguei, ele já estava treinando para pajem havia alguns meses. Alex tinha fama de briguento. Ele já te contou isso?

— Mais ou menos — ela respondeu. — Ele disse que apanhou um bocado nos primeiros anos.

— É um eufemismo — Cass disse, seco. — Alex enfrentou uns meninos complicados logo de cara. Toda vez que novatos chegavam, ele se metia em confusão por causa da maneira como eram tratados. Levou uma surra por mim na minha primeira noite.

— Foi assim que vocês viraram amigos? Levando trotes de iniciação? — Sage tentou soar desdenhosa, mas, na verdade, achava aquilo admirável. E nada surpreendente.

— Sim, mas não acho que a intenção dele fosse fazer amigos. Alex só estava fazendo o que achava certo. Depois de um tempo, havia uma porção de garotos

para defender os novatos. É a força dos números. — Cass sorriu. — Provocar alguém envolve achar seus pontos fracos. Em alguns de nós era mais fácil do que em outros.

— E qual era o seu? — Cass era um jovem esguio. Sage o imaginava um menino muito magro coberto por um chumaço de cabelo loiro. — Você era magricela?

— Era, mas o problema maior era meu primeiro nome. — Ele arqueou a sobrancelha para ela.

De repente, Sage percebeu que não sabia qual era.

— Deve ser horrível.

— Alex é o único em quem não bato quando o usa — Cass disse. Ele virou o rosto para admirar a leve inclinação do vale à esquerda deles. — Mas estou um pouco surpreso por ele nunca ter contado a você.

Sage não queria pensar nas coisas que Alex deixava de contar.

— Pode dizer. Não vou rir nem zombar de você.

Ele não a encarou.

— Não faça promessas que não pode cumprir.

— Agora me sinto desafiada.

Era gostoso voltar a sorrir.

Ele suspirou, sua expressão se transformando em uma que Sage não conseguiu decifrar. Finalmente, Cass fechou os olhos e respirou fundo.

— Ethelreldregon.

— Espírito misericordioso!

Ela desviou os olhos, cobrindo a boca com a mão.

Cass esperou alguns segundos enquanto os ombros dela ficavam tensos.

— Pode rir.

— Eu... não... quero... rir — Sage conseguiu dizer com a voz abafada. Alguns risinhos escaparam.

— Quer, sim.

Ela balançou a cabeça, então se virou para as árvores e os picos das montanhas ao oeste, depois para o chão. Qualquer lugar menos ele.

— Seus pais odiavam você? Foi por isso que fugiu e entrou para o exército?

— Bom, nem um circo ia me aceitar com um nome desses.

Foi a gota d'água; Sage desatou a rir.

— Desculpe — ela disse, sem fôlego. — Prometi que não daria risada!

— Não se preocupe, eu sabia que você não ia se conter.

Sage secou os olhos e puxou Shadow de volta para a estrada, antes que a água

chegasse à grama, como queria.

— Como isso aconteceu?

— Meu irmão mais velho recebeu o nome do meu pai, e levou onze anos até eu nascer — ele disse. — Meus pais imaginaram que não teriam outra oportunidade, então fui batizado com uma combinação do nome dos meus dois avós: Ethelred e Aldregon.

— Bom, eles tinham de ser homenageados. É compreensível.

— E ironicamente desnecessário. Tenho três irmãos mais novos, lembra?

— Ah, não! — Sage levou a mão ao rosto e riu baixo.

Casseck deu de ombros.

— Eu já superei, mas era um inferno quando criança. Até eu conhecer Alex. Qualquer pessoa que tentasse zombar de mim levava um soco. Minha fraqueza virou a dele, e Alex a superou. — Cass parou e observou as colunas de soldados marchando. — Ele é assim com todo mundo.

Sage olhou para a frente. Alex cavalgava rígido, como se não conseguisse relaxar. Teria visto Sage rir? Não havia por que ter ciúmes; ela preferiria estar conversando com ele. Sage levantou a mão para afastar o cabelo da frente do rosto e se lembrou com espanto do quanto havia cortado. Seu estômago se revirou.

— Qual é a fraqueza dele, Cass? Eu?

Os olhos azuis do tenente acompanharam seu olhar até as costas de Alex.

— Você é a maior força dele. — Cass sorriu com tristeza. — Mas isso também a torna a maior fraqueza.

Uma estranha combinação de memórias se formava enquanto viajavam. A floresta e dormir ao ar livre a lembravam do trabalho do pai como passarinho. Com frequência, os dois saíam e ficavam dias sem ver ninguém, mas ele gostava daquilo. Dizia que os animais eram muito mais previsíveis quando não estavam perto dos humanos.

Cavalgar na companhia de soldados, porém, a lembrava da jornada a Tennegol com as noivas do Concordium, na primavera anterior. Só que, daquela vez, Alex não estava ao lado dela. Na época, o homem que ela pensava ser o capitão tinha mantido distância, como Alex fazia agora.

Tantas semelhanças e tantas diferenças.

Alex os forçou a andar pelo menos cinquenta e cinco quilômetros por dia no começo, sempre guiando os homens até quase escurecer. Eles não ficavam parados por tempo suficiente para caçar, então recorriam às provisões. A velocidade a que avançavam diminuiria depois que saíssem da estrada principal.

O clima estava bom, então dormiam sob as estrelas, sem se dar ao trabalho de montar as barracas. Sage estudava as pronúncias casmunis noite adentro, sentada à fogueira. Sua lista de palavras e frases traduzidas estava crescendo, e ela se perguntava quanto progresso Clare estava fazendo.

Espírito do céu, como ela sentia falta da amiga. Por que não tinha pensado num motivo para que viajasse com eles também?

Na maior parte do tempo, Sage cavalgava com Nicholas. Ela não o conhecia muito bem, então os primeiros dias foram passados tentando vencer sua postura arrogante. Quando recorreu à ameaça de um relatório de progresso insatisfatório que o fizesse ser mandado de volta a Tennenbol — o que ela tinha certeza de que Alex aprovaria, já que significaria se livrar dela —, o príncipe melhorou. Um pouco.

Não demorou muito para ela entender por que o instrutor de língua kimisara e os outros tutores haviam feito tão pouco progresso com o príncipe. A maioria das aulas tinha se baseado em material escrito e, como ela desconfiava, as coisas se complicavam entre a leitura e a memória, assim como acontecia com Carinthia. Felizmente, depois de quase um ano de trabalho com as princesas, Sage tinha uma boa ideia de como motivar Nicholas.

— De que adianta aprender uma língua que ninguém deste lado das montanhas fala? — ele reclamou. — Não vou usar para nada.

— Esse é o problema — ela o interrompeu. A frieza de Alex e os choramingos do príncipe a deixavam sem paciência. — Você não se lembra do que aprende porque nunca falou a língua. Além do mais — ela continuou, um pouco mais calma —, os encontros com outras nações sempre recaem aos membros mais jovens da realeza. Você pode ter que negociar tratados em poucos anos.

Sage achou melhor não mencionar que, muitas vezes, o que era negociado era o próprio matrimônio.

— Sério? — Ele se empertigou um pouco na sela.

— É claro — respondeu Sage. — Mas só se você tiver domínio sobre a língua.

Nicholas progrediu muito mais rápido depois daquilo. Conseguir algum avanço dava uma sensação boa a Sage.

Os norsaris deixaram a estrada de Jovan no décimo primeiro dia e se dirigiram ao sul, rumo ao rio Kaz. Duas manhãs depois, Alex cancelou os exercícios ao amanhecer e deixou todos descansarem. Depois do café da manhã, ele mandou Ash Carter e dois oficiais cavalgarem à frente com ele.

— Por quê? — Sage perguntou a Cass, já que Alex não a olhava em momento nenhum.

Para a surpresa dela, quem respondeu foi o capitão:

— Tem alguém por lá. — Ele apontou para uma linha fina de fumaça ao longe.

Sage franziu a testa.

— E vocês precisam investigar?

Alex fez que não.

— Devem ser os patrulheiros. — Ele trocou um olhar reservado com Ash Carter.

Homens posicionados na fronteira com Casmun.

— Posso ir junto? — pediu Sage. — Por favor?

Ela achou que Alex recusaria o pedido, mas ele parou de preparar seu cavalo para encará-la, como se a visse pela primeira vez em dias. De repente, Sage tomou consciência de seu cabelo curto e desgrenhado, e de que fazia dias que não tomava banho.

A expressão de Alex suavizou um pouco.

— Pode. Você tem dez minutos para se aprontar.

ELES PEGARAM UMA TRILHA ESTREITA NA DIREÇÃO DA FUMAÇA, com o tenente Hatfield na retaguarda. Dez dias de viagem teriam posto à prova qualquer pessoa que já não vivesse na sela, e as costas e a parte interna das coxas de Sage não estavam apenas doloridas, a pele também havia esfolado onde tinha apoiado o peso do corpo. Mesmo com o acolchoamento extra que resolvera colocar engolindo o próprio orgulho, Sage precisava se esforçar para controlar seus resmungos e tremores. Shadow avançava pela encosta rochosa, mas, sem o barulho de duzentos outros viajantes para esconder seus choramingos, ela sabia que os outros estavam cientes de seu desconforto.

Alex finalmente parou os cavalos e gritou uma saudação militar. Sage relaxou um pouco as pernas, aliviada por não ter de firmá-las para ficar ereta, ainda que apenas por alguns minutos. A resposta veio rápido, e eles logo voltaram a descer a colina. Sage tentou guiar Shadow, mas era difícil, com seu corpo dolorido e o aroma de dar água na boca que vinha na direção deles. Ela torceu para que tivessem comida o suficiente para compartilhar; não comiam carne fresca desde que haviam partido de Tennesol.

Encontraram um grupo de dez homens em torno de uma fogueira. Sacos de dormir estavam espalhados, embora alguns tivessem sido enrolados, indicando que haviam passado a noite ali — o que era óbvio pelo ponto da carne do javali assando no espeto — e que pretendiam partir antes do pôr do sol.

Sage dolorosamente passou uma perna sobre o dorso de Shadow para desmontar. Seu pé acertou o chão antes do esperado, e seu joelho cedeu enquanto a parte interna da coxa ardia de dor. Ela só continuou mais ou menos ereta porque seu pé esquerdo ainda estava no estribo.

Mãos a ergueram pela cintura, tirando a pressão de seus músculos trêmulos.

— Você está bem? — Alex murmurou em seu ouvido.

Ele queria bancar o atencioso depois de uma semana a ignorando?

— Estou — Sage respondeu, seca. Colocou a outra perna no chão com os olhos lacrimejando, mas ele não a soltou.

— Descanse um minuto — Alex sussurrou. Ele se aproximou um pouco, e ela sentiu seu corpo quente contra suas costas. Sem perceber, Sage estava se apoiando nele. Alex se aproximou do cabelo curto dela, seus lábios tocando o entorno de sua orelha.

— Capitão? — Ash Carter chamou.

As mãos e o calor desapareceram.

— Aqui, sargento — Alex respondeu. — Estou a caminho.

Com a perda súbita do apoio, ela teve de se agarrar à crina de Shadow para não cair. A égua olhou para trás, preocupada, e Sage a acariciou para tranquilizá-la. Quando suas pernas estavam firmes o bastante para andar, puxou as rédeas e as enrolou num galho. No momento em que se juntou aos outros ao redor da fogueira, as apresentações já tinham sido feitas. Os homens, que deviam ser um esquadrão especial de patrulha, mal olharam para ela. Sage estava exausta demais para explicar sua presença e ficou grata por seu nome ser usado tanto para a meninos quanto para meninas.

Pratos fundos foram enchidos de javali assado e passados ao redor. Sage aceitou um com gratidão e se sentou no tronco de árvore caído que servia de banco para alguns homens. Sem esperar utensílios, ela enfiou um pedaço de carne fumegante na boca. Estava lambendo a gordura dos dedos e considerando como pedir mais quando notou que Alex e Ash haviam puxado o líder do esquadrão de lado e comparavam mapas.

— Que bom que temos mais tropas aqui — disse o patrulheiro à sua direita. — Considerando o que aconteceu no ano passado.

Sage olhou para o homem antes de voltar a se concentrar em Alex.

— Essa história de Tasmet deixou todos nervosos, já que foi uma questão interna.

Ele concordou.

— E agora os casmunis. Não tem como não pensar que está tudo interligado.

O soldado ganhou toda a atenção dela.

— Vocês viram casmunis por aqui?

— Bom... — Ele inclinou a cabeça. — Não exatamente. Os únicos casmunis que vi de fato estavam do outro lado do rio.

— Sério? — Ela se empertigou, deixando de lado a ideia de um segundo prato. — Onde exatamente?

— Eles vêm até o rio Kaz para buscar água, embora aqui os dois lados pertençam a Demora. — O homem deu de ombros. — Não pareciam estar atrás de briga, então não tínhamos por que recusar água a eles. Às vezes acenávamos e

eles retribuía.

Sage tinha uma noção da importância da água e do direito a ela para os casmunis. Fazia sentido para um povo do deserto. Vários documentos se referiam ao “compartilhamento de água” como um gesto de confiança ou amizade. Os patrulheiros provavelmente não sabiam como sua permissão era diplomática.

— Com que frequência vocês os veem? — Sage perguntou.

— Só na primavera e no começo do verão. No ano passado e no outro.

Era por causa do que aqueles homens tinham visto que o rei ficara tão cheio de segredos.

— Como eles são?

— Eles se vestem com roupas para o deserto, cobrindo tudo, até a cabeça e às vezes o rosto, para se proteger do vento e do sol. São morenos como os kimisaros, assim como seu capitão e o sargento. — O homem apontou o polegar para Alex.

Seu tom implicava um questionamento sobre a ascendência de ambos. Os dois tinham a cor da mãe aristelana — assim como o príncipe Robert —, mas a mente do homem claramente tinha ido para outro lugar, para origens diferentes.

— Tasmet é parte de Demora há décadas — Sage disse. — O povo de lá não é mais kimisaro.

— É o que dizem — o homem respondeu. — Mas aqui a gente aprende a desconfiar.

— *Desconfiar?* — Sage franziu a testa. Mesmo crescendo com medo de invasores kimisaros, embora a ameaça fosse distante em Crescera, ela nunca havia julgado as intenções de uma pessoa com base na cor de sua pele, mas a atitude daquele homem implicava que tal preconceito era comum no exército. Tendo visto Alex apenas entre os que já o conheciam, não havia passado pela cabeça dela a frequência com que devia enfrentar a hostilidade de estranhos e, mais ainda, de outros soldados. Casseck não chegara a dizer que fraqueza de Alex fora tão impiedosamente atacada quando menino, mas ela podia concluir sozinha.

Aquelas crianças provavelmente só estavam reproduzindo o comportamento que haviam observado nos adultos com um extra de crueldade. Ela tinha certeza de que, se perguntasse a Alex a respeito, ele diria que não importava. Mas importava, sim. Sage apertou o prato de metal com mais força enquanto pensava no pajem que brigava por todos enquanto ninguém brigava por ele.

— Para mim, parece *preconceito*.

— Não é preconceito — o soldado insistiu. — É experiência.

Ter passado provavelmente metade da vida lutando com kimisaros em Tasmet havia moldado aquela atitude, mas não a justificava. Sage rangeu os dentes.

— Imagino como a experiência *dos outros* com esse tipo de discriminação afeta a opinião deles.

— Bem, eu...

— E quando alguém é morto por causa dessas opiniões, o que você diz? Que não confiou num superior seu, um oficial do rei, porque não tinha sua *cor*?

Ele ficou vermelho e encarou o prato.

— É difícil quando você está aqui, lutando. A gente se acostuma a ver as coisas de um jeito específico.

Aquele era o problema. Sage não achava que ele era uma pessoa ruim — afinal, não nutria as mesmas desconfianças automáticas contra os casmunis. Só estava agindo como aprendera.

— Boa parte de Tasmet foi facilmente convencida a participar do complô da família D'Amiran contra a coroa — ela disse suavemente. — O povo de lá não tem uma lealdade natural a Demora, mesmo depois de todo esse tempo. Acho que eles também estão acostumados a ver as coisas de um jeito específico.

— Acho que a luta agora não vai ajudar muito — o homem ao lado dele disse.

— Provavelmente não. — A situação devia ter regredido pelo menos uma geração. Quando ela voltasse a Tennenol, Sage escreveria para sua antiga empregadora, Darnessa Rodelle, para discutir as formas como ela e as outras casamenteiras regionais pretendiam agir depois da guerra. Elas certamente tinham um plano. Talvez pudesse ajudar de alguma forma.

— Estamos indo — disse Alex, interrompendo os pensamentos dela. Ele ficou parado diante dos dois por um momento, com a testa franzida, antes de sair. Sage se perguntou o quanto teria ouvido.

— Eu levo para você — o homem se ofereceu, gentil, pegando o prato vazio da mão dela. Sage ainda estava com fome, mas achava que uma conversa era muito mais valiosa que uma barriga cheia.

— Obrigada — ela disse. — Não perguntei seu nome.

— Cabo Dale Wilder — ele disse, estendendo a mão livre.

Ela a apertou.

— Sage Fowler.

— Agora, Sage — chamou Alex.

— Estou indo. — Ela se levantou com um salto, depois limpou as roupas demoradamente para se recuperar da dor do movimento. — Espero ver você de

novo — disse a seu novo amigo.

O cabo sorriu.

— Ah, com certeza. Vamos fazer relatórios regulares ao seu capitão.

Sage ficou pensando naquelas palavras enquanto se apressava para alcançar Alex.

— Por que os patrulheiros vão apresentar relatórios para você? — ela perguntou. — Não são uma entidade separada?

— Sou o superior mais próximo. É uma cortesia. — A fala dele era cortante, como se não quisesse ser visto conversando com ela. — E vamos sair para nos exercitar depois. Eles conhecem a região.

— Vocês vão atravessar o rio? — Sage perguntou como quem não quer nada.

Alex se virou para ela.

— É claro.

Sage ficou buscando uma maneira de perguntar o que ele faria se desse de cara com os casmunis, mas talvez não devesse saber que aquilo era possível, muito menos provável.

— Fica a poucos quilômetros da entrada do deserto. Vocês vão treinar lá?

Ele semicerrou os olhos.

— O que faz você pensar que sim?

— Só achei que seria uma oportunidade rara. — Ela deu de ombros, fingindo não se importar. — É um lugar desabitado, certo? Ninguém notaria.

Alex desviou o olhar.

— Não sei. Não tinha considerado cruzar a fronteira.

Mas ele tinha, sim. A maneira como se recusava a encará-la nos olhos deixava aquilo óbvio.

Foi só quando estavam na metade do caminho de volta que Sage se deu conta de que haviam deixado Ash Carter para trás.

ELES VOLTARAM PARA O GRUPO DOS NORSARIS À TARDE, mas, ainda que o rio estivesse distante, Alex achou que não seria prático marchar mais naquele dia. Ele saiu de novo depois de comer para procurar o melhor lugar para montar acampamento permanente. Cass insistiu em acompanhá-lo. O capitão queria ficar sozinho, mas sabia que seu amigo estava certo. O esquadrão que haviam encontrado não tinha visto sinais recentes de casmunis, mas era melhor se precaver.

Não foi difícil localizar o lugar sugerido pelo sargento Starkey. Um declive praticamente aberto que ia do rio até uma planície grande o bastante para montar um campo de treinamento e comportar exercícios em grupo. Era visível à distância, de modo que, se os casmunis cruzassem o rio novamente, fariam aquilo sabendo o que esperava do outro lado.

Os dois retornaram por volta da meia-noite, mas mesmo assim Alex despertou antes do amanhecer, ansioso para finalmente começar sua missão. O peso do que carregava em seu gibão também era um lembrete constante de uma tarefa em particular que precisava cumprir. A tensão o deixava irritadiço, e ele teve que se esforçar para não gritar suas ordens.

Sage o ignorou enquanto preparava seu equipamento. Alex merecia aquilo, visto que mal tinha dito dez palavras a ela até o dia anterior. Ela provavelmente achava que ele havia esquecido que dia era, e, com o passar da manhã, Alex não teve nenhuma oportunidade de corrigir aquilo. Ou não criou nenhuma oportunidade, por covardia.

Em uma hora, eles começaram a marchar, com o objetivo de chegar ao local do acampamento por volta do anoitecer. Os homens estavam descansados graças ao dia de folga e conseguiram manter um bom ritmo, também devido à trilha larga que seguiam. Chegaram ao destino quando o sol se punha.

Tendas começaram a ser montadas para abrigá-los do vento frio que vinha das montanhas e do rio. Alex ordenou que a barraca de Sage fosse montada antes da dele, de modo que, antes que ela terminasse de cuidar de Shadow, já estava

pronta. Ele não tivera chance de falar com Sage até que tudo tivesse sido preparado para a noite. Então Alex parou diante da barraca dela, observando a silhueta lançada por uma única vela lá dentro.

Era agora ou nunca.

Ele respirou fundo e entrou. Alex havia designado uma barraca de oficial a Sage, de modo que era grande o bastante para que se pudesse ficar de pé dentro dela e contava com uma cama, uma cadeira e uma mesa. Ela estava sentada, escrevendo o que parecia uma carta. A brisa que entrou com Alex quase apagou a vela. Sage protegeu a chama com a mão e levantou o rosto, irritada. Ela arregalou os olhos quando o reconheceu.

De repente, parecia a noite em que tinham se conhecido, quando ele, disfarçado como um soldado comum, havia lhe levado o jantar enquanto ela trabalhava na biblioteca de Galarick. Alex hesitou antes de dar mais um passo, lembrando que deveria ter pedido licença para entrar.

— Por que ainda está acordada? — ele perguntou, aproximando-se um pouco.
— Deve se sentir exausta.

Ela voltou a escrever.

— Tenho muitas obrigações, e poucas podem ser feitas a cavalo.

Ele parou do lado oposto da mesa.

— Vamos montar tudo amanhã, de modo que as aulas de Nicholas ainda não poderão começar. Aproveite para relaxar e se recuperar da viagem.

— Estou bem, senhor.

Ele ficou tenso.

— Não precisa me chamar assim quando estamos a sós.

— Peço desculpas. É uma ocorrência tão rara. — A pena dela riscou o papel.

Alex não disse nada, mas tamborilou os dedos de leve na madeira.

— Precisa de alguma coisa? — ela perguntou, sem erguer os olhos.

Alex limpou a garganta.

— Tenho uma coisa para você. Um presente.

A pena parou, e Alex a ouviu prender a respiração. Ele tirou do gibão o objeto envolto por um pedaço de pano.

— Eu ia dar isso a você em Tenebol, antes de partir, mas, como você veio, decidi esperar até o dia de seu aniversário. — Alex deixou o presente sobre a mesa entre eles, e ela hesitou antes de estender a mão para tirar o tecido, revelando uma adaga embainhada. — Mandei fazer para você — ele sussurrou.
— Há meses.

O cabo preto e dourado da adaga era quase idêntico ao da arma que ela

carregava, que a mãe de Alex havia dado a ele quando saíra de casa para o treinamento de pajem. Ele a tinha dado a Sage no verão anterior, para sua proteção. Qualquer um de seus homens reconheceria as iniciais marcadas: AQ.

Sage inclinou o cabo para ver as iniciais da nova arma à luz de velas: SF.

— Falta o Q — ela disse.

Alex assentiu.

— Mandei deixarem espaço, se quiser acrescentar depois...

— Se eu não mudar de ideia? — Ela ergueu os olhos.

Ele sentiu o sangue se esvaír de seu rosto. Um lampejo de culpa passou pelos olhos cinza dela, que os baixou.

— Acho que isso significa que você quer a sua de volta. — Ela levou a mão à adaga no cinto.

— Não — ele disse rápido.

Sage a colocou ao lado da nova mesmo assim.

— Acho que é pequena demais para você agora — disse.

— Mesmo se não fosse, eu a dei para você. Quero que fique com ela.

Sage fez careta.

— Vai me ensinar a lutar com duas lâminas então?

Alex corou.

— Considerando como a nossa última aula terminou, não acho que seja uma boa ideia agora. — Tinha sido na noite em que Alex finalmente admitira para si mesmo o que Sage significava para ele. Com as defesas internas subitamente derrubadas, ele não conseguira resistir aos desejos que tomavam conta de si e, em poucos minutos, estivera prestes a jogar tudo para o alto em troca do que queria. Então ela o havia chamado de Ash e Alex caíra em si.

— Não — Sage disse. — Você não quer dizer nada de que possa se arrepender depois.

— Não me arrependo de nada daquela noite.

Sage fitou as adagas, traçando as iniciais nas duas com os polegares.

— Bom — Alex disse finalmente. — Feliz aniversário. — Ele se virou para ir embora.

Ela soltou as lâminas e se levantou com um salto.

— Espere.

Alex observou desconfiado enquanto Sage dava a volta na mesa e parava na frente dele. Ela estendeu as mãos com as palmas voltadas para baixo, no gesto de gratidão da realeza que tinha aprendido no palácio. Sem pensar, ele estendeu as mãos também.

— Obrigada — Sage disse em tom baixo, apertando os dedos dele.

Alex segurou por mais tempo do que deveria, depois a puxou meio passo para perto. Pelo Espírito, como ela cheirava bem. Ele tinha esquecido por um momento, até que, na manhã do dia anterior, tinha ajudado Sage, e todos os pensamentos racionais haviam desaparecido ao tocá-la.

Como naquele momento.

O cabelo dela já havia clareado alguns tons com as duas semanas ao ar livre. Sua pele estava bronzeada e mais sardenta do que nunca. Alex soltou seus dedos e ergueu a mão devagar para afastar o cabelo dela da frente dos olhos. Depois de superado o choque do primeiro dia, descobriu que até gostava do corte.

— Tem mais alguma coisa que você queira? — Alex sussurrou. *Peça um beijo*, ele suplicou em silêncio.

A boca dela se curvou num meio sorriso.

— De aniversário ou em geral?

— Tanto faz. — Os dedos dele se fecharam em mechas de cabelo dela. *Peça um beijo*.

Sage balançou a cabeça.

— Não posso ter o que quero.

— Talvez hoje possa. — Ele se aproximou para encurtar a distância entre eles. *Peça um beijo*.

— Cass me contou que você não queria que ninguém soubesse de nós. — Ela soou magoada.

Alex ficou paralisado, com a boca a poucos centímetros da dela.

— Foi mais pela sua reputação do que pela minha — ele disse. — Não tenho vergonha de você.

O calor da mão dela deixou a dele.

— Não se pode ter tudo, Alex.

Não era justo fazer aquilo com ela. Ele não podia definir as regras e ignorá-las quando bem entendesse. Alex deu um passo para trás.

— Você está certa — ele disse. — Sinto muito.

Alex deu as costas para sair, mas antes a ouviu sussurrar:

— Eu também.

O TOQUE DE ALVORADA A DESPERTOU DE UM SONO AGITADO. Todos estavam se reunindo na planície a céu aberto para os treinos matinais. Sage saiu rolando da cama e se espreguiçou. Em Tennegol, ela ia ao pátio de treinamento quase todo dia. Sentia bastante falta daquilo. Por que não participar ali também?

Depois de vestir a túnica e calçar as botas, ela correu até a área de exercício e assumiu um lugar no fundo. A atividade foi brutal para os músculos doloridos pela cavalgada, mas aquilo só a deixou mais determinada a comparecer todos os dias. Quando a série acabou, o tenente Casseck anunciou que todos deveriam fazer fila e encher os sacos de areia necessários para montar o campo de treinamento. Sage havia escrito seu primeiro relatório para a rainha na noite anterior e não tinha mais nada a fazer, então não viu por que não ajudar. Alex — como todos os outros — veria que ela estava disposta a fazer qualquer trabalho necessário.

Três horas depois, ela estava mais suada e imunda do que nunca. Todos foram ao rio para se lavar. Sage deu alguns passos descendo a colina, mas hesitou quando os homens começaram a tirar a camisa. Logo, todos que passavam por ela se despiam. Sage ouviu uma fivela de cinto sendo aberta um segundo antes de avistar as primeiras nádegas nuas mergulhando no rio.

Com o rosto vermelho, ela correu de volta para a tenda e ficou ali por uma hora. Como ia se lavar? Teria de tomar banho no rio completamente vestida?

O som de água a fez erguer os olhos. Ela espiou para fora da tenda e encontrou Nicholas colocando dois baldes de madeira cheios à sua porta. Sage agradeceu enquanto ele saía e os levou para dentro, depois se esfregou cuidadosamente com a água de um, tentando não molhar o chão. No futuro, ela precisava dar um jeito de evitar a lama. O segundo balde ela usou para lavar as roupas. Quando finalmente achou que era seguro sair, torceu a túnica e a camisa e as pendurou para secar no varal do lado de fora. As roupas de baixo ela deixou estendidas em cima da cama.

Sage estava separada da fileira de tendas dos oficiais por uma estrutura de lona

maior com um pico. Ela não sabia se podia chamá-la de “tenda” também. As laterais eram abertas, de modo que devia ser reservada para reuniões maiores e instruções sobre outros temas além de combate, como a palestra de Tanner sobre medicina no campo de batalha que estava agendada para aquela tarde. Com um sobressalto, ela percebeu que a mesa comprida era pesada e volumosa demais para ter sido carregada na jornada. Intrigada, foi examiná-la. A superfície era razoavelmente lisa, mas embaixo ela era muito mais áspera. A serragem e as aparas no chão aliadas ao cheiro terroso de madeira talhada antes de secar deixaram claro que tinha sido feita naquela manhã.

O tenente Tanner se aproximou com um cumprimento de cabeça.

— Como está se adaptando, srta. Sage?

Ela se empertigou e bateu o nó dos dedos na madeira.

— Quando isto aconteceu?

As cicatrizes no rosto de Tanner impediam suas sobrancelhas de arquearem de maneira uniforme.

— Não ouviu os homens trabalhando hoje de manhã? Chamei alguns que sabiam derrubar árvores e outros que tinham experiência com carpintaria. Eles fizeram isso enquanto os demais enchiam sacos de areia.

— Impressionante — Sage disse, com sinceridade. — É aqui que você vai ensinar a recolocar ossos no lugar hoje à noite?

— Seria — Tanner respondeu. — Mas o capitão Quinn quer que eu faça um reconhecimento com ele hoje à noite; foi por isso que vim atrás de você. Ele sugeriu que desse uma aula sobre procura de alimentos e plantas comestíveis no lugar da minha palestra.

Alex queria que ela fizesse alguma coisa. Estaria pedindo desculpas pela noite anterior ou só lhe oferecia uma maneira de ocupar o tempo? De qualquer maneira, com todos os olhares estranhos que havia recebido durante a jornada, estava ansiosa para mostrar aos soldados que tinha algo a oferecer.

— Claro, tenente. Será um prazer.

Tanner sorriu de maneira tão tortuosa quanto arqueava as sobrancelhas.

— Obrigado.

Quando ele foi embora, Sage percebeu que deveria ter perguntado aonde ele e Alex iriam. Daria um jeito de incluir aquilo numa conversa posterior.

De todo modo, se ia dar uma aula aquele dia, seria melhor ter plantas para usar como exemplo, em vez de apenas descrições ou desenhos. O sol estava quase no auge, então não havia tempo a perder. Sage voltou para a tenda, pegou a mochila, esvaziou-a e a colocou sobre os ombros. Seu estômago roncou quando

ela saiu, lembrando-a de que fazia horas que não comia. Assim, ela seguiu para uma das tendas de provisões primeiro. Alguns minutos depois, entrou na floresta com uma maçã numa mão e um pedaço de carne de caça seca na outra.

FAZIA UMA HORA QUE NINGUÉM A VIA. Alex rondou o acampamento, ficando mais ansioso a cada segundo que passava. Finalmente, ele invadiu a tenda de Sage atrás de alguma pista sobre aonde teria ido. Havia uma pilha de livros na escrivaninha, incluindo o que parecia um diário. Várias roupas e itens pessoais estavam empilhados num canto da cama, enquanto outros itens muito pessoais estavam estendidos para secar em outro. Alex corou e se concentrou em tentar entender a pilha de roupas.

Ela havia esvaziado a mochila para levá-la consigo.

Tinha ido buscar alguma coisa. Devia ser urgente. Ele lembrou que havia pedido que Tanner perguntasse se poderia assumir o lugar dele na palestra daquela noite, para que pudesse tomar parte do reconhecimento do terreno. Mesmo se Sage estivesse brava com Alex, fazia sentido imaginar que aceitaria.

Droga. Ela tinha deixado o acampamento para colher plantas comestíveis e venenosas. O braço esquerdo dele doeu quando cerrou os punhos. *Caramba, Sage.*

Alex estava com sua espada — sentia-se nu sem ela —, mas precisaria de mais. A carga ainda estava sendo aberta e organizada, e ele levou minutos preciosos para encontrar as bestas. Alex colocou uma sobre o ombro e caminhou até o perímetro do acampamento olhando para o chão. Ela era tão leve que ele quase não viu suas pegadas entrando na floresta.

Os rastros dela eram vagos, mas seguiam constantes para o norte. Levou uns bons quinze minutos até ele se acostumar com os sinais discretos que Sage havia deixado atrás de si. Alex estava habituado a seguir homens e animais muito mais pesados. Diversas vezes, o único vestígio era a terra remexida onde um punhado de cogumelos ou de alguma planta tinha sido arrancado. Em certo momento, ele encontrou um caroço de maçã que ela havia atirado.

Depois de cerca de três quilômetros, ele encontrou alguns fios de cabelo castanho-claro caídos sobre o galho de um arbusto baixo. Como aquilo tinha acontecido? Ela rastejara? Alex se agachou para examiná-los, sem entender.

Quase pareciam ter sido deixados ali.

Um galho estalou, e Alex se levantou com um salto, empunhando a besta. Sage estava a seis metros de distância, observando-o. O alívio tomou conta de seu peito. Ela estava a salvo.

As duas pontas de um graveto partido estavam nas mãos dela.

— Você está morto — Sage disse com frieza.

Ela tinha montado uma armadilha para ele e chegado perto o bastante para causar um ferimento grave antes que conseguisse reagir. Alex baixou a besta, mais impressionado do que queria estar. Sage jogou os gravetos.

— Você parece perdido — ela disse.

— Não mais do que você. — Só então ele percebeu que estava com sede e que tinha se esquecido de levar um cantil. Alex havia abandonado suas responsabilidades para consigo mesmo e com os norsaris para encontrá-la.

Sage passou por ele, voltando a seguir para o norte.

— Estou indo para o lago.

Alex correu para alcançá-la.

— Como sabe que tem um lago por aqui?

Ela apontou com o polegar por cima do ombro.

— Vi um ninho de águia quase um quilômetro atrás. Ficam sempre perto da água.

Alex franziu a testa.

— E como sabe a direção?

Ela finalmente ergueu o rosto para encará-lo.

— Porque vi uma águia voando com um peixe nas garras. Um peixe grande, então deve ser um lago de tamanho razoável. — Ela sorriu. — Sinceramente, capitão, seus soldados deveriam olhar para cima com a mesma frequência que olham para baixo. Você mesmo estava logo abaixo de mim.

Então era aquilo — ela estava em cima das árvores, tendo guiado Alex por quase dois quilômetros. Parte dele queria deixá-la à solta, para ver se os norsaris conseguiriam encontrá-la, mas seria arriscado demais.

— Você não deveria entrar na floresta sozinha — ele disse. Sage bufou, e Alex segurou seu braço para fazê-la parar. — É perigoso aqui, esqueceu?

— Do que você está falando? — Ela franziu a testa.

Sage não sabia sobre os casmunis. Ele não podia contar a ela, então tentou pensar em uma desculpa.

— Lembra o javali do esquadrão especial de patrulha? Animais desse porte percorrem toda a região. Imagino que saiba que são particularmente agressivos

nesta época do ano.

— Não vi nenhum sinal deles. — Ela parecia duvidar.

— Isso não significa que você não vai ver daqui a cinco minutos — ele insistiu.

Sage deu de ombros e virou as costas.

— Sei me virar. De qualquer maneira, você está aqui agora. Fique de olho.

— Não é só isso — ele disse para as costas dela. — Você deixou o acampamento sem avisar. Ninguém sabia onde estava ou por que saía. Você faz parte de uma unidade do exército agora; não pode dar uma volta quando estiver a fim. Sabe quanto tempo perdi procurando você?

Sage parou e abaixou a cabeça.

— Desculpe — ela disse. — Nem pensei. Só queria me preparar para hoje à noite. Não estou acostumada a ter que manter você informado. — Ela respirou fundo. — Não vou fazer isso de novo.

O pedido de desculpas foi sincero, e ele podia ver que Sage sabia que tinha agido mal. Alex precisou de todas as suas forças para não a tomar em seus braços e dizer que estava tudo bem, que ficava contente por encontrá-la a salvo. Se fizesse aquilo, porém, era provável que mais do que um beijo se seguisse.

— Vamos — ele preferiu dizer. — Precisamos encontrar esse lago logo e voltar. Estou morrendo de sede.

A CURTA DISTÂNCIA ATÉ O LAGO FOI PERCORRIDA EM SILÊNCIO, assim como a caminhada de volta ao acampamento. Sage se sentiu culpada pelo tempo que Alex havia desperdiçado, mas o fato de que ele tinha ido atrás dela armado revelava muito. Havia algo lá fora, e não eram javalis selvagens. Juntando aquilo com as informações do cabo Wilder, não ficava difícil traçar teorias.

Alex esperava deparar com casmunis — *em Demora*. Ninguém mais sabia daquilo, exceto talvez Ash Carter, que tinha ficado para trás. O capitão havia marcado de encontrá-los? Aquilo explicaria o sigilo e o envolvimento do embaixador Gramwell, mas, se fosse o caso, Alex obviamente não confiava neles.

Sage se fez duas promessas: dobraria seus esforços no projeto de tradução e continuaria a treinar combate. A segunda poderia ser difícil — todos os soldados recrutados eram muito superiores a ela em termos de força e habilidade. Provavelmente teria que se limitar aos escudeiros, mas era melhor do que nada.

A aula sobre plantas comestíveis e venenosas correu bem, e Sage nem precisou perguntar a Alex se poderia ensinar mais coisas — ele já a havia acrescentado no cronograma. As aulas de Nicholas começaram, e ela incluía os outros escudeiros sempre que possível, tanto para benefício deles como para estimular uma leve competição que fizesse o príncipe se esforçar um pouquinho mais. Sage logo entrou na rotina de ensino e treinamento, tornando-se a autoridade do acampamento na sala de aula e a irmã mais nova de todos na arena. Os dois papéis eram confortáveis. Ela quase nunca via Alex, que comandava uma patrulha de treinamento atrás da outra, cada uma durante dois ou três dias. No começo, Sage pensou que as viagens tinham outro objetivo, mas nenhum dos homens com quem conversava descrevia ter visto alguma coisa incomum.

Como prometido, o esquadrão especial de patrulha parou perto do acampamento norsari duas semanas depois, e Sage não ficou surpresa ao descobrir que Ash Carter havia assumido o comando deles. Ela ficou acordada

até tarde ouvindo as descrições deles do terreno ao longo da fronteira sul, incluindo os desfiladeiros Beskan e Yanli, pelos quais corria o rio Kaz. Ambos eram estreitos, com paredões perpendiculares, mas Yanli era muito mais perigoso.

— As encostas não são tão íngremes. — O cabo Wilder tomava vinho do odre, fazendo gestos escandalosos com as mãos para enfatizar suas descrições. — São lisas como vidro, com alguns pontos irregulares. Nada cresce lá embaixo. Chamamos o lugar de Beco do Demônio, por causa da cor preta e das rochas afiadas. Mas elas são muito úteis para o corte. Usamos o lugar como pedreira. Quer dizer, até onde conseguimos ir.

— O que poderia ter criado algo assim? — Sage perguntou, admirada.

Ele deu de ombros.

— Nunca ouvi uma história que fizesse muito sentido, mas é um lugar mortal. Alguns guardas conduziram um barco por lá numa brincadeira dois anos atrás, e metade não conseguiu atravessar. Um jeito idiota de morrer. — O cabo cuspiu no fogo.

Sage olhou para o outro lado das chamas, onde Alex estava sentado com Ash Carter, observando e ouvindo. Não havia ciúmes no rosto dele por ela estar conversando com outro homem, mas seus olhos tinham um brilho triste. Os dois se encararam, e ela lançou um desafio em pensamento: *Venha aqui e converse comigo, se quiser.*

Alex desviou o olhar. Alguns minutos depois, saiu com Ash do círculo em volta da fogueira.

— Então, cabo — ela disse, ainda de olho em Alex. — Viram algum casmuni nas últimas semanas?

Wilder fez que não.

— Nenhum, mas o sargento Carter nos fez procurar.

— Vocês atravessaram o rio?

— Ainda não, a água está alta e violenta. Estamos praticamente confinados à região desde o ano passado.

Um calafrio percorreu a espinha dela.

— O que aconteceu no ano passado? Pensei que você tinha dito que só tinham visto casmunis do outro lado do rio Kaz.

— Por volta de setembro, encontramos um lugar onde eles acamparam e fizeram um reconhecimento. A questão é — ele se aproximou para falar com ela mais baixo, de modo mais confidencial — que não sei se concordo. O sargento Starkey tinha acabado de chegar. Estou aqui há quatro anos, mas ninguém me

escuta. Só obedecem ao sargento.

Sage mal conseguia respirar de tanta animação.

— Por que você acha que ele está errado? — ela sussurrou.

— Bom, o acampamento parecia grande e óbvio demais, como se quisessem que os sinais fossem encontrados. Fiquei desconfiado. — Sage assentiu, e ele continuou. — E eles supostamente tinham cavalos. Nunca vi um casmuni montado.

— Seria de pensar que, se eles viessem ao rio para buscar água, trariam os cavalos, se tivessem — ela disse.

— Exato. — O cabo Wilder estava ficando mais animado. — Terceiro ponto: eles apareceram em setembro. Muito mais tarde do que o normal. Eles só vêm na primavera e no começo do verão.

Segundo os documentos que Sage havia estudado, havia duas rotas comerciais entre Demora e a capital casmuni, Osthiza: um trajeto tortuoso que dava a volta pela fortaleza em Vinova e seguia para o sul e um atalho pelo deserto seguindo uma série de nascentes. No entanto, a rota do deserto só podia ser usada durante alguns meses do ano, visto que muitas das fontes de água secavam no verão. Ela havia se perguntado por que não seguiam todo o rio Kaz, mas, ao escutar Wilder descrevendo o desfiladeiro Yanli, entendera.

O cabo estava certo: os casmunis só iriam até ali quando pudessem atravessar o deserto.

— Mais alguma coisa? — Sage perguntou.

Wilder deu de ombros.

— Pareceu que tinham entrado no deserto, mas era impossível seguir o rastro deles. O vento sopra tudo em um dia.

— Então, se não eram casmunis, quem você acha que eram?

— Só poderiam ser kimisaros.

Parecia uma teoria mirabolante, ainda mais para alguém que já havia demonstrado ódio por tal povo.

— Aqui? Nunca ouvi falar deles além de Tasmet.

O rosto já corado de Wilder ficou mais vermelho.

— Eu tenho uma, hum, garota numa vila perto da estrada de Jovan. Ela me contou que, no ano passado, alguns kimisaros atravessaram o desfiladeiro do sul em maio. Saquearam uma série de fazendas e desapareceram. O exército capturou alguns, mas ela disse que eram *dezenas*.

O desfiladeiro de Jovan havia sido fechado pelo exército. E se os kimisaros tivessem ficado presos daquele lado das montanhas?

— Você acredita que é para lá que eles foram? Para Casmun? — Sage perguntou.

— É meu palpite. — O cabo tomou um gole do odre de vinho.

Sage lançou um olhar para Alex, que conversava baixo com Ash Carter, longe demais para escutar.

— Você contou sua opinião ao sargento Carter?

— Duvido que daria ouvidos. Os sargentos defendem uns aos outros, pela minha experiência. — Wilder balançou a cabeça. — De todo modo, não tem importância. O deserto já deve ter engolido os filhos da mãe.

Sage assentiu, mas não pôde deixar de se perguntar se todos os kimisaros tinham mesmo ido embora.

ALEX FICOU OBSERVANDO O GRUPO EM VOLTA DA FOGUEIRA, onde Sage estava entretida numa conversa com um dos patrulheiros. Até o momento em que o capitão fora embora, eles haviam discutido principalmente a geografia local. Sage parecera felicíssima, como era típico quando aprendia algo. Seu sorriso não era completo, porém, e Alex se deu conta de que ela estava sorrindo pouco ultimamente. Na única vez em que tinha se virado para ele do outro lado das chamas naquela noite, Alex quase pudera ouvi-la desafiá-lo a dizer alguma coisa.

Depois de seguir o rastro de Sage, ele se sentia constantemente preocupado com ela, mas a garota havia obedecido e nunca saía do acampamento, nem mesmo quando Alex saía. Sempre que os norsaris voltavam de uma patrulha de treinamento, Sage os enchia de perguntas, principalmente sobre a flora e a fauna que tinham encontrado. Talvez ela se sentisse presa, daí seu interesse em conversar com pessoas que tinham visto mais da região. Alex ficava um pouco mal com aquilo, mas mantê-la ali era mais seguro para todos. E para ele.

Cass, Gram e Ash confiavam em Alex, mas aquilo mudaria se descobrissem a verdade terrível que a presença de Sage significava. Manter distância dela era uma agonia às vezes, ainda mais quando Alex podia ver que ela estava infeliz, mas já era ruim o bastante que seus amigos soubessem de sua relação. Embora Alex nunca tivesse entrado na tenda dela depois daquela noite, havia passado vários minutos observando a silhueta dela quando ficava acordada até tarde, escrevendo. Quando o primeiro relatório de Alex partiu para Tennegol, Sage havia acrescentado seu próprio pacote à remessa, bastante grosso. Uma angústia havia tomado conta dele ao pensar que nada daquilo era para ele.

— Para quem está escrevendo? — ele havia questionado. — Sabe que esta é uma missão secreta, certo?

Sage jogou a cabeça para o lado, o que continuava fazendo, apesar do cabelo curto.

— Para a rainha. Mando relatórios do progresso do príncipe. E as cartas

particulares são para Clare, que já sabe que estou aqui.

— Sobre o que você poderia discutir em tantos detalhes?

Sage abriu um sorriso sarcástico.

— Está com medo de que eu esteja escrevendo sobre você?

Era exatamente aquilo.

— Leia se quiser — Sage disse, como se não tivesse importância. — Sei que nunca confiou totalmente em mim.

Foi um golpe baixo, e o primeiro instinto de Alex tinha sido deixar as cartas em paz. Uma hora depois, ele se deu conta de que Sage o havia manipulado habilmente, então rompeu o selo e lera tudo sem nenhuma culpa. Afinal, era obrigação dos comandantes monitorar de perto todas as comunicações, ainda mais durante missões delicadas.

A escrita era espirituosa e engraçada, mas cuidadosamente neutra ao descrever os trabalhos e as rotinas do acampamento, de modo que não daria nenhuma informação significativa para o inimigo caso interceptada. Alex não pôde deixar de pensar se não havia algum código secreto sendo usado. Ao longo da noite, ele releu as cartas várias vezes, de cabo a rabo. Por mais que tentasse, não conseguiu encontrar nenhum padrão, nem nas passagens sobre ele. As mais dolorosas descreviam a solidão e a confusão de Sage com a distância que Alex vinha mantendo.

Ele refez o selo e não deu nenhum sinal a Sage de que havia lido sua correspondência. Depois, um pacote igualmente grosso chegou de Clare para ela. Embora tivesse todo o direito de ler as cartas, repassou-as sem fazer nenhum comentário. Quando Sage levou outro pacote para ser enviado com a remessa semanal, Alex conseguiu resistir a abri-lo durante duas horas. Sentia falta da voz, da perspicácia e do humor dela, mesmo se pincelados de tristeza. Acima de tudo, precisava de uma garantia de que ainda o amava.

Outra remessa sairia em dois dias. Ele já estava ansioso para a próxima leitura.

Fora do círculo da fogueira, Ash seguiu os olhos dele até os soldados reunidos.

— Como Sage está lidando com a situação? — ele perguntou em voz baixa, embora ninguém pudesse escutá-los.

— Ela nunca reclama — Alex respondeu. — Pelo menos não que eu tenha ouvido.

Ash afastou o cabelo preto dos olhos.

— Parece até que vocês não estão conversando.

— E não estamos.

O outro suspirou.

— Alex, não quero me meter...

— Então não se meta. — Alex tirou os olhos de Sage e os focou no sargento.

— Está aqui para apresentar seu relatório.

Ash balançou a cabeça.

— Já contei tudo, ou seja, nada.

O capitão sentiu um frio na barriga.

— Pensei que você tinha ido aonde os casmunis haviam acampado.

— E fui. Não ajudou muito.

Alex não havia esperado muita coisa depois de oito meses de exposição do acampamento aos elementos da natureza.

— Mas mostraram para você onde encontraram tudo. O que achou?

— Não é o lugar que eu teria escolhido para montar acampamento — respondeu Ash. — Tinha visibilidade limitada na maioria das direções e era um ponto ruim para a travessia do rio, mesmo em agosto. — O Kaz corria cheio e rápido, com a neve da montanha se derretendo. Alex não tinha se aventurado a cruzá-lo ainda, na esperança de que se acalmasse nas semanas seguintes. — Mas havia ali um caminho bastante livre para a estrada de Jovan.

— Que deveria ser o objetivo deles. — Alex cruzou os braços e virou as costas para a fogueira a fim de resistir a olhar na direção de Sage.

— Talvez. — Ash deu de ombros. — Vou subir o rio amanhã e ver se consigo arranjar alguns barcos para nós em uma das vilas. Pode ser útil.

Alex concordou.

— Parece uma boa ideia. Comunicação e viagem rápida, pelo menos em uma direção.

— Exato.

Eles ficaram em silêncio por meio minuto, quando o olhar de Alex voltou a vagar para a fogueira.

— A lua nova é daqui a dois dias — Alex disse finalmente. — O embaixador pretendia partir até lá. São uns dez dias até nossas remessas chegarem a Tennegol. Ele vai cruzar com meu segundo e meu terceiro relatório sem resultados. Não vai pegar bem.

O sargento se recostou num tronco de árvore, parecendo ainda mais baixo.

— Estou tão frustrado quanto você. Mas temos pelo menos três semanas até ele chegar.

— Ash? — O sargento ergueu os olhos. — E se não houver nada para encontrar?

Ash balançou a cabeça.

— Ninguém entra assim sem motivo. Eles vão voltar.

Era estranho torcer por uma invasão estrangeira para expulsar, mas, de algum modo, Alex sentia que sua carreira dependia daquilo.

SAGE ENTROU NA TENDA DE COMANDO com um maço de cartas na mão. Alex ergueu os olhos de onde estava escrevendo seu relatório.

— Está ficando tarde — ele comentou. — Pensei que não enviaria nada nessa remessa.

Ela deu de ombros.

— Só sai amanhã de manhã.

— Tem razão. — Ele voltou ao trabalho, mas não antes de Sage notar o brilho ansioso em seus olhos. — Pode deixar na bolsa com o resto.

— Obrigada. — Sage se ajoelhou e abriu a bolsa de couro no chão. Não havia muita coisa ali. Ela franziu a testa. Aquilo poderia ser um problema. Sage deixou seu pacote e levantou. — Não tem quase nada esta semana — comentou, como quem não quer nada.

Alex apontou para a pilha no canto da mesa.

— Estou prestes a incluir algumas páginas.

Sage relaxou. Ele devia estar acrescentando o que Ash havia descoberto enquanto estava fora. Alex parecia mais animado do que de costume. Sem dúvida porque teria algo para ler naquela noite. Talvez aquele fosse um bom momento.

— Capitão... — ela começou, e ele ergueu os olhos abruptamente. — Alex — Sage se corrigiu. — Soube que você vai atravessar o rio com uma equipe amanhã.

Ele semicerrou os olhos, desconfiado.

— Vou.

— Euestavapensandosepoderiairjunto — ela disse rápido.

Alex balançou a cabeça.

— Já conversamos sobre isso.

Aquilo não era verdade.

— Consigo acompanhar o ritmo e não vou atrapalhar. Por favor?

— Você não vai atrapalhar porque não vai junto.

— Mas...

— Eu disse não. — Alex voltou a escrever. — Você não vai sair do acampamento. Não peça mais.

Sage não achava que ele fosse concordar, mas a rejeição abrupta magoava de qualquer maneira. Ela saiu sem dizer mais nada. Parou depois de duas fileiras, para observar e aguardar. Era tarde, e a maioria dos homens do acampamento estava dormindo. Alex era o único oficial ainda acordado. Depois de dez minutos, a lanterna na tenda de comando se moveu. Ele saiu, com ela numa mão e o pacote de cartas de Sage na outra. Ela se escondeu e esperou até ele se acomodar em sua tenda pessoal para ir às escondidas até a tenda de comando.

O segredo para manter uma mentira convincente, como Sage havia aprendido no ano anterior, era ser honesta sempre que possível. Aquilo não apenas reduzia o número de mentiras que se precisava manter como também a vulnerabilidade, que em geral acompanhava a verdade, criava empatia em quem era enganado. Suas cartas para Clare eram sinceras tanto no que observava como no que sentia, mesmo quando descreviam sua frustração com Alex e o confinamento no acampamento. Parte dela queria que ele escutasse suas reclamações. As melhores iscas não eram falsas por si só.

Dentro da tenda escura, Sage se ajoelhou e procurou a bolsa. Alex a tinha mudado de lugar, acrescentado suas últimas cartas e removido as dela, mas não estava longe de onde a tinha visto. Rapidamente, ela jogou o conteúdo da bolsa sobre a túnica, localizou o selo de comandante de Alex e as enfiou na manga. Depois de prestar atenção aos sons ao redor para saber se tinha alguém por perto, saiu discretamente e caminhou tranquila até sua própria tenda.

Ela precisava se apressar. Não apenas tinha de ler tudo e voltar a selar todos, também precisava acrescentar o que era relevante ao seu já grosso relatório para a rainha. Depois, precisaria devolver tudo à tenda de comando, deixando a bolsa um pouco mais cheia. Com sorte, Alex não notaria o peso extra. Até então, não havia notado.

OS NORSARIS ESTAVAM RUMANDO PARA O SUL. Viajavam tão rápido que Huzar teve dificuldades em acompanhar o ritmo, considerando que havia perdido tempo procurando os vários kimisaros na região. Sua tática de dispersão tinha dado resultados — todos os soldados estavam vivos e foram encontrados. Ele conseguiu montar um quadro de reconhecimento nebuloso ao longo do caminho. As informações mais úteis tinham vindo dos homens que conheciam a região. Demora havia duplicado seus destacamentos itinerantes desde que Huzar havia deixado um rastro ao sul no verão anterior. Aquilo dificultaria o plano dele, mas, ironicamente, uma maior movimentação das tropas demoranas permitiria uma melhor cobertura dos rastros de suas próprias forças.

Quando os norsaris começaram a montar o que parecia um acampamento permanente, Huzar ordenou que seu segundo no comando reunisse o restante dos homens até a lua minguante. Os demoranos ficariam concentrados no treinamento durante as semanas seguintes, mas, quanto mais Huzar esperasse, maior a chance de os kimisaros serem descobertos. Também ficaria cada vez mais provável que os norsaris estivessem prontos para reagir, o que significaria morte certa para seus homens.

Huzar encontrou uma nascente de água termal nas colinas a oeste do acampamento norsari e fez suas observações dali. A região cheirava mal por causa do enxofre nas rochas, o que tornava menos provável que a região fosse patrulhada diligentemente. E, sem a nascente, ele não teria como aguentar as noites frias sem fogueira. Seu maior desafio era o tédio. Os dias eram longos quando tudo o que se podia fazer era observar e esperar. Havia um padrão a ser explorado, como em tudo o que os homens faziam. Ele só precisava descobrir qual.

Quanto mais observava, mais queria agir. A cada dia, os norsaris lá embaixo ficavam mais fortes. Quinn fora bastante inteligente em montar acampamento ali — a variedade de terrenos era excelente para o treinamento. Huzar observou grupos saírem do acampamento principal durante dias, sempre se dirigindo ao

pântano a leste — talvez até ao desfiladeiro Beskan — ou atravessando o rio ao sul, embora não parecessem ter se aventurado além da floresta e para dentro de Casmun. Uma vez, foram em sua direção, a oeste, mas não chegaram a se aproximar demais. O mau cheiro era seu aliado. Teria de se lembrar de se banhar para que não farejassem sua aproximação.

Huzar tinha muitas opções em mente. Os kimisaros possuíam quase metade do número de homens e não treinavam havia meses. Não estavam integrados o bastante para correr riscos, muito menos enfrentar os norsaris. Ainda que fosse arriscado, Huzar planejou dividir seus homens e atacar de uma forma que atraísse a maior parte dos inimigos para fora do acampamento. Os escudeiros seriam deixados para trás com uma força menor, o que incluiria o príncipe.

Quando estivessem com o garoto, o capitão Quinn ia se dispor a providenciar a passagem de Huzar pessoalmente. Seu pai era o comandante do outro lado, então ele certamente saberia com quem conversar.

Os kimisaros chegariam em casa no meio do verão.

Casa.

ALEX ESTAVA EM UM BARCO A REMO GUIADO PELA CORRENTEZA. O dia era fresco e havia uma brisa, mas o suor escorria de todos os poros de seu corpo. Ele tremia violentamente de frio e medo, à espera do que sabia que estava por vir. Gritos e sons metálicos ecoaram nas rochas em volta, ficando mais altos conforme se aproximava de uma curva no rio. Alex apertou a espada com a mão direita enquanto remava com a esquerda.

Quase lá.

Mas ele sabia o que veria. O mesmo que via todas as noites.

O som metálico de espadas atraiu sua atenção para a margem esquerda, onde Casseck, de costas, batalhava contra três kimisaros. Embora lutasse bem, estava perdendo terreno, tendo recuado para poucos passos do rio. Ele não tinha para onde ir.

Alex conduziu o barco em sua direção. Conseguiria chegar a tempo, mas...

Um grito rouco veio da margem oposta. Alex se virou e viu Sage nas mãos do duque D'Amiran, debatendo-se em vão. As mãos dela estavam atadas, seu rosto estava ensanguentado e ferido, e havia uma faca contra sua garganta.

O corpo pequeno de Charlie jazia aos pés dela, seu sangue cobrindo a areia.

Alex se obrigou a abrir os olhos e se sentou na cama de supetão, sem fôlego. Ele encostou os pés no chão, apoiou a cabeça entre os joelhos e respirou fundo algumas vezes, tentando não vomitar. Em geral não conseguia acordar antes que o sonho piorasse, mas sabia por experiência que não podia voltar a dormir, ou o sonho continuaria de onde parara.

Às vezes, Sage e Charlie trocavam de lugar. Às vezes era Gramwell, Tanner ou outro de seus homens lutando à margem do rio. Mas a escolha era sempre a mesma.

E não importava — todos acabavam mortos.

Menos ele.

A SEXTA REMESSA TINHA PARTIDO DUAS MANHÃS ANTES, e Sage começava a trabalhar na sétima. Era difícil acreditar que estava ali havia tanto tempo — e que tinha tão pouco a revelar. Cada dia que passava a deixava mais tensa. Alex estava obviamente procurando algo com todas as suas patrulhas, mas ninguém parecia saber o quê. Sem saber por onde começar, ela tinha muito pouco para investigar ou relatar à rainha. A maior parte de suas cartas era para Clare, discutindo o que havia aprendido com o estudo dos tratados comerciais. Um mensageiro da capital chegaria a qualquer momento, e Sage estava ansiosa para saber o que a amiga havia concluído.

Além disso, sentia que estava sendo observada.

Não pelos soldados — eles sabiam que estava confinada ao acampamento e ficavam de olho nela. Mas não era isso, Sage sempre pegava Alex a vigiando, ao menos quando estava por perto. Ele vivia ocupado, treinando os norsaris e liderando quase todas as missões noturnas. Sage quase nunca sabia quando saía, mas sempre percebia quando voltava, porque a primeira coisa que fazia era procurá-la. Alex raramente falava com ela, só parecia querer confirmar que não havia saído escondida em sua ausência. No entanto, não eram os olhos dele que ela sentia sobre si. Sage não conseguia explicar.

Ela selou a carta e deixou o envelope de lado. O mensageiro partiria ao amanhecer, então Sage teria que esperar até o fim da noite para incluí-lo na remessa. Embora os verdadeiros relatórios fossem acrescentados separadamente, ela não gostava de dar a Alex muito tempo para ler suas cartas. Tinha escrito muito a seu respeito daquela vez. Suas palavras eram tanto para ele como para Clare.

Espírito do céu, como ela sentia falta da amiga.

— Srta. Sage — disse uma voz de fora da tenda. Era o príncipe Nicholas, parecendo irritado por ser usado como garoto de recados.

Ela botou a cabeça para fora.

— O que foi, vossa alteza?

— O capitão Quinn solicitou sua presença na tenda de comando. — O príncipe se virou e saiu antes que Sage pudesse perguntar o motivo. Ele realmente precisava aprender a seguir ordens antes de começar a distribuí-las.

Sage demorou um pouco para ajeitar a túnica longa. A verde era sua preferida, embora a marrom-escuro escondesse melhor a sujeira e as manchas. No cinto, ela sempre carregava suas duas adagas; sentia-se desequilibrada apenas com uma. Sage saiu e se dirigiu até o centro do acampamento. Era quase hora do jantar, e o aroma delicioso de carne de veado a alcançava em todo canto.

Em frente à tenda de comando havia um grupo de soldados com uniformes prateados e cavalos. Não deviam ser apenas mensageiros. Havia alguém importante ali. Ela apertou o passo e entrou sem pedir licença — afinal, tinha sido convocada.

Seus olhos levaram um momento para se ajustar à sombra, mas ela reconheceu o embaixador Gramwell imediatamente. Ele abriu um sorriso largo.

— Chegou quem estávamos esperando!

Sage ficou confusa até ele dar um passo para o lado e revelar quem estava ali. Clare.

SAGE LEVOU ALGUNS SEGUNDOS PARA COMPREENDER que sua amiga estava mesmo ali, usando roupas parecidas com as dela. Ela nunca tinha visto Clare com algo além de um vestido longo apropriado para a realeza — mesmo suas camisolas eram ornamentadas e tinham detalhes em renda. Por um momento, Sage sentiu um frio na barriga, pensando que Clare também tinha cortado o cabelo, mas ele caía sobre suas costas em uma trança amarrada com fitas que combinavam com sua túnica vermelha até o joelho e a calça grossa.

Clare deu um salto à frente, parecendo tão feliz quanto Sage ao vê-la. As duas se abraçaram e começaram a falar uma por cima da outra “Como você está?” e “Quando foi que chegou?”. Alguém limpou a garganta.

— Se nos derem licença — Alex disse —, temos assuntos militares a discutir.

— Claro, capitão. — Clare pegou Sage pelo braço e a puxou para fora da tenda antes que pudesse contestar. — Temos que contar as novidades uma à outra.

Assim que saíram, Clare pediu para Sage levá-la até o rio, e elas desceram a colina juntas. Sage seguiu para a beira da floresta, mas Clare a guiou até um ponto próximo à margem.

— Aqui — ela disse. — Assim ninguém pode nos escutar. — Ela se sentou em uma rocha larga e plana, então começou a descalçar as botas de cavalgada. — Estou louca para pôr os pés na água.

Escolher um lugar onde não pudessem ser ouvidas e depois expor as pernas nuas? Clare estava cada vez mais surpreendente.

— Nunca pensei que veria você com algo tão curto — disse Sage, apontando para a túnica com bordados dourados com a barra na altura da coxa de Clare. — Mas a sua roupa é muito mais elegante que a minha.

— Cavalgar de saia longa por três semanas é cansativo — explicou Clare. — E ainda serão mais duas semanas até chegarmos a Vinova.

Sage inspirou abruptamente.

— Vocês vão ao posto avançado?

— Papa vai. — Clare mergulhou os dedos dos pés na água gelada e suspirou de leve. — Eu o convenci a me levar junto.

— Como?

A jovem abriu um sorriso astuto.

— Me tornando valiosa. Mama mandou uma carta me pedindo para garantir que ele se lembrasse dos detalhes que costumava deixar por conta dela. Fiz isso por ele e muitas outras coisas, até me tornar indispensável.

Sage balançou a cabeça, impressionada, enquanto descalçava as botas.

— Você cavalgou o caminho todo?

— Bom, não exatamente — Clare admitiu. — No começo, só conseguia cavalgar por metade do dia, então ia para a carruagem quando ficava muito dolorida. — Ela se aproximou para sussurrar. — Em metade do tempo, cavalguei com as pernas abertas, em vez de usar a sela para damas.

Sage abriu um sorriso para agradá-la.

— Bom para você. — Ela colocou os pés na água também. — E agora vai para Vinova.

— Claro. — Clare se empertigou. — Você estava certa sobre tudo de que desconfiávamos antes de partir. Os norsaris não estão aqui apenas para treinar, mas para impedir que os casmunis atravessem a fronteira novamente e lutar contra eles se necessário. Papa veio para iniciar o diálogo, imaginando que eles concordem em dialogar depois que sua invasão for reprimida ou impedida.

— Ele contou tudo isso a você? — Sage perguntou, surpresa.

Clare deu de ombros.

— Só que a intenção dele era entrar em contato com Casmun, mas tenho lido sua correspondência. — Ela tirou o pé branco e elegante da água para verificar uma pequena bolha crescendo no dedinho. — Acho que você não é uma boa influência para mim. — Clare baixou o pé de novo. — Não li os últimos relatórios. Passamos por três portadores no caminho, o último ontem, e nos entregaram o que estava endereçado a mim e a papa. Não guardei o que mandou, enviei direto para a rainha. Achei que pudesse me colocar a par da situação.

— Tenho muito pouco a contar — disse Sage com um suspiro. — Os norsaris vão e vêm o tempo todo, mas ninguém viu nada suspeito, mesmo cruzando o rio. Acho que Alex está se sentindo pressionado a encontrar algo. Ele parece não estar dormindo bem.

— Você não viu nada?

— Não saí do acampamento desde que chegamos.

Clare ficou boquiaberta.

— Pensei que você dizia isso nas cartas só para enganar o capitão. Quer dizer que não descobriu *nada* por conta própria? Por que veio, afinal?

— Fale baixo — Sage disse. — Não é tão simples assim. Eu sairia sozinha do acampamento se tivesse alguma ideia de onde ir. Além disso... — Ela observou ao redor. — Não acho que sejam os casmunis.

— Você escreveu isso no seu terceiro relatório, mas não sei se entendi.

— Ainda está trabalhando com aqueles tratados comerciais? — Clare fez que sim. — Lembra um que falava das caravanas atravessando o deserto?

A amiga fez uma careta enquanto vasculhava a memória.

— Eles só conseguiam viajar na primavera. Nas outras estações as caravanas vinham por Vinova.

— Exato — Sage disse. — Todas as nascentes secam. O tumulto que deixou todo mundo preocupado foi no fim do verão.

— Sim, mas existe uma diferença entre uma caravana de comércio e um exército.

Sage se recostou um pouco, perdendo a confiança.

— Verdade. Mas ninguém nunca via os casmunis depois do solstício de verão.

— Mas agora veem. Faz anos que vêm até o rio.

Sage franziu a testa.

— Só dois anos.

— Eles estão para chegar, não? Já é maio.

— Sim — Sage concordou. — Estão.

DEPOIS QUE CLARE E SAGE SAÍRAM, Alex convidou o embaixador Gramwell para se sentar enquanto ia para uma cadeira do outro lado da mesa.

— Eu estava esperando o senhor, mas Lady Clare foi uma surpresa — ele disse.

— Há um bom motivo para os embaixadores serem casados. — Lord Gramwell se serviu de um copo d'água. — As mulheres abrem portas que de outra forma seriam fechadas na nossa cara. Eu estava sentindo falta de Lady Gramwell, que está doente demais para viajar até Vinova, e Clare resolveu questões em que eu nem teria pensado. No fim, fez sentido trazê-la. — O embaixador ergueu o copo antes de tomar um gole. — Nunca subestime o valor de ter uma mulher inteligente ao seu lado, capitão.

— Jamais. — Alex não tinha dúvidas de que Sage havia influenciado Clare, e ela parecia muito feliz em ver a amiga. Talvez ele pudesse convencê-la a acompanhá-la até Vinova.

— Encontrei sua última remessa outro dia, capitão. — Lorde Gramwell apoiou o copo na mesa e encarou Alex com severidade. — Foi muito alarmante ver que não descobriu nada depois de seis semanas.

Alex tentou não se inquietar sob o olhar do embaixador, quase tão duro quanto o de seu próprio pai.

— Estou prestes a concluir que não há nada para descobrir. Talvez tenhamos nos enganado em nossa avaliação.

— Está disposto a apostar sua carreira nisso?

— Ainda não — respondeu Alex, tentando parecer calmo e confiante. — Preciso de mais algumas semanas para me assegurar.

— Você tem uma.

Uma? Alex resistiu ao pânico.

— O senhor se refere à minha próxima remessa?

Lord Gramwell balançou a cabeça.

— Não, capitão. Me refiro à chegada do coronel Traysden. O mensageiro de

Tennegol que nos alcançou hoje de manhã trazia isto para você. — Ele enfiou a mão no bolso do gibão e tirou uma carta selada. — Também recebi uma, mas imagino que o conteúdo seja o mesmo.

Alex rompeu o selo enquanto uma gota fria de suor escorria.

Capitão Quinn,

Considerando seus achados, ou a falta deles, dedicarei minha atenção total à sua missão. Se seu quarto relatório, que já foi mandado a essa altura, não contiver nenhuma informação nova, partirei para sua posição no dia seguinte, provavelmente chegando duas semanas depois. Se considerar necessário, assumirei então o comando do Primeiro Batalhão Norsari.

Respeitosamente,

Coronel K. Traysden

Alex soltou a carta e puxou um calendário. Se as remessas levavam dez dias até Tennegol, a quarta devia ter chegado sete dias antes. Descontando um dia para se preparar e resolver as questões necessárias, o coronel já deveria estar viajando havia cinco. Sem dúvida, teria cruzado com o quinto relatório e encontraria o sexto dali a alguns dias. Alex tinha oito ou nove até o coronel chegar. Dez, com sorte.

O embaixador Gramwell o observou calmamente.

— Parece necessário lembrar a você que o coronel Traysden cuida de todos os relatórios da Inteligência do reino. Embora importante, esta questão é apenas uma entre as muitas preocupações dele. Sua falta de progresso monopolizou a atenção do coronel em um momento perigoso.

Alex sentiu que ia passar mal.

— Estou do seu lado, capitão — disse o embaixador. — Rezo ao Espírito para que tudo seja um engano e não haja nenhum conflito iminente. — Ele se levantou e olhou para Alex. — Mas, qualquer que seja sua avaliação, sugiro que esteja pronto para defendê-la quando o coronel Traysden chegar.

CLARE E O EMBAIXADOR PARTIRAM CEDO NA MANHÃ SEGUINTE. Levariam um dia inteiro para voltar à estrada de Jovan, onde sua caravana os esperava. Sage estava selando o cavalo da amiga quando Lord Gramwell se aproximou.

— Você ainda é bem-vinda para nos acompanhar, srta. Sage. Sei que Clare adoraria ter a sua companhia.

Na noite anterior, ela tinha jantado na tenda de comando com os oficiais e seus convidados. O embaixador Gramwell a havia convidado a viajar com eles para Vinova, como acompanhante de Clare. Sage recusara a oferta educadamente, lançando um olhar para Alex, que ela desconfiava que tinha sugerido aquilo. Clare dormira em uma cama na tenda de Sage e, nas conversas noite adentro, admitira que o tenente Gramwell havia lhe pedido para persuadi-la a ir.

— Lamento, mas tenho muito trabalho a fazer com o príncipe — ela disse ao embaixador. — Sua majestade depende de mim para deixá-lo no nível em que deveria estar.

O príncipe Nicholas estava atrás de Lord Gramwell, segurando a rédea de seu cavalo. Ele mostrou a língua para Sage, que manteve uma expressão neutra.

— Muito bem — disse o embaixador. — Onde está Clare agora?

— Acredito que esteja cuidando de algumas questões femininas de última hora, embaixador — Sage respondeu, sabendo muito bem que ainda estava na tenda dela, despedindo-se de Luke.

— Não precisa dizer mais nada, srta. Sage — ele disse, parecendo constrangido.

Um minuto depois, Clare apareceu, com o tenente Gramwell carregando sua bolsa. Sage ajudou a amiga a montar no cavalo enquanto Luke se despedia do pai.

— Imagino que Alex vá enviar as remessas para Tennegol e Vinova agora — Sage disse em tom baixo. — Vou mandar meus relatórios a você, que pode encaminhar para a rainha. Vai demorar mais, mas não me atrevo a mandar nada além de relatórios de progresso diretamente para ela.

— Certo — Clare disse, pegando as rédeas e parecendo bem à vontade montada com uma perna de cada lado, ainda que a posição fosse deselegante. — Tomara que você tenha algo concreto para contar da próxima vez.

Sage fechou a cara.

— Fiz muitas traduções. Mais do que você.

— Bom, você não tem mais ninguém a quem escrever — Clare disse, depois corou. — Desculpe, não quis dizer nesse sentido.

— Eu sei — Sage respondeu. Ela não se arrependia de ter ido, e em momento nenhum havia considerado abandonar sua missão, mas, se não estivesse ali, Alex escreveria para ela. Ironicamente, ambos estariam se comunicando mais do que no acampamento.

O embaixador já havia montado e guiava a pequena comitiva para fora do acampamento. Clare olhou para Sage uma última vez.

— *Bas medari* — ela disse, usando o cumprimento casmuni.

— *Bas medari* — Sage respondeu.

Quando o grupo havia desaparecido na trilha entre as árvores, Sage deu meia-volta, pensando em faltar ao treinamento matinal para se recuperar depois de ter ficado acordada até tão tarde com Clare, estudando palavras e frases em casmuni, discutindo quais eram as sílabas tônicas. Sage estava entrando na tenda quando percebeu que os norsaris reunidos não pareciam estar se exercitando. Curiosa, ela se dirigiu até eles.

Os homens se mantinham em posição de sentido enquanto Casseck chamava alguns nomes. Quando terminou, Alex deu um passo à frente.

— Os que foram chamados estão dispensados das tarefas do dia e vão se apresentar ao quartel-mestre para buscar materiais. Partiremos à meia-noite.

Sinais de surpresa reverberaram pelas fileiras. As patrulhas sempre tinham sido feitas a partir de pelotões predefinidos, mas os homens selecionados eram de todos eles. Além disso, sempre partiam ao amanhecer, então ou estavam com pressa ou faziam algo que pedia a cobertura da escuridão. Talvez as duas coisas. O embaixador teria dado uma missão especial aos norsaris?

Alex deu um passo para trás.

— Continue — ele disse a Casseck, que assumiu o comando. Os soldados designados saíram da formação e seguiram para as tendas de provisões.

O príncipe Nicholas cruzou os braços e fez bico.

— Nunca sou escolhido.

Sage esperou até quase meio-dia antes de procurar Henry, um dos escudeiros convocados. Ele estava separando seus equipamentos enquanto o príncipe

costurava emburrado um rasgo em sua túnica.

— Olá, Henry — Sage cumprimentou ao se aproximar. — Soube que não irá hoje. — O escudeiro participava com entusiasmo das aulas dela, embora talvez menos para aprender e mais para não ter que lavar os estábulos à tarde.

Henry ergueu os olhos. Ele era o mais raquítico dos quatro escudeiros — mais ou menos da altura e do peso dela. Sage quase sempre fazia par com ele nas lutas.

— Olá, srta. Sage. Estava dizendo agora a sua alteza que as patrulhas são menos divertidas do que ele pensa.

— Ele não considera que, quando sai, minha carga de trabalho aumenta — disse Nicholas, rabugento.

— Nunca estive em uma patrulha — Sage respondeu —, então não sei dizer. — Ela examinou o equipamento separado sobre o saco de dormir de Henry. — O que você tem aí? — perguntou, apontando para um pacote disforme.

Henry ergueu uma faixa de tecido larga e comprida.

— Preciso transformar isso numa espécie de véu. É para cobrir o rosto. — Ele olhou para o príncipe. — Mas *alguém* está usando a linha e a agulha.

— Calma aí — o príncipe retrucou. — Se você vai levar isso, preciso remendar minha túnica agora.

— Ou você pode pegar um kit de costura emprestado com Harold ou Elliot — disse Henry.

— Harold também está usando o dele para fazer o véu.

Henry revirou os olhos para Sage.

— Já tentou discutir com um príncipe?

— Toda tarde. — Sage teria oferecido seu próprio kit, mas, se havia uma disputa em torno de agulhas, talvez não o recuperasse. — Você sabe aonde estão indo?

— Ninguém nunca se dá ao trabalho de contar nada aos escudeiros, mas deram a todos nós um cantil a mais e isto aqui. — Henry ergueu um odre grande para ser carregado nas costas.

Havia água de sobra na região, então a necessidade de carregar mais só poderia significar uma coisa: estavam indo para o deserto.

Para Casmun.

ENTRAR ESCONDIDA NA COMPANHIA TINHA SIDO MAIS FÁCIL do que Sage imaginara. Henry tinha concordado em deixá-la ir no seu lugar quando percebera que aquilo significava passar vários dias sem cumprir suas tarefas e dormindo até tarde. Em vez da túnica com cinto e da calça justa que sempre usava, Sage aproveitou o tecido de uma calça rasgada que havia sido descartada para adaptar em uma peça para seu corpo delicado. Aliada à túnica larga de escudeiro, escondia bem suas formas. Ela ficou com medo de se destacar com o véu já em volta da cabeça, mas a noite estava fria, de modo que metade dos homens reunidos já tinha o rosto coberto também.

O momento mais difícil foi pouco antes de partir. Sage estava em sua tenda, enchendo a mochila emprestada de Henry, quando Alex chegou para vê-la. Felizmente, ele não entrou de pronto, como tinha feito na primeira noite.

— Sage? — o capitão chamou do lado de fora da tenda. — Está vestida?

— Sim — ela disse sem pensar, porque estava de fato vestida. Então quase gritou: — Não, espere! Não entre!

A sombra da mão dele caiu.

— Só queria me despedir.

Sage se aproximou da entrada.

— Aonde vocês vão?

— É só uma patrulha de treinamento. — A voz dele parecia tensa e distraída.
— Mas vai ser longa.

Alex nunca tinha se dado ao trabalho de se despedir. Ela não sabia como reagir.

— Se cuide — Sage disse finalmente.

Os dedos dele encostaram na lona.

— Eu te amo — Alex disse em voz baixa.

Sage estendeu o braço para tocar o mesmo ponto, mas ele tirou a mão.

— Também te amo. — Ela não sabia se ele tinha chegado a ouvir sua resposta.

Mais tarde, o grupo vadeou o rio e desceu à sua margem por cerca de um

quilômetro e meio, quando Alex mandou que parassem e bebessem a água do cantil antes de voltar a enchê-lo. Então os guiou para o sul por mais alguns quilômetros, para longe da água, até chegarem aonde a vegetação acabava e começava a areia. Sob a luz da meia-lua, as dunas pareciam em preto e branco, os contornos das sombras distintos e pronunciados.

Alex se virou para ficar de frente para seus homens. Sage se escondeu atrás de um soldado, sem querer correr o risco de ser notada.

— Todos deverão permanecer alertas e vigilantes — ele disse. — Se virem algum sinal de gente, comuniquem de imediato. A região é desabitada, mas estejam preparados para se defender. — Alex acenou para o tenente Gramwell, ao seu lado, subiu o véu para se proteger da areia, virou-se e entrou no deserto sem dizer mais nenhuma palavra.

Ninguém falou durante as primeiras horas, todos concentrados em andar na areia movediça. Ao nascer do sol, Sage mal conseguia diferenciar os norsaris, de tão cobertos de areia que estavam. Alex os guiou por uma distância indeterminada para o sul — ou ao menos ao que ela pensava ser o sul —, então se voltou para o sudeste. Sage se perguntou se ele sabia aonde estava indo — ela não conseguia ver nenhum ponto de referência. Os escudeiros, em geral eram ignorados, exceto quando o grupo parava para descansar, e todos passavam as provisões e enchiam os cantis a partir das “mulas”, grandes bolsas d’água carregadas pelos maiores homens. No meio da tarde, quando pararam para erguer as tendas e descansar durante as horas mais quentes do dia, Sage se sentia bem confiante de que conseguiria manter o disfarce, especialmente se todos continuassem com o rosto coberto o tempo todo.

As complicações surgiram na primeira noite.

Eles haviam parado de novo ao pôr do sol, para descansar e esperar a lua subir, de modo que conseguissem ver aonde estavam indo. Sage estava se instalando na pequena tenda que dividia com Harold, o outro escudeiro, quando entreviu um fio ruivo na cabeça ao seu lado. Sabendo exatamente quem encontraria, ela arrancou o véu do garoto.

— Alteza! — Sage chiou. — Em nome do Espírito, o que está fazendo aqui?

— Olha só quem fala! — O príncipe tinha um sorriso sonolento no rosto ao se virar para ela. — Digamos que me inspirei na minha admirável tutora.

— Você não pode ficar aqui! — ela sussurrou, furiosa. — Tem ideia do que o capitão Quinn vai fazer quando descobrir?

— Você não parece preocupada com as consequências.

— Porque não pretendo ser pega. — Sage deu um soco forte no ombro dele.

— Ai! Nem eu. — Nicholas esfregou o lugar em que ela tinha batido. — O que ele pode fazer? Confinar a gente ao acampamento? Não vai ser diferente das últimas seis semanas.

— Ele pode fazer coisa muito pior do que isso.

— Então não seja pega. — Nicholas deu de ombros e voltou a se deitar de lado e de costas para ela.

Como se fosse fácil. Sage bateu na cabeça dele e jogou o véu sobre ele.

— É melhor usar isso até nos seus sonhos.

ALEX TINHA DOIS OBJETIVOS NO DESERTO, ALÉM DE NÃO MORRER.

O primeiro era encontrar casmunis e descobrir o que estavam fazendo. As estimativas da invasão do ano anterior eram de aproximadamente cem homens, então ele levava quarenta consigo — escolhidos a dedo de diferentes pelotões —, além do tenente Gramwell e de dois escudeiros, supondo que poderiam enfrentar o dobro de homens tranquilamente. Se os casmunis estivessem em número significativamente maior, seria melhor que nenhum dos demoranos sobrevivesse.

Caso os norsaris não encontrassem ninguém, o plano B era mapear alguns quilômetros do deserto antes de voltar. Daquele modo, pelo menos teria algo tangível para apresentar ao coronel Traysden.

No entanto, o deserto tinha extremamente pouco a ser mapeado. Não havia formações rochosas nem morros permanentes entre as dunas ondulantes. Se Alex não tivesse anos de prática se orientando pelo sol e pelas estrelas, teriam ficado completamente perdidos já na primeira noite. Na manhã seguinte, Alex guiara o grupo para oeste, com o intuito de completar um grande triângulo ao voltar. Ele estava duplamente contente por ter decidido viajar a pé. Cavalos teriam precisado beber mais água do que poderiam carregar e poderiam se machucar nas areias profundas.

Não havia sinais de casmunis.

A lua nascia mais tarde e minguava a cada noite, oferecendo cada vez menos luz. Ele tinha dito a Casseck que podia esperar seu retorno para depois da lua nova, mas, a menos que encontrassem água logo, teriam de voltar antes. Alex tentava se convencer de que a missão não fora um fracasso completo. As experiências de atravessar as areias e aprender como era fácil se desorientar e se desidratar já eram valiosas. Nenhum dos homens subestimaria o deserto no futuro.

O vento ficou mais forte na terceira manhã, e a visibilidade era tão ruim que Alex mandou todos pararem até a parte mais quente do dia passar, uma atitude que também conservava água. Ele estava sentindo o peso das noites insones, mas o calor tornava quase impossível dormir. Só conseguia uma ou duas horas de

sono antes de despertar com pesadelos. Então ficava deitado em sua tenda sufocante, pensando. Quando desmontassem acampamento, guiaria os norsaris para nordeste. Estariam de volta ao rio em dois dias, sem ter descoberto nada.

Precisava ver Sage.

Casseck priorizaria a proteção dela, Alex não tinha dúvidas. Mesmo assim, a presença dela no acampamento o puxava como uma corda tensa, tentando levá-lo de volta para garantir que estava bem. Ele se perguntou se, inconscientemente, não tinha evitado correr riscos nas semanas anteriores para não ter de fazer a escolha que sempre enfrentava em seus sonhos. Naquele caso, merecia seu fracasso.

Alex deveria ter contado a ela, deveria ter tentado explicar, mas aquilo seria admitir que era indigno de sua missão. Se nunca dissesse em voz alta, poderia alimentar a esperança de que não era verdade.

E ainda importava? Ele estava prestes a perder o comando.

Havia tanta areia no ar que ficava impossível saber que horas eram. Ao pôr do sol, os norsaris seguiram de volta para o rio Kaz, marchando na escuridão cada vez maior. A cada cem metros, mais ou menos, Alex parava para se orientar pelas estrelas. Às vezes, levava um minuto inteiro para encontrar as certas, de tão densa que era a poeira.

O capitão desistiu e mandou seus homens pararem e montarem acampamento por volta da meia-noite. Estava na direção de onde soprava o vento tentando decidir se queria mais guardas no perímetro quando escutou uma voz falando uma língua que não reconhecia.

Ele puxou o tenente Gramwell.

— Você ouviu?

Gram parou por alguns segundos, depois fez que sim.

— Não parece demorano. Duas vozes no mínimo.

— Continuem montando acampamento, mas coloquem mais sentinelas. Vou levar um esquadrão para investigar.

— Quer que montemos uma tenda grande? — As tendas para duas pessoas que carregavam podiam ser combinadas em tendas maiores. A pergunta implícita era se algum “convidado” com que Alex voltasse seria detido em uma.

O capitão assentiu.

— Faça uma com quatro tendas.

Com tantos sentinelas em posição, haveria menos necessidade de abrigo para os homens.

Gramwell bateu continência, então acrescentou:

— Não se perca.

Alex retribuiu a continência. O medo de se perder não saía de sua cabeça também; com o vento, os rastros na areia desapareciam em questão de minutos. Ele selecionou e instruiu oito homens, depois fez sinal para que ficassem em silêncio, embora o vento parecesse estar a favor deles. Alex contou seus passos, de olho nas estrelas.

Depois de uns quinze minutos, as vozes ficaram um pouco em silêncio, então foram ouvidas de novo, muito mais altas daquela vez, claramente em outra língua que não demorano. Alex confirmou se as armas estavam preparadas e seguiu em direção ao som.

De repente, ouviu-se um grito. Alex parou e observou ao redor, entrevendo o brilho de uma luz a cerca de trinta metros.

— Tire a cobertura da lamparina — ele disse, e o homem ao seu lado obedeceu prontamente. — Aponte para lá.

Ao sinal, duas figuras correram na direção deles o mais rápido possível, considerando a areia e o vento. Alex manteve a mão na espada, mas não a sacou.

— *Wohlen Sperta!* — o homem sem lanterna disse, estendendo o braço para cumprimentar um dos norsaris. Tarde demais, ele e seu companheiro perceberam que não estavam entre amigos.

Nove contra dois não era uma luta justa, mas Alex não se importou.

Mal dava para ver a lua minguante através da névoa quando Alex voltou.

— Trace um perímetro de nível cinco — ele disse a Gramwell. Aquilo significava menos homens para proteger os cativos, mas os dois estavam obviamente buscando companheiros perdidos. Tinham corrido na direção dos demoranos sem hesitar, então era seguro supor que ainda havia casmunis na região.

A tenda combinada que Gram havia montado era grande o bastante para reservar um espaço em volta dos prisioneiros. Alex esperou até os homens serem amarrados. Não tinha como se comunicar com os dois casmunis, que pareciam tão exaustos quanto ele. Alex supôs que tinham vagado sozinhos por muito tempo. Depois que estavam bem amarrados, ele saiu da tenda.

Os dois escudeiros estavam do lado de fora, observando de certa distância. Ambos o vinham evitando, o que não era incomum. Os mais novos tinham um pouco de medo dele, até mesmo o príncipe, mas a curiosidade parecia ter sido mais forte daquela vez. Na idade deles, Alex tinha o mesmo temor de seu capitão — os oficiais sempre pareciam muito seguros de si. Agora, sabia que sofriam para cumprir seus deveres tanto quanto qualquer escudeiro, tentando não errar

nem levar ninguém à morte. De repente, invejou os dois. Suas vidas e obrigações eram muito mais simples.

Era impossível esconder os prisioneiros deles. Alex concluiu que era melhor deixar que vissem, em vez de permitir que a imaginação criasse detalhes onde não havia. Ele sabia como era estar no lugar deles, desesperado para ver o inimigo pela primeira vez — em condições seguras.

Alex sorriu de leve.

— Levem água e biscoitos para esses homens — ele gritou, apontando com o polegar por cima do ombro. Por alguns segundos, considerou supervisionar o encontro, mas achou melhor não. Os escudeiros tinham idade suficiente para se virar e mereciam a confiança de seu capitão para reforçar sua autoestima.

Além disso, ele precisava tirar uma soneca.

SAGE ENTROU NA TENDA COM OS JOELHOS TRÊMULOS. Nicholas a seguiu, e o soldado de guarda saiu para esperar do lado de fora. Nem a tenda maior abrigaria os cinco confortavelmente. O guarda sem dúvida pensava que os escudeiros ficariam bem com os dois casmunis amarrados e exaustos.

Eles estavam de costas um para o outro, com os punhos atados sobre as pernas estendidas. Seus tornozelos também tinham sido amarrados. A julgar pelas marcas nas camisas curtas, os cintos que usavam tinham sido retirados. Sage supôs que o homem de frente para ela tinha cerca de trinta anos. Uma longa cicatriz branca atravessava a pele fortemente bronzeadada de sua testa. Uma barba preta rala cobria seu rosto e seu pescoço. Seus olhos cor de avelã a examinavam com um brilho inteligente. Sage tirou o véu para deixar que ele observasse todos os detalhes de seu rosto e de seu cabelo. O homem fungou, mas não disse nada.

Sage inspirou fundo.

— *Bas medari* — ela disse.

Os olhos do homem se arregalaram. Sage percebeu a ironia de desejar boa sorte a um homem capturado tarde demais, mas ele inclinou um pouco a cabeça e respondeu:

— *Basmedar*.

Ele fazia soar como uma palavra só, marcando uma diferença entre o casmuni falado e o escrito, ou entre os trezentos anos de evolução da língua. Talvez ele só tivesse um sotaque de camponês ou algo do tipo. Mas tinha entendido Sage. Nicholas ficou em silêncio, como ela havia instruído.

“Depois que a água tiver sido repartida e a boa vontade confirmada”, diziam os documentos que ela havia estudado, “as negociações podem ter início.”

Sage colocou a mão dentro da túnica e tirou um cálice pequeno, contando com a formalidade para distingui-lo de qualquer coisa que o homem pudesse já ter recebido. Ela se voltou para Nicholas e fez sinal para enchê-lo com seu cantil. Ele obedeceu, então Sage se virou para o prisioneiro e deu um gole lento e deliberado, sabendo que o homem estava observando todos os seus movimentos.

Em seguida, ajoelhou-se e ofereceu o copo a ele.

Depois de um longo momento de silêncio, durante o qual a coragem de Sage quase fraquejou, o homem lambeu os lábios e ergueu as mãos amarradas para aceitar o cálice. Ele o pegou desajeitadamente, mas o levou à boca e bebeu tudo. Sage fez sinal para Nicholas enchê-lo novamente. O casmuni deu um gole deliberado e estendeu o cálice para o príncipe.

— Beba — Sage sussurrou, sua voz só um pouco mais alta que o vento lá fora.

— Não sou idiota — Nicholas murmurou, fazendo o que ela dissera.

O casmuni indicou com a cabeça o companheiro atrás de si, que observava tudo por cima do ombro. Nicholas se apressou a encher o copo para ele.

— *Pala wohl seya* — o homem diante de Sage disse. “Eu lhe agradeço.”

— *Pala wohlen bas* — Sage respondeu. “Estou bem agradecida.” Ela se apoiou nos calcanhares e levou as mãos ao peito. — Sage Fowler.

— Saizsch Fahler — o homem repetiu com a voz grave. — Darit Yamon — disse então, apontando para si mesmo. Então indicou o outro logo atrás, que usava um lenço verde sobre a cabeça. — Malamin Dar.

Ela repetiu os nomes, e o homem assentiu. Tudo estava indo bem.

— *Sey basa tribanda?* — ela perguntou. “Vocês estão bem acomodados?”, era o que acreditava ter dito.

Darit arqueou as sobrancelhas. A cicatriz branca desapareceu entre as rugas de sua testa, e a sombra de um sorriso ergueu o canto de sua boca. Ele levantou as mãos.

— *Palan pollay basa hastinan.*

Sage se esforçou para distinguir e entender as palavras dele. *Palan* significava “meu” ou “minha”, *basa* era “bom” ou “bem”. Darit tinha mostrado as mãos, então *pollay* provavelmente se referia a elas. Ela registrou a palavra em sua cabeça e buscou algo que soasse como *hastinan*. Na verdade era *hastin* — curral.

“Minhas mãos estão bem confinadas.”

Darit tinha senso de humor. Precisaria disso — e de paciência — para que se entendessem.

— Você perdeu seus amigos no deserto? — ela perguntou.

Ele balançou a cabeça.

— Não, no *sera*.

— *Sera?* — ela repetiu. Não conhecia aquela palavra.

Darit soltou o ar pela boca, imitando o vento forte do lado de fora da tenda. No vento. Ele queria dizer que a tempestade de areia o havia separado de seus companheiros, o que era interessante.

Sage se ateve a frases rudimentares, sabendo que ia se atrapalhar com a conjugação verbal.

— Aonde viajam?

O casmuni considerou a pergunta por alguns segundos, depois respondeu:

— Fronteira.

— Viajam em Demora?

A expressão de Darit se endureceu.

— Não, continuo em meu país.

A mensagem era clara, e Sage entendia a indignação dele. Queria perguntar mais, mas seu tempo estava acabando, então virou para Nicholas.

— Dê comida a eles.

O príncipe avançou e ofereceu um biscoito seco a cada um. Darit mastigou o seu devagar, franzindo o rosto, claramente pouco impressionado com o sabor. Quando terminaram, os dois lhes deram mais água, direto do cantil.

Quando já se preparavam para sair, Sage parou para encarar Darit.

— Não fale nada — ela pediu a ele, levando o dedo aos lábios. Darit franziu as sobrancelhas, mas Sage saiu da tenda antes que ele pudesse responder.

O VENTO ESTAVA FINALMENTE PERDENDO A FORÇA, graças ao Espírito. Eles levantaram acampamento pela manhã, porque Alex queria ir o mais longe possível de onde haviam encontrado os casmunis. Ao pôr do sol, a tempestade de areia tinha diminuído, deixando a paisagem em completo silêncio exceto pelos sons dos norsaris em marcha. O silêncio era inquietante depois de tanto tempo sob o sopro constante do vento. O capitão caminhou à frente, junto aos prisioneiros, na esperança de notar sua reação se vissem ou ouvissem algo. O que tinha uma cicatriz ficava olhando para a coluna de homens logo atrás. Contando e avaliando, sem dúvida. Alex teria feito o mesmo.

A atitude de Alex incomodava a si próprio. Pretendia fazer prisioneiros quando os casmunis voltassem a se aventurar em Demora, e teria motivos para tal, mas aqueles homens estavam sendo tirados de sua própria terra. Não era certo.

Mas o capitão precisava de respostas, e não apenas por causa da chegada do coronel. Com uma porção tão grande do exército ocupada em Tasmet, uma força poderia marchar até Tennenhol praticamente desimpedida. Se os casmunis estavam trabalhando com os kimisaros, poderia ser o fim de Demora.

Como se comunicaria com aqueles homens?

Sage seria capaz de ler os casmunis silenciosos como um livro. Línguas eram um de seus muitos pontos fortes; se alguém pudesse se comunicar com eles, seria ela. Aquilo significaria colocá-la dentro de seu círculo íntimo, que até então contava apenas com Ash. Alex adoraria saber a opinião dela, mais que a de qualquer outra pessoa. Ele também finalmente poderia incluir seus oficiais. Não seria mais um segredo que precisava guardar sozinho.

Agora que tinha aqueles homens como prisioneiros, porém, as coisas ficariam mais perigosas. Ele tentaria convencer Sage a ser a portadora de seu relatório. A família real confiava nela, e as informações eram tão importantes que ela provavelmente não recusaria. Talvez Alex pudesse enviar o príncipe junto. Seu tio queria que o menino amadurecesse, mas, em algum ponto, o risco passaria a

ser grande mais.

Eles caminharam todo o dia e noite adentro até o nascer da lua. Então Alex se sentiu mais seguro para montar acampamento. Como os homens vinham andando fazia quase vinte horas, era fundamental descansar. O capitão não tinha muita certeza de sua localização, mas desconfiava que faltavam apenas cinquenta ou sessenta quilômetros até o rio.

Estavam quase lá.

LEVARIA APENAS UMA HORA PARA O SOL NASCER, e Sage estava caindo de cansaço, mas tinha de conversar com os casmunis enquanto a maioria dos norsaris estava dormindo ou ocupada. Nicholas roncava dentro da tenda deles.

Ela ficou com medo de que o guarda não saísse, mas os casmunis estavam sozinhos quando entrou na tenda, dormindo com as mãos e os pés amarrados.

— Darit — Sage sussurrou, cutucando o ombro dele de leve.

O homem abriu os olhos e piscou algumas vezes.

— Saizsche Fahler?

— Sim — ela respondeu em casmuni, baixando o véu. — Água?

Ele fez que sim, e Sage lhe deu um gole de seu cantil. Darit se apoiou no cotovelo.

— Por que está aqui? — perguntou.

— Aqui com você ou aqui em Casmun?

Darit abriu um sorriso irônico.

— As duas coisas.

Apenas o desespero — ou ordens — poderia ter levado Alex a ser tão imprudente, mas nenhuma daquelas explicações depunha a favor de Demora.

— Não sei por que em Casmun — ela disse. — Quero ajudar você. Mas primeiro deve dar respostas.

Ele a analisou por um momento.

— Onde aprendeu a língua casmuni?

— Aprendo palavras com tratados antigos — ela respondeu. — Estou falando bem?

Os olhos de Darit brilharam de divertimento.

— Você fala como uma criança.

Sage sorriu.

— Entender é mais importante.

— Sim. — A expressão bem-humorada dele desapareceu. — Quais são suas perguntas?

Sage respirou fundo.

— Por que casmunis vão a Demora ano passado?

— Não fomos.

— Vemos prova — ela insistiu. — Casmunis vêm e vão dez meses atrás.

— Perto daqui? — Ela fez que sim, e ele balançou a cabeça. — Impossível. O deserto não permite.

Como os tratados comerciais afirmavam.

— Por que sei que é verdade? — ela insistiu.

Os lábios de Darit se curvaram num meio sorriso.

— Tente cruzar a areia depois do solstício e verá com seus próprios olhos.

O excesso de palavras na resposta dele a confundiu. Darit precisou repetir duas vezes para Sage entender. Ela observou ao redor, nervosa. Um guarda poderia entrar a qualquer momento.

— Então quem? Kimisaros? Vocês aliados?

Uma expressão de repulsa perpassou o rosto de Darit.

— Zara crescerá no deserto antes de Casmun se aliar a Kimisara.

Zara tinha sido algo muito negociado, a julgar pelos documentos. O melhor palpite de Sage era que fosse algum tipo de grão.

— Pode provar? — ela perguntou. — Se sim, faço meus amigos te darem liberdade. — Era uma oferta ousada que ela não sabia se conseguiria cumprir, mas que fizera mesmo assim.

— Tenho amigos que podem me libertar. — Ele se inclinou para a frente. — Muito mais do que vocês têm aqui.

Darit provavelmente fazia parte de uma patrulha destacada de um grupo maior, o que significava que os outros deveriam estar a dias de distância. Era um blefe, ao menos por enquanto, mas Sage não o contradisse.

— O que faz quando livre? — ela perguntou.

Ele deu de ombros.

— Vou relatar tudo ao meu rei. Ele estava interessado no seu país. Por isso visitamos a fronteira.

— Para espionar? — Estava ficando mais fácil entendê-lo, em parte porque ele falava de maneira que ela pudesse distinguir suas palavras cuidadosamente escolhidas.

— Para avaliar suas boas maneiras. Que não são muito boas, me parece.

A mente de Sage estava acelerada. Se o deserto era intransponível depois do solstício, Darit não tinha muito tempo para voltar.

— Amigos aguardam seu retorno? — ela perguntou.

Darit devia seguir a mesma linha de raciocínio.

— Alguns dias. Depois, não terei como encontrá-los ou segui-los. — Ele parou de repente, parecendo perceber que tinha admitido que não esperava um resgate.

— Eles abandonam você se atrasar?

O casmuni engoliu em seco e assentiu.

— Sim. Precisam voltar. As nascentes estão secando.

— Até ano que vem — ela disse, sem questionar se os amigos dele iam buscá-lo.

Darit a encarou nos olhos.

— Sim. Até o ano que vem.

A entrada dos norsaris em Casmun daquela forma era pior do que um ato de guerra. Levar aqueles homens como prisioneiros só agravava as coisas. Sage tinha de corrigir aquele erro antes que Demora tivesse que lidar com uma invasão de verdade. Ela precisava contar a alguém o que sabia — que os casmunis não haviam feito reconhecimento de Demora e não tinham intenção de invadir. Prender aqueles homens podia provocar a própria guerra que Alex estava tentando evitar.

Sage se levantou, com a intenção de ir direto ao capitão, mas foi impedida pela visão súbita de sua tentativa de explicar tudo. Alex não ia lhe dar ouvidos. Ela não apenas tinha falado com os casmunis como agira pelas costas do capitão por semanas — basicamente espionando-o. Mas o pior era que estivesse ali. Alex ficaria tão furioso que Sage não conseguiria proferir nem dez palavras. Horas depois de voltar ao acampamento, seria mandada de volta para Tennegol. Falar com o tenente Gramwell ou esperar até conseguir defender seu argumento diante de Casseck não ajudaria. Pelo menos não a tempo.

Darit observou enquanto ela andava de um lado para o outro, discutindo em silêncio consigo mesma. O rei casmuni se aproximava de Demora com cautela, testando suas “boas maneiras”, como o homem dissera. Sage não tinha dúvida de que voltariam no ano seguinte. Se atravessariam o deserto com um exército em fúria ou com a intenção de dialogar dependia da libertação daqueles homens.

Ela mesma teria que os soltar. Sozinha.

Sage se ajoelhou diante de Darit.

— O tempo é pouco — ela disse. — Se der liberdade, você fala bem de Demora?

Darit pareceu cético.

— Isso está em seu poder, Saizsch Fahler? Andei observando você, e me

parece estar abaixo de todos esses homens.

— Ajo sem permissão.

Ele semicerrou os olhos, desconfiado.

— Por que faria isso?

— É tudo um mal-entendido — ela disse. — Corrijo erro.

Darit tentou se empertigar.

— Pode causar problemas a você.

A raiva de Alex não a assustava tanto quanto as consequências de confinar aqueles homens por mais tempo. Suas ações chegariam até o próprio rei, mas ele ao menos daria ouvidos a ela, ainda mais com a rainha ao seu lado. Sage cerrou os dentes.

— Sou mais do que vê.

— Nisso eu acredito — Darit disse, seco.

Sage se levantou e limpou a areia da calça. Com a lua nova chegando, a escuridão da noite duraria várias horas. Precisava começar a planejar.

— Devo ir — disse, ajeitando o véu sobre o rosto, deixando apenas os olhos expostos.

Ele ergueu as mãos atadas na direção da mão dela.

— Boa sorte, Saizsch Fahler.

Sage apertou os dedos do homem em retribuição, tentando ignorar o frio na barriga. O que ela planejava fazer beirava a traição.

— Esteja preparado.

Ela saiu da tenda e trombou com tudo em Alex.

SAGE CAMBALEOU PARA TRÁS. Alex a segurou pelo braço antes que caísse no chão.

— Calma aí, rapaz — ele disse, ajudando-a ficar de pé.

Ele soltou Sage assim que ela recuperou o equilíbrio. A jovem se encolheu se afastando, tentando fazer a mente funcionar. Henry normalmente evitava a atenção de Alex, mas teria dito alguma coisa naquele caso.

— Perdão, senhor — ela disse, tentando imitar a voz rouca do escudeiro, que começava a falhar.

— Sem problemas. — Alex soava cansado. — Henry, não é?

Ela assentiu, fitando o chão. Não importava o que fizesse, mas não podia deixar que ele visse seus olhos. Graças ao Espírito estava escuro.

— O que estava fazendo lá dentro? — Alex perguntou com severidade, ainda que parecesse achar graça na situação.

Sage ergueu o cantil para mostrá-lo.

— Dando água para eles — ela disse, com a voz mais aguda.

— Boa iniciativa. — Alex deu um tapinha em seu ombro e passou por ela para entrar na tenda onde estavam Darit e Malamin. Sage deu um passo para o lado enquanto Alex observava lá dentro. — Já estão dormindo — ele disse. — Precisam mesmo descansar. Vamos marchar durante a noite de novo. Quero atravessar o rio até o meio-dia de amanhã.

Sage tinha se afastado alguns passos, tentando parecer que não queria estar ali. Alex lhe deu as costas.

— Vá descansar, rapaz.

E foi embora.

Sage ainda estava tremendo quando chegou à sua tenda, aonde precisava entrar agachada. Tinha sido por pouco, mas agora sabia que precisava ser naquela noite. Cutucou o príncipe.

— Harold, acorde.

Nicholas resmungou e virou para o outro lado. Ela socou o ombro dele até que se virasse para ela.

— O que você quer, *Henry*? — ele resmungou.

— Preciso da sua ajuda.

Os norsaris levantaram acampamento uma hora antes do crepúsculo, depois que Alex deu a todos a chance de dormir um pouco entre os turnos de sentinela. Sage e Nicholas ficaram de costas para a movimentação enquanto guardavam as tendas, derrubando no tecido óleo da lamparina discretamente antes de enrolá-lo. Eles não podiam correr o risco de que o fogo apagasse antes que oferecesse a distração de que precisavam.

Alex ficava perto dos prisioneiros enquanto marchavam, o que significava que Sage e o príncipe teriam de esperar até o grupo parar para descansar, quando se afastaria deles. A garota ficou de olho no fardo que continha as armas que Darit e Malamin estavam carregando quando foram capturados. Se conseguisse devolvê-las aos casmunis, ia fazê-lo, mas aquele não era o objetivo principal.

O vento ficou mais forte, trazendo uma barreira grossa de nuvens, que cobriu completamente o céu. Alex amarrou uma faixa em uma lança e a ergueu para se orientar, já que o vento vinha do oeste. Mesmo assim, o ritmo era quase tão lento quanto durante a tempestade de areia.

Talvez pela tensão por não conseguir ver as estrelas, Sage começou a achar que eles nunca parariam. Alex parecia que ia obrigar os homens a andar durante a noite toda. Como Nicholas começaria o incêndio se os equipamentos não estivessem empilhados? Ela não estava disposta a incendiar um fardo se alguém o estivesse carregando, embora tivesse de admitir que seria uma bela distração.

O homem na frente dela parou de repente, e Sage trombou com ele, sendo espremida por trás pelo príncipe. Houve resmungos e baques abafados enquanto todos se davam conta de que uma parada tinha sido ordenada. Ninguém conseguia ver nada.

— Vinte minutos para descansar — o tenente Gramwell gritou.

Finalmente.

Os escudeiros deveriam passar uma pequena ração de carne de veado seca e frutas aos soldados. Sage acendeu uma lanterna com os dedos trêmulos e passou um bastão em chamas para Nicholas.

— Me dê quinze minutos — ela sussurrou.

Ele a segurou pelo cotovelo.

— Tem certeza de que quer fazer isso?

— Tenho. Ainda está comigo?

— Claro. Diga a Darit que desejei boa sorte. — Ele se virou e desapareceu na escuridão.

Sage revirou o saco de mantimentos até encontrar um pacote. Enquanto percorria a fileira passando as porções, mantinha o rosto encoberto. Ela quase desmaiou quando chegou a Alex e ele segurou sua perna.

— O tenente Gramwell está do lado de onde você veio?

— Sim, senhor — Sage disse assustada por trás do lenço.

Alex se levantou com um salto.

— Lembre-se de dar comida e água aos prisioneiros.

O capitão saiu antes que ela pudesse responder. Sage seguiu aos tropeços na direção oposta, tentando não correr. Chegou ao grupo na ponta da fileira e aumentou a luz da lanterna, para atrapalhar a visão deles. Então continuou em frente, diminuindo a luz de novo. Os norsaris não prestaram atenção nela enquanto apalpava a pilha de equipamentos em que sabia que estavam as armas dos casmunis, procurando pelas lâminas curvas características. A sorte estava ao seu lado, e ela as encontrou em cima da pilha a favor do vento, no lado oposto ao que os homens estavam saindo das rodinhas reunidas para urinar. Sage soltou o fardo enrolado debaixo de um saco de dormir e o posicionou na beirada de maneira que ninguém estranhasse caso o encontrasse. Em seguida, deixou a lanterna perto e diminuiu a luz quase até apagar.

Darit e Malamin estavam do outro lado. Ela seguiu até eles, observando os vultos escuros dos norsaris, quase indistinguíveis a poucos metros de distância. Ela quase tropeçou na dupla casmuni, imóvel.

— Saizsch? — Darit sussurrou.

— Sim — ela respondeu. — Agora é a hora. — Sage se ajoelhou e sacou uma adaga do cinto enquanto apalpava as cordas que o amarravam. Uma rajada súbita de vento fez alguns norsaris resmungarem frustrados, o que serviu como cobertura extra.

— O Espírito nos abençoou, nunca vi uma noite tão escura. — Darit esfregou os punhos livres e esticou os braços enquanto Sage cortava as amarras de Malamin.

— Vocês devem se apressar. — Ela jogou o saco de ração e o odre de água para ele antes de se abaixar para cortar as cordas em seus tornozelos. Sage soltou a bainha da própria túnica e passou a adaga por ela antes de oferecê-la a Darit. — Suas armas estão com a luz, mas leve isso também, para que os demoranos saibam quando retornar em paz.

Ela tinha lido aquilo sobre retornar em paz em vários documentos. Torceu para ter pronunciado as palavras corretamente.

A mão quente de Darit envolveu a dela por um segundo enquanto ele pegava a

adaga.

— Não precisa dela?

— Tenho outra. — O cabo gasto da adaga de Alex apertava suas costelas. Antes de se infiltrar na missão, ela havia enrolado faixas de couro em volta de ambos os cabos para esconder as letras douradas que as identificavam.

Darit colocou a mão sobre o ombro dela.

— Desejo-lhe sorte, Saizsch Fahler.

Todos os acordos devem ser selados com um apertar de ombros, para que as laterais do corpo estejam expostas, sem nenhuma arma em mãos.

Sage colocou a mão no ombro dele em retribuição.

— *Basmedar*, Darit Yamon.

SAGE VOLTOU ARRASTANDO OS PÉS PARA O CÍRCULO DE NORSARIS, tentando atrair o máximo de olhares que estavam concentrados na pilha de tendas e sacos de dormir.

— Minha lanterna apagou — ela disse. — E minha pederneira está no fim da fileira. Posso emprestar a sua, cabo?

Sem saber a quem estava se dirigindo, três homens pararam ao mesmo tempo, apalpando o uniforme e revirando os bolsos em busca de suas pederneiras. Uma foi passada para ela na escuridão. Sage a pegou e fingiu se atrapalhar em meio a tentativas malsucedidas de acender. Um dos soldados a cutucou.

— Vire-se, rapaz, você está na direção do vento.

Ela não tinha o que acender, mas não importava. Naquele momento, uma pequena fogueira surgiu perto do fim da fileira. Nicholas tinha derrubado sua lanterna sobre a tenda coberta de óleo. Homens gritaram e correram na direção da luz. Os que não estavam perto o bastante para ajudar ficaram observando seus companheiros puxarem a pilha flamejante de equipamentos e pisar nas chamas, de costas para o deserto.

Continuem olhando. Continuem olhando. Continuem olhando.

Alex andou pela multidão, dando instruções. Levou um tempo para a situação ser controlada, por causa do vento. Pouco antes que o fogo fosse extinto, ordenou a todos que se armassem.

— Acabamos de anunciar nossa presença! Formem um perímetro. Sargentos, contem seus soldados e me deem retorno.

As últimas chamas foram apagadas. O ar se encheu de palavrões enquanto os homens tropeçavam na escuridão súbita. Todos os segundos contavam para que Darit e Malamin chegassem o mais longe possível e para que o vento cobrisse seus vestígios, então Sage tentou estimular a confusão de outras maneiras. Quando alguém perguntou onde estavam os casmunis, ela gritou que o tenente Gramwell os havia levado. Poucos minutos bastaram para o caos se transformar em ordem, mesmo na escuridão absoluta.

Alex se aproximava.

— Quem está com os prisioneiros? — ele gritou.

— O tenente Gramwell, senhor — alguém respondeu.

— Impossível. Eu estava com ele agora mesmo.

— Henry estava dando comida para eles quando os vi da última vez.

— E onde está Henry? — Alex perguntou. Parecia preocupado.

Homens gritaram para cima e para baixo em busca do escudeiro desaparecido.

Sage se agachou atrás da pilha de equipamentos, mantendo-a entre si e a voz de Alex. A busca se tornou mais frenética.

— Uma tocha! — Alex berrou. — Preciso de uma tocha!

Uma chama se acendeu e cresceu na direção do fogo que se apagava. Alguém devia ter usado as brasas. Um soldado correu com ela.

Sage deveria ter recolhido as cordas cortadas; Alex ia encontrá-las assim que tivesse luz. Ela tinha de fazer mais alguma coisa para atrasar a descoberta e a perseguição. Virou-se e correu cegamente no deserto, deixando rastros confusos no que imaginava ser a direção oposta à que os casmunis tinham ido. Correu para cima e para baixo até perder o fôlego. Então, escalou uma última duna, cravando os dedos na areia. Quando chegou ao topo, jogou-se do alto e rolou até o sopé do outro lado, onde ficou estatelada.

Depois de muitos minutos, um brilho surgiu sobre a colina, seguido por um grito. Sage virou o rosto na outra direção e fechou os olhos. Devia ter dado a Darit e Malamin vinte minutos a mais enquanto os norsaris a procuravam. Precisavam daquele tempo.

— Aqui! Eu o encontrei!

Os homens desceram a colina correndo, com as armas em mãos e as tochas erguidas. Eles se espalharam, alguns subindo a duna seguinte para montar um círculo defensivo ao seu redor. Quanto mais pegadas para confundir, melhor. Alex se ajoelhou ao lado dela, girou-a suavemente em sua direção e tirou o véu dela.

— Henry, você está bem?

Sage grunhiu enquanto ele a deitava de costas, mas manteve os olhos fechados, em parte para fazê-lo pensar que estava inconsciente, em parte porque não queria ver a cara dele quando a reconhecesse. A mão em seu ombro ficou paralisada.

— Capitão, é a srta. Fowler! — uma voz exclamou.

— *Eu sei quem ela é!* — As mãos de Alex apalparam seu pescoço, sua cabeça e seus ombros à procura de ferimentos. Sage gemeu e tremulou as pálpebras,

mas manteve os olhos fechados. Ele apalpou os braços e as costelas dela, depois desceu até conferir todo o seu corpo. — Pelo Espírito, Sage — Alex murmurou. — O que está fazendo aqui?

— Não há nenhum rastro que possamos seguir, capitão — veio uma voz, com a luz forte de uma tocha. — O vento cobre tudo muito rápido. Tivemos sorte de encontrar Henry. Ou Sage.

— Reúnam todos. Vamos voltar. — Alex se inclinou sobre ela e acariciou sua bochecha. — Consegue me ouvir, Sage? Acorde. Por favor.

Ela não pôde deixar de abrir os olhos ao ouvir o desespero na voz dele, mas a luz era forte demais, e Sage os fechou quase imediatamente. O rosto dele estava tomado pelo pânico, aterrorizado. Ela teria feito tudo de novo, mas naquele momento se deu conta da totalidade de sua traição.

— Alex — Sage murmurou.

Pelo Espírito, me perdoe.

— Sim, sou eu. Vou levar você de volta. — Ele colocou os braços sob os ombros e joelhos dela e a ergueu para carregá-la.

Sage apertou seu gibão e chorou em seu peito. *Ah, Alex, me desculpe.*

Ele a apertou com força enquanto subia a duna e começava a longa caminhada de volta ao acampamento.

— Você está a salvo agora. Estou aqui. Vai ficar tudo bem — Alex sussurrou. Não, não ia.

O SOL ESTAVA ACIMA DO HORIZONTE e o ar a sufocava de tão quente quando Sage acordou. Ela abriu os olhos com dificuldade; estavam inchados e grudados depois de ter chorado até dormir. Não devia ter acordado nem quando Alex a colocou na cama.

Alex.

Sage ergueu a cabeça e observou ao redor, encontrando-o imediatamente. Ele estava sentado de pernas cruzadas do outro lado da tenda dupla, com os cotovelos apoiados sobre os joelhos e as mãos cruzadas sob o queixo, observando-a.

— Bom dia — disse.

Seu tom era tão inexpressivo quanto seu rosto. Ele esperou até Sage se sentar, então apontou para a bacia no chão ao lado dela. A jovem evitou seu olhar enquanto mergulhava um pano na água morna. Alex continuou imóvel como uma estátua enquanto ela limpava os olhos e o rosto.

Quando Sage acabou, Alex lhe jogou um cantil e voltou à posição anterior. Ela estava com tanta sede que poderia beber a água suja da bacia, de modo que entornou metade do conteúdo do cantil sem parar para respirar. Então pigarreou e secou a boca com o dorso da mão, à espera de que ele falasse.

— Mandei você ficar no campo de treinamento — Alex disse, categórico.

— É verdade — Sage sussurrou.

— Você desobedeceu uma ordem direta.

— Desobedeci.

— E quase morreu.

Sage esfregou o nariz e fungou.

— Você entende agora? Que isso não é brincadeira? — Alex ergueu a voz. — Tem alguma ideia do que poderia ter acontecido?

Ele estava errado em tantos sentidos, mas aquilo não mudava o fato de que ela o havia desobedecido e enganado. De que quase o tinha matado de susto na noite anterior. Alex tinha todo o direito de estar com raiva. Sage baixou a cabeça, e

lágrimas brotaram em seus olhos.

— Alex, me d...

— Me poupe, Sage — ele disse com frieza.

Houve uma longa pausa enquanto ela examinava as próprias mãos sobre o colo.

— Adivinha quem mais encontrei conosco — ele disse, finalmente.

Nicholas. Ela ficou em dúvida se ele tinha sido descoberto ou havia se entregado.

— Ele jura que agiu por conta própria — Alex continuou. — Mas acho difícil de acreditar, considerando que vocês dois trabalharam juntos para se esconder por tanto tempo. Fico me perguntando se os casmunis teriam ido embora sem reféns se soubessem quem ele era.

Alex não sabia que ela e o príncipe tinham sido responsáveis pela fuga deles. Ainda.

Suas próximas palavras saíram tão baixas que ela mal as escutou.

— Está ferida?

Ela balançou a cabeça.

— Não.

— Agradeça ao Espírito por isso. — O alívio na voz dele quase a destruiu.

Sage respirou fundo para se controlar.

— Vocês os encontraram?

— Não, eles sumiram. Levaram as armas deles e a sua adaga. — Alex se levantou. — Agora que você acordou, precisamos partir antes que mais casmunis venham atrás de vingança. — Ele se preparou para sair. — Junte suas coisas.

— Alex. — O capitão parou e olhou para ela. — Sinto muito.

Havia tantas emoções no olhar dele que Sage mal conseguia identificá-las.

— Eu também.

HUZAR ESTAVA PRONTO. Estavam na lua minguante, mas cada dia aumentava o risco de serem descobertos. Não podiam esperar por uma noite completamente escura ou até a próxima patrulha dos norsaris. Huzar dividiria seus homens e atacaria o grupo quando estivesse a alguns quilômetros do acampamento, obrigando o resto dos soldados a ir em seu auxílio e levando o príncipe enquanto estivesse relativamente desprotegido.

Um destacamento diplomático viajava pela estrada de Jovan. Não era uma ameaça, mas provocara um atraso quando parte do grupo deixara a estrada para visitar o acampamento norsari. Outra companhia de soldados vinha do sul, mas Huzar suspeitava que se dirigissem a Tasmét. O diplomata ficara apenas um dia e a atividade no acampamento imediatamente aumentara, indicando uma patrulha, de modo que Huzar mandara seus homens se prepararem. O próprio Quinn guiara a expedição, maior do que todas as anteriores. Perfeito. Foi espantosa a rapidez com que seu plano desmoronou.

Primeiro, o príncipe demorano desapareceu. Até onde sabiam, nunca havia participado de uma patrulha, mas, na manhã seguinte à partida de Quinn, o príncipe não foi visto no rio, como fazia toda manhã e toda noite. Huzar decidira esperar um dia, dada a possibilidade remota de que o príncipe tivesse ido com o capitão. Se fosse o caso, os kimisaros poderiam fazer um ataque apenas contra eles, de modo que seria melhor deixar que se afastassem o máximo possível.

Então Quinn entrou no deserto. Huzar não estava disposto a segui-lo onde não havia nenhum lugar para se esconder. O plano passou a ser atacar o destacamento itinerante quando se aproximasse, mas o príncipe não foi visto. No terceiro dia, Huzar concluiu que tinha ido com Quinn.

Droga.

O atraso não era um desastre, mas os kimisaros estavam ficando ansiosos. Muitos resmungavam que a vida que haviam construído em Demora no ano anterior era melhor do que voltar para casa. Caso os dispersasse temporariamente, Huzar não tinha certeza de que conseguiria reuni-los de novo.

Sua intenção não era obrigar homens que tinham sido abandonados a retornar, mas aquilo seria arriscar expor todos eles.

Então, a companhia do exército na estrada se virou para leste em vez de atravessar o desfiladeiro de Jovan. Não importava se estava a caminho do acampamento norsari ou seguindo o diplomata. Não dava mais para alterar os números que já estavam contra os kimisaros. O destacamento itinerante regular ia e vinha. A dispersão rapidamente se tornava a melhor opção.

Huzar estava a uma hora de dar a ordem quando um observador do lado oposto do rio chegou correndo. Quinn havia retornado.

O esquadrão itinerante continuava ao alcance, e a companhia na estrada estava a pelo menos dois dias de distância. O príncipe fora visto entre o pelotão que voltava, que parecia exausto. A lua nova chegaria e a noite ficaria completamente escura.

Era a hora.

O GRUPO NORSARI CHEGOU AO RIO quando o sol se punha atrás das montanhas. Os sentinelas do acampamento os encontraram na entrada da floresta e caminharam com eles até a água, atualizando Alex sobre o que havia acontecido em sua ausência. Pouca coisa.

O coronel Traysden ainda não havia chegado, o que dava ao capitão pelo menos um dia para explicar tudo a seus oficiais e reconstituir o que havia acontecido no deserto.

O tenente Casseck esperava à margem do rio. Alex saiu do barco a remo e, exausto, retribuiu sua continência.

— O sargento Carter passou aqui há dois dias, e provavelmente vai voltar amanhã — Cass informou enquanto subiam a colina juntos. — Ele mandou dizer que não há “nenhuma ondulação”.

Ash não havia encontrado nada. Alex preferiu não comentar que poderia haver grandes ondulações em breve. Sem pressa, tomou banho, barbeou-se e comeu alguma coisa antes de chamar Sage, Nicholas e os oficiais à tenda de comando. Ele ainda não havia discutido os acontecimentos no deserto com ninguém, mas revelaria tudo a Casseck e aos demais tenentes. Gramwell foi o último a chegar, com água pingando de seu cabelo desgrenhado cor de bronze.

Sage e o príncipe esperavam em posição de sentido. Cass arqueou as sobrancelhas quando Alex os mandou assumir posição de descanso de pé em vez de sentar com os outros oficiais. Sage estava em silêncio, inexpressiva. Ela também tinha se banhado e usava calça e uma camisa marrom-clara que ia até os joelhos. A adaga que ainda tinha estava enganchada no lado direito do cinto. Pensar que ela tinha sido arrastada pela areia com sua própria adaga na garganta deixava Alex angustiado. Ele não sabia o que teria feito se Sage tivesse sido ferida ou levada como refém. Ou talvez soubesse, mas não quisesse pensar a respeito.

A explicação completa da situação poderia esperar até Sage e Nicholas terem contado sua história e serem dispensados. O príncipe começou, insistindo que

Sage não tivera nada a ver com sua infiltração na missão no deserto. Ele também pediu que Harold não fosse punido, já que o escudeiro concordara apenas porque temera desobedecer um membro da família real. Alex acreditou nele, mas ainda considerava que Sage tinha sido sua inspiração. No entanto, como o príncipe raramente assumia responsabilidade por seus erros, talvez a influência dela não tivesse sido de todo ruim. Sage disse pouco além de que também havia agido por conta própria ao ir junto.

O capitão assumiu a fala, contando a Cass e aos demais como haviam encontrado a dupla de casmunis perdidos e os prendido depois de um breve combate.

— Eles não resistiram até ontem à noite, quando o vento soprou uma lanterna e botou fogo em um monte de tendas e sacos de dormir. Os casmunis se aproveitaram do caos. A srta. Fowler, por acaso, estava perto deles, que conseguiram tirar a adaga dela e se libertar...

— Não foi isso que aconteceu — Sage disse abruptamente.

Algo no tom dela — ou algo que faltava em seu tom — assustou Alex. Não havia nenhum vestígio de emoção. Ele franziu a testa e se recostou na sua cadeira.

— Ora, então descreva o que aconteceu, por favor.

Ela ergueu os olhos cinza para ele, encarando-o pela primeira vez em semanas.

— Cortei as amarras deles e os libertei.

POR UM MOMENTO, Alex achou que não tinha escutado direito. Sage não poderia ter dito o que ele ouvira. Então Casseck e Gramwell abriram a boca de surpresa. Tanner, Hatfield e Nadira se entreolharam, confusos. Só o príncipe não pareceu nem um pouco surpreso.

Alex se levantou com um salto.

— VOCÊ FEZ O QUÊ?

— Ela não estava sozinha — disse Nicholas. — Comecei o incêndio para criar uma distração.

Alex deu a volta na mesa e se assomou diante deles, sem se dar conta.

— Em nome de tudo o que é mais sagrado, por que fariam uma coisa dessas?

Os olhos claros de Sage brilharam em rebeldia.

— Porque era errado manter aqueles homens presos.

— Você não sabe do que está falando! — Alex andava de um lado para o outro, erguendo os braços e tentando manter a voz baixa. — Não tem metade das informações que eu tenho.

— Metade das suas informações está errada.

Sage falou com tanta convicção que ele parou para encará-la.

— Explique-se.

— Você acha que Casmun procurava um ponto por onde invadir Demora — ela disse. — Esse é o verdadeiro motivo por que estamos aqui. Veio investigar e fazer o reconhecimento da área. Queria pegar seus supostos inimigos no ato e descobrir o que estavam tramando.

Os tenentes e Nicholas ficaram todos muito atentos.

— Mas não havia ninguém — Sage continuou. — Você patrulhou por semanas e não encontrou nada, então decidiu agir por conta própria. Estava tão obcecado em encontrar as respostas para as perguntas erradas que invadiu um país e raptou dois homens.

O resumo dela o atingiu em cheio.

— Estou tentando evitar uma guerra!

— Não — ela disse. — Você está provocando uma. Eu é que estou tentando evitar.

Antes que ele pudesse responder, Sage continuou.

— Não foram os casmunis que vieram aqui no ano passado. Eles nunca foram vistos nessa região depois do primeiro dia de verão. E os invasores tinham cavalos, sendo que casmunis nunca foram vistos com montaria.

Aparentemente, ela e o patrulheiro haviam discutido mais do que apenas geografia.

— Só porque algo não aconteceu antes, não significa que não possa vir a acontecer — ele disse.

Sage balançou a cabeça.

— Não é possível atravessar o deserto depois do verão, porque a rede de nascentes seca. Eles tampouco têm como vir pelo rio, por causa do desfiladeiro Yanli. Se eu não tivesse libertado aqueles homens, não teriam como voltar para casa até o próximo ano. E, quando seus compatriotas viessem buscá-los, trariam seu exército.

— E como sabe que soltá-los não vai provocar o mesmo?

Ela inspirou fundo.

— Faz semanas que estou estudando antigos acordos e tratados comerciais casmunis. Passei a entender o que é importante para eles e... aprendi a estabelecer um diálogo.

— Você falou com os prisioneiros. — O capitão olhou para ela boquiaberto. — Na língua deles.

— Sim.

Alex achava que nada que ela era capaz de aprender ou fazer ainda podia surpreendê-lo, mas estava errado. Parte dele se encheu de orgulho. Mas a investigação de Sage não tinha começado com o que a garota havia observado ali — ela estava preparada e tinha um objetivo. Alex voltou a se dirigir aos oficiais em silêncio atrás dele.

— Todos menos o tenente Casseck devem sair agora.

O grupo se levantou e bateu continência.

— Vocês não vão discutir nada do que ouviram hoje — disse Alex. Lidaria com eles depois que chegasse ao fundo do assunto. — Estão dispensados. — Eles saíram da tenda em fila, com Nicholas no final. Casseck se levantou atrás de Alex e foi para o seu lado. — Para quem está trabalhando, Sage? — Alex questionou.

Ela hesitou.

— Para mim mesma. Você estava escondendo algo. Eu queria saber o quê.

— *Não minta para mim!*

Sage se encolheu um pouco, demonstrando arrependimento pela primeira vez desde o dia anterior.

— Para a rainha — ela sussurrou finalmente.

Ele não sabia se aquela era a pior ou a melhor resposta que Sage poderia dar.

— Pelo Espírito. Você poderia ser acusada de traição. — Alex levou a mão à nuca. — Por que aceitaria algo assim?

— A rainha sabia que tinha algo a mais nessa missão, mas o rei não contava para ela. Ele colocou o próprio filho e herdeiro em perigo. — As bochechas dela ficaram vermelhas, e a raiva faiscou em seus olhos. — Tem ideia de como é ouvir mentiras? Não confiem que saiba o que é importante?

— Sei da importância de seguir ordens, Sage. — Ele deixou aquilo no ar por um momento demorado. — E você também.

Ela baixou os olhos.

— Não estou arrependida do que fiz, mas é uma pena que tenha sido necessário.

Alex teve a visão súbita de si mesmo diante dela no ano anterior, pedindo desculpas por sua própria mentira. Dizendo que não se arrependia de nada além de tê-la magoado. Sage tinha demorado um longo tempo para perdoá-lo, e talvez ainda não o tivesse feito por completo.

— Junte suas coisas — ele disse. — Você vai embora assim que eu encontrar um jeito.

Sage pelo menos ergueu a cabeça e o encarou nos olhos.

— Sim, senhor.

— Está dispensada.

MINUTOS DEPOIS QUE ELA FOI EMBORA, Alex ainda não conseguia respirar.

— Alex — Casseck chamou em voz baixa, fazendo com que se sobressaltasse. Ele tinha esquecido que o tenente estava lá. — Mandar Sage de volta talvez não seja a melhor ideia agora. Podemos precisar dela se os casmunis voltarem.

— Não — disse Alex, virando para o outro lado.

Cass deu a volta para encará-lo.

— Alex, ela pode conversar com eles. Confiam em Sage, e ela sabe muito mais informações que podem ser úteis.

— *Não interessa!* — Alex gritou.

— Seja honesto consigo mesmo! Ela não teria feito nada daquilo se você não a tivesse mantido distante por semanas. Sage sabia que você não daria ouvidos a ela.

— De que lado você está, tenente?

— Do seu! Mas *you* não parece estar do seu próprio lado agora. — Casseck o segurou pelos ombros. — Qual é o problema de verdade, Alex?

A lembrança de virar o corpo imóvel e se dar conta de que era ela. A fração de segundo pensando que estava morta. Levá-la de volta enquanto chorava em seu peito, jurando para si mesmo que ia se vingar cem vezes dos casmunis pelo que haviam feito com ela.

Alex teria feito de tudo para impedir a vinda de Sage, e nunca deveria ter permitido que ela tentasse escapar de Tegann no ano anterior. Tudo aquilo era arriscado demais, incluindo aquela noite.

O problema não era a mentira. Não era a traição. O problema era ele, o que ela fazia com Alex.

O capitão ergueu os olhos para Casseck.

— Não posso ter Sage aqui. Não posso — ele sussurrou.

O tenente pareceu entender.

— O problema é Tegann, não é?

— Você estava lá. Pensei que ela tinha morrido, e você viu o que aconteceu

comigo. — Lágrimas encheram seus olhos.

Casseck balançou a cabeça.

— Qualquer um ficaria devastado naquela situação...

— Mas não sou qualquer um, sou? — Alex empurrou os braços de Casseck. — E se tivesse achado que ela estava viva? E se, em vez de jogar aquela maldita adaga ensanguentada para mim e me deixar tirar minhas próprias conclusões, D'Amiran tivesse me feito pensar que ela estava sendo torturada ou levada para o quarto dele para sua vingança? O que eu deveria ter feito? Nada. A coisa certa a fazer seria deixar Sage. E eu não teria sido capaz.

— Alex...

— Eu teria matado a todos, inclusive você, Gram e o resto. Teria perdido uma guerra. Por ela.

Alex se deixou cair de joelhos e pressionou os olhos.

— Como posso ser responsável por qualquer coisa, quanto mais por comandar um batalhão — ele sussurrou —, se sei que deixaria todos vocês morrerem se Sage estivesse em risco?

Ele finalmente tinha dito aquilo em voz alta. E era a verdade.

Cass se ajoelhou na frente dele.

— Alex — ele disse em voz baixa. — Não é fraqueza amar alguém assim.

— Então o que é? — o capitão perguntou, entre soluços.

— Não sei. — Cass apoiou a cabeça do amigo no ombro, abraçando-o com força enquanto ele chorava. — Mas não é uma fraqueza.

NICHOLAS ESTAVA ESPERANDO NA TENDA DE SAGE quando ela voltou, lendo as anotações casmunis da tutora sob a luz da vela. Ela arqueou uma sobrancelha para ele.

— Não é porque você é um príncipe que tem o direito de mexer nas minhas coisas, vossa alteza.

Ele ergueu os olhos.

— Nicholas.

Ela franziu a testa.

— Como assim?

— Depois do que passamos juntos, acho que tem o direito de me chamar pelo meu nome de batismo. — Ele virou para ela. — Devo um pedido de desculpas a você. Nunca fiz isso, mas minha mãe me mandou seguir suas instruções como se fossem as dela. Só agora entendi o porquê.

— Nada disso importa mais. — Sage se afundou exausta no catre. — O capitão vai me mandar de volta. E você também, imagino.

— Como ele pode fazer isso? — o príncipe perguntou, mostrando o caderno dela aberto. — Ele sabe o que tem aqui?

Sage baixou os olhos.

— É mais complicado do que isso. Quebrei uma dezena de promessas e enfraqueci a liderança dele na frente de todos. Um pedido de desculpas não basta. Sinceramente, não mereço o perdão dele.

— Alex ainda ama você, sabia?

Ela ergueu os olhos, surpresa.

— Você sabe sobre nós?

— Todo mundo sabe. — Nicholas abriu um sorriso sarcástico. — Quer dizer, talvez não todo mundo. Só quem tem olhos.

Sage sorriu de leve antes de balançar a cabeça.

— Não sei se amor é o bastante para resolver isso.

— Você não fez nada daquilo para magoá-lo. Se ele não consegue ver isso, é

um idiota. Posso dizer isso ao capitão, se quiser.

Ela bufou.

— Não precisa.

— A oferta continua de pé, me avise se mudar de ideia. — Nicholas se levantou e se espreguiçou. — Bem, acho que vou para a cama. Nunca pensei que estaria tão ansioso para voltar a dormir na terra e na grama. Tenho areia em lugares que nem consigo descrever.

— Nicholas. — Ela esperou que ele parasse. — Obrigada. Por tudo.

O príncipe bateu continência.

— Boa noite, srta. Sage.

Quando ele saiu, ela se arrastou até a mesa e ficou encarando o caderno. Ia levá-lo para Alex. Ele não deixaria de usar todas aquelas informações por orgulho. Depois de alguns minutos folheando as páginas, sem conseguir se concentrar em nenhuma palavra, Sage o fechou. O pequeno baú aos pés dela estava aberto. Sage se agachou e o revirou até encontrar o que buscava.

Ela não tinha levado a carta na jornada ao deserto para não correr o risco de estragá-la. Abriu-a sob a luz da vela e leu as palavras de que sentia falta. Daquela vez, falavam de algo que Sage havia perdido, talvez para sempre.

Durante o dia, sinto falta da sua risada, do seu humor, do seu sorriso e da sua sagacidade. À noite, penso mais em seus beijos, seus suspiros e sua compreensão. Então, em algumas noites, fico na cama, consumido pelos pensamentos do dia em que vou poder amá-la de todas as formas. Em noites assim, meu desejo por você me inunda. Passo horas sentindo o gosto do seu beijo, o cheiro do seu cabelo e o toque da sua pele.

— Sage? — alguém chamou de fora da tenda. — É o Cass. Podemos conversar?

Ela dobrou a carta e a enfiou no caderno, depois secou os olhos.

— Claro, pode entrar.

Casseck obedeceu, seu cabelo loiro encostando no teto enquanto ficava curvado de maneira cômica para caber na tenda. Ele apontou para o catre dela.

— Posso sentar?

— Fique à vontade.

O tenente se acomodou na cama e entrelaçou as mãos, constrangido.

— Como você está?

— Já estive melhor.

Ele abriu um sorriso acanhado.

— Acho que todos nós.

— Alex mandou você?

— Não, ele está dormindo. Acho que ficaria furioso se soubesse que vim. — Cass ficou encarando o chão. — Escuta, Sage, não vou tomar partido nessa história. Você o magoou muito, mas sei que não teria feito o que fez sem um bom motivo. Alex não anda com a cabeça no lugar nos últimos tempos. E acho que você deveria saber por quê.

— Sou toda ouvidos.

— Você sabe o que aconteceu em Tegann depois da noite em que você escapou?

— Clare disse que todos acharam que eu tinha sido capturada.

— Isso foi depois. Nas primeiras horas, Alex achou que você estava morta. — Casseck inspirou fundo. — Você não tem ideia do que isso fez com ele. Somos amigos há doze anos, mas eu nunca o tinha visto perder o controle, não daquela forma.

Sage, sim. Ela tinha abraçado Alex enquanto ele chorava pela morte de Charlie noite adentro, limpando o rosto dele quando vomitava. Ele tinha ficado daquele mesmo jeito por ela?

A jovem encarou Casseck nos olhos e percebeu que sim.

— Então descobrimos que você poderia estar viva — Cass continuou. — Adiantamos tudo, mesmo sendo mais arriscado. Alex vasculhou a torre inteira atrás de você. Quando chegou aos aposentos do duque, sabia que era o único lugar em que você poderia estar.

Sage sentiu o sangue se esvaír de seu rosto. Pensou em Alex descendo por uma corda do alto da torre e arrombando a janela, sabendo que Charlie estava lá dentro e imaginando que ela também estaria.

— Alex acha que eu não sei, mas ele vive tendo pesadelos — Cass sussurrou. — Especialmente depois que reencontrou você. Só hoje entendi sobre o que são.

Sage compreendeu de imediato.

— Sobre ter que escolher entre mim e Charlie.

Casseck confirmou.

— E escolher entre você e eu. Ou entre você e qualquer um dos homens que comanda.

Alex não havia tentado impedi-la de vir, confinado-a ao acampamento e mantido-a distante para protegê-la; ele estava tentando proteger a si mesmo. Sage tinha ficado tão fissurada em usar sua missão para se vingar dele pelo que ocorrera no ano anterior que não percebera aquilo. Mas, tanto naquela vez como no momento, não era uma questão de confiança. Tratava-se da única ameaça à

capacidade de Alex de liderar seus homens.

Sage.

E então ela havia se infiltrado na missão do deserto e transformado seu pior pesadelo em realidade.

Em nome do Espírito, o que tinha feito?

— Preciso ir embora — Sage sussurrou. — Só assim ele vai conseguir fazer seu trabalho.

— Talvez sim, mas acho que precisamos de você agora. — Cass balançou a cabeça, incrédulo. — Aprendeu mesmo a falar casmuni?

Sage sorriu discretamente.

— Não muito bem. Só o suficiente para me entenderem.

— É impressionante mesmo assim.

— Obrigada. — Ela torceu as mãos sobre o colo. — Cass, será que a gente tem conserto?

Casseck suspirou.

— Não sei. Se não fosse por Charlie, eu diria que vocês dois conseguiriam passar por isso, mas... — Ele parou, virando a cabeça para o lado.

Ela também ouviu. Gritos. Pessoas pedindo armas. A iluminação aumentava do lado de fora da tenda. Sage e Cass se levantaram com um salto ao mesmo tempo. Quando ele se agachou para não bater no teto, suas cabeças quase colidiram. Ela deixou que o tenente corresse para fora à sua frente e quase trombou nele quando parou.

Henry passou correndo, e Cass o pegou pelo braço.

— O que está acontecendo?

— Acabamos de receber um mensageiro do sargento Carter, senhor — o escudeiro disse. — Ele enfrentou uma força hostil cerca de um quilômetro e meio a leste daqui. O capitão mandou todos marcharem.

Alex estava passando a alguns metros de distância, com uma armadura leve, afivelando o cinto com a espada enquanto gritava ordens.

— Casmunis? — perguntou Casseck.

— Não — disseram Sage e Henry ao mesmo tempo. — Kimisaros.

NICHOLAS CORREU NA DIREÇÃO DE ALEX em meio ao caos, guiando Surry, já selada e com sua armadura no peito.

— Trouxe seu cavalo, senhor! — ele gritou. — Os outros escudeiros estão pegando os demais para os tenentes.

Assim que o príncipe estava perto o bastante, Alex apoiou uma mão no ombro dele e a usou para ajudar a montar. Nicholas passou as rédeas para ele e bateu continência antes de sair correndo de novo. Do dorso de Surry, Alex avaliou a movimentação, satisfeito. A organização prevalecia; os norsaris formavam linhas e o resto dos oficiais estaria montado em questão de minutos. Ele encontrou Sage percorrendo as fileiras com uma parelha improvisada nos ombros, equilibrando um balde d'água em cada lado, para que os homens dessem alguns goles de última hora. Bem pensado.

As unidades estavam de prontidão, e Casseck foi trotando com seu garanhão pardo até o lado dele.

— Todos prontos e contados, senhor!

— O pelotão catorze vai ficar para proteger o acampamento — Alex disse. — Mandê que se espalhem ao longo do perímetro. — Cass passou a ordem, e os homens de Gramwell desmontaram, a maioria decepcionada, embora o tenente em si parecesse exausto e aliviado.

A noite estava completamente escura sem a lua.

— Mandê os líderes de todos os esquadrões pegarem tochas — Alex ordenou. — Vamos precisar de toda a luz que conseguirmos para chegar a tempo. — Três minutos preciosos se passaram. Quando Casseck fez sinal de que estavam prontos, Alex não hesitou em berrar: — Vamos!

O primeiro pelotão entrou na floresta, seguindo a trilha larga ao longo do rio. Alex fez Surry dar a volta para procurar Sage de novo. Ela estava parada do outro lado. Seus olhos se encontraram.

— Fique aqui — ele fez com a boca através da corrente de homens entre ambos, antes de dar meia-volta e esporar o cavalo para que corresse.

Os norsaris avançaram em um trote, atravessando a trilha em um ritmo bom e chegando à área do combate em cerca de quinze minutos. Ash e o esquadrão especial de patrulha estavam em um semicírculo, voltados para a floresta e de costas para o rio. Vários seguravam tochas.

— Graças ao Espírito — Ash disse, correndo até Alex enquanto os norsaris passavam em volta, assumindo uma postura defensiva. — Estamos em menor número, e eles estão vindo para cima em ondas, nos rechaçando. Não tínhamos mais para onde recuar.

Alex observou os homens desgrehados e suados ao redor.

— Quantas vítimas?

— Nenhuma — disse Ash, balançando a cabeça, incrédulo. — Enfrentamos alguns, mas parecia que estavam mais interessados em nos afastar do que em lutar.

O mensageiro tinha dito que se tratava de kimisaros, mas o que Ash mencionava faria mais sentido se fossem casmunis tentando voltar para o rio ou abrir caminho para que alguém o atravessasse. Alex balançou a cabeça, confuso. O que estava acontecendo?

— Aí vêm eles!

Homens saíram das árvores, vestindo roupas em estilo demorano. Eles correram para a formação norsari. Vendo o aumento nos números, diminuíram o passo e começaram a recuar. Muitos se viraram e fugiram.

— Atrás deles! — Alex gritou.

Os demoranos perseguiram os invasores através da floresta, lutando de vez em quando, mas era basicamente uma caçada. Alex não conseguiu fazer uma contagem precisa dos números que estava enfrentando, mas as armas que viu não se assemelhavam às lâminas leves e curvas que havia tirado dos casmunis. Os norsaris saltaram pelas árvores, passando as tochas para a terceira fileira a fim de que as duas primeiras sempre pudessem ver, mas os invasores se moviam para fora da luz.

Havia alguma coisa errada. Ele conseguia sentir.

Os homens de Ash estavam na retaguarda, e Alex voltou para conversar com eles.

— Quem são? — ele perguntou a Ash.

— Ouvi palavras em kimisaro, mas também em demorano.

— De onde surgiram?

Ash apontou com o polegar para trás.

— O cabo Wilder tem uma teoria.

— Sim, senhor. — Um homem correu alguns passos à frente. — Ouvi dizer que um grupo de kimisaros atravessou Jovan no ano passado, antes que o desfiladeiro fosse fechado pelo exército. Atacaram e sumiram. Acho que, com a guerra do outro lado das montanhas, todos se esqueceram deles.

A ideia de kimisaros escondidos em Demora por meses era assustadora. Poderiam ter tentado escapar através de Casmun no ano anterior?

E o que era aquilo? Aparecer e rechaçar metodicamente em direção ao rio apenas para recuar? Aqueles homens pareciam interessados apenas em conquistar a atenção dos norsaris.

Ele não havia visto uma única vítima, tampouco observara a tática frequente dos kimisaros de capturar reféns e bater em retirada.

Era uma distração.

Antes que Alex pudesse dizer alguma coisa, uma chama laranja se acendeu no céu de repente, na direção do acampamento norsari.

Os kimisaros estavam mesmo atrás de um refém.

Nicholas.

OS NORSARIS DESAPARECERAM a uma velocidade que deixou Sage admirada, mesmo depois de ter passado semanas com eles. O tenente Gramwell, que Alex havia mandado ficar para trás, desmontou de seu cavalo e ordenou que o pelotão restante assumisse posição de defesa. Ele parecia cansado, e Sage sabia que muitos deles haviam acabado de voltar do deserto, mas ninguém hesitou.

Além dos homens de Gramwell, meia dúzia de soldados tinha ficado para trás por causa de algum ferimento. O tenente os instruiu a arrumar a bagunça deixada para trás na correria — prateleiras de armas e engradados tinham sido revirados e algumas tendas, desmontadas. Chamas se espalharam, e vários soldados receberam ordens de garantir que todas fossem apagadas ou contidas. Os cavalos restantes estavam agitados nos currais, e Gramwell passou sua montaria para um escudeiro e ordenou que selassem mais alguns, caso precisassem.

Sage tirou a vara dos ombros e deixou os baldes vazios no chão.

— O que posso fazer? — ela perguntou enquanto esfregava o pescoço.

O tenente a observou resabiado, e Sage não o culpou por não confiar plenamente nela. Por fim, disse:

— Haverá feridos. Prepare tudo na tenda médica.

Sage não teria discutido nem se ele a mandasse cavar uma latrina, mas aquilo parecia útil de verdade.

— Imediatamente, senhor.

O acampamento militar era um lugar assustador quando deserto. Sage sentiu um calafrio e tocou a adaga na cintura enquanto caminhava por entre as fileiras. Não tinha se dado conta de quanto barulho e movimento ainda havia nas horas mais silenciosas até que não houvesse mais nenhum de fato. Uma chama baixa queimava num fosso na frente das tendas médicas e de provisões. Ela parou para procurar e acender uma lanterna antes de entrar na enfermaria.

Sage pendurou a luz num gancho lateral e começou a abrir os baús e a arrumar os objetos sobre as mesas: curativos, hamamélis, torniquetes, agulhas de sutura, linha, talas. Estava preparando as bacias de água quando uma sombra passando

correndo por sua tenda a fez erguer os olhos. Quem quer que fosse parou perto da entrada, mas não entrou.

— Estou aqui dentro — Sage gritou, achando que estavam procurando por ela.

Uma mão segurando uma adaga longa atravessou a entrada da tenda, seguida por um homem banguela e desgrenhado. Sage conhecia todos os norsaris de vista, e aquele não era um deles, mas seu rosto parecia familiar.

— Quem é você? — ela perguntou, dando um passo para trás.

Sage ouviu gritos de algum lugar fora da tenda. O homem balançou a adaga e avançou para cima dela.

— Você vem comigo — ele disse com a voz áspera.

Sob a luz, ela reconheceu o estilo do manto dele e o escudo real na gola, que o identificavam como um cavalariaço. Fora lá que ela o tinha visto.

— Mandei vir comigo!

Sage pegou um pote de porcelana com a mão direita e o atirou no punho do homem, então atirou outro com a mão esquerda na cabeça dele. A adaga escapou da mão do homem com o primeiro golpe, e o segundo acertou seu crânio com um baque satisfatório. Ela atirou mais coisas nele — tesouras, comadres, rolos de curativo, tudo que estava ao seu alcance —, mas estava ficando sem opções.

Com um grito, o homem partiu para cima dela, que chutou um baú de remédios entre ambos, acertando os pés dele. O agressor caiu para a frente, batendo na estaca da tenda. Sage se jogou embaixo de uma mesa no momento exato em que a estrutura caiu em volta dos dois. Ela engatinhou até a lateral e rastejou por baixo dela. Uma vez do lado de fora, rolou e se manteve agachada com uma mão no cabo da adaga.

O homem se debatia furiosamente embaixo da lona, aos berros. Um momento depois, Sage entendeu o porquê: a lanterna também havia caído e posto fogo na barraca. O barulho acabaria atraindo os amigos dele para aquela área. Ela pegou uma frigideira de ferro da prateleira atrás de si, correu para o monte em chamas e bateu com força no que pensou ser a cabeça do homem. Com um estalo alto, ele caiu e ficou em silêncio.

Sage soltou a frigideira e sacou a adaga enquanto se virava num círculo rápido, observando ao redor. A área estava deserta. Luz e barulho vinham do outro lado do acampamento. Ela correu para lá, com a arma na mão.

UMA PEQUENA CLAREIRA ESTAVA ILUMINADA POR TOCHAS. Cerca de trinta homens cercavam doze norsaris e três escudeiros, ameaçando-os com espadas e adagas. Metade dos demoranos permanecia armada, ainda que apenas com lâminas. O tenente Gramwell estava entre eles, com sangue escorrendo pela lateral do rosto. Sage se escondeu atrás de uma tenda para observar enquanto outros seis norsaris ensanguentados e cambaleantes eram empurrados para o amontoado de demoranos. Deviam ser alguns dos que estavam de guarda.

— E o último menino? — alguém perguntou.

— Lenis e Ullya estão procurando — outra pessoa respondeu.

— Só precisamos do príncipe. — Um homem alto de manto passou pelos kimisaros e se dirigiu aos demoranos. Sage avistou os braços com tatuagens que pareciam estranhamente familiares. — Entreguem-no.

Em resposta, os norsaris formaram um círculo fechado em volta dos três escudeiros.

— Venham pegar — um deles disse.

Alguns dos kimisaros pareciam dispostos a aceitar o desafio. Seu líder ergueu a mão.

— Não vamos feri-lo — o homem disse. — Vocês têm minha palavra.

Alguns dos norsaris cuspiram no chão para demonstrar o que achavam da promessa dele. Sage já tinha visto o suficiente para saber que Nicholas não estava entre os três no meio. Deviam tê-lo escondido em algum lugar ou tirado do acampamento. Não havia nada que ela pudesse fazer contra tantos homens, mas precisava chegar até Alex e avisar o que estava acontecendo. Sage recuou e rodeou o círculo de luz até o estábulo mais próximo. Por cima do dorso de alguns cavalos agitados, que empinavam de um lado para o outro, avistou um que já estava selado.

O portão ficava do lado oposto. Sage desembainhou a adaga, arrancou uma das barras da cerca e a tirou. Conseguiu soltar apenas um lado da segunda barra antes que os cavalos ansiosos comesçassem a pular pela abertura. Sage bateu no

traseiro do mais próximo e o fez sair em disparada. Outros o seguiram, e ela os esperou passar antes de correr para dentro do estábulo e chegar ao que já estava selado. Sage estava com as mãos nas rédeas e um pé no estribo quando algo bateu em seu outro pé e a fez cair no chão. A ponta afiada de uma alabarda foi apontada na cara dela.

— Sage! — exclamou Nicholas. Ele puxou a arma e pegou a rédea do cavalo para impedir que saísse correndo, depois a ajudou a se levantar, sussurrando com urgência. — Estão atrás de mim. O tenente Gramwell me mandou fugir, mas ouvi tudo. Não posso simplesmente abandonar os outros!

— Você pode, sim. E vai — ela disse. — Estão resistindo para você conseguir fugir; não permita que o esforço deles seja em vão. — Se tudo desse certo, os cavalos à solta causariam uma distração e dispersariam o grupo em volta dos norsaris. — Monte.

— Venha comigo — Nicholas suplicou. — Por favor.

Juntos, os dois provavelmente pesariam tanto quanto um soldado completamente armado.

— Está bem — ela concordou. Sage apontou para a arma na mão dele, um bastão com uma machadinha e uma ponta de lança. — Isso é tudo o que tem?

Nicholas assentiu.

— Foi a única coisa que consegui encontrar no escuro, e está quebrada ainda por cima. — O príncipe ergueu a parte de baixo para ela ver que estava lascada, de modo que a arma não era mais alta que ele.

— É melhor que nada — Sage disse. — Você segura e eu conduzo. — O cavalo estava selado para alguém muito mais alto, e ela teve dificuldade para montar. Depois de sentar, pegou a alabarda para que Nicholas pudesse subir atrás dela. Em seguida, fez o cavalo dar meia-volta, enquanto já formava uma ideia em sua cabeça. A bota escorregou para fora do estribo comprido demais quando deu um chute no cavalo, e Sage precisou estender as coxas ao máximo para continuar montada. Saíram em disparada pelo acampamento, na direção do fogo que ela torcia para que ainda estivesse aceso na tenda médica.

A sorte estava do seu lado; o fogo havia se espalhado para a tenda de provisões ao lado. Sage deu a volta com o cavalo, semicerrando os olhos para ver através fumaça. Ali estava, perto o bastante para dar certo. Ela precisava ser rápida — parecia que tinham sido vistos.

— O que está fazendo? — Nicholas perguntou. — Precisamos ir!

— Estou pedindo ajuda. — Sage guiou o animal até ele ficar de costas para uma pilha baixa de barris com óleo de lamparina. — Faça o cavalo dar um

pinote.

— Quê?

— Espete a bunda dele para que dê um coice!

Nicholas o cutucou com a alabarda. O cavalo gemeu e deu um pinote, quebrando pelo menos um dos barris pequenos e fazendo vários outros saírem rolando. Sage mal conseguiu continuar montada quando o príncipe tombou para cima dela com o movimento. Ela avistou os homens correndo na direção deles, com arcos em punho. Então saíram em disparada pelo acampamento, com o brilho laranja de um incêndio furioso iluminando o céu atrás deles.

SAGE E NICHOLAS CONSEGUIRAM ATRAVESSAR uma breve chuva de flechas, mas estavam a menos de duzentos metros fora do acampamento quando o cavalo empinou de repente, relinchando. Ela agarrou a crina para continuar montada, mas o príncipe escorregou do dorso com um grito, gemendo ao cair no chão. O cavalo voltou a ficar de quatro e Sage o fez avançar, puxando as rédeas para o lado para que não pisoteasse Nicholas.

— Você está bem? — ela perguntou, tentando entender o que tinha assustado o cavalo.

— Acho que sim — o príncipe respondeu. — Mas o cavalo foi atingido.

Sage apalpou o cavalo do lado em que evitava pisar até encontrar a flecha cravada em sua coxa. Não dava para saber a profundidade do ferimento — o cabo tinha se partido com o tombo de Nicholas. Sangue quente escorreu pela mão dela quando tentou pegar a flecha para arrancá-la. O animal relinchou de novo, curvando a pata traseira. Sage passou a perna por cima do garrote e desmontou, tentando acalmá-lo com palavras doces. Ela tentou tocar a flecha outra vez, mas seu ângulo tinha ficado ainda pior.

— Perdemos o cavalo — Sage disse a Nicholas. — E vão nos alcançar a qualquer minuto. Consegue correr?

— Acho que sim. — O vulto do príncipe se levantou bruscamente. — Ai. Acho que meu punho está quebrado ou deslocado.

— Depois a gente resolve isso. Pelo menos não é o tornozelo.

Nicholas vacilou um pouco.

— Agora que estou de pé, meu joelho também não parece muito bom.

Sage olhou para trás, na direção do incêndio que devia estar consumindo as provisões dos norsaris. Aquilo fez com que se sentisse mal, mas o fogo seria útil.

— O capitão Quinn vai chegar em breve. Vamos ficar escondidos enquanto isso.

A alabarda estava no chão, seu cabo quebrado outra vez, a ponto de ficar do comprimento de um machado. Sage pegou o bastão e cutucou o cavalo manco

com ele, para fazê-lo descer para o rio. Em seguida, colocou o braço de Nicholas em volta do ombro e o ajudou a entrar na floresta. Depois de subirem alguns metros, ela o deixou sentado no chão e voltou para cobrir os rastros deles da melhor maneira possível. Escapou da trilha bem a tempo de não ser vista por três homens que passavam correndo.

Sage se arrastou até Nicholas.

— Me dá seu punho. — O príncipe estendeu o braço esquerdo, e ela o apalpou com delicadeza. Nenhum osso exposto, mas estava inchando rápido, então não dava para saber a real situação. Nicholas gemeu, e ela murmurou um pedido de desculpa. — E o joelho, como está?

— Melhor. Acho que consigo correr.

— Agora não.

Ela ouviu o som de armas colidindo vindo do oeste, a direção de onde viria ajuda. Meio minuto depois, o barulho parou. Sage levou um dedo aos lábios de Nicholas e fechou os olhos para prestar atenção no barulho. Um cavalo vinha na direção deles — sem mancar. *Espírito do céu, por favor, seja quem penso que é.*

A luz do incêndio distante se refletiu numa espada desembainhada. O cavaleiro se movia rápido, mas com cautela. Os olhos dela tinham se acostumado o bastante para reconhecer o vulto escuro através da árvore. Sage se levantou e desatou a correr colina abaixo, antes que ele fosse embora.

— Alex!

— Sage? — O alívio na voz dele era intenso, e ela chorou enquanto se jogava em seus braços depois que desmontou. Alex apalpou todo o corpo dela. — Você está bem?

— Estou — ela disse entre soluços. — Nicholas também. Estamos bem. — Sage balbuciava.

— Seu braço está coberto de sangue.

— É do cavalo — ela explicou, tentando se controlar.

— Eu o vi. E vários kimisaros.

— Tem mais no acampamento — ela disse. — Estão atrás do príncipe.

— Quantos?

— Vinte e poucos, senhor — respondeu Nicholas, escorregando colina abaixo. — Pelo menos.

— Cass está alguns minutos atrás de mim, trazendo um pelotão. Vim na frente. — Ele ainda a segurava com o braço livre. Sage se apoiou nele, aproveitando a proximidade. Alex estava ali. Tudo ficaria bem. — Você começou aquele incêndio? — ele perguntou, olhando para ela.

— Sim.

— Bom trabalho.

Havia um orgulho sincero na voz dele.

— Alex — Sage começou. — Em relação a tudo...

— Agora não. — O calor do corpo dele desapareceu quando a soltou, mas ao menos não parecia bravo. — Eles estão vindo para cima de nós de todos os lados. Preciso tirar vocês daqui.

— Por onde?

— Pelo rio — disse Nicholas. — O barco não está longe.

Alex concordou.

— Boa ideia. — Ele passou a guia do seu cavalo para Sage. — Vou na frente, caso encontre alguém. Fiquem atrás de mim.

Eles desceram a trilha rapidamente, Nicholas gemendo um pouco e com dificuldade para acompanhar o ritmo. Seu joelho devia estar pior do que achava. Foi fácil encontrar o barco com a luz do incêndio refletida no rio, mas estavam no campo de visão do acampamento. Não demoraria até que alguém os avistasse.

— Entrem. — Alex cravou a espada na terra macia para liberar a mão e começou a desatar a corda. — Está escuro e esfumaçado. Fiquem abaixados e deixem a corrente levar vocês.

Ele não iria junto. Sage tentou não entrar em pânico.

— Onde paramos?

— Use o bom senso. Mas é melhor longe do que perto.

Nicholas jogou a alabarda quebrada no barco e subiu com dificuldade. Sage esperou até ele estar sentado antes de entrar. Os gritos ecoando da floresta e do acampamento mostravam que tinham sido avistados. Alex soltou a corda e a jogou no barco. Quando pegou o remo para empurrá-lo para a corrente, Sage colocou as mãos sobre as dele.

— Alex.

Ele ergueu os olhos. Havia medo, mas apenas por Sage, não por si próprio. Alex empurrou o barco para a água enquanto sombras empunhando armas corriam colina abaixo. No último segundo, o capitão ergueu a mão para o pescoço dela e puxou seu rosto junto ao dele, beijando-a desesperadamente. A mão livre de Sage deslizou pelo pescoço dele e agarrou seu cabelo. Então ela começou a se afastar com o impulso do barco.

— Vá — Alex sussurrou.

Ela quase caiu, estendendo a mão para ele, mas o príncipe a puxou pelo cinto da roupa. Alex voltou chapinhando até Surry na margem e pegou a espada do

chão. Montou rapidamente e se virou para enfrentar os homens que se aproximavam.

A fumaça sobre a água os envolveu, mas Alex ainda estava visível. Sage se segurou nas laterais do barco enquanto chegava ao meio do rio e ganhava velocidade, levando-os mais além na névoa enquanto o número de kimisaros ao redor dele crescia. À direita, rio abaixo, os norsaris se aproximavam a pé, com Casseck e seu garanhão na dianteira, mas Sage não sabia por quanto tempo Alex conseguiria resistir sozinho. O barco virou com a corrente, e ela foi para o outro lado, para não o perder de vista.

A espada de Alex cintilou. Casseck estava quase lá. Sage se ergueu apoiada nos joelhos, esforçando-se para enxergar quando o barco entrou em uma curva do rio.

A última coisa que avistou foi Alex caindo de costas do cavalo, com uma flecha cravada pela metade no peito.

ALEX CAIU NO CHÃO COM TUDO, mas tinha bastante prática em se jogar do dorso de um cavalo sem quebrar nada. Surry respondeu à mudança súbita no peso virando para o outro lado e abrindo um espaço livre no chão. Em poucos segundos, o capitão já estava de pé, com as costas pressionadas contra o flanco da égua. Montar tinha sido uma péssima escolha — tornara-o um alvo fácil. Felizmente, ele tinha avistado o arqueiro nas árvores a tempo. Uma dúzia de norsaris entrara correndo em direção ao rio, abrindo caminho por entre os kimisaros.

O capitão acenou para Cass, que sorriu aliviado, tendo-o visto cair. Lutando, abriram caminho até o outro enquanto ondas de soldados entravam na batalha. Após algum sinal que Alex não conseguiu ver nem ouvir, os kimisaros se viraram ao mesmo tempo e se espalharam pela floresta.

Casseck foi trotando até ele, sacudindo a cabeça para se livrar do suor e soltar os fios loiros colados na pele.

— Acho que acabou. Pelo que vi antes de sairmos, também estavam fugindo lá.

— Era tudo uma distração para capturar o príncipe — observou o capitão. — Deixei Nicholas e Sage no barco e os mandei rio abaixo. Vamos atrás deles assim que amanhecer.

Cass assentiu, abrindo um meio sorriso e apontando para Alex.

— Você é o homem mais sortudo que conheço.

Alex ergueu o braço direito para ver do que o outro estava falando. Havia uma flecha presa a seu gibão, a ponta cravada numa argola de metal costurada no couro debaixo da axila.

— Impressionante, mas duvido que ele tivesse mirado aí. — Alex curvou o cabo e o quebrou. Jogou a ponta com as penas de lado e pegou as rédeas de Surry para voltar a montar. — Vamos — ele disse. — Temos uma bagunça para arrumar.

Alex ergueu a tocha alto e chutou a lona chamuscada para o lado, à procura de sobreviventes e das provisões de que precisaria para ir atrás de Sage e Nicholas.

Ele tinha encontrado seis corpos até então, além de dois à beira do rio, mas nenhum era demorano. Por mais confiança que tivesse em seus norsaris, aquilo lhe pareceu estranho. Era como se os kimisaros tivessem *evitado* matar.

Um vislumbre de tecido o fez parar. Agachou-se e encontrou uma roupa de baixo que só poderia ser de Sage. Um rubor subiu por seu pescoço enquanto ele observava ao redor, confirmando que estava no lugar em que ficava a tenda dela. Ele ergueu a lona e fez um inventário de suas coisas. Não havia muito — Sage não carregava muita bagagem. Alex abriu a mesa e encontrou o baú aberto e um caderno de capa de couro sem título. Curioso, pegou-o e abriu.

Eram páginas e páginas da caligrafia dela em demorano, kimisaro e uma língua que ele não entendia, com frases circuladas e sublinhadas, além de notas nas margens. Depois vinham palavras e frases em demorano e na terceira língua emparelhadas, com comentários gramaticais. Sage estava tentando elaborar suas próprias sentenças. “Faz semanas que estou estudando antigos acordos e tratados comerciais casmunis”, ele lembrava que ela tinha dito, mas ver o trabalho era algo completamente diferente. Genial, na verdade.

Uma última anotação continha um relato datado de tudo o que Sage havia aprendido e observado, bem como suas conclusões. O cabo Wilder tinha sido uma grande fonte de informações. Embora não houvesse nenhum relato pessoal, Alex conseguia perceber a frustração crescente de Sage. As últimas anotações foram feitas durante a missão no deserto.

Darit e Malamin eram os nomes dos casmunis que tinham capturado. Sage e Nicholas haviam “compartilhado água” com eles e conversado. Os homens do deserto haviam afirmado terem se perdido de seus companheiros na tempestade de areia. Embora estivessem a caminho da fronteira, insistiam firmemente que não a haviam atravessado nem pretendiam fazê-lo. Não havia mais anotações depois daquilo.

Sob a contracapa havia um pergaminho dobrado. Alex o abriu e descobriu que era uma carta sua, de meses antes. Ele se lembrava de tê-la escrito, e de ter entrado em pânico no momento em que a remessa partira, porque a havia escrito no auge do desejo. Estivera certo de que suas palavras seriam demais para ela. Como Sage nunca a havia mencionado, imaginara que havia se perdido.

Os vincos no papel desgastado lhe mostravam que a carta não apenas tinha sido lida, mas com frequência.

Em oitocentos e doze dias vou cobrar sua promessa de ser minha. Na maioria dos casos você é teimosa, mas isso eu me recuso a negociar, pois nada é mais vital para minha sobrevivência. Quando digo e repito o quanto desejo que seja

minha, é apenas porque já sou inteiramente seu.

Marcas de lágrimas recentes tinham borrado a tinta. Ela devia ter lido a carta na noite anterior.

Alex guardou o livro e o pergaminho no gibão e mandou Casseck reunir três esquadrões de voluntários. Ainda faltava uma hora para o nascer do sol, mas ele não ia esperar.

OS SONS DA BATALHA TINHAM SUMIDO HAVIA MUITO TEMPO. Sage manteve a cabeça baixa, segurando-se nas laterais do barco que balançava e seguia a corrente. A imagem da flecha acertando o peito de Alex e dele caindo para trás se repetia na sua cabeça sem parar.

Alex estava morto.

Talvez conseguisse sobreviver ao ferimento. Talvez a flecha não tivesse acertado seu coração, talvez não tivesse atingido nenhum órgão vital.

Mas Sage tinha visto como ela perfurara fundo — atravessando metade de seu corpo, o que significava que havia passado por entre as costelas. Se o coração tivesse sido perfurado, Alex teria uma hemorragia, ou pior: o sangue entraria em seus pulmões e o sufocaria. Mesmo que apenas o pulmão tivesse sido atingido, respirar seria impossível.

Tudo acabava da mesma forma, com ele morrendo, sem ar e sozinho, enquanto seus inimigos o cercavam. Sem saber que ela entendia. Que estava arrependida. Que o amava.

Mas as lágrimas da garota se recusavam a cair.

Sage não tinha noção do tempo até o rio Noturno se apagar com a chegada da aurora. Nicholas estava deitado em posição fetal no fundo do barco, em um sono inquieto, com a mão inchada aninhada junto ao peito. Seu punho precisava ser enfaixado, mas ela o deixou dormir. Assim que houvesse luz suficiente, arranjariam um lugar na margem e acampariam à espera de que Alex os encontrasse.

A realidade a atingiu como um soco no peito.

Não. Alex nunca iria atrás deles. Casseck e os outros nem saberiam por onde procurar, mas os kimisaros talvez soubessem. Ela e Nicholas estavam sozinhos.

Sage observou o garoto adormecido a seus pés. Alex havia morrido por seu príncipe. Se preciso, ela faria o mesmo.

Nicholas se agachou à beira da fogueira e esquentou as mãos enquanto Sage vasculhava a margem em busca de pedras lisas. Ela guardou umas dez no bolso e

voltou para perto do príncipe.

— Está com fome?

— Sempre — ele disse, numa tentativa fraca de fazer graça.

Sage tentou abrir um sorriso reconfortante.

— Vamos ficar aqui até nos encontrarem. Podemos arranjar comida até lá.

— Não tenho muita coisa além da alabarda e da minha adaga — Nicholas disse em tom de desculpa.

— Não tem problema, tenho um estilingue. Quer um esquilo? — Além da pederneira e da gaze, era a única coisa que ela tinha no cinto. Sage enrolou as tiras de couro atadas nos dedos e tirou uma pedra do bolso. — Já volto.

Sage entrou na floresta e voltou dez minutos depois atirando um esquilo preto aos pés de Nicholas.

— Tire a pele e coloque a carne no espeto. Vou procurar mais.

Enquanto ela voltava para a floresta, ouviu um grito do outro lado do rio.

Nicholas largou o esquilo e se levantou com um salto.

— Eles chegaram! — O príncipe acenou com a mão boa.

Sage pulou para segurar seu braço.

— Espere! — Ela observou ao redor. Estavam expostos, mas ela tinha achado melhor não se afastar do barco, pois seria tanto um sinal para os norsaris como o meio mais rápido de fuga, caso necessário.

Havia dois homens na margem oposta, apontando para eles. Três outros apareceram rio acima. Com armas em punho.

— Não reconheço nenhum — disse Nicholas.

Sage pegou a alabarda e empurrou o príncipe na direção do barco.

— Corra!

— ESTÃO VOLTANDO PARA O RIO, CAPITÃO!

Huzar saiu correndo de trás das árvores no exato momento em que os dois garotos entravam no barco na margem oposta. Droga.

Tudo havia corrido como o planejado até o começo do incêndio. De repente, havia cavalos por toda parte e alguém vira o príncipe e outro garoto fugindo num cavalo. Em algum momento durante a fuga, Quinn aparecera e colocara Nicholas e seu companheiro em um barco, mandando-os rio abaixo.

Então chegaram os norsaris, e Huzar mandara seus homens recuarem. Depois de entender aonde o príncipe tinha ido, o capitão kimisaro foi embora sem esperar pela contagem de corpos. Nenhuma morte teria sido em vão se conseguissem alcançar o garoto antes dos demoranos.

Huzar guiara seu esquadrão ao longo do rio o mais rápido possível enquanto avistava o barco de vez em quando por entre as árvores.

Outro escudeiro estava com o príncipe, o que era bom. Um refém a mais seria útil. Huzar não queria machucar crianças. O garoto seria mandado de volta a Quinn para explicar que os kimisaros estavam presos e só queriam voltar para casa.

O capitão kimisaro tinha deixado os norsaris em meio ao caos, mas eles não podiam estar muito longe. Havia mais soldados na estrada, talvez a um dia de distância. Os kimisaros estavam encurralados e em menor número. Não havia como voltar ou se esconder. Se Huzar não conseguisse capturar o príncipe e fazer Quinn ouvi-lo, seria apenas uma questão de tempo até todos os seus homens estarem mortos.

Ao descer, o rio fazia uma curva em U. Se os kimisaros se apressassem, conseguiriam chegar à frente do barco. Entusiasmado com a possibilidade, Huzar gritou suas ordens enquanto corria.

Vários de seus homens se espalharam pela margem, à espera de que o barco desse a volta. Um deles colocou uma flecha no arco quando o barco surgiu no campo de visão.

Não!

Huzar gritou para impedi-lo. Seu segundo no comando manteve o arco tenso enquanto o encarava, obviamente discordando. Tinha sido ele quem ordenara que os kimisaros mirassem no príncipe na noite anterior, enquanto fugia no dorso do cavalo. Huzar havia ficado furioso. Fora sorte o garoto não ter sido atingido.

Pelo canto do olho, o capitão viu o outro escudeiro ficar em pé no barco e girar o braço com força. Huzar percebeu o que ele estava fazendo e gritou em alerta, mas tarde demais. Seu segundo no comando voltou a olhar para o barco no exato instante em que uma pedra acertou seu rosto. A flecha semiapontada do homem morto se lançou em um arco fraco para dentro da água, bem longe do alvo.

Com um sobressalto, Huzar reconheceu o garoto com o estilingue.

Não era um garoto.

SAGE SE JOGOU E FICOU DEITADA NO BARCO. Talvez não quisessem atirar nela antes — tinha ouvido um grito que impedira o homem com o arco de atirar —, mas não hesitariam mais. Um movimento na água a fez espiar. Um homem nadava na direção do barco.

Na verdade, dois homens. O medo dos arqueiros ficou para trás.

— Pegue o remo! — ela gritou para Nicholas. — Bata nele quando chegar perto!

As pedras no fundo do rio eram escorregadias. Enquanto os homens estivessem na água, Sage tinha a vantagem.

Os dois homens gritaram uma contagem antes de pular ao mesmo tempo cada um de um lado do barco, para que não virasse. Nicholas ficou de joelhos, balançando o remo de um lado para o outro com a mão boa, e acertou a cabeça do homem mais próximo dele. Sua vítima perdeu o equilíbrio e caiu para trás, respingando água.

Sage bateu no outro com o remo várias vezes. Ele resmungou, mas se segurou firme. Ela girou o remo e acertou nos dedos do homem. Uma mão dele escapou, mas a outra continuou segurando. Ela soltou o remo para sacar a adaga do cinto e bateu na outra mão dele. Seus dedos se abriram, soltando o barco, mas ele se manteve ali. Quando Sage arrancou a lâmina, ele escorregou na água com um grito truncado.

O barco se inclinou violentamente com a perda de peso, jogando-a em cima de Nicholas, cujo remo caiu no rio. A adaga de Sage caiu com um estrépito no fundo do barco, enquanto ela segurava o príncipe pela túnica antes que escorregasse para o rio e o afastava do homem que tentava pegá-lo.

Uma fúria febril cresceu dentro dela. Aqueles homens queriam Nicholas. Machucariam e possivelmente matariam muitos outros soldados. Amigos dela.

E tinham matado Alex.

Sage pegou a adaga e se lançou para cima do homem que ainda tinha metade do corpo sobre o barco, atingindo-o entre o pescoço e o ombro. A adaga se

cravou quase até o cabo, e ela puxou para trás para enfiá-la ainda mais fundo. O homem apertou a garganta, afastando as mãos dela. Os dois disputaram a adaga, mas só conseguiram enfiá-la mais fundo debaixo da clavícula dele. Sage o empurrou para trás para conseguir segurar o cabo, então viu seu rosto pela primeira vez. Viu o medo e a agonia dele.

Viu a vida se apagar de seus olhos como uma vela.

Então o peso do homem o fez cair para o lado. A adaga tinha entrado demais para que ela a arrancasse antes de ele afundar.

ALEX SOUBE QUE HAVIA ALGO ERRADO no minuto em que vira a fogueira se apagando. Ela ardia perto da margem, com um espeto pela metade e um esquilo morto por uma pedra de estilingue ao lado. Sinais de que Sage e Nicholas tinham estado ali, mas haviam largado tudo e abandonado o acampamento.

Ele seguiu as pegadas apressadas de volta à costa. O barco tinha deixado sulcos na areia.

Nenhum sinal de alguém ao redor. Do outro lado do rio, Cass acenou para chamar sua atenção.

— O que está vendo? — Alex perguntou.

— Muitos homens se movendo rápido. A duas ou três horas — ele respondeu.

— Junte todos — o capitão respondeu aos gritos. — Vamos atrás deles!

SÓ HAVIA SOBRADO UM REMO, que Sage usava como leme, guiando o barco para as correntes mais rápidas. Nicholas se segurava à proa com os dedos brancos e olhava à frente para alertá-la das rochas. Eles haviam passado por uma cachoeira antes de entrar no desfiladeiro Beskan, mas tinha apenas um metro e meio, graças à chuva que havia enchido a foz depois dela, de modo que não precisaram desviar, embora tivessem ficado encharcados.

De tempos em tempos, Nicholas olhava para Sage por cima do ombro, como se não a reconhecesse. No começo, ela pensou que fosse o choque. Talvez nunca tivesse visto alguém morrer.

O homem no barco tinha sido o segundo que ela havia matado — terceiro, se o arqueiro que acertara estivesse morto —, mas o primeiro que havia encarado. O outro tinha morrido no ano anterior, numa luta desesperada por sobrevivência, quando Sage estava prestes a desmaiar — ele havia sangrado até a morte enquanto ela ficara inconsciente.

Alex havia confessado certa vez que tinha medo de que tivesse se transformado em um monstro por causa de todas as vidas que havia tirado em batalha. Sage o havia tranquilizado dizendo que ele não era um monstro, mas, ao reconhecer a expressão no rosto do príncipe, entendeu perfeitamente o pavor do capitão. Nicholas estava com medo. Dela. Olhava para Sage como se a garota fosse um monstro. E talvez fosse mesmo.

Ela e Nicholas estavam a salvo no cânion naquele momento. As muralhas altas os protegiam de ataques, mas não ofereciam nenhum abrigo. E precisariam comer. Sage viu lagartos e roedores de tamanho razoável, mas não teve coragem de parar. Se seus perseguidores fossem inteligentes, tentariam capturá-los quando saíssem do outro lado. Sua única chance de fugir dos kimisaros era continuar na frente, mas, depois de Beskan, encontrariam o intransponível desfiladeiro Yanli. Sage e Nicholas teriam de sair do rio antes e, quando o fizessem, estariam em Casmun. A pergunta era até onde os kimisaros estavam dispostos a segui-los.

Enquanto o sol se escondia atrás do cânion, Sage tomou uma decisão: iriam para a margem assim que possível e buscariam comida antes de continuar rio abaixo, minutos depois. Enquanto houvesse luz suficiente para enxergar, permaneceriam na água. Era arriscado demais acender uma fogueira, de modo que enfrentariam o frio da noite.

Sage estremeceu em suas roupas molhadas enquanto atravessavam o cânion entre as sombras, torcendo para chegar à extremidade sul antes do pôr do sol.

SEUS PULMÕES ARDIAM E SUAS PERNAS IMPLORAVAM POR DESCANSO, mas ele não parou. Cada passo o levava para mais perto dela e de Nicholas. Encontraram um lugar onde o rio despencava um metro e meio, mas não havia sinal de que o barco tivesse sido destruído. Quando o sol já estava bem baixo no céu, Alex e seus norsaris chegaram à entrada do desfiladeiro Beskan.

As margens do rio se erguiam altas e a água corria pela abertura estreita entre as muralhas de pedra. Ele procurou sinais de que os dois tivessem parado, mesmo que por alguns minutos, mas não encontrou nada. Do outro lado do rio, Cass e sua equipe vasculhavam a margem em busca dos mesmos indícios. Ele teve que se comunicar por meio de sinais, por conta do barulho estrondoso do rio pelo cânion. *Nada.*

Descansem e bebam água, Alex respondeu com as mãos, dando a mesma instrução aos homens ao seu lado.

Cass acenou de novo para dar seu relatório. *Um kimisaro morto alguns quilômetros atrás. Pedrada na cabeça.*

Apesar do alívio, a expressão de Alex ficou tensa ao receber a mensagem. Sage e seu estilingue. Ele deduzira que os kimisaros os estavam seguindo, provavelmente os perseguindo de uma maneira que fazia parecer que não era seguro parar. Mas Sage havia acertado um dos inimigos. Bom para ela.

Alex olhou para o desfiladeiro, que garantiria a Sage e Nicholas algumas horas a salvo dos kimisaros, mas pouca chance de relaxar. Ele faria qualquer coisa por um barco.

O sargento Lance se aproximou e ofereceu frutas secas e carne de veado, restos da malfadada viagem ao deserto. A maioria das provisões dos norsaris tinha sido perdida no incêndio. Alex observou ao redor, a dezena de homens que o havia acompanhado nas últimas cinco horas. Pareciam todos cansados, mas determinados. Eram bons homens, todos eles. Nunca tinha se sentido tão orgulhoso de ser comandante.

— Bebam e encham seus cantis — ele disse. — Ainda não acabou.

SAGE GUIOU O BARCO PARA A MARGEM DIREITA DO RIO, onde um conjunto de árvores se estendia para o sul. Quando saíram do desfiladeiro, uma rajada de ar do deserto os recebeu. Foi gostoso, depois de tantas horas de sombra e umidade, mas a ansiedade de Sage aumentou quando se deu conta de como estavam expostos. Demorou mais uma hora até se sentir segura o bastante para atracar o barco. A região era promissora — uma árvore caída criava uma contracorrente natural que esconderia os dois de quem olhava da outra margem.

Ela e Nicholas saltaram para fora do barco e o empurraram até as pedrinhas arenosas. A primeira coisa que fizeram foi buscar um lugar para se aliviar. Ao voltar, Nicholas descreveu uma árvore frutífera que Sage não reconhecia como segura. O gorjeio de um de pássaro a fez agarrar o braço dele. O som não parecia ter sido feito por um animal.

Na mesma hora, um homem com um lenço enrolado na cabeça e roupas largas marrom saiu de trás das árvores, apontando uma flecha para eles. Sage empurrou Nicholas para trás e observou ao redor. Deveria haver mais.

Outros seis homens se revelaram, empunhando armas. Ela identificou imediatamente o líder, pela maneira como todos se voltavam para ele. Seus olhares se encontraram, então o homem jogou o véu para trás, revelando a fina cicatriz branca na testa de um rosto conhecido.

Ela ergueu as mãos para mostrar que não estava armada.

— *Basmedar*, Darit Yamon.

— *Basmedar*, Saizsch Fahler. — Darit sorriu com ironia. — Embora, pelo seu estado, acho que não tenha estado com muita sorte — ele disse em *casmuni*.

— Estamos de acordo — ela respondeu. Sobrancelhas se arquearam com o uso do que devia ser uma frase formal e antiquada.

Darit disse uma palavra desconhecida, e os homens em volta baixaram as armas. Ele voltou a se dirigir a Sage.

— Sua má sorte é por ter nos ajudado?

Sage fez que não.

— Kimisaros nos atacaram.

O líder casmuni não pareceu acreditar nela. Era provável que aquilo soasse estranhamente oportuno. Ela não sabia se conhecia palavras suficientes para explicar a situação.

Um dos casmuni gritou e apontou para o rio. Um corpo tinha sido levado pela correnteza até o redemoinho.

Sage deu um passo na direção dele, e armas se ergueram. Ela olhou para Darit e seguiu até a água, então pegou o braço do homem e o arrastou até a margem.

A jovem reconheceu o soldado antes mesmo de virá-lo. O cabo da adaga de Alex ainda estava fincado nele, o rosto paralisado numa expressão de desespero. Bile subiu pela garganta dela ao lembrar de ter tirado sua vida.

Darit se aproximou.

— Obra sua? — ele perguntou, apontando para a adaga.

— Sim — ela disse. Sage puxou a lâmina e limpou na camisa do homem morto, depois a enfiou no cinto e se levantou para encarar Darit. — Mais virão em breve.

Ele fez sinal para seus homens abaixarem as armas, mas, ao ouvirem um barulho do oeste, eles as voltaram naquela direção. Outro casmuni saiu de trás das árvores, gritando e apontando rio acima.

O significado era claro: os kimisaros estavam chegando. Ao sinal de Darit, dois homens abandonaram o cerco a Sage e Nicholas e seguiram o outro de volta para a floresta, com armas em punho.

Darit fitou o kimisaro morto por alguns segundos, depois voltou a olhar para Sage, que foi para o lado de Nicholas. Ele assentiu como se tomasse uma decisão.

— Venham conosco — disse. — Vamos proteger vocês.

— O que ele disse? — Nicholas perguntou.

— Ofereceu proteção.

— O que vamos fazer?

Ela duvidava que os casmunis fossem obrigá-los, e a melhor opção era óbvia. Levaria dias até os demoranos os encontrarem. Se os encontrassem.

— Vamos com eles — Sage disse.

A EQUIPE DE HUZAR PERDERA UM TEMPO PRECIOSO atravessando o rio, mas suas vítimas não seriam tolas de parar no lado pelo qual foram atacadas. Os kimisaros estavam famintos e exaustos. Huzar começou a recear que, se capturassem o príncipe, não teriam forças para evitar que fugisse. Sua única chance de voltar para casa escorria por seus dedos como areia.

Maldita mulher. Não pela primeira vez, ele se perguntava qual o papel que a garota havia representado em Tegann. Também tinha matado Dirai, seu falcão de cauda preta e seu único meio de comunicação com os homens de que havia se separado no verão anterior. E estava de volta. Por melhores que fossem os escudeiros demoranos, o jovem príncipe teria cometido algum erro, se ela não dirigisse a fuga dele. Se não fosse por aquela mulher, já o teriam nas mãos, sem o cadáver ensanguentado de seu segundo no comando.

Gritos à frente. Seria possível que os demoranos os tivessem ultrapassado? Três de seus homens vieram correndo das árvores. Pararam e se curvaram apoiando as mãos nos joelhos enquanto tentavam recuperar o fôlego.

— Casmunis! — um deles finalmente conseguiu falar.

— Um quilômetro à frente — disse outro. — Nos atacaram.

O terceiro homem caiu de joelhos, apertando a mão ensanguentada contra a coxa.

— Estão seguindo vocês? — perguntou Huzar.

— Não — disse o primeiro. — Voltaram por onde vieram. Deve haver mais.

Huzar cerrou os punhos. Estava tão perto de seu objetivo, mas deparava com outro obstáculo.

— E o príncipe e sua companheira?

— Não vimos nenhum sinal deles, capitão. E perdemos Gispan.

Quando Huzar achava que as coisas não podiam piorar, um grito vindo de trás provou que estava enganado. Demoranos foram avistados à beira do desfiladeiro. As únicas clemências oferecidas a eles eram o sol poente e a promessa de mais uma noite sem luar.

Huzar havia fracassado.

Ele ergueu os olhos para os homens que aguardavam seu comando.

— Vamos bater em retirada. Deixem os casmunis para os demoranos.

ALEX CUTUCOU O CADÁVER COM O PÉ. Estava morto havia cerca de um dia. A causa era óbvia — sua garganta tinha sido cortada, mas a falta de sangue no local indicava que aquilo não havia acontecido ali. Ele se agachou e analisou a ferida. Era limpa, um corte fino feito por uma lâmina mais ou menos do comprimento da sua mão. Poderia ter sido qualquer adaga, mas Alex apostaria em uma específica, de cabo preto e dourado.

Casseck se aproximou por trás.

— O rastro do combate lá atrás vai até o deserto. De três a quatro homens, ao menos um ferido. Pelo sangue, foi ontem à tarde.

Alex assentiu enquanto se levantava. Tinham perdido muito tempo na noite anterior. Ele não queria parar, mas estava prestes a desmaiar depois de mais de dois dias sem dormir. E estava escuro demais para enxergar rastros. Os norsaris se abrigaram perto de algumas pedras grandes na extremidade leste do cânion e dormiram algumas horas. Assim que ficou claro o bastante para enxergar, voltaram a avançar. Cinco quilômetros rio abaixo, depararam com pegadas ensanguentadas e folhagem pisoteada. Cass tinha levado uma equipe para investigar, mas Alex havia seguido ao longo do rio até encontrar o barco e o homem morto.

Quando se juntou a ele, Cass mal olhou para o corpo; tinha sido arrastado para fora da água e era obviamente incidental.

— Então pararam aqui. E depois?

Alex apontou para pegadas fundas na areia.

— Foram cercados. — Ele se moveu para onde Sage os havia encarado, posicionando-se entre Nicholas e cerca de oito homens. Em nome do Espírito, como era corajosa. — Depois, ela e Nicholas foram por aqui. — Alex seguiu os passos dela para dentro da floresta. Rastros na areia seca eram difíceis de interpretar, mas o capitão conseguiu determinar que Sage não estava correndo nem tropeçando. Quando chegaram à beira da vegetação, as pegadas se estreitaram numa única fila rumo a sudoeste, em direção às dunas.

Embora a ordem dos acontecimentos fosse um pouco confusa, a conclusão era óbvia. Sage e Nicholas tinham sido encontrados por casmunis e haviam ido com eles para o deserto. Não haviam resistido, e Alex confiava que aquela tinha sido a melhor decisão.

Um vento forte soprou a areia, começando a apagar as únicas pistas que tinha para encontrá-la.

— Quais são as ordens, capitão? — perguntou Casseck.

O rei gostaria que Alex fosse atrás de Nicholas, mas os norsaris que estavam com ele haviam trazido pouca comida, pensando que só ficariam um dia fora. Levariam pelo menos dois para buscar provisões no acampamento. Graças ao incêndio, talvez não houvesse alimento o suficiente até a chegada do coronel Traysden. Com o príncipe nas mãos dos casmunis, era inevitável que Alex perdesse o comando, o que não era nada perto de perder Sage.

De alguma forma, aquilo lhe dava uma enorme sensação de liberdade.

— Vocês vão voltar — Alex disse finalmente. — Informe o coronel Traysden de tudo o que aconteceu e entregue a ele o comando dos norsaris.

— E você?

— Vou atrás deles. — Alex girou para se dirigir aos outros homens. — Preciso de todos os cantis, toda a comida que tiverem e dois voluntários.

DARIT OS GUIOU PELA AREIA ATÉ BEM DEPOIS DO ANOITECER, até que chegaram a um oásis com uma nascente de água límpida. O sol já estava a pino quando Sage acordou na manhã seguinte, deitada na sombra. Nicholas estava esparramado perto dela na areia, ainda dormindo. Ela bocejou e se espreguiçou. Cheiro de comida vinha do outro lado do lago. Malamin estava sentado diante de uma fogueira pequena, mexendo numa panela de onde vinha o delicioso aroma. Ele sorriu para a garota e tocou a testa em saudação. Sage retribuiu o gesto.

Ela jogou a coberta de lado e seguiu para a nascente para lavar as mãos e o rosto, depois enxaguou da boca o sono e a areia do deserto. Sua barriga implorava por comida, mas Sage se obrigou a beber água primeiro. Assim que se levantou, Malamin ergueu um pequeno pote para ela, e a jovem quase tropeçou na ansiedade para pegar. A carne do ensopado parecia de alguma ave, com um gosto semelhante ao frango, e o grão boiando nele se assemelhava a cevada. Ela comeu tudo, interrompendo a refeição apenas para aceitar uma colher. Nunca tinha experimentado algo tão delicioso.

Assim que terminou, seu pote foi enchido novamente, e Sage pegou um pedaço de carne com a colher.

— O que é isto? — ela perguntou.

— *Vargun* — Malamin respondeu, mostrando uma tábua em que uma pele grossa secava. Ele sorriu com a surpresa dela. Em todos os anos morando ao ar livre, o pai de Sage nunca havia sugerido comer cobra. Ela sorriu e ergueu o pote em saudação antes de voltar a comer com gosto. Para tudo havia uma primeira vez.

Sage terminou sua segunda porção muito mais devagar, sem fazer perguntas. Seu estômago estava reclamando depois de ter ficado vazio por tanto tempo. Darit voltou, acompanhado de outros homens e trazendo algumas lebres. Nicholas acordou e se sentou, observando ao redor como se estivesse tentando lembrar onde estava.

Os casmunis jogaram as lebres para Malamin, que pegou uma faca e começou

a tirar a pele de uma, depois foram ao lago para beber água e encher seus cantis. Darit se aproximou de Sage e levou os dedos à testa, como Malamin tinha feito, então ofereceu uma mão para ajudá-la a se levantar.

— Saizsch — ele disse, solene.

— Darit — ela respondeu, levando a mão ao coração. — Queria agradecer — ela disse em casmuni. — Por nossa segurança.

Ele sorriu com a fala desajeitada dela.

— Não foi nada. Agora venha comigo, por favor. — Ele segurou em seu braço e a puxou de leve na direção de onde tinha vindo. Nicholas fez menção de segui-los, mas Sage balançou a cabeça. O casmuni a levou até a beira do oásis, onde dois de seus homens rodeavam um terceiro de joelhos. Eles tiraram a mordaca do prisioneiro em resposta ao aceno de Darit.

O homem tinha as roupas e a aparência de um demorano, mas, pela expressão de ódio em seus olhos azul-acinzentados, Sage soube que era kimisaro.

As roupas dele estavam úmidas de sangue por causa de uma ferida na barriga. Sem perceber, ela levou a mão à adaga no cinto.

— Por que nos atacaram? Por que nos perseguiram? — Sage perguntou em sua própria língua.

— Só estou retribuindo o favor — ele respondeu. — De inimigo para inimigo. Ele falava demorano. E muito bem.

Ela apertou o cabo da adaga.

— Por que estavam em Demora?

Ele zombou.

— Viemos a convite. Ficamos por traição.

— Kimisara está planejando uma invasão?

— Como vou saber? Faz mais de um ano que não volto para casa.

Sage pestanejou.

— Você está aqui — ela lembrou que “aqui” não era mais Demora, mas continuou — desde a primavera passada? Por quê?

O homem bufou.

— Acha que seu rei ia nos deixar ir embora?

— Por que atacaram o acampamento dos norsaris?

O homem desviou o olhar.

— Responda.

— Não vou responder. — Ele voltou a encará-la. — Sou leal a meu capitão.

A visão de Alex caindo do cavalo passou pela cabeça de Sage. Ela só se deu conta de que estava com a adaga sacada e avançava para a garganta do homem

quando Darit a segurou por trás e a ergueu no ar. Sage gritou e se debateu enquanto outros dois homens afastavam o kimisaro dela. A arma foi tirada de seus dedos, mas Sage escapou de Darit e avançou contra o prisioneiro novamente. Antes que completasse dois passos, Darit deu uma rasteira nela, que foi ao chão. Em poucos segundos, ele a havia imobilizado.

— Pare! — Darit gritou no ouvido dela. — Você precisa parar!

— Sai de cima dela! — Nicholas empurrou Darit, mas o casmuni não a soltou. Eles rolaram e tombaram num emaranhado de pernas e braços. Quando se separaram, Sage estava com a boca sangrando e a túnica de Nicholas rasgara completamente. Ela se sentou, carrancuda, olhando com ódio para o kimisaro, que estava deitado de lado a alguns metros, parecendo abalado.

O príncipe apertou o punho enfaixado.

— Você está bem? — ele perguntou a Sage.

— Estou. — Ela limpou a areia do corte no lábio com a língua e cuspiu. — E você?

— Se meu punho não estava quebrado, acho que agora está.

Sage ergueu os olhos quando Darit parou à sua frente, oferecendo um cantil. Ela aceitou e enxaguou a boca enquanto ele se ajoelhava ao lado de Nicholas para examinar seu braço.

— Não é bom deixar que palavras afetem tanto você, Saizsch Fahler — Darit disse a ela por cima do ombro. — Prometo que as ameaças dele são vazias.

Sage tomou um gole de água.

— Ele não fez nenhuma ameaça — ela disse.

Darit olhou para Sage.

— Então você merece seu ferimento. Só crianças respondem a provocações. — A expressão dele suavizou um pouco quando virou para o príncipe. — Diga a Nikkolaz que ele fez bem em vir ao seu auxílio.

Depois de enfaixar o punho do príncipe usando folhas duras de palmeira como tala, Darit estendeu a adaga para Sage. A adaga de Alex. Ela a pendurou na cintura, resistindo ao impulso de traçar as iniciais com os dedos.

— Você não teme que eu machuque o homem? — ela perguntou.

Darit deu de ombros.

— Se quiser matá-lo, não será a falta de uma arma que vai impedi-la.

O SARGENTO MILLER E O SOLDADO WOLFE SE VOLUNTARIARAM. Os dois tinham ido ao deserto com Alex naquela primeira vez, o que o deixou aliviado — significava que já sabiam andar na areia e conservar água. Eles tinham saído do acampamento sem véus nem barracas, então tiveram que improvisar, envolvendo camisas doadas por alguns dos homens que tinham voltado com Casseck. Não havia o que fazer quanto às barracas, mas, por sorte, encontraram uma pequena fonte com algumas árvores baixas no dia seguinte, e puderam encher seus cantis e se abrigar durante o momento mais quente do dia. As árvores eram de uma espécie que Alex nunca tinha visto — suas folhas se abriam como leques, maiores do que um alvo de arco e flecha. O capitão arrancou folhas mortas de seus troncos grossos para usar como combustível. Caminharam durante a noite, mas tiveram que parar e descansar, e o fogo foi bem-vindo para afastar o frio.

A sorte deles acabara no terceiro dia.

Alex e os dois soldados tinham se separado um pouco, ficando a uma distância um do outro em que ainda conseguiriam se comunicar caso vissem algo nas dunas. O capitão não soube ao certo quando acontecera, mas ele e Wolfe levaram uma hora para confirmar que o sargento Miller havia desaparecido sem deixar vestígios. Wolfe dissera ter ouvido o que parecia um grito. Na hora, achara que tinha sido um dos falcões que viam de vez em quando pelo deserto.

Sage saberia a diferença.

Depois de sua busca em vão, os dois se afastaram novamente, ainda que menos. Não que importasse. O sol estava quase se pondo quando Wolfe gritou por Alex. O capitão correu até o soldado, pedindo que o esperasse onde estava. Quando o viu ao longe, Alex se deu conta de que Wolfe não estava se movendo, como havia imaginado — estava afundando na areia. Ainda a cinquenta metros de distância dele, as botas de Alex afundaram até os joelhos em menos de dois passos. O capitão se arrastou de volta enquanto os gritos do outro ficavam cada vez mais fracos. Quando Alex encontrou um pedaço de terra firme o bastante para ficar em pé e se virar, o soldado já havia desaparecido, tragado pela areia.

Por um bom tempo, Alex ficou sentado, com medo de se mexer, na esperança vã de que Wolfe emergiria, arrastando-se para fora da areia movediça, ou que Miller surgiria sobre alguma duna, tendo encontrado o caminho de volta. Ele não era muito religioso, mas rezou, pedindo ao Espírito que dissesse aos dois que ele sentia muito por tê-los guiado para a morte. Perdas em batalha eram mais fáceis de suportar, porque as vidas eram gastas para atingir um objetivo; aquelas pareciam ter sido roubadas.

Ele deveria ter esperado — provisões, permissão, informações. Merecia perder o comando. Se tivesse outra chance, teria feito a mesma coisa, mas sozinho.

Sem alternativas, Alex seguiu para sudoeste, temendo que cada passo fosse o último. O sargento Miller estivera carregando a única bolsa de água, de modo que o capitão ficara com apenas um cantil vazio e um pela metade. Quando a noite chegou, ele se abrigou entre as dunas por algumas horas e acendeu uma fogueira. Sem ter mais o que queimar, recorreu à capa de couro e a algumas páginas em branco do caderno de Sage. Deveria ter descansado, mas, em vez disso, leu e releu a carta que ela havia guardado. Sage devia ter recorrido a ela dezenas de vezes nas semanas anteriores, para se assegurar de que ele a amava. Prometeu a si mesmo que nunca mais daria motivos para ela duvidar de seus sentimentos.

O calor do quarto dia começou a provocar alucinações nele. Às vezes, Alex achava que Miller e Wolfe estavam caminhando por perto. Outras vezes, era Sage quem o fazia. Em ambos os casos, queria chorar e implorar por perdão, mas seus olhos estavam secos demais para produzir lágrimas. Duas vezes Alex pensou ter visto uma fonte, mas não passavam de miragens. Ele cambaleava de duna em duna, dizendo a si mesmo que só andaria até a próxima. Sua cabeça latejava a cada passo, e ele começou a se manter ao longo dos cumes, para evitar câibras nos pés quando descia as dunas.

Em algum momento, começou a torcer para que a areia o engolisse também.

O sol estava baixo e vermelho no céu quando as copas escuras das árvores surgiram, suas silhuetas marcadas contra o horizonte. Parte de sua mente sabia que não era real, mas a parte que o manteve andando discordava. Quando tirou o véu improvisado do rosto, pôde sentir o cheiro da vegetação. Ele tampouco precisava do gibão. Alex deixou ambos na areia atrás de si. Tinha câibras nas pernas. Se tirasse as botas, conseguiria andar melhor. A areia era quente e agradável sob seus pés.

O cinto da espada também o atrasava, e ele tentou soltar a fivela, mas seus dedos não queriam se dobrar. Suas pernas trêmulas cederam de repente, e Alex

caiu, primeiro de joelhos, depois com a cara no chão. Tentou se levantar, mas seus braços tremiam tão violentamente que ele quase não conseguiu afastar a cabeça da areia para respirar. Sentia que estava deslizando pela lateral de uma duna, embora nada ao redor mudasse.

Devia estar deslizando rumo ao sono. Fazia tanto tempo que não dormia.

Alex fechou os olhos e se deixou levar pela escuridão.

O GRUPO DE DARIT QUASE SEMPRE VIAJAVA nas horas menos quentes do dia. O senso de direção de Sage indicava que eles não estavam seguindo uma linha reta. As horas caminhando na areia eram brutais, mas ela sentia um estranho alívio pela concentração necessária para cada passo, porque a impedia de pensar em Alex. Quando paravam para descansar, Sage estava tão esgotada que caía no sono imediatamente, mas nunca por muito tempo. Os pesadelos a despertavam em poucas horas, e então ela não conseguia mais afastar os pensamentos e lembranças. Abraçava as pernas junto ao corpo e balançava para a frente e para trás, tomada por ondas de angústia. Nunca chorava, porque não chorava desde que o pai tinha morrido.

No fim do segundo dia de caminhada, Darit parou por alguns minutos e franziu a testa para as dunas, que haviam se transformado em montes menores nas horas anteriores. Os casmunis ficaram inquietos enquanto esperavam. Por fim, Darit balançou a cabeça, desamarrou uma corda comprida do ombro e a passou pela fila. Todos assumiram sua posição, com o braço esquerdo entrelaçado na corda — exceto o kimisaro, que a segurou com as duas mãos amarradas. Sage e Nicholas seguiram o exemplo deles.

Depois de um quilômetro e meio de caminhada, Malamin, o quarto homem na fila, quase afundou até a cintura antes que qualquer um pudesse reagir. Ao ouvir seu grito, eles se viraram e firmaram os pés o máximo possível na areia movediça, puxando a corda com firmeza. Um homem chamado Yosher tirou outra corda do ombro e fez um laço com ela, que apertou com força no peito de Malamin.

Com uma contagem rápida e rítmica, os casmunis o ergueram para fora da areia e para longe. Por um minuto, ficaram deitados, espalhando seu peso pela maior área possível, apertando a corda e observando a areia em busca de sinais de outro deslizamento. Sob o comando de Darit, se ajoelharam e começaram a engatinhar. Quando o líder considerou seguro, todos se levantaram e caminharam por um lugar em que visivelmente confiavam, embora Sage não

conseguisse ver a diferença.

As mãos de Nicholas tremiam.

— Foi muito rápido — ele sussurrou.

Sage assentiu, tentando imaginar como uma coisa daquelas poderia acontecer. Ela passou para o príncipe o cantil que Darit tinha dado a eles e foi até Malamin. Ele parecia tão abalado quanto Nicholas enquanto descalçava as botas e tirava a areia de dentro delas. Sage se agachou perto dele e pegou a bota que tinha soltado, passando a mão pela sola. Estava mais fria do que seria de imaginar. Darit parou ao lado dela enquanto a jovem esfregava a areia da sola entre os dedos. Também estava úmida.

Sage pegou um pouco da areia com a mão e a estendeu para os outros dois verem.

— *Drem* — ela disse, usando a palavra deles para água.

Darit assentiu.

— Corre água debaixo da areia.

Era fascinante.

— Como sabem para onde? — Sage perguntou.

Darit secou o suor da testa antes de indicar com o nariz e fungar.

— Dá para sentir o cheiro.

Ele a ajudou a se levantar e fez sinal para que o seguisse. Com a mão esquerda enrolada na corda, Darit a guiou de volta pelo caminho por que tinham vindo. Yosher segurava a outra ponta e o braço livre de Darit com firmeza. Quando ele parou, inspirou fundo e indicou para ela fazer o mesmo.

Sage só conseguia sentir cheiro de areia e calor. Ficar num lugar em que Darit achava que poderiam afundar a qualquer momento a deixava nervosa. Ela fechou os olhos e inspirou de novo.

Umidade. Mal dava para sentir, mas, sob o vento árido, era como um fio azul costurado sobre um pano vermelho. Ela abriu os olhos e deparou com Darit sorrindo de leve.

Sage apontou para a área onde Malamin havia caído.

— Como chama?

— *Dremshadda*.

Areiágua.

Enquanto voltavam para o grupo, Sage fez uma oração ao Espírito para que ninguém de Demora tentasse ir atrás deles.

No quarto dia de caminhada, um ponto marrom surgiu no horizonte perto do meio-dia. Quando Darit apontou naquela direção, um grito de alegria percorreu o

grupo. Em vez de parar com o sol a pino, apertaram o passo. Conforme se aproximavam, Sage notou uma regularidade no que a princípio pensara ser um afloramento rochoso. Na verdade, eram tendas agrupadas em volta de um oásis enorme, embora ela admitisse que sua experiência era limitada, já que encontrara apenas dois até então.

Sentinelas cumprimentaram Darit e seus homens levando a mão à testa e depois tocando o ombro deles. Lançaram olhares curiosos para Sage, Nicholas e o prisioneiro kimisaro, mas não pediram explicação. Os recém-chegados continuaram adentrando o acampamento.

Ela sentiu cheiro de cavalo, ferro e comida. As tendas pardas resistiam ao vento quase contínuo, mas nada no local parecia permanente, nem mesmo a plantação baixa. Além dos cavalos no cercado que ela avistou entre as tendas, não havia animais de rebanho, o que a fez concluir que não se tratava de um grupo nômade, mas de um acampamento itinerante, provavelmente militar, a julgar pela presença ostensiva de armas.

O que Alex não daria para ver aquilo...

Mas ele nunca mais veria nada. Sage perdeu o fôlego de repente.

Darit parou ao lado dela.

— Você está bem, Saizsch? — ele perguntou. — Não precisa ter medo.

Nicholas também parecia preocupado. Sage respirou fundo e voltou a andar.

— Estou — foi tudo o que ela disse.

Darit os guiou até um homem que parecia ter a mesma patente que ele, a julgar pela saudação. Conversaram rápido e, embora Sage achasse que seu casmuni havia melhorado bastante, não compreendera nada. Mas uma palavra que Darit lançou na direção dela chamou sua atenção: *filami*. Amiga.

O homem disse algo a um subalterno, que saiu de imediato, então chamou mais alguns para cuidar do prisioneiro. Quando seu olhar pousou em Sage, ela ficou tensa, mas ele só fez um aceno com a cabeça, voltando-se a Darit para retomar a conversa. Ela sentia que estava sendo propositalmente deixada de fora, mas com certo respeito.

Quando o mensageiro voltou alguns minutos depois, Darit olhou para ela, pensativo.

— Vou levar vocês para tomar banho e encontrar roupas limpas — ele disse, falando devagar para ela entender. — Por favor, venham comigo.

Ele os guiou até uma tenda com a lateral aberta. Os homens com quem tinham viajado estavam sob a sombra, lavando-se em grandes bacias de água fumegante. Darit ergueu o braço para indicar que se juntassem a eles.

O príncipe não hesitou, mas Sage continuou onde estava.

— Com aquele homem você me chamou de amiga.

— Claro. — Darit olhou para ela, confuso. — Vocês ainda não compartilharam água.

Aparentemente, o ritual era maior do que ela havia imaginado. Sua falta de conhecimento poderia lhe causar problemas.

— Não entendo. Por favor, explique como se eu fosse criança — ela pediu.

— Não falamos ou usamos nomes até compartilhar água. Pensei que soubesse isso.

Graças ao Espírito ela havia compartilhado água antes de tentar se apresentar naquela primeira vez.

— Então... você me chamou de amiga...

— Por costume. — Darit sorriu. — Mas, se está perguntando se somos amigos, acho que sim.

As palavras dele a reconfortaram mais do que tudo o que tinha feito por ela naqueles quatro dias.

— Tenho permissão de compartilhar água com outros? — ela perguntou. Talvez ele quisesse dizer que ela ainda não tinha.

— Sim — Darit respondeu —, mas o primeiro deve ser *palandret*. Quando estiver apresentável, vai jantar com ele.

Sage estava prestes a perguntar quem era ele quando sua mente separou o nome em duas palavras: *pal andret*.

Meu rei.

AS ROUPAS CASMUNIS ERAM TÃO CONFORTÁVEIS quanto pareciam — como eram largas, davam-lhe grande liberdade de movimentos, além de manter sua pele fresca e absorver o suor. Sage calçou suas próprias botas e não esqueceu o cinto com a adaga. Parecia desequilibrado sem a outra do lado esquerdo. Imaginava que Darit ainda estivesse com a arma, mas tinha receio de pedir de volta.

Ao pôr do sol, Darit os guiou para uma enorme tenda no centro do acampamento. Sage puxou Nicholas para seu lado enquanto seguiam Darit, passando por dois guardas à frente da cortina que servia como porta. O ar dentro da tenda era mais fresco e claro do que ela imaginava, graças a várias aberturas horizontais na cobertura abobadada. O barulho também era menor, absorvido pelas tapeçarias penduradas ao redor, criando um refúgio do alvoroço lá fora. Sage não sabia ao certo o que encontraria, mas esperara algo mais exótico do que garfos e colheres com que estava acostumada; fora quase uma decepção. Pelos aromas que vinham dos pratos cobertos, porém, sentia que a comida prometia não decepcionar.

Darit parou a cerca de três metros de um homem ajoelhado, que não pareceu reagir à presença deles, dando a Sage tempo para observar o perfil dele sob a luz da lamparina baixa ao lado. Sua pele era bronzeada como a da maioria dos casmunis, mas, enquanto os cabelos que Sage havia observado variavam entre tons de cedro a ébano, os fios ondulados e a barba rente do homem eram quase pretos. Um longo casaco bordado pendia atrás dele, diferindo das calças e túnicas largas que ela havia passado a identificar como a roupa típica casmuni. À esquerda do homem, uma espada curva se sobressaía do casaco. Suas mãos calejadas estavam pousadas sobre as coxas, enquanto se mantinha parado no centro do tapete azul desgastado, com os olhos fechados.

Depois de alguns segundos, o rei — ou era o que ela supunha — abriu os olhos, sem se voltar para eles.

— Soube que meu amigo trouxe convidados — ele disse.

— *Da, palandret* — respondeu Darit, fazendo uma reverência.

Sem dizer mais nada, o rei se levantou e saiu de cima do tapete, depois se agachou e o pegou do chão. Estrelas douradas tinham sido bordadas no fundo azul-violeta desbotado, dando-lhe a aparência do céu à noite. Ele o pendurou num par de ganchos com cuidado, como se fosse um objeto importante, então finalmente se voltou ao grupo.

Não usava coroa ou qualquer símbolo de realeza que ela identificasse, além do cinto de ouro ornamentado e do cabo da espada cravejado de joias. O longo casaco ia até os joelhos, e ele tinha a altura do tenente Casseck, embora seu corpo não fosse tão esguio. Sob a luz, seus olhos tinham um tom verde-escuro que fazia Sage pensar em alga marinha desidratada. O rei se aproximou a passos firmes, até ficar a pouco mais de um braço de distância deles. Sage tentou não se mexer e torceu para que Darit não tivesse se esquecido de nada quando dera suas instruções.

O rei a examinou com uma expressão decepcionada.

— Meu amigo me trouxe um par de *wendisam*? — ele perguntou. Sage não fazia ideia do que significava aquela palavra, mas não parecia uma coisa boa. — Não passam de dois meninos.

A boca de Darit assumiu a forma do que Sage tinha passado a conhecer como um sorriso irônico.

— Se meu rei conversar com eles, verá que são muito mais do que isso.

O soberano arqueou as sobrancelhas e voltou a olhar para os dois. Como Darit tinha feito uma reverência na primeira vez em que falara, Sage cruzou os braços diante do peito e abaixou a cabeça; Nicholas seguiu seu exemplo.

— *Bas medari* — ela disse, preferindo a saudação mais antiga e formal.

A expressão dele pareceu ainda mais surpresa quando ela voltou a erguer os olhos.

— Eles falam casmuni?

Quatro dias vivendo entre os homens do deserto tinham melhorado sua gramática, sua pronúncia e seu vocabulário, e ela compreendia muito mais do que conseguia falar, mas ainda não era o suficiente.

— Muito pouco — Sage disse.

— Minha amiga é modesta — disse Darit, e ela corou, mais por ser chamada de amiga novamente do que pelo elogio.

Os olhos do rei não abandonaram os dela em nenhum momento.

— E mulher. — Ele a observou de cima a baixo.

Sage rangeu um pouco os dentes e lembrou a si mesma de que os casmunis achavam deselegante se dirigir diretamente a alguém com quem não haviam

compartilhado água.

Como se também se lembrasse daquilo, o rei fez um gesto à sua esquerda e um criado surgiu, equilibrando um cálice e um jarro em uma bandeja de prata. O soberano pegou a taça com calma e serviu água nela; depois, encarou Sage nos olhos enquanto dava um longo gole antes de estender a taça. Sage deu um passo trêmulo à frente e aceitou o cálice sem quebrar o contato visual. Darit havia descrito a maioria das partilhas como casuais, mas, quando se encontrava o rei pela primeira vez, toda a formalidade era pouca.

O homem não estendeu a mão para pegar a taça quando ela terminou, o que Darit havia dito que significava que ela deveria passá-la a Nicholas. Também significava que o rei casmuni só ia se dirigir ao príncipe através dela, e Sage ficou grata por considerarem que era superior em hierarquia. Nicholas deu um gole e o devolveu a ela, que o ofereceu ao rei.

Ele colocou o cálice de volta na bandeja e estendeu as mãos para Sage, com as palmas voltadas para baixo.

— Vocês são bem-vindos na minha tenda — disse formalmente. — Sou Banneth, o sétimo com meu nome.

Sage estendeu os braços com cautela, colocando os dedos sob os dele, e o rei os apertou suavemente.

— Muito obrigada — ela disse, sem jeito, com esperança de estar falando certo. — Sou Sage Fowler.

Como Darit, o rei teve dificuldades em pronunciar o nome dela. Acabou desistindo e soltou suas mãos.

— Desculpe, mas não consigo pronunciar seu nome corretamente.

— Não tem problema. — Ela estendeu um braço para o príncipe. — Este é Nicholas Broadmoor — disse, dando a ele o sobrenome de seu tio. Banneth apertou a mão do garoto brevemente e deu um passo para trás.

O que aconteceria depois?

A barriga de Nicholas roncou alto, e o rei sorriu.

— Sim. Acho que deveríamos comer.

A MESA PODERIA ABRIGAR SEIS PESSOAS, mas só estavam os quatro. Sage foi convidada a se sentar à esquerda de Banneth, com Nicholas a seu lado e Darit à direita do rei. Os dois homens estavam tranquilos e pareciam à vontade um com o outro. Ficou óbvio que eram amigos próximos, e, mais do que nunca, ela se sentiu orgulhosa por ter ajudado Darit e Malamin a escapar.

Darit fez um relato muito detalhado de sua missão, embora Sage só entendesse uma ou outra palavra. Banneth comeu e fez perguntas, lançando olhares ocasionais para Sage e Nicholas.

— Saizsch me deu isto — disse Darit devagar, para ela entender. Ele pegou a adaga e a estendeu para o rei. — Como sinal de amizade e para ajudar em nossa fuga.

O rei pegou a arma e desenrolou a faixa de couro no cabo. Ela tinha usado a da adaga de Alex para fazer o curativo no punho de Nicholas, então aquilo deixava óbvio que ambas formavam um par. Banneth passou o polegar sobre o SF dourado.

— Saizsch Fahler — ele disse, associando o nome às letras.

Havia espaço para um Q, mas ele nunca seria gravado. A comida na boca dela de repente ficou com gosto de cinzas.

— Não creio que ela saiba o que isso significa — Darit disse.

Os olhos de Sage se alternaram entre os dois. Que costume desconhecido tinha violado?

Banneth pareceu achar graça.

— Imagino que você não vá aceitar — ele disse.

Darit riu baixo.

— Não.

O rei se voltou para Sage, tentando conter um sorriso.

— Dar uma arma para alguém significa amizade. — Ele estendeu a adaga. — Dar uma com seu nome é um pedido de casamento.

Sage engasgou, cuspiendo por todo o prato. Nicholas bateu nas costas dela até

que parasse de tossir. Quando ela finalmente conseguiu respirar, tomou o copo de água de uma vez para evitar olhar para Darit ou Banneth.

O rei devolveu a adaga para ela.

— Não pergunte — Sage disse em resposta ao olhar confuso de Nicholas. Com o rosto em chamas, guardou a adaga no cinto. — Tenho muito a aprender sobre Casmun.

— Assim como tenho muito a aprender sobre Demora — Banneth respondeu. Então ficou pensativo. — Conhece alguma outra língua? — ele perguntou em kimisaro.

Antes que ela pudesse pensar na resposta, Nicholas ergueu a cabeça com os olhos arregalados, entregando-se. Sage tomou outro gole demorado do copo que Darit havia enchido.

— Conheço — ela respondeu em kimisaro.

— Imagino que ninguém tenha perguntado — disse Banneth enquanto olhava para Darit, que pareceu espantado. — E que não era algo que você gostaria de revelar.

— Preferi não mencionar — ela respondeu.

— Foi sábio e corajoso da sua parte.

Ela sentiu que corava novamente.

— Não sei o que meu amigo contou sobre mim, mas não me considero nem sábia nem corajosa.

— Garanto que ele não disse nada de ruim.

Sage ergueu o canto da boca.

— Mas nem tudo foi bom.

Banneth riu baixo.

— Pessoas boas não têm graça.

— É verdade.

— Tenho certeza de que você tem muitas perguntas — disse o rei. — Por favor, faça. Vou responder.

— Para que eu possa retribuir o favor?

O rei abriu um sorriso irônico.

— É claro.

— Somos seus prisioneiros?

— Não, vocês são meus convidados — ele respondeu.

Ela não estava inteiramente disposta a acreditar nele.

— O que planeja fazer conosco?

— Ainda não decidi — ele respondeu. — Não entendo o significado da sua

presença. — Ela ficou um pouco tensa. — Mas, se desejarem partir, não impedirei.

Aquilo não significava muito, considerando o deserto entre eles e sua terra.

— Agradeço pela hospitalidade.

— Posso fazer perguntas agora?

Sage assentiu, então perguntou:

— Mas antes... Como devo chamá-lo?

Banneth refletiu por um momento.

— *Palandret* é o tradicional. Mas não sou seu rei. Seria ofensivo?

— Não, *palandret*.

Banneth assentiu, depois foi direto ao assunto.

— Por que estavam em Casmun?

Sem dúvida ele se referia às duas vezes, mas Sage decidiu falar apenas da segunda.

— Estávamos fugindo de um ataque kimisaro. Escapamos, mas nos seguiram, então entramos em Casmun por necessidade.

— Vocês são os únicos sobreviventes do ataque?

Sage se encolheu.

— Não, a maioria sobreviveu.

Os olhos verdes se voltaram para Nicholas.

— Por que os kimisaros querem seu jovem amigo?

Sage sentiu um frio na barriga. De alguma forma, Banneth havia entendido que Nicholas era valioso. Ela levou a mão ao cabo de uma das adagas.

Darit ficou tenso.

— Meu rei — ele sussurrou em casmuni. — Já tive de segurá-la uma vez.

Banneth pareceu não ter medo ao encará-la nos olhos.

— Você deve entender minha necessidade de saber a importância de seu amigo, se vale a pena persegui-lo e até morrer por ele.

Nicholas ficou em silêncio, o que deu a Sage a chance de pensar. Ela relembrou suas interações com Darit. Nada que dissesse contradiria o que ele tinha visto.

— Eles querem um resgate — ela disse, contando o que achava ser verdade.

Banneth assentiu.

— Mas não querem você.

— Não.

— Vocês não são irmãos então? — O rei lançou um olhar para Darit.

Aparentemente, Darit tinha suposto aquilo. No entanto, ela havia apresentado

o príncipe com um sobrenome diferente. Ou eles não tinham notado ou ela estava sendo testada. Era muito improvável que os casmunis soubessem o significado de seu nome, mas aquilo lhe deu uma ideia.

— Somos filhos de mães diferentes — ela respondeu. — Ele é o herdeiro da família, eu não sou ninguém.

— Entendo. — Banneth pareceu entender que ela estava dizendo que era filha ilegítima. — E herdeiro de quê?

— Terras, principalmente. — Uma meia verdade.

O rei assentiu de novo.

— Então por que estavam na companhia de soldados?

Sage deveria ter previsto aquela pergunta, mas não pensara que seria questionada em uma língua que sabia falar. Ela vasculhou o cérebro para lembrar o que Darit tinha visto quando tinha sido prisioneiro. O que ele havia descoberto ou desconfiava sobre Alex e a missão no deserto?

Alex. O pensamento a atingiu como um golpe súbito. De repente ela não conseguia se concentrar em mais nada.

— Comecei meu treinamento militar — Nicholas disse abruptamente.

— Deixe que eu cuido disso — Sage interrompeu em demorano. Ela ainda sentia o cérebro em pane, mas as palavras do príncipe eram como uma corda que podia agarrar para voltar à superfície.

— Sage foi escondida para cuidar de mim — ele continuou, inabalado. — Ela vive me seguindo, como se eu precisasse de sua proteção.

Sage se arrependeu de ter ensinado kimisaro tão bem ao príncipe. Segurou o braço bom dele, sem tirar os olhos de Banneth.

— Chega — rosou. — Nem mais uma palavra, Nicholas.

— Viu o que eu disse? — ele continuou. Ela apertou seu punho. O príncipe gemeu e finalmente se calou.

Sage sabia que seu sorriso parecia forçado.

— *Palandret* tem um irmão caçula?

— Não — Banneth disse, com um brilho divertido no olhar. — Só uma irmã.

Sage levou as mãos de volta à mesa e se obrigou a relaxar.

— Gostaria de trocar?

O rei riu baixo.

— Podemos negociar.

Banneth reservou um espaço para eles em sua tenda, reforçando a imagem dos dois como hóspedes, mas Sage não pôde deixar de notar que aquilo também significava que seriam fortemente vigiados. No momento em que ficaram

sozinhos, ela pegou o príncipe pelo punho.

— Nunca mais faça isso. Tenho motivos para não contar a verdade para eles, e a sua segurança é o principal.

— Eu sei, mas minha ideia explicava tudo. — Ele franziu a testa, preocupado.
— E você parecia sem saída.

Sage esfregou a testa.

— Você teve sorte — ela disse. — Nós tivemos sorte.

— Mas você tem que admitir que me virei bem — Nicholas disse, orgulhoso.

Era verdade. O príncipe havia salvado os dois quando a cabeça dela falhara. Sage soltou um suspiro.

— Só prometa me consultar da próxima vez, por favor. Chega de surpresas.

Nicholas assentiu.

— Chega de surpresas.

Ele se sentou sobre as cobertas e almofadas que aparentemente seriam sua cama, e Sage se acomodou na área designada para ela. O rei casmuni estava do outro lado da tenda.

— O que acha dos nossos novos amigos?

— Gosto deles — Nicholas respondeu. — E a comida não é nada ruim.

— Imaginei que ia gostar disso.

— Vai conseguir dormir hoje?

Aparentemente, Nicholas havia notado que ela tinha dormido mal durante a jornada.

— Vou tentar.

— Isso é bom. Você parece cansada.

Sage fez uma careta.

— É uma maneira gentil de dizer que estou um lixo?

Ele sorriu enquanto se deitava e puxava uma coberta de lã sobre o peito.

— Sim.

— Imbecil. — Sage se afundou numa almofada e virou de costas, tirando uma adaga do cinto para manter à mão.

A adaga de Alex. Sua mente ficou zozza com a imagem do rosto dele, tenso de nervosismo, enquanto entregava a lâmina nas mãos dela em Tegann. *Lembre do que te ensinei*. Ele a amava na época, ainda que Sage o rejeitasse, com raiva e rancor.

As últimas ações de Alex tinham demonstrado que seu amor nunca havia vacilado. Sage não tivera a chance de provar que a traição dela tinha sido por amor, para salvá-lo das consequências de seus próprios atos.

Ela fechou os olhos com força, apertando a adaga. Alex tinha morrido para proteger o príncipe. Ela precisava garantir que não tinha sido em vão.

A LUZ DE CHAMAS TREMELUZENTES INVADIA SUA CONSCIÊNCIA. Alex se esforçou para abrir os olhos, que pareciam ásperos como areia. Sua boca estava seca, mas não tanto quanto lembrava. Parecia que estava usando apenas camisa e calça, e ambas estavam úmidas, assim como seu cabelo. Ele rolou para ficar com as costas no chão e gemeu com a dor de cãibras.

Mãos surgiram dos dois lados de seu corpo. Alex estava fraco demais para resistir enquanto o sentavam. Algo foi levado a seus lábios, e água — quente, mas com a umidade bem-vinda — escorreu de sua boca. Ele engoliu com dificuldade; sua garganta parecia fechada.

Depois de alguns goles, a água foi tirada de sua boca e derramada com cuidado em seu rosto. Alex finalmente conseguiu abrir os olhos. Era noite, e ele estava deitado no abrigo de um arvoredor. Os rostos de dois homens flutuavam à sua frente. Casmunis.

Pelo visto, não estava morto. Ainda.

O cantil foi levado de novo a seus lábios e, por instinto, Alex tentou segurá-lo com a boca e sugar para beber mais rápido. Eles o puxaram de volta.

— *Remoda* — um dos homens o repreendeu.

Ele não entendeu a palavra, mas imaginou que significava que devia beber mais devagar. Fez que sim e o cantil voltou a seus lábios. Após alguns minutos, eles o afastaram de novo e deitaram Alex em cima de uma pilha macia.

— Mais — ele implorou. — Por favor.

Os homens balançaram a cabeça e o deixaram, substituídos por um terceiro casmuni que segurava uma tigela. Ele se sentou ao lado de Alex e, com paciência, o alimentou com um grosso líquido cor de laranja. Entre uma colherada e outra, Alex observou ao redor, contando dez homens se movimentando ao redor de uma fogueira. Pelos menos dois pareciam ter a função exclusiva de vigiá-lo, e todos estavam armados com adagas e espadas curvas. A sopa era feita com algum tipo de fruta, o gosto um pouco semelhante ao de uma torta de pêssego. Quando acabou, ele só sabia que queria mais. Tudo

o que lhe deram foram mais alguns goles d'água.

De barriga cheia, as pálpebras de Alex pesaram. Ele precisava dormir — dormir de verdade, não apenas perder a consciência.

A última coisa que sentiu foram seus punhos sendo amarrados.

Duas vezes antes do amanhecer, ele foi acordado para beber água. Quando o sol nasceu, Alex estava quase se sentindo humano de novo.

Durante o dia, alimentaram-no com doses daquela sopa, que passara a deixar um gosto estranho de ervas na boca, como se outro ingrediente tivesse sido acrescentado. Alex tinha de confiar que os homens do deserto eram especialistas em tratar sua condição. Com certeza estava se sentindo melhor — as câibras tinham diminuído, assim como a sede. À noite, deixaram que ele comesse algo sólido. Depois o levaram até um pequeno lago no meio das árvores, onde permitiram que se banhasse, ainda que de mãos atadas.

Na manhã seguinte, deram a Alex toda a água que ele quis e um pouco do mingau grosso que os outros estavam comendo. Ele teve de beber sua porção, pois se recusaram a desamarrá-lo e dar a ele uma colher quando o pediu. Com um pouco de medo, observou enquanto desmontavam o acampamento. Fariam Alex andar descalço e sem véu ou iam abandoná-lo ali? Ele não sabia o que era pior.

Então Alex viu seu cinto com a espada em meio às coisas dos homens. Não se lembrava de tê-lo tirado, mas o objeto o marcava como um soldado. Não era de admirar que não confiassem nele. O homem que havia identificado como líder do grupo se aproximou, carregando roupas de couro. Tinham encontrado seu gibão e suas botas. Alex não sabia o quanto havia andado sem eles.

Todos pareciam impacientes para continuar. Felizmente, desamarraram-no por tempo suficiente para que se vestisse. Alex demorou um pouco mais para tirar a areia de dentro das meias, ainda que soubesse que depois de um quilômetro de caminhada estariam novamente cheias, a fim de dar um descanso a seus punhos esfolados. Antes de vestir o véu feito com a camisa de Casseck, rasgou algumas tiras largas do tecido para envolver os punhos, depois estendeu as mãos para que o homem as amarrassem novamente. Soldados demoranos não deviam ser prisioneiros de guerra submissos, mas aqueles homens haviam salvado sua vida, e tinham a gratidão de Alex.

Quando estava tudo pronto, lhe devolveram um de seus cantis — vazio, de modo que ele teve de ir à nascente para enchê-lo — e seguiram na direção do sol nascente.

BANNETH PERMITIA QUE SAGE E NICHOLAS ANDASSEM livremente pelo acampamento, mas ela sabia que todos os seus movimentos eram vigiados. Passaram o primeiro dia se orientando e observando onde havia guardas. No momento, a garota não pretendia escapar, mas precisava estar preparada, por via das dúvidas. As tendas ficavam dispostas de maneira ordenada, e a de Banneth era de longe a mais grandiosa. A maioria era grande o suficiente para abrigar de quatro a seis homens, e o formato mais usado era circular, o pano erguido em torno de um mastro central. Elas se estendiam em volta do lago da nascente, também circular, enquanto a ondulação das dunas fazia as plantações crescerem na forma de gota.

Pouco depois do amanhecer do segundo dia, Sage e Nicholas assistiram aos exercícios militares. Ficaram na beira do círculo de treinamento, observando os casmunis lutarem sem armas. Ela admirou-se, movendo os pés na areia para imitar as posturas sem nem perceber.

Banneth surgiu atrás deles. Sage não estava tão concentrada no treinamento a ponto de não notar sua aproximação. Ela se virou e fez uma reverência com as mãos cruzadas diante do peito. Nicholas seguiu seu exemplo.

Antes que o rei pudesse dizer algo, Sage apontou para as duplas na arena.

— É lindo — ela disse em kimisaro, contente por poder usar mais palavras naquela outra língua em comum.

Banneth arqueou as sobrancelhas.

— Não era a definição que eu esperava.

Ela voltou a observar os soldados.

— Os movimentos são fluidos como água, rápidos como um raio.

— A luta demorana é diferente?

— Não posso comparar à sua luta com armas, mas, sem armas, sim. Nossa luta é mais... pesada. Isso faz sentido?

Banneth assentiu.

— É um estilo que chamamos de *tashaivar*. Significa algo como “chicotada”.

Tem leveza, fluidez e velocidade.

— *Tashaivar*. Belo nome — ela disse, em casmuni.

O rei entrou no círculo de treinamento e estendeu a mão para ela.

— Gostaria de aprender? — perguntou na mesma língua.

Sage não hesitou. Banneth a guiou alguns passos para longe de Nicholas e assumiu uma postura de combate. Ela parou ao lado dele e o imitou, observando seu rosto inexpressivo em seguida.

— Vamos começar — ele disse.

A disposição dela para aprender provocou algo dentro de Banneth. Ele passou a manhã toda lhe ensinando posturas e golpes básicos de *tashaivar*, bem como seus nomes e os das partes do corpo usadas. Sage também aprendeu palavras casmunis para “rápido” e “devagar”, “afiado” e “cego”, “frente”, “trás” e “lateral”, entre muitas outras.

Quando o treinamento acabou, Banneth guiou Sage e Nicholas pelo acampamento, ensinando as palavras em casmuni para as coisas que viam. Ele era um professor nato, não conseguia esconder sua satisfação em ajudar. Quando pararam no estábulo, explicou que em breve o curral seria tudo o que restaria do oásis. Sage especulou em silêncio que a nascente era alimentada por um rio subterrâneo cuja água vinha das neves dos montes Catrux, a oeste. Talvez também fosse aquele rio que criasse a *dremshadda*, a areiágua que haviam encontrado.

— Esta nascente é a maior e vai durar mais algumas semanas — o rei disse em kimisaro. — Mas não é a única de que dependemos para cruzar o deserto.

— Para onde vocês vão, *palandret*? — ela perguntou.

— Para Osthiza, a capital. Fica muitos dias a sudeste.

— E nós? — Sage se arriscou a questionar.

O rei olhou para ela.

— Gostaria que viessem conosco para Osthiza. Como meus convidados de honra.

Convidados de honra. Um eufemismo para “prisioneiros”. Ela e Nicholas não passavam daquilo, ainda que fossem tratados bem.

Sage hesitou por tanto tempo que Banneth voltou a falar.

— Darit pode tentar levá-los de volta aonde encontrou vocês, se for o que desejarem.

— Tentar?

— Quando as fontes secam, as *dremshadda* se expandem de maneiras imprevisíveis — o rei explicou. — A cada dia a jornada se torna mais perigosa.

Não eram apenas as nascentes que tornavam o deserto intransponível então.

— Não gostaria que Darit arriscasse a vida mais duas vezes por mim — ela disse, sincera.

— Uma verdadeira amiga não pediria — Banneth concordou. O rei estava tentando fazer parecer que iriam com ele por escolha própria, mas Sage não sabia para quem aquilo seria uma vantagem.

No fim, não importava. Não havia outra opção.

No fundo, ela sabia que seria praticamente impossível voltar de imediato. Sage desviou o olhar para esconder as lágrimas que se acumulavam.

— Não somos importantes o suficiente para ser convidados de honra — disse por fim. — Mas vamos aceitar sua hospitalidade.

Nicholas tinha se afastado para acariciar o focinho de um baio coberto de areia. Banneth se aproximou de Sage e falou mais baixo.

— Não tenha medo de aceitar tal honra, Saizsch Fahler. É para sua proteção, mas também porque realmente acredito que você seja importante.

O estômago dela se revirou de ansiedade.

— Importante como?

— Há muito tempo desejo reconciliar nossas nações — Banneth disse. — Embora torcesse por um embaixador ou príncipe com quem começar o diálogo, não vou desperdiçar o que me foi dado.

Ele tinha um príncipe. Querendo mudar de assunto, Sage apontou para os cavalos.

— Vamos montados para Osthiza?

Banneth assentiu.

— Não levamos os cavalos para as dunas por conta da *dremshadda*. Homens são leves o suficiente para ter uma chance de escapar, mas um cavalo pode afundar até o pescoço em questão de segundos. Ao sul, a terra é mais firme. — Ele a observou de cima a baixo. — Você sabe cavalgar?

— Sei, se seus cavalos seguirem instruções semelhantes aos nossos.

— E Nikkolaz?

— Melhor do que eu — ela disse. — Quando partimos?

— Assim que minha última patrulha voltar do oeste. Estão atrasados, mas Darit também demorou mais do que eu esperava. — Banneth lançou um olhar expressivo para ela. — Me pergunto se encontraram mais demoranos e kimisaros.

Tanto uns quanto outros saberiam a verdadeira identidade de Nicholas. Demoranos armados poderiam arruinar a imagem inocente que Sage estava

tentando construir em torno dos dois, mas se a patrulha voltasse com kimisaros... Sage limpou um pouco de terra — ou seria sangue? — do cabo da adaga de Alex sentindo um súbito mal-estar. O homem que Darit capturara havia se recusado a falar. Ela se questionou se silenciaria um kimisaro que estivesse disposto a abrir o bico.

A JORNADA PARA LESTE FOI SILENCIOSA, ao menos para Alex. Os casmunis conversavam entre si, mas quase nunca dirigiam a palavra a ele. Quilômetros de deserto e horas sem nenhum som davam a Alex pouco em que se concentrar além de seus pensamentos, que eram quase todos voltados a Sage. Ele precisava acreditar que os casmunis que Sage acompanhava sabiam desviar da areia que afundava.

Os rastros que seguiam eram de cerca de dez homens, o mesmo número que formava aquele grupo. Alex supôs que ambos eram algum tipo de patrulha, o que significava que estavam indo para um acampamento central ou para uma vila. Se iriam para o mesmo lugar dependeria do tipo de presença que os casmunis tinham no deserto. Ele não conseguia imaginar ninguém vivendo em um ambiente tão rigoroso de forma permanente, mas teria pensado o mesmo sobre os vilarejos no alto dos montes Catrux demoranos.

No fim da tarde do segundo dia, o grupo de Alex subiu uma grande duna que dava para um lago de água límpida, o qual cintilava como um diamante no centro de um mar de vegetação em formato de olho. Os casmunis começaram a descer com passo acelerado, e Alex não pôde deixar de notar seu entusiasmo. A distância era maior do que parecia, porém, e a noite já tinha caído quando chegaram. Sentinelas armados os encontraram a cerca de um quilômetro e meio, cumprimentando-os como amigos. Ninguém se dirigiu a ele.

Metade do oásis era ocupada por um acampamento, que Alex reconheceu como militar e temporário. Quase todos por quem passavam queriam cumprimentar os homens com quem havia viajado, como se tivessem esperado um longo tempo por eles. Toda vez que paravam, Alex olhava ao redor, observando o que podia e procurando sinais de Sage ou Nicholas. A maior parte dos dez homens se afastou e desapareceu no mar de tendas, mas ele foi levado a uma tenda grandiosa, abrigada no centro. Provavelmente encontraria o comandante.

O chão dentro da tenda era coberto por tapetes e calorosamente iluminado por

lâmpadas, embora o ar fosse fresco. A refeição estava sendo tirada de uma mesa baixa, onde quatro pessoas haviam jantado pouco antes, a julgar pelos assentos ao redor. A tenda era grande o bastante para abrigar muita gente, mas tinha apenas uma área de estar com diversas almofadas. Uma seção separada por uma cortina estava aberta e um criado se movia lá dentro, aparentemente preparando uma cama. Alex não viu ninguém além de criados. Por alguns minutos, ficou esperando com dois dos homens que o haviam encontrado.

Ele estava quase dormindo em pé, mas se recusava a demonstrar fraqueza perguntando se podia sentar. Finalmente, um homem alto entrou na tenda, e todos dentro dela pararam o que estavam fazendo para se curvar. Assim como os casmunis da patrulha, o homem carregava uma única espada curva. A julgar pelos outros, devia ter várias armas menores escondidas em sua roupa.

O líder da patrulha fez uma reverência e, em seguida, falou por alguns minutos. Apresentando seu relatório.

Alex aproveitou que o ignoravam para observar o homem alto diante dele. Tinha conhecido membros da realeza suficientes para reconhecer um príncipe quando via um, mesmo que a tenda não tivesse adornos requintados. A espada e a bainha cravejadas de joias que o homem usava não eram apenas decorativas — Alex sabia que tinham sido feitas para uso intenso e frequente. Suas roupas eram primorosas, mas largas, e estavam úmidas. Água pingava de seu cabelo preto, como se ele tivesse acabado de sair do banho. Alex pensou no lago e torceu para ter uma chance de visitá-lo também.

Quando o relatório acabou, o príncipe parou na frente de Alex para observá-lo. O capitão encarou seus olhos verdes com firmeza. O medo em sua situação era natural, mas não devia ser demonstrado.

— Um kimisaro armado em minha terra é curioso — o homem da realeza disse em kimisaro. — Dois chega a ser perturbador.

Alex sabia que seu rosto havia revelado surpresa. Ele não esperava qualquer comunicação além de gestos e de algumas palavras que havia aprendido. O caderno de Sage em seu gibão continha muitas palavras casmunis traduzidas, mas ele não havia se atrevido a usá-las nos últimos dias.

Além disso, os casmunis haviam presumido que ele era kimisaro, e deixado claro que ele não fora o único que haviam encontrado.

A mente de Alex acelerou. Os kimsaros que haviam atacado o acampamento dos norsaris usavam roupas demoranas. Se os casmunis tinham capturado um deles, sua cor de pele, seus trajes e suas armas deviam ser parecidos com os dele. A suposição de que Alex também era kimisaro parecia natural. Sage e o príncipe,

porém, usavam roupas diferentes — ela, uma túnica longa; ele, o uniforme de escudeiro — e tinham a pele e o cabelo mais claros.

— Por que veio a Casmun? — o homem questionou.

Qualquer que fosse a nacionalidade de Alex, os casmunis o consideravam uma ameaça. Se ele se identificasse como demorano, aquilo poderia fazer com que o líder casmuni desconfiasse de Sage e Nicholas quando chegassem. Se chegassem. Alex também tinha medo de ser reconhecido como o soldado demorano que havia invadido Casmun e sequestrado dois casmunis.

Alex desviou o olhar. Dizer a coisa errada poderia ser fatal, e não apenas para ele. Era melhor se desassociar de Sage e Nicholas, ao menos pelo momento. Ficar calado e carrancudo era a melhor opção.

O líder soltou um forte suspiro e falou algumas palavras na própria língua. Alex achou que ia apanhar, mas os casmunis apenas o fizeram dar meia-volta e o levaram para fora. Ele foi guiado até uma tenda não muito longe, onde outro homem estava deitado de lado num tapete, com as mãos e os tornozelos acorrentados.

Os casmunis pegaram o cantil de Alex e o revistaram de novo em busca de armas, sem encontrar as páginas do caderno de Sage escondidas no forro de seu gibão. Ele não tinha como saber se já não haviam sido confiscadas, mas não queria descobrir. As cordas em seus punhos foram removidas e substituídas por algemas iguais às do outro homem. Ficavam um pouco mais frouxas nas partes machucadas e lhe permitiam afastar as mãos alguns centímetros.

Alex e o outro homem foram deixados sozinhos, o que lhe pareceu um descuido, mas as correntes dele estavam presas a uma estaca no chão e, lá fora, o acampamento parecia movimentado. Seria difícil para ele escapar, mesmo com as gazuas que tinha na sola de uma de suas botas. E para onde poderia fugir?

O capitão se ajeitou numa posição mais confortável em cima do tapete que tinham dado a ele e examinou o outro homem. Seu cabelo parecia tão preto quanto o de Alex, e sua pele, igualmente escura, embora fosse difícil ter certeza, de tão imundo que estava. Alex imaginou que devia ter a mesma aparência. O homem usava roupas de estilo demorano com atributos militares. Não era difícil deduzir que era o kimisaro capturado.

Os olhos cinza-azulados do homem estavam turvos de febre.

— Onde encontraram você? — ele perguntou em kimisaro.

— Nas areias. E você? — Alex respondeu na mesma língua.

— Perto do rio. Apareceram do nada. — De repente, ele pareceu esperançoso.

— Por que estava no deserto? O capitão mandou que fosse atrás de mim?

O homem supôs que Alex fazia parte de sua unidade, o que significava que ou os kimisaros tinham grandes números ou não trabalhavam muito juntos.

— Não — ele respondeu. — Estava atrás do príncipe. Mas o perdi.

O homem fitou o teto da barraca que balançava com o vento do deserto.

— Eu deveria ter ficado naquela aldeia da montanha — ele disse com um suspiro. — Havia comida e trabalho. Poderia até ter arranjado uma garota.

Ouvi dizer que um grupo de kimisaros atravessou Jovan no ano passado... Atacaram e sumiram.

— É lá que você estava? — Alex perguntou. — Nas montanhas?

O outro assentiu.

— Durante nove meses. Não vi ninguém até o capitão nos chamar de volta. E você?

Tudo fazia sentido agora. Os kimisaros tinham ficado presos do outro lado dos montes, então se dispersaram e se esconderam entre a população comum.

— Vaguei um pouco. Passei o inverno no vale. Também não vi quase ninguém. — Alex se recostou no mastro da tenda e apontou para a barriga do homem. — O que aconteceu com você? — As roupas dele tinham sido lavadas, mas era óbvio que aquelas manchas eram de sangue.

— Foi quando me capturaram — o kimisaro disse, desolado. — Dói muito, mas o sangramento finalmente parou.

— Posso ver? — Alex se aproximou. O homem deu de ombros, abriu o gibão e ergueu a camisa. Um cheiro repugnante e doce saiu da ferida em sua barriga. Alex balançou a cabeça. — Parece ruim. Acho que está infectado.

O homem deu de ombros, apático, e voltou a baixar a camisa.

— Você mostrou aos casmunis? — Alex insistiu. — Eles cuidaram de mim.

— Você deixou? — O homem pareceu indignado.

— Estava inconsciente. — Alex desviou do que tinha se tornado um assunto perigoso. — Qual é o seu nome?

— Gspan Brazco. Você?

— Armand Dolan. — O primeiro era um nome kimisaro comum e o segundo, uma cidade em Tasmet.

Eles conversaram noite adentro. Alex descobrira mais sobre o que os kimisaros tinham feito no ano anterior. Na maior parte do tempo, tinham só esperado. O capitão, um homem chamado Malkim Huzar, havia assumido o comando depois da missão fracassada em Tasmet e ordenado que se escondessem até a situação se acalmar. Quando os norsaris foram formados, Huzar concluía que não tinham mais tempo e reunira os kimisaros.

— Você estava junto quando ele deixou o rastro no sul, no ano passado? — perguntou Gispan, bocejando alto. Suas palavras saíam mais e mais devagar.

Alex fez que não, sem querer arriscar dar detalhes incorretos.

— Não, mas ouvi dizer que os demoranos ficaram muito confusos.

— Mas nem é tão difícil entender, não acha? — Gispan riu, depois se contorceu e inspirou fundo, com a mão na barriga. Seus olhos vermelhos se fecharam. — Vou admitir uma coisa: as mulheres deles são bonitas. Quando não estão tentando nos matar.

Alex não teve a chance de perguntar a história por trás daquela afirmação. Gispan pegara no sono.

SAGE E NICHOLAS VOLTARAM DO LAGO usando roupas novas e se sentindo mais limpos do que em meses, embora não pudessem usar sabão, já que todos bebiam daquela água. Ela e Banneth estavam tentando convencer Nicholas a se aventurar com eles na água mais funda quando um mensageiro aparecera e chamara o rei. Sage desistira de persuadir Nicholas e ficara boiando, limpando a terra e a areia do cabelo, enquanto o príncipe se esfregava com um tecido áspero na parte mais rasa do lago.

Havia dois guardas do lado de fora da tenda, o que significava que Banneth estava lá dentro. Os guardas não tentaram impedir os demoranos de entrar, de modo que ou a mensagem já havia sido entregue ou não era nada que não pudessem saber. O rei estava sentado sozinho diante da mesa baixa, examinando um mapa. Nicholas o cumprimentou com uma reverência rápida e foi direto para a área em que dormiam.

— Está tudo bem, *palandret*? — Sage perguntou em casmuni. — Saiu tão rápido.

Banneth ergueu os olhos.

— Está, sim. A última patrulha voltou. Vim ouvir o relatório deles.

Sage segurou a respiração por alguns segundos.

— Algum problema, meu rei?

— Nada com que precise se preocupar — disse Banneth, voltando a olhar para o mapa. — É melhor você descansar um pouco. Partimos pela manhã.

ALEX FOI ACORDADO DE MANEIRA BRUSCA ao nascer do sol e recebeu uma tigela de mingau. Ele se sentou e começou a comer antes de estar totalmente desperto. O guarda casmuni teve um pouco mais de dificuldade com Gispan, mas o kimisaro finalmente se mexeu. Alex sentiu o cheiro vindo do ferimento no mesmo instante. Não estava apenas purulento — apodrecia cada vez mais.

O guarda franziu o nariz, de modo que também devia ter sentido, mas continuou indiferente.

— Meu amigo precisa de ajuda — Alex tentou dizer a ele.

O homem não pareceu entender, então ele apontou para a roupa de Gispan, que estava manchada com o sangue da ferida aberta.

— Me deixe — disse Gispan, levando a colher à boca. Alex lembrou que o kimisaro não gostara que ele tivesse aceitado ajuda.

— Mas você vai morrer — Alex insistiu. Talvez morresse mesmo se fosse tratado.

— Acha que não sei? — Gispan deu mais duas colheradas e estendeu o mingau para Alex. — Estou sem fome.

— Você me menospreza por querer viver? — Alex perguntou, pegando o pote.

— Não — disse Gispan. — Não tenho motivos para voltar para casa. A maior parte da minha família morreu de fome, e o restante nos incêndios nas planícies no ano passado. Por isso me voluntariei para entrar em Tasmet. Você obviamente tem um motivo para viver.

Depois do café da manhã, a tenda foi desmontada, e Alex pôde ver que todo o acampamento estava sendo desfeito. Cavalos eram carregados de mantimentos, mas ele não viu nenhuma carroça. Os dois iriam a cavalo ou a pé. Desconfiava que seria a segunda opção, e estava certo. Eles foram acorrentados a um cavalo com uma carga pesada no fim da caravana. Alex olhava Gispan com receio. Não achava que o kimisaro fosse durar muito.

Pouco antes de começarem a se mover, um casmuni se aproximou, carregando o cantil de Alex e outro para Gispan. Em vez de entregá-los aos prisioneiros, o

homem os jogou no chão na frente deles e foi embora. Depois daquele primeiro dia, os casmunis tinham sido estranhamente distantes quando davam água para ele, que se perguntava se havia algum tipo de mensagem oculta naquilo. Alex pegou os dois cantis, pensando que Gispan não precisava de mais um fardo para carregar.

O kimisaro mancava, mas estava falante. Contou tudo sobre sua casa e sua família, a garota em que estava de olho em Demora e seu amor por carpintaria. A maioria das pessoas pensaria que ele só estava se sentindo solitário, depois de dias sem ter com quem conversar, mas Alex reconheceu a verdade: era um homem à beira da morte, com a noção clara de que todas as suas experiências e todos os seus pensamentos e sentimentos morreriam com ele. Gispan ia se sentir melhor se soubesse que suas lembranças permaneceriam em outra pessoa, de modo que Alex o ouviu.

Quando o kimisaro desmaiou no fim da tarde, apesar de ter bebido toda a sua água e a maior parte da água de Alex, os casmunis pararam para redistribuir a carga do cavalo e depois o penduraram no dorso do animal. Parecia desconfortável, mas felizmente Gispan estava inconsciente.

Chegaram a um pequeno oásis no fim da tarde, onde algumas tendas foram montadas, incluindo a maior. Grande parte dos homens optou por dormir ao relento. Alex bebia de seu cantil, que tinha sido enchido, e estava sentado perto de Gispan, observando as estrelas. Achava engraçado que o céu fosse o mesmo de sua casa, apenas deslocado. A Roda do Norte ficava mais baixa no horizonte, mas as estrelas seguiam os mesmos movimentos.

Quando o kimisaro acordou, Alex tentou fazê-lo beber água, mas ele se recusou, dizendo que não conseguiria engolir. Toda a lateral da roupa de Gispan estava molhada e incrustada de sangue e pus da ferida gangrenada. Alex não se atreveu a levantar a camisa dele para ver — sabia o que ia encontrar, e não havia motivo para provocar mais dor.

Embora estivesse exausto, Alex passou a noite toda acordado, ouvindo a respiração laboriosa de Gispan. Às vezes, o som parava, voltando alguns segundos depois. Quando o céu começou a clarear no leste, o kimisaro abriu os olhos de repente. Alex se aproximou para que Gispan pudesse vê-lo.

— Quer um pouco de água? — perguntou.

— Sim — o kimisaro respondeu, rouco e com os lábios secos. Alex entornou um pouco na boca dele. — Obrigado, meu amigo — Gispan sussurrou.

— Não vou me esquecer de você — Alex disse, fazendo a última promessa que o homem precisava ouvir.

O kimisaro ergueu os olhos para as estrelas que se apagavam.

— Queria que tivessem deixado aquela mulher me matar — ele disse. — Assim eu não teria de passar meus últimos dias andando no inferno.

Alex se empertigou.

— Que mulher? — Quando o kimisaro não respondeu, Alex girou os pés para trás e ficou de joelhos para chacoalhar os ombros do kimisaro. — Que mulher, Gispan? Quando?

Ele não chegou a responder.

Alex insistira em enterrá-lo sozinho. Os casmunis lhe deram uma pá, mas ficaram de olho nele o tempo todo.

Antes mesmo de Alex entrar para o exército como pajem, seu pai havia feito questão de lhe ensinar que os soldados inimigos tinham pensamentos e desejos como qualquer demorano. O primeiro combate real dele fora quando era escudeiro, aos quinze anos, e a experiência de matar um homem o fizera querer abandonar o exército. Seu pai afirmara que tinha de ser daquele jeito; tirar uma vida nunca deveria ser fácil. Então, um amigo de Alex morrera em mãos kimisaras, e ele sentira desejo de vingança. Depois daquilo, cada morte que causara fora se tornando mais e mais fácil. Sempre havia mais um inimigo a combater, outra ferida a retribuir.

Nos anos que se seguiram, ele perdera a conta de quantos Gispan mandara para o Espírito sem pensar nem se importar. Talvez um para cada pá de areia que erguia, levando-o mais fundo no abismo de sua alma.

Enquanto cavava, Alex repassou as últimas palavras de Gispan de novo e de novo.

Queria que tivessem deixado aquela mulher me matar. Assim eu não teria de passar meus últimos dias andando no inferno.

Era difícil ter certeza com todo mundo vestido com roupas para o deserto e com a cabeça coberta, mas Alex havia identificado mulheres na caravana. Gispan poderia ter se referido a uma delas, mas nenhuma estava com o uniforme dos soldados casmunis, de modo que Alex duvidava que fossem parte de um grupo de patrulha. “Meus últimos dias”, ele havia dito. Só tinha caminhado um dia com Alex, e devia ter levado vários para chegar ao acampamento. Quem quer que quisesse matá-lo, tinha tentado fazê-lo no caminho.

Queria que tivessem deixado aquela mulher me matar. Se alguém tivesse apenas argumentado a favor da morte dele, Gispan não teria entendido a conversa, então devia ter havido um atentado real contra sua vida. Teria sido a mulher quem o ferira? Alex não tinha olhado o machucado com atenção

suficiente para conjecturar como tinha sido feito, tampouco valeria a pena olhar depois de tanto tempo. Mas devia ter cerca de dez dias. Era inteiramente possível que Gispan tivesse sido apanhado pelo grupo casmuni que encontrara Sage e Nicholas.

O que significava que Sage havia tentado matá-lo.

E, se Gispan tinha sido levado para aquele acampamento, ela também.

A CARAVANA DE BANNETH ZIGUEZAGUEAVA para poder parar em diferentes nascentes, mas o caminho seguido os levava continuamente para o sudeste. Quando o rei perguntara a Sage o que sabia sobre Osthiza, ela respondera com sinceridade que nada, mas então refletira a respeito. *Thiz* queria dizer “nascente”, e os significava “sete”. Depois de pensar um momento, ela perguntara se a cidade era construída em volta de sete nascentes.

Banneth pareceu orgulhoso pela dedução dela.

— Sim. Suas cidades são batizadas de maneira semelhante? — ele perguntou em kimisaro.

— Algumas — Sage respondeu. — Demora foi criada pela união de três culturas distintas, quatro agora, com Tasmeth, e as línguas se misturaram criando uma nova. O sentido original de muitos nomes se perdeu com o tempo.

— Nosso povo lamentaria essa perda. Consideraríamos uma corrupção de sua pureza.

— Vocês não devem gostar de bolo, então.

Banneth pestanejou por um momento.

— Acho que estamos em meio a um mal-entendido.

Sage mordeu o lábio por um momento.

— Ovos são deliciosos. Açúcar é maravilhoso. Óleo, farinha e especiarias também. Se um bolo for considerado uma corrupção da pureza de seus ingredientes, seu país não sabe o que está perdendo.

O rei jogou a cabeça para trás e gargalhou, de forma grave e gutural. Ela sabia que ele tinha senso de humor e já o tinha visto sorrir em várias ocasiões, mas aquilo era novo. Todavia, ninguém reagiu como se o comportamento do rei fosse incomum, então ele não deveria se comportar sempre como o governante solene com que Sage tinha se acostumado.

Ele se voltou para ela com um brilho alegre no olhar.

— Aceito seu argumento, srta. Saizsch.

Sage sorriu até que uma lembrança de Alex a atingiu. Estavam os dois

cavalcando lado a lado no ano anterior, a caminho de Tegann. Ela lhe contara uma história e ele rira tanto que quase caíra da sela. A própria Sage havia gargalhado, talvez pela primeira vez desde a morte de seu pai. Ela tinha precisado de mais de quatro anos e de Alex para recuperar o riso.

E ele tinha morrido fazia menos de três semanas. Como poderia ficar quase feliz, ainda que por um momento?

Sage se virou abruptamente e fingiu arrumar uma fivela no alforje. Mal abriu a boca até a noite.

No décimo dia de viagem, houve uma mudança perceptível na atmosfera da caravana. Ela ouviu risos e piadas que conseguia traduzir, ainda que nem sempre entender, e até os cavalos pareciam dançar de alegria. Banneth guiou seu garanhão pardo reluzente perto da égua cor de areia que tinham dado para Sage cavalgar, parecendo animado.

— Estamos perto de Osthiza? — Sage perguntou em casmuni. Graças a seu estudo prévio e três semanas de imersão, seu conhecimento da língua já era vasto, embora sua gramática continuasse desajeitada e ela errasse algumas palavras. — Está todo mundo feliz hoje.

Banneth apontou para o leste, à frente deles.

— Aquele é o Portão do Protetor. A cidade fica doze horas depois. Vamos jantar nos jardins de Osthiza amanhã.

Sage estreitou os olhos para as duas torres de pedra ao longe.

— O portão está longe demais para chegarmos antes do anoitecer. — As sombras já estavam compridas.

— Vamos cavalgar até a meia-noite para acampar ao abrigo do portão — ele disse. — Vai haver música e dança hoje, poucos vão dormir.

— Há quanto tempo está fora da cidade?

— Mais de três meses. — O rei apoiou a mão direita no quadril e puxou as rédeas para perto, uma linguagem corporal que Sage havia aprendido que indicava que uma pergunta passível de ser ignorada estava por vir. Ele voltou a falar em kimisaro, o que significava que a conversa provavelmente ia ficar mais complexa. — Você comentou antes que Tasmet pertence a Demora agora... Isso foi depois das nossas últimas negociações.

Os acontecimentos de cinquenta anos antes não eram informações que Sage sentia necessidade de esconder. Brevemente, ela explicou que Demora havia se cansado dos ataques constantes realizados a partir de Tasmet por Kimisara, e que os desfiladeiros Tegann e Jovan eram estrategicamente importantes. O avô do rei Raymond havia iniciado a campanha que acabara expulsando os kimisaros e os

obrigara a recuar.

— A terra é ruim para o cultivo, mas há pedreiras e minas. Serve mais como proteção. O exército mantém uma forte presença lá.

Sage pretendia falar mais, mas seu estômago se revirou. O serviço em Tasmet era a principal função de Alex antes de receber a missão de escolta do Concordium no ano anterior, algo de que ele havia se ressentido muito até ficar claro que havia uma ameaça real a ser combatida. E, claro, fora como se conheceram.

Ela não queria pensar no assunto.

Banneth manteve a postura firme. Provavelmente pensou que ela havia se interrompido para não dizer alguma coisa estrategicamente importante.

— Você estava com o exército. Demora tem interesse em outras regiões que possam aumentar seu conforto?

Ela entendeu o que ele quis dizer, mas fingiu que não para ganhar tempo.

— Perdão?

O rei limpou a garganta.

— Recuperar cidadãos perdidos é uma excelente justificativa para enviar uma força significativa para Casmun. — Os olhos verdes dele estavam focados nela.

Sage nem tinha como ter certeza de que Demora sabia que ela e Nicholas estavam com os casmunis. Se os norsaris tivessem capturado os kimisaros certos, poderiam ter descoberto o suficiente e seguido o rio até o barco e o corpo perto dele. Mas era incerto se chegariam às conclusões corretas a partir dali.

Ela mordeu o lábio antes de responder.

— *Palandret*, posso prometer que, se Demora vier atrás de nós, os homens estarão armados e dispostos a lutar. Seria ingênuo agir de outra forma. — Banneth respondeu com um aceno breve. — Mas não tenho motivos para acreditar que o país queira se expandir nesta direção. A conquista de Tasmet só aconteceu depois que todas as outras opções tinham sido esgotadas.

Banneth tamborilou os dedos no cinto.

— Você disse se Demora vier. Parece incerta.

— E estou. Podem presumir que estamos mortos. Ou pensar que kimisaros nos capturaram.

O rei pareceu pensativo.

— Sinto muito por sua família, mas devemos torcer para que pensem uma dessas coisas. Quando vocês voltarem no ano que vem, parecerá um milagre.

Ele relaxou a mão e a pousou na perna. Sage estava grata pelo fim das perguntas, tendo se concentrado na expressão “ano que vem”. Se os demoranos

não fizessem ideia de onde Nicholas estava, o retorno dele realmente pareceria um milagre. Se soubessem, no entanto, iriam resgatá-lo muito antes.

E, quando acontecesse, provavelmente viriam com um exército.

ELES MANTIVERAM ALEX AO AR LIVRE, exceto quando a caravana parava para descansar sob alpendres por causa do calor. Nunca houve um bom momento ou lugar para ler as anotações de Sage ou arrombar as fechaduras de suas correntes, e Alex ainda não sabia ao certo se tentar fugir era uma boa ideia. Ele seria avistado imediatamente e, a cavalo, os casmunis iam capturá-lo em minutos.

As últimas palavras de Gispan e a possibilidade de Sage estar com o grupo não saíam de sua cabeça. Alex a procurava obsessivamente em meio à fileira da frente sempre que aparecia em seu campo de visão, mas a distância era tamanha que ele não conseguia focalizar os cavaleiros. À noite, observava todo mundo que passava perto dele.

O que faria se visse Sage ou Nicholas? Alex não sabia. Se soubesse que estavam a salvo, aquilo pelo menos traria um pouco de paz a ele. Então talvez pudesse bolar um plano para tirá-los dali.

Depois de dez dias, a caravana parou à sombra de dois grandes pilares de pedra. Deviam estar a menos de vinte e quatro horas do destino, porque uma fogueira foi acesa no centro do acampamento com toda a lenha disponível. Nenhuma tenda foi erguida, nem mesmo a maior. Alpendres foram erguidos em volta da fogueira, e Alex por fim teve a chance de observar os rostos sem véu.

E lá estava ela.

Ele quase chorou de alívio, mas conteve as lágrimas para observar todos os detalhes. Sage estava sentada de pernas cruzadas num grande tapete do outro lado da fogueira, aparentemente ilesa. Embora seu rosto estivesse vermelho pelo sol e pelo calor, havia sombras sob seus olhos enquanto fitava as chamas, reagindo a pouca coisa ao seu redor. O líder casmuni estava à sua direita, mas ela não parecia ter medo dele.

Nicholas estava à sua esquerda, parecendo ileso e definitivamente alegre, embora lançasse um ou outro olhar preocupado para Sage. Os dois usavam trajes casmunis, e Alex concluiu que as roupas deles tinham estragado durante a fuga. Nicholas e o casmuni trocavam frases com Sage e entre si de tempos em tempos.

Ela respondia, nunca parecendo abalada ou preocupada, mas tampouco feliz. Alex reconheceu a expressão dela. Era a mesma de quando comentara pela primeira vez sobre a morte do pai. Sage pensara para falar sobre algo que havia mantido enterrado por muito tempo.

O que tinha acontecido para deixá-la do mesmo modo?

Ele queria levantar e gritar o nome dela, vê-la correr em sua direção em meio ao mar de casmunis e se atirar em seus braços, mas duas constatações o detiveram.

Primeiro: Sage estava com duas adagas presas ao cinto, e Nicholas também carregava uma. Se ela havia tentado matar Gispan e os casmunis a tinham impedido, sabiam o perigo que representava. No entanto, Sage estava sentada perto do líder, armada não com uma, mas com duas adagas — de modo que a segunda devia ter sido devolvida pelo homem que ela ajudara a escapar. Os casmunis confiavam em Sage, e Alex não se atrevia a se associar a ela naquele momento.

Segundo: do outro lado do príncipe casmuni estava um homem com uma cicatriz no rosto, que tinha todos os motivos para *não* confiar em Alex.

O QUE DE LONGE SAGE TINHA PENSADO SER UMA ROCHA em forma de pirâmide se revelara uma cidade em terraços. Do Portão do Protetor, tudo parecia marrom como a terra, mas, conforme foram se aproximando, um misto de vermelhos e verdes começou a se distinguir. O vermelho vinha das pedras queimadas pelo sol com as quais a cidade tinha sido construída, e o verde, da abundância vegetal. Ela nunca tinha visto tamanha obsessão por jardins. Havia plantas penduradas em todas as janelas, e os telhados eram cobertos de vegetação.

Banneth havia explicado que Osthiza dependia completamente das fontes que a batizavam e que sua água era usada nas plantas. O rio Kaz ficava vários quilômetros a sudeste, e a terra até ele se expandia em um delta de campos verdes ao longo da forte corrente que fluía a partir da cidade. A região ao redor era desértica, levando Sage a crer que os jardins não eram apenas decorativos — deviam ser fonte de alimento também. Sulcos espalhados de tamareiras e ao menos um pomar cresciam nos grandes terraços inferiores, e mesmo de longe o ar era perfumado pelas flores. Sage fechou os olhos e inspirou fundo. O deserto tinha sua própria beleza árida, mas as árvores sempre ocupariam o primeiro lugar em seu coração.

Banneth lançava olhares a Sage enquanto cavalgavam.

— Suas cidades são assim verdes? — ele perguntou em casmuni.

— Não exatamente — ela respondeu. — São lugares onde o verde não entra, tirando alguns dos poucos lugares em que pode crescer.

O rei assentiu.

— Mais ao sul há florestas tão úmidas quanto o deserto é seco. As cidades lá são iguais às suas, um refúgio sem natureza.

Um grupo de soldados montados vindo da cidade se aproximou. Depois que o grupo de Banneth foi identificado, alguns cavaleiros retornaram a Osthiza rapidamente, enquanto o restante os escoltou até os portões. Atravessaram o arco reforçado e o terraço inferior, então começaram o longo e tortuoso trajeto pela colina até o palácio abobadado no topo da cidade. O rei cavalgou à frente da

caravana, com Sage à sua direita e Nicholas um pouco atrás.

Folhagens pendiam de todas as paredes e cresciam de todos os telhados. As mãos de Sage eram atraídas pelas vinhas e folhas ao seu alcance. Depois de tantas semanas de deserto e pedra, ver toda aquela vida era como sair de dentro d'água.

A população de Osthiza devia estar acostumada às idas e vindas do rei. Todos abriam caminho para o grupo, comemoravam e faziam reverências, mas não interrompiam suas rotinas ou atividades. As crianças corriam para oferecer flores e frutas ao soberano e a seus cavaleiros, mas hesitavam em se aproximar de Sage ou Nicholas. Pelo tom de sua pele, era óbvio que não se tratava de casmunis.

Banneth estendeu o braço e baixou o véu dela. Os curtos fios de cabelo que Sage podia ver estavam muito mais claros depois de várias semanas sob o sol. Para eles, a garota deveria parecer tão loira quanto a rainha Orianna. Diante do gesto do rei, Nicholas também baixou o véu, revelando o tom acobreado de seu cabelo claro.

— É uma atitude prudente, *palandret*? — Sage sussurrou quando as crianças ao redor ficaram em silêncio, boquiabertas. — Mostrar quem somos sem nenhum aviso?

Banneth acenou e sorriu para a multidão crescente.

— Já estavam todos cochichando e especulando. É melhor deixar que vejam. — Ele se virou para ela. — Não quero que ninguém pense que estou escondendo vocês.

Fosse ou não a intenção dele, Sage lembrou que ela e Nicholas eram os primeiros demoranos que aquele povo via em três séculos. Ela representava seu país, e primeiras impressões eram importantíssimas. Endireitou a postura e curvou sua boca num sorriso.

— Obrigada — Sage disse, aceitando a flor de uma criança que finalmente tomara coragem de se aproximar. — Que linda. Você é muito gentil.

Ela não sabia que se sentar ereta e acenar podia ser tão exaustivo. Quando chegaram ao topo da cidade e a estrada se nivelou, seus braços e suas costas queriam murchar como a flor em sua mão. Banneth guiou o grupo para um pátio com colunas de mármore e uma ampla escadaria que levava ao palácio. No meio dela estava uma jovem de vestido carmesim com as mãos cruzadas diante da barriga. Seu cabelo preto comprido caía em ondas pelas costas até a cintura. Ela tinha uma expressão nobre e majestosa, mas o efeito dela era atenuado pela criança pulando ao seu lado.

Os cavaleiros pararam e começaram a desmontar. O rei mal desceu do cavalo

quando a menininha, que parecia ter cerca de oito ou nove anos, desceu a escada correndo, a cauda de seu vestido branco flutuando atrás de si.

— *Bappa!* — ela gritou, atirando-se nos braços dele.

Sage estava cansada demais dos sorrisos falsos da última hora para resistir ao sorriso genuíno que se abriu em seu rosto de repente. A sensação era boa.

Banneth pegou a filha e a ergueu do chão enquanto a mulher de vermelho descia os degraus com uma exasperação imponente. Quando ela chegou ao pé da escada, o rei lhe estendeu o braço livre, e os três se juntaram num abraço.

— Meu irmão! — ela disse. — Senti muito sua falta.

Banneth beijou sua bochecha.

— E eu senti a sua. — Ele apertou as duas por alguns segundos, depois gemeu, mas não colocou a criança no chão. — Você está ficando grande demais para isso.

A mulher — uma princesa, se era irmã do rei — recuou e fez careta.

— Já falei isso, mas ela não me escuta.

— Não sei com quem aprendeu — Banneth disse, puxando a trança castanho-avermelhada da menina e fazendo as duas princesas olharem feio para ele. — Temos convidados. — O rei se virou e fez sinal para Sage e Nicholas se aproximarem. Ela observara a cena familiar enquanto pensava que o rei era cheio de surpresas. Sabia que tinha uma irmã, mas não esperava a filha.

— Sim, eu sei. — A mulher chamou um criado que esperava ao lado. Ele se aproximou correndo, com uma bandeja na mão.

Água foi servida e compartilhada rapidamente, e nomes foram ditos. A irmã de Banneth se chamava Alaniah, mas, depois de trocar olhares com o irmão, pediu para Sage chamá-la de Lani. A menina foi apresentada como Reza. Agora que Sage sabia do parentesco entre eles, a semelhança ficara óbvia; Banneth e Lani tinham o mesmo nariz reto e o mesmo cabelo preto como carvão, enquanto Reza tinha o sorriso do pai.

— Vocês são muito bem-vindos aqui — a princesa Lani disse. — Estou ansiosa para ouvir sobre sua terra e sua jornada.

— E estou ansiosa para contar — disse Sage.

Lani se sobressaltou.

— Você é mulher. — Ela a observou de cima a baixo com os olhos arregalados. — Perdão por não ter percebido antes.

Sage corou.

— Minhas roupas... — Estavam manchadas de sangue? Rasgadas? Destruídas? — Eram quentes demais — ela completou.

A princesa tinha olhos da cor do musgo misturado a terra, envoltos por cílios pretos grossos. Eles se iluminaram, exibindo muito mais interesse e curiosidade que antes.

— Você precisa me contar sobre as roupas demoranas, mas primeiro me acompanhe. — Ela se virou para guiá-los escada acima. — Seus aposentos estão sendo preparados.

Todos seguiram Lani. Banneth carregava Reza, que falava tão rápido que Sage só conseguia entender algumas palavras. Tinha a ver com dentes — a princesa apontou para uma janelinha na boca —, uma espada e vinho. A última palavra fora dita com uma expressão de nojo. Aparentemente, ela tinha experimentado e não gostara.

— Lani — chamou Banneth quando Reza parou para recuperar o fôlego. — Nossos hóspedes vão ficar nos aposentos de Hasseth e Tamosa.

A princesa parou no meio da escada para encará-lo, com a boca aberta em surpresa.

— Mandei preparar os banhos da ala leste — ela protestou.

— Não deve dar muito trabalho alterar isso — ele disse.

Lani passou os olhos arregalados por Sage, depois os focou na escada.

— Como quiser — foi tudo o que ela disse.

Banneth se aproximou de Sage.

— Hasseth é meu filho. Ele está fora para estudar.

Mas o rei não disse quem era Tamosa.

ALEX TINHA FICADO PREOCUPADO com a possível reação das pessoas a um prisioneiro kimisaro acorrentado, mas, depois de atravessar os portões da cidade, soldados a cavalo o cercaram durante a caminhada. De dentro de seu casulo, conseguia ver e ouvir pouco além do que estava a alguns metros. Fizeram um caminho sinuoso até o alto da colina, que evitava as partes íngremes, mas era muito mais longo.

Alex não foi guiado para dentro do palácio, mas para baixo dele. Prisões não metiam medo no capitão — sempre tinham pontos fracos. Talvez fosse possível fugir, mas ele não partiria sem Sage e Nicholas.

Ele só não esperava uma prisão tão limpa. Alex foi despido e teve o cabelo e boa parte dos pelos do corpo raspados. Em seguida, foi coberto por um pó repulsivo para matar quaisquer piolhos que pudessem ter resistido. Suas roupas foram jogadas num carrinho e levadas a uma fornalha na antecâmara. Ele sentiu a perda das anotações e da carta mais do que da gazua em sua bota. Era quase como perder a própria Sage, mas não havia nada que pudesse fazer.

Deram-lhe uma calça remendada e uma camisa leve, que Alex vestiu devagar para aproveitar a falta de algemas por alguns minutos. Sem as botas ou as tiras de pano amarradas em volta dos punhos, seus braços sangravam e seus tornozelos já estavam cheios de hematomas quando chegou à cela. O colchão de palha no canto parecia novo, e ele se jogou ali enquanto era trancado atrás das grades.

Talvez devesse dizer quem era. Sage e Nicholas estavam no palácio lá em cima e pareciam bem tratados. Se os casmunis confiavam nos dois, a palavra deles poderia libertá-lo. Mas talvez a associação a Alex quebrasse aquela confiança. Não importava. Mesmo se os guardas compreendessem que era demorano, não havia garantia de que contariam a alguém. A função deles era vigiar os prisioneiros. Não importava quem fossem.

Alex se recostou contra a parede e fechou os olhos. Descansaria aquela noite. No dia seguinte, decidiria o que fazer.

— Kimisaro. — Um sussurro rouco interrompeu seu sono.
— Estou dormindo — Alex respondeu naquela língua.
— Falaram que você foi pego perto de Demora — a voz continuou.
— Fui — Alex murmurou, suas palavras carregadas de sono. — E daí?
— Você é um dos homens do capitão Huzar?

O nome o fez recobrar a consciência.

— Sou. Você também?

— Não, mas o conheci anos atrás.

Alex se obrigou a abrir os olhos.

— Como veio parar aqui?

Um homem estava apoiado nas grades da cela em frente à dele, observando-o com os olhos castanho-dourados alertas sobre o nariz estranhamente delicado.

— Viemos numa missão. Não vamos ficar por muito tempo.

— Vão ser executados? — O coração de Alex bateu mais rápido com a ideia. A maioria dos espiões kimisaros em Demora acabava na guilhotina, e vice-versa.

O kimisaro deu de ombros.

— Provavelmente. Como você se chama?

— Gispan. E você?

— Stesh. — Ele apontou com o polegar para o corpo adormecido na cela ao lado. — Aquele é meu irmão, Kamron. — O homem se ajeitou nas grades. — O que Huzar estava fazendo por aqui?

Alex descreveu brevemente como a companhia do capitão kimisaro ficara espalhada durante meses para se reunir e fugir depois que o desfiladeiro Jovan tivesse sido desobstruído, ao fim das neves de inverno. Ele deixou de fora o plano de usar o príncipe Nicholas como refém.

Stesh bufou de leve.

— Sempre o herói. Não podia simplesmente largar os idiotas que foram presos.

Representando seu papel, Alex se eriçou.

— Falou o homem na cadeia.

— Não acho que alguém virá atrás de mim se eu fracassar.

— Como conheceu Huzar? — Alex perguntou.

— Entramos no exército juntos aos dezesseis anos — disse Stesh. — Nos separamos cinco anos atrás, quando me tornei um *dolofan*. Não o vejo desde então, mas o nobre sacrifício dele de voltar para buscar vocês não me surpreende.

Dolofan eram espiões e assassinos. Não era por acaso que Stesh esperava ser

executado. Alex nunca tivera a oportunidade de conversar com um daquela forma.

— Eu também queria ser *dolofan* — ele disse. — Mas não me aceitaram. Nunca entendi por quê.

— Posso responder só de olhar para sua cara — disse Stesh. — Você é um daqueles tolos que acha que honra significa alguma coisa. — Ele inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. — Assim como Huzar.

SAGE QUASE NÃO CONSEGUIA ACREDITAR NOS SEUS APOSENTOS. Enquanto providenciavam água quente, a princesa Lani apresentou os cômodos a ela, que incluíam uma sala de banho particular com uma banheira fixada no chão, um vestiário do tamanho do quarto dela em Tennegol e uma sala de estar. Tapeçarias azul-claras e douradas cobriam as paredes, dando aos cômodos um ar arejado, e o lençol da cama larga era de seda bordada. A anfitriã a guiou pelas cortinas leves que davam para um pátio ao ar livre e um jardim de inverno do tamanho de uma casa. Várias outras sacadas de mármore em volta davam para o jardim.

Lani apontou para uma, do outro lado.

— Aquela dá para meus aposentos.

Se Nicholas tinha ido para os aposentos do príncipe, não era surpresa que estivessem na ala da família real, mas aquilo não deixava de ser desconcertante. Ou Banneth queria agradá-los ou queria ficar de olho neles. Talvez as duas coisas.

Depois da reação inicial de Lani à ordem do rei, Sage não se atreveu a perguntar quem era ou tinha sido Tamosa, mas, pela opulência dos quartos e pela ausência da mãe de Reza, não era difícil supor.

A princesa saiu enquanto Sage se banhava, voltando depois com um vestido num estilo semelhante ao seu, com mangas compridas drapejadas e decote quadrado, mas em um tom laranja-rosado que Sage sabia que faria com que parecesse doente. Ela cogitou que Lani tivesse escolhido aquele de propósito até a princesa franzir os lábios e pedir desculpas, dizendo que era o único vestido que tinha que talvez chegasse perto de caber nela.

Lani tinha lhe dado trajes de seu próprio guarda-roupa, mas era um pouco mais alta e muito mais escultural. Sage pensou que passaria todo o jantar arrumando a roupa para impedir que o decote revelasse demais, mas a princesa pegara uma faixa dourada para ajudar a prendê-lo.

— Como são os vestidos demoranos, Saizsch? — ela perguntou enquanto dava um nó semelhante a um botão de rosa na faixa.

Sage não usava vestidos desde Tennegol. Alex tinha gostado do azul-escuro.

— Hum. — Ela se esforçou para afastar o pensamento e encontrar palavras dentro de seu conhecimento da língua casmuni. — As saias são... maiores. E as mulheres normalmente usam o que chamamos de espartilho. — Sage apontou para a cintura. — Prende a barriga e deixa a pessoa ereta.

— Acho que não preciso de um — Lani disse, altiva.

Nicholas entrou por uma porta lateral que ligava os aposentos, com os cachos acobreados molhados. Seu traje formal era muito semelhante ao que Banneth havia usado quando tinham se conhecido, mas o príncipe era pequeno demais para o casaco, que ficava na altura do joelho, com o colarinho alto.

— Vocês estão prontos — disse Lani, aprovando com a cabeça. — Alguém virá buscá-los para o jantar em breve. Se me derem licença, preciso me arrumar. — Ela saiu de maneira graciosa, fazendo Sage questionar como poderia melhorar sua aparência.

— E agora? — perguntou Nicholas. Ele parecia um menino usando as roupas do pai. Sage desconfiava que, juntos, pareciam duas crianças perdidas, mas talvez fosse melhor não passar uma impressão ameaçadora.

— Quero ver seus aposentos — Sage disse, e ele a guiou pelo caminho por que tinha vindo. A porta entre as suítes tinha tranca apenas do lado de Sage. Ela observou os aposentos dele, memorizando todos os pontos de acesso.

— Não confia mesmo em Banneth? — Nicholas perguntou.

— Não é necessariamente com ele que estou preocupada — ela respondeu, empurrando as paredes em busca de sinais de portas escondidas. — A princesa disse algo que me fez pensar que nem todos aqui estão felizes com nossa chegada. — Ela se virou e viu que o príncipe tinha empalidecido. — Pelo Espírito, Nicholas, só estou sendo precavida.

— Não é isso — ele disse. — Estava lembrando o que você comentou na estrada, sobre como eu poderia negociar tratados daqui a alguns anos.

O sorriso que ela abriu em resposta saiu com tanta facilidade quanto o outro mais cedo.

— Não acho que você vá negociar tratados diretamente a partir do que acontecer aqui, mas o que fizer e descobrir vai ter um efeito enorme, talvez pelos próximos cem anos. Se apresente bem e aprenda tudo o que puder.

Nicholas fechou os olhos e estremeceu, cerrando os punhos. Sage deu um passo em sua direção e colocou um braço em volta dele.

— Você vai se virar bem. Não se preocupe.

— Estou com medo — Nicholas disse. Lágrimas começaram a escorrer por

suas bochechas. — Mal entendo o que as pessoas falam, a comida é esquisita, as roupas coçam e...

— Pensei que você gostasse da comida.

A piada não ajudou muito.

— Quero minha mãe, Sage — Nicholas soluçou. — Quero voltar para casa.

No último mês, o príncipe tinha ficado alguns centímetros mais alto que Sage, o que tornava fácil para ela esquecer que o príncipe não passava muito de um menino, e um muito mimado. Considerando tudo, ele tinha se mantido firme até então.

— Vou levar você para casa — ela disse. — Prometo.

— E se não nos deixarem ir embora? — Ele fungou e secou o nariz na manga de fios dourados. — E se descobrirem quem sou?

— Estive pensando em contar para eles, mas deixe essa decisão comigo. — Sage deu um passo para trás e ajeitou o casaco dele, obrigando-o a encarar seus olhos. — Quanto a não nos deixarem ir embora, lidaremos com isso se acontecer. Vou levar a gente para casa. Confie em mim.

ALÉM DO REI E DA PRINCESA LANI, dois membros do conselho real estavam presentes no jantar. Eles se sentaram ao lado de Banneth, para discutir questões de Estado. Sage estava na frente de Nicholas, que parecia ter recuperado o apetite, e perto do ministro da Guerra, um homem pomposo de olhos esbugalhados que a lembrava de seu tio William — com menos banho.

Lani se sentou na ponta oposta a Banneth, usando um colar que combinava com o brilho dourado de sua pele, cravejado de rubis tão vermelhos quanto seus lábios pintados. Pela maneira como seus olhos pousavam em tudo na sala exceto o ministro das Finanças, Sage desconfiou que grande parte de seu esforço para se arrumar se devia a ele. E dava para entender o porquê. Mesmo tendo provavelmente o dobro da idade de Lani, era um homem bonito e em boa forma, com um cabelo grisalho que lhe dava um ar de sabedoria e seriedade. Era definitivamente preferível ao homem perto de Sage, que a encarava e fungava como se houvesse algo podre ali.

No entanto, como nenhum dos ministros tinha compartilhado água com Sage ou Nicholas, Lani tinha que entreter ambos. Sage teve de se lembrar que os casmunis estavam sendo gentis ao ignorá-la, mas, em certo ponto, comentou com a princesa como se sentia estranha.

— Entendo o que quer dizer — ela disse —, mas todo o conselho vai compartilhar água com você quando for apresentada a eles.

Sage lançou um olhar nervoso para Nicholas.

— E quando será isso?

— Depois de amanhã — Banneth respondeu da cabeceira da mesa. Os dois ministros se recostaram um pouco para ficar de fora da conversa. — Amanhã Lani vai levar você à cidade para comprar roupas. E Darit levará Nikkolaz.

Sage não gostava da ideia de se separar do príncipe, mas, se havia alguém em quem confiava ali, era em Darit.

— Claro — disse Lani, radiante. — Vamos logo depois do conselho. — Ela se voltou para Sage. — Amanhã de manhã eles vão se reunir para falar de tudo o

que Banneth perdeu.

O rei limpou a garganta.

— Quis dizer que você está dispensada.

Lani ficou paralisada, voltando os olhos para o ministro das Finanças.

— Presidi todas as sessões na sua ausência. Preciso estar presente.

— Nossos hóspedes devem estar vestidos adequadamente, e o ministro Sinda e eu acabamos de discutir fundos para isso. Você adora fazer compras. Vá. — Banneth gesticulou com indiferença. — Vão ser só atualizações e vistorias sem importância.

— É exatamente por isso que devo estar presente — Lani insistiu. — E se algo for esquecido?

Sage se recostou na cadeira, constrangida. Era a segunda vez que os dois quase discutiam na presença dela.

O ministro das Finanças ergueu a voz.

— Posso dar minha garantia à princesa Alaniah de que nada será omitido.

Lani o encarou e palavras silenciosas foram trocadas entre os olhares. Aparentemente, a atração não era completamente unilateral. A princesa jogou a cabeça para trás.

— Só se lembrem de quem me deu permissão para gastar o dinheiro dos impostos em roupas.

Os ministros voltaram a se inclinar para a frente e retomaram a conversa com o rei. Sage passara a ter ainda mais motivos para observar o homem à direita de Banneth. Quando zara com creme e canela foi servido como sobremesa, ela estava certa de que Lani e o ministro Sinda tinham compartilhado mais do que apenas água.

Depois que Nicholas se recolheu para dormir, Sage foi dar uma volta. O objetivo inicial dela era ver para onde davam as portas externas dos aposentos, mas também queria verificar como a guarda do rei reagiria ao vê-la zanzando sozinha pelos corredores do palácio. Tendo chegado havia pouco, poderia facilmente alegar que estava perdida.

Havia janelas altas sob os tetos arqueados de pé-direito duplo. De dia, permitiam a saída do ar quente, mas o luar que entrava naquele instante se refletia nas paredes de pedra branca, iluminando a passagem sem tochas. A princípio, Sage evitou os guardas, querendo completar a varredura do corredor externo em volta dos aposentos da família real e do pátio privado. A comparação das portas com as que tinha visto dos seus aposentos e dos de Nicholas indicava que algumas delas levavam a outros lugares — provavelmente a corredores de

serviço. Ela conseguiu chegar ao fim da vistoria sem ser vista. Na volta, escutou vozes e se preparou para parecer perdida. Mas o barulho não vinha em sua direção. Sage ficou em dúvida se seguia em frente ou esperava a conversa acabar.

Uma das vozes que Sage ouvia era feminina, e ela estava perto dos aposentos da princesa Alaniah, de modo que Sage resolveu se aproximar devagar. Lani tinha sido bastante simpática, mas, quando Sage identificou a segunda voz como sendo do ministro Sinda, achou melhor não interromper, principalmente porque o tom da princesa era bravo.

— Você nem se esforçou, Dev — ela disse, tentando manter a voz baixa. — Sempre insistiu para eu estar presente. Agora parece que não importo.

— Não, Lani, você importa mais que tudo — o ministro Sinda respondeu com a voz suplicante, muito diferente de seu barítono confiante no jantar. — Mas tenho de baixar a cabeça agora. Você não entende. Preciso estar nas graças dele para pedir o que queremos.

Lani suspirou.

— Imagino que essa reunião não seja importante para mim mesmo — ela admitiu.

— Na verdade, acho que isso é uma coisa boa — ele disse. — Conhecer melhor a estrangeira pode ajudar seu irmão.

— Vou ver você à tarde? — Lani perguntou, esperançosa.

Sage estava perto o suficiente para ver a sombra do ministro Sinda pressionando Lani contra a parede. As mãos da própria princesa estavam na gola do casaco dele, mantendo-o junto ao corpo. Sinda fez que não, e Sage recuou até um ponto de onde não podia mais vê-los, apenas escutar.

— Vou revisar as contas da prisão, lembra? Por causa da reunião do conselho, tenho que fazer isso à tarde.

— Tem um kimisaro novo lá embaixo. Banna o trouxe com os demoranos.

Sage não tinha visto mais o homem que Darit havia capturado. Havia quase se esquecido dele.

— É mesmo? Acho que o general Calodan gostaria de conversar com ele — disse Sinda.

— Você deveria avisá-lo então. Pode fazer com que goste mais de você.

— Temos uma relação melhor agora, mas é uma boa sugestão.

— Aliás — disse Lani —, minha criada disse que ouviu o criado dele dizer que está planejando se aposentar.

— Calodan?

— Sim — ela respondeu. — Sei de alguém que poderia assumir o cargo dele.

— Já tenho um trabalho.

— Não por muito tempo, se eu conseguir o que quero — a princesa disse, então houve uma longa pausa, seguida por um suspiro.

O rosto de Sage ficou vermelho. Ela definitivamente não queria ser pega escutando aquela conversa.

— Tem alguém vindo — sussurrou Lani.

Ah, não.

— Vou embora — disse o ministro Sinda.

A resposta de Lani foi um pouco ofegante.

— Tenho uma ideia melhor.

Sage ouviu uma porta se abrir e fechar. Depois silêncio. Ela soltou devagar o ar que estava segurando e apertou as mãos trêmulas. Tinha sido por pouco.

Passos pesados de botas ecoaram pelo corredor curvo. A regularidade indicava um guarda. Sage saiu das sombras antes que parecesse que estava se escondendo. Alguns segundos depois, um homem com uma pera na mão e uma espada curva na cintura surgiu, e o alívio no rosto dela foi sincero.

— Pode me ajudar? — Sage estendeu as mãos em apelo e para que visse que não estava armada. — Não consigo achar meu quarto.

O PAVILHÃO DE CELAS ESTAVA VAZIO exceto por Alex e pelos dois kimisaros. O capitão conseguiu dormir um pouco antes de Kamron acordar, depois passou uma boa hora contando aos irmãos sobre a família de Gispan e a região onde havia crescido, que, felizmente, ficava longe da casa deles. No entanto, ambos reconheciam a descrição dos lugares, e o relato do incêndio florestal que matara a família de Gispan pareceu marcá-lo como verdadeiro aos olhos deles.

Stesh disse que o nome do líder do acampamento casmuni era Banneth e que ele era o rei daquele país. Os kimisaros ficaram contentes ao saber que ele havia retornado a Osthiza. Talvez as sentenças de morte exigissem aprovação real, assim como em Demora. A dupla estava ali havia mais de um mês, o que deveria ser o motivo pelo qual sua execução iminente não os inquietava mais. Em certo ponto, pessoas marcadas para morrer deixavam de se importar com sua sentença.

Alex narrou as ações de Huzar também. Kamron não ficou impressionado.

— Deveria ter esperado mais alguns meses. Agora atraiu todo o exército demorano para cima dele.

— Por que deveria ter esperado? — perguntou Alex.

— Depois que o desfiladeiro sul tiver secado, o rei Ragat vai marchar por ali e conquistar Demora por trás — Stesh disse, referindo-se ao governante de Kimisara, que estava no trono fazia mais de quarenta anos. — As ações de Huzar vão colocar as tropas em nosso caminho. Imbecil.

Alex balançou a cabeça.

— Jovan está completamente impedido. Duvido que nosso exército consiga atravessar.

Stesh inclinou a cabeça e arqueou as sobrancelhas.

— Estamos falando do desfiladeiro de Casmun.

Alex tinha uma vaga noção de que havia outro desfiladeiro nos Catrux, mas sabia pouco além daquilo. Era seguro supor que, se Casmun e Kimisara se odiavam o bastante para enviar assassinos, o desfiladeiro era bem protegido. Ele fingiu confusão.

— Seria ainda mais difícil de atravessar. Vão ter de combater os casmunis antes.

— Não se saírem do caminho — disse Kamron com um sorriso. Ele parecia com o irmão na cor dos olhos e em quase todos os traços, exceto pelo nariz. O de Kamron era torto, como se tivesse sido quebrado no passado, enquanto a delicadeza do nariz de Stesh deveria ser motivo de provocações fraternas. Os dois eram mais claros do que um casmuni típico, o que poderia explicar sua captura.

— Chega de conversa fiada — disse Stesh. — Quanto mais falamos, maior é a chance de sermos ouvidos. — Ele apontou para a abertura no teto que permitia a entrada de luz e ar.

Os dois irmãos se recolheram no fundo de suas celas e se sentaram lado a lado, conversando baixo através das grades. Alex se deitou, mas não conseguiu dormir.

Ele sabia que o exército demorano enfrentava dificuldades e que suas poucas defesas estavam no lado leste das montanhas. Aquele era o motivo pelo qual o rei se preocupava tanto com as evidências de invasões casmunis. Para retirar recursos de Tasmeth, devia ser algo imperioso.

Apesar do que Kamron dissera, porém, era improvável que muitas forças fossem conduzidas pelas montanhas para perseguir Huzar, especialmente se o tenente Casseck e Ash Carter conseguissem fazer o coronel Traysden acreditar no que estava acontecendo. Aquilo deixava o vale do Tenne completamente à mercê de uma invasão ao sul, rodeando as montanhas até atravessar o deserto.

No entanto, era perigoso para o exército kimisaro marchar através de Casmun, ainda que aquela parte fosse desabitada. Depois que as provisões necessárias para levar milhares de homens por centenas de quilômetros de terra estéril tivessem atravessado as montanhas, nada ia impedi-los de se direcionar à capital casmuni. Além dos riscos, o fato de Banneth aprisionar Alex, Gispan e os *dolofans* somado à honra concedida a Sage e Nicholas iam contra aquela ideia. Ele claramente simpatizava com os demoranos.

No entanto, ficara fora por meses, e os *dolofans* tinham sido capturados algumas semanas antes. Se Kimisara não pudesse negociar a passagem, talvez só precisasse distrair Casmun por tempo suficiente para atravessar. Um assassinato seria uma maneira fácil de conseguir aquilo. Felizmente, os dois homens tinham sido capturados.

Mas havia algo errado. Stesh e Kamron estavam despreocupados demais por fracassar em sua missão. Agiam como se ela simplesmente não tivesse acabado.

Quanto mais Alex pensava sobre o assunto, mais certeza tinha de que havia um traidor nos altos círculos casmunis. Alguém que teria a ganhar com a morte de Banneth, e soltaria os *dolofans* quando chegasse o momento certo. Ser preso talvez fosse o jeito mais fácil de os kimisaros entrarem no palácio.

O rei de Casmun estava prestes a ser assassinado, e Alex não tinha como alertá-lo.

APESAR DE SUAS OBJEÇÕES INICIAIS, a princesa Lani caminhava alegremente pelo mercado. De braços dados, ela guiou Sage através das ruas e por uma variedade vertiginosa de lojas. Pela rapidez com que era recebida às portas e com que lhe ofereciam os itens e modelos mais recentes, a irmã de Banneth devia viver por ali e gostar de gastar. Sage, por sua vez, não era muito fã de fazer compras. Estava mais interessada na cidade em si.

Ela descobriu que os jardins nos terraços não serviam apenas para cultivar alimentos e como decoração: também ofereciam um resfriamento natural. A água das sete fontes corria abundante pelos canais entre as casas e pelas sarjetas, proporcionando a remoção de resíduos e refrescando ainda mais.

— Você sempre faz tantas perguntas? — Lani disse depois que terminou de explicar sobre a rede que transportava a água suja para os campos entre a cidade e o rio, de modo a ser utilizada como fertilizante.

— Sim — Sage respondeu. — E você sabe muita coisa!

— Quando se participa de tantas reuniões de conselhos como eu, fatos sobre o esgoto ficam na sua cabeça — a princesa disse, seca. — Acho que passam metade do tempo deles explicando tudo, como se eu fosse incapaz de lembrar o que já me contaram outras dez vezes. Homens adoram ouvir a própria voz.

Sage nunca tinha participado de uma reunião de alto nível, mas Alex dizia o mesmo sobre elas.

Alex.

Pensar nele a atingiu de forma tão inesperada que Sage parou no meio da rua.

— Você está bem, Saizsch? — Lani olhou para ela com preocupação. — Seu rosto está pálido como uma flor de zara.

Sage secou o suor da testa.

— Estou. Só pensei em algo desagradável. — Ela afastou os pensamentos. — Mas você me lembrou de perguntar sobre sua exclusão do conselho hoje.

A expressão de Lani mudou, e a raiva fez o verde de seus olhos predominar sobre o castanho.

— Se não fosse pelo ministro Sinda, eu ficaria de fora desses assuntos, mas, quando cheguei à maioridade no ano passado, ele insistiu para que permitissem que eu participasse. E estava certo, afinal, agora sou capaz de tomar decisões na ausência de Banneth.

Não era de surpreender que ela admirasse aquele homem.

— O ministro Sinda parece uma pessoa de quem eu gostaria — disse Sage.

Lani relaxou e sorriu.

— Depois que tiverem compartilhado água, tenho certeza de que vai gostar dele.

— E é bonito também, na minha opinião — disse Sage, com astúcia.

O ciúme transpareceu no rosto de Lani.

— Ele é velho demais para você.

— Sério? — Sage comentou com inocência. — Sou apenas um ano mais nova que a princesa.

Lani percebeu que Sage estava brincando e olhou feio para ela.

— Como sabe sobre nós?

Ela não podia admitir que havia escutado a conversa da noite anterior, mas tinha observado a atração dos dois no jantar.

— A verdadeira pergunta é como o rei ainda não percebeu — Sage disse. — Eu fui treinada para perceber essas coisas.

— Treinada?

— Trabalhei como casamenteira. — Sage usou a palavra demorana para aquilo. — É uma mulher que forma casais.

Lani franziu a testa.

— Pensei que fosse irmã de Nikkolaz.

Opa. Sage precisava ser mais cautelosa com o que dizia.

— Sim, mas todas as terras são dele, então preciso trabalhar. — Lani assentiu, compreensiva. Elas continuaram seu caminho, enquanto Sage contava à princesa detalhes selecionados a dedo sobre seu passado e aprendia um pouco mais sobre ela.

— Você também treina combate? — a princesa perguntou enquanto ajeitava os ombros de um vestido verde-escuro em Sage numa loja. Parecia com a roupa que ela havia usado na noite anterior, mas a cor e o caimento eram muito melhores. — Devia se juntar a mim e a Reza esta tarde.

Sage pestanejou, surpresa. *Tashaivar* não parecia uma atividade para princesas. Ela comentou aquilo.

— Pratico *tashaivar* desde os seis anos — disse Lani. — Quando uma menina

não tem mãe, ela é criada de maneira mais masculina. — A princesa inclinou a cabeça para o lado. — Você perdeu sua mãe cedo. O costume não é parecido em seu país?

Sage balançou a cabeça.

— Não, sou *atípica*.

Lani deu um passo para trás e riu baixo, cobrindo a mão com a boca.

Sage franziu a testa. Devia ter escolhido uma palavra que não significava exatamente o que pensava.

— Acabei de dizer que tenho uma forma estranha, não?

Lani desatou a rir.

— Sim!

ALEX SE ALONGOU E SE EXERCITOU DENTRO DA CELA, queimando um pouco de seu nervosismo. Ele tentava não fazer barulho com as algemas, para não acordar os kimisaros do outro lado do corredor. Stesh havia dito que costumavam dormir de dia, sem dúvida esperando a noite em que fugiriam para cumprir sua missão. A julgar pelas refeições, deviam estar no meio da tarde. O homem que lhes dava comida não havia respondido quando Alex falara com ele em kimisaro, de modo que provavelmente não sabia a língua. Alex não tinha como contar a ninguém o que sabia.

Uma porta se abriu e um homem caminhou a passos largos na direção dos kimisaros, carregando uma tocha. Quando parou entre as celas ocupadas, Stesh ergueu os olhos de seu colchão de palha.

— É hoje? — perguntou com a voz preguiçosa.

O homem respondeu em kimisaro.

— Não, preciso de mais alguns dias. Os planos podem mudar.

Era ele, o traidor. Alex se encolheu contra a parede, tentando ficar invisível.

Stesh se sentou, subitamente acordado.

— Isso não soa bem.

— Você vai seguir as ordens — o casmuni disse. — Mas seu alvo continua o mesmo. Os meus talvez tenham mudado.

O kimisaro voltou a parecer indiferente.

— Decida logo quem quer culpar e nos deixe sair. Kamron precisa de um banho.

O homem o ignorou e voltou o rosto para Alex.

— Foi você que trouxeram ontem? — ele perguntou em kimisaro.

Alex semicerrou os olhos contra a luz forte.

— Sim — ele respondeu.

A mão que segurava a tocha tinha vários anéis com pedras grandes. Alex mal conseguia ver os dedos.

— Por que estava no deserto?

Stesh respondeu por Alex.

— Ele passou o último ano em Demora.

— Isso não explica por que entrou em Casmun.

Alex engoliu em seco.

— Estava perseguindo dois demoranos.

A resposta fez o homem sorrir. Ele tirou um chaveiro do cinto.

— Venha comigo. Quero conversar sobre eles.

O traidor queria saber mais sobre Sage e Nicholas para poder incriminá-los pela morte de Banneth.

Stesh havia se levantado e se aproximado da frente da cela.

— Tenho certeza de que nosso amigo pode dizer muitas, muitas coisas sobre Demora. — Seus dentes cintilaram sob a luz da tocha, dando-lhe uma aparência de predador. — E, se não dizer, saberemos o porquê.

O homem olhou para trás com a chave parcialmente virada na fechadura.

— Por quê?

— Porque não é kimisaro.

O coração de Alex parou por um momento e depois acelerou. O que o havia entregado? O casmuni franziu a testa para ele.

— Demorano?

— Ou isso ou se tornou demorano no último ano. Não é kimisaro nativo.

O som da fechadura se abrindo ecoou pelo espaço.

Alex saiu em disparada da cela, jogando o casmuni contra as grades no caminho. A tocha caiu numa poça e chiou antes de se apagar. Ele bateu a corrente dos punhos na cabeça do homem. Na escuridão súbita, pisou em falso e quase perdeu o equilíbrio. Deu meia-volta e saiu correndo em direção à porta principal, mas a corrente entre seus tornozelos era curta, e o casmuni já o alcançava quando Alex saiu pela porta.

O guarda do lado de fora saltou de onde estava recostado à parede, mas Alex já estava no corredor, voltando pelo caminho pelo qual se lembrava de ter vindo. Eles não iam entendê-lo, mas se falasse em demorano talvez chamasse a atenção.

— Preciso falar com o rei! — Alex gritou.

Algo próximo do chão estalou e prendeu a corrente nos seus pés. Alex caiu, batendo o ombro no chão de pedra. Em um segundo, três homens estavam em cima dele, dando socos e o imobilizando. Ele viu o golpe chegando e soube o que aconteceria. Abriu a boca para gritar sua última palavra na esperança de ser ouvido:

— SA...

NÃO HAVIA BOAS OPÇÕES.

Huzar podia se render aos norsaris e à força que havia se juntado a eles, podia tentar avançar por Jovan e depois por Tasmet para voltar a Kimisara ou podia tentar seguir por Casmun até o desfiladeiro ao sul.

Seus homens estavam desanimados e perdidos. Os demoranos poderiam tê-los tratado com clemência se Huzar não tivesse acabado de tentar sequestrar o príncipe. Os norsaris haviam voltado sem o garoto, e já não importava se o garoto estava em mãos casmunis, porque os kimisaros seriam culpados pela sua perda. Até a opção de voltar à vida que haviam levado no ano anterior se fora.

Quanto a Jovan — *Shovan*, ele lembrou a si mesmo, pois não estava mais escondido entre demoranos —, estaria ainda mais vigiado depois que os demoranos haviam descoberto a presença kimisara. Se, por algum milagre, conseguissem passar, provavelmente o quartel do exército demorano estaria instalado na fortaleza do outro lado. Ele guiaria seus homens diretamente para as mãos do inimigo.

De modo que só restava Casmun.

Huzar ordenara que todos se espalhassem e chegassem antes da lua cheia por vias indiretas à área sul da primeira grande bifurcação do rio Kaz. A tática funcionara — os norsaris tinham ficado caçando fantasmas, enquanto os kimisaros haviam dado um passo à frente. Depois, Huzar liderara os cento e quarenta e um homens restantes até os contrafortes dos Catrix, seguindo pelo sul da cordilheira. O terreno tornava o ritmo de caminhada lento, mas os demoranos não os seguiam.

No décimo dia, Huzar mal lembrava como era estar em terreno plano, dando um passo que fosse sem se perguntar se a terra deslizaria. A água era escassa naquele lugar abandonado pelo Espírito. Os poucos lugares em que neve derretida escorria pela encosta haviam secado até o fim do ano, e apenas pequenos roedores e arbustos rasteiros sobreviviam nas estepes áridas. O grupo faminto e desgrenhado fora reduzido em mais um décimo. Os mortos tinham sido enterrados nas encostas instáveis dos Catrix, muitos pelas mãos da própria

natureza. O deslizamento mais recente havia coberto suas vítimas, o que fora um alívio na hora; ele havia anotado os nomes e seguido em frente. Restavam cento e vinte e cinco homens da companhia original, mas Huzar já havia lutado batalhas mais curtas com perdas maiores.

E era daquilo que se tratava: uma batalha.

Cada passo que ouvia atrás de si era uma vitória.

ALEX EMPURROU O BARCO PARA A ÁGUA enquanto os kimisaros o cercavam por trás. Tentou subir, mas ela o empurrou para fora. Não quero que me proteja.

Ele balançou a cabeça. Me deixe entrar, tem espaço para todos nós.

Consigo fazer isso sozinha. Ela o empurrou de novo, e ele ergueu as mãos em um gesto de rendição enquanto o barco se afastava. Horrorizada, ela se deu conta de que tinha um arco nas mãos e uma flecha apontada para o coração dele.

Eu te amo, Alex sussurrou.

Ela disparou a flecha.

Sage acordou gritando, sem conseguir enxergar nada na escuridão. Ao se lembrar de onde estava, saiu da grande cama baixa sem conseguir se desenrolar completamente dos lençóis, depois cambaleou até a porta que dava para a área externa. O ar fresco atingiu sua camisola empapada de suor, refrescando-a um pouco, mas não o suficiente. Ela correu para o pátio e vomitou nas plantas decorativas ao pé da escada.

Sage se sentou e secou o rosto com a manga da camisola. Tinha feito um estrago no jardim de Banneth. Ela encostou a bochecha na pedra fria da mureta. Havia um protocolo a seguir depois de vomitar nas flores de seu anfitrião?

— Saizsch?

Ela abriu os olhos.

— Princesa?

Lani saiu das sombras vestindo um robe de seda.

— Você está bem?

Sage se levantou, mas percebeu que seus joelhos estavam trêmulos demais para sustentá-la em pé. Um braço envolveu sua cintura para segurá-la.

— Desculpe acordar você — Sage murmurou, virando o rosto. — Tive um sonho ruim.

— Eu já estava acordada. Venha, vou levar você até a fonte.

Sage se deixou ser quase carregada até o centro do pátio, onde uma fonte de

dois metros de altura borbulhava. Lani a deixou na beirada larga do reservatório e tirou uma caneca de metal de algum lugar.

— Enxague a boca.

Sage aceitou a caneca agradecida e obedeceu, cuspidando a água na grama primeiro, depois bebendo o que restara no copo.

— Obrigada, princesa.

— Não precisa agradecer. Amigos são para essas coisas.

Um dia de compras e uma conversa agradável — sob ordens — não criavam uma amizade, nem algumas horas na arena de treinamento, principalmente quando se tratava de uma princesa. Sage passou os dedos na testa, com medo de perguntar se Lani estava falando sério.

— Quem é Ah'lecks? — Lani perguntou.

Sage ficou paralisada.

— Como sabe esse nome?

— Você estava repetindo enquanto dormia. Depois gritou.

Sage tirou a mão da água e ficou mexendo na caneca.

— É seu amante?

— Não — disse Sage. — Não mais. E nunca...

Ele queria esperar. Para não haver dúvidas de que ia se casar com ela porque queria, não por obrigação.

Lani olhou por cima do ombro na direção de seus aposentos.

— Acho que eu também choraria e gritaria se perdesse alguém que amo. — Houve uma longa pausa. — Por que vocês se separaram?

Sage havia resistido a dizer aquilo até então.

— Ele morreu.

— Sinto muito. — Lani estendeu o braço e colocou a mão no joelho de Sage. — Como aconteceu?

Quando Charlie morrera, Alex havia se culpado. Ela nunca havia entendido o porquê. Mesmo tendo sido o duque quem cortara a garganta do garoto, as decisões de Alex o haviam colocado naquele quarto. Sage baixou os olhos.

— Eu o matei.

— Você o quê?

— Ele morreu nos ajudando a fugir para Casmun.

Lani balançou a cabeça.

— Isso não quer dizer que o matou, Saizsch.

Talvez não fisicamente.

— Menti para ele. Pouco antes da batalha, tive de admitir minha traição. —

Por que ela não conseguia chorar? — Matei o coração dele — Sage sussurrou.

— Não — Lani disse com firmeza. — Ele deu a própria vida pela sua. Como pode duvidar de seu amor?

— Não duvido — Sage respondeu. — Mas ele não sabia que eu ainda o amava. Não sabia que estava arrependida.

Lani ficou em silêncio por um momento, depois se aproximou de Sage.

— Você sabe quem foi Tamosa?

— A rainha de Banneth?

— Sim — disse Lani. — Foi um casamento arranjado, que nenhum dos dois queria.

— Então por que foram em frente? Por que não pediram um adiamento?

— Você arranjava casamentos no seu país; sabe por que essas uniões são realizadas. — Lani cruzou as mãos sobre o colo. — Acho que ele tinha medo de contrariar o conselho. Eu tinha apenas seis anos, então vi tudo com os olhos da criança que era, mas, em retrospecto, agora entendo melhor aqueles tempos. Nosso pai e nossos dois irmãos mais velhos tinham morrido um ano antes, e nossa mãe se foi poucas semanas depois da coroação de Banneth. Ele era jovem. Estava com medo e sozinho.

Então o rei havia sido o terceiro na linha de sucessão.

— Ele nunca esperou reinar um dia.

Lani fez que não.

— Queria ser um estudioso, na escola onde o filho dele está. Eu mal o conhecia, mas, de repente, meu irmão se tornou tudo o que eu tinha. — Sob a luz das estrelas, Sage pôde ver a expressão de Lani se fechar. — Acho que é por isso que ainda me trata como criança, embora eu seja como uma mãe para Reza. — A princesa se ajeitou, incomodada. — Não sei como são os arranjos em seu país, mas aqui é comum rei e rainha terem quartos separados. Obviamente cumpriram seu dever. O conselho sempre pressionou meu irmão, mesmo depois da morte de Tamosa. Às vezes acho que é por isso que ele parte por meses. Visita todos os cantos do mundo só para fugir.

— É por isso que ele foi ao deserto este ano? — Sage perguntou.

— Sim e não — Lani respondeu. — Faz tempo que Banneth sonha em firmar a paz com Demora e reabrir o comércio, mas o conselho resistiu e colocou o povo contra a ideia. Dev... o ministro Sinda me contou tudo. A solução do meu irmão foi fazer jornadas anuais aonde poderia fazer contato “acidental” com demoranos.

O estômago de Sage se revirou. Ela e Nicholas eram muito mais importantes

do que tinha imaginado. A presença deles era uma ameaça a um conselho que não estava disposto a perder o poder que exercia havia anos. Tudo o que os demoranos fizessem ou dissessem poderia ser usado para prejudicar o rei.

— Eu gostaria de ajudar Banneth — ela disse.

— Eu também — disse Lani. — Mas ele não facilita.

LANI ESTAVA COM UM BOM HUMOR INSUPORTÁVEL na manhã seguinte. Entrou nos aposentos de Sage e pulou na cama dela.

— Acorde! — cantarolou. — Você vai ser apresentada ao conselho hoje. Precisa se vestir.

— A reunião é só depois do café da manhã — Sage argumentou, puxando as cobertas sobre o rosto.

— Sim. — Lani puxou o lençol. — Mas você precisa se aprontar.

Sage deixou que a princesa a arrastasse até o guarda-roupa cheio de vestidos que tinham sido entregues na noite anterior. Aparentemente, Lani tomara a liberdade de comprar tudo o que Sage havia olhado por mais de dois segundos.

— Você quer parecer humilde, mas não frágil — Lani disse.

— Acho que você se esqueceu de ontem. — Sage bocejou enquanto a princesa examinava os tecidos brilhantes.

Lani pegou um vestido claro.

— De jeito nenhum — ela disse, estendendo um vestido para sua aprovação.

Sage fechou a cara.

— É rosa.

— Sua cara também é — disse Lani. — Combina. — Sage continuou a encarar a princesa até ela dar de ombros e guardar a peça. Alguns segundos depois, ela tirou um vestido azul tão claro que quase chegava a ser branco. — Esse vai fazer você parecer menos pálida.

Sage revirou os olhos.

— Está bem.

Lani dispensou a criada e ajudou Sage a se vestir. Em seguida, penteou e trançou seu cabelo. Ninguém fazia aquilo por Sage desde Clare, a caminho do Concordium. Ela se permitiu se afundar na tristeza pela saudade da amiga. Era mais seguro pensar em Clare do que em qualquer outra coisa.

Lani conseguiu moldar o cabelo curto de Sage numa trança que percorria sua cabeça como uma coroa, depois começou a maquiar o rosto dela. De repente,

Sage não suportava mais; tudo estava ficando parecido demais com o dia de sua entrevista desastrosa com a casamenteira.

— Chega — ela disse. — Não sou uma boneca.

A princesa franziu a testa, mas não insistiu. Quando Sage fez menção de pendurar a adaga no cinto, Lani se opôs.

— Você não vai para um combate, Saizsch.

— Você está armada. — Sage apontou para a faca curta na cintura de Lani. A maioria dos casmunis carregava uma faca o tempo todo, mais como uma ferramenta do que qualquer outra coisa.

A princesa pressionou os lábios.

— Só uma então.

Sage cedeu, e foram juntas para o café da manhã. Comer melhorou tanto seu humor que ela agradeceu Lani. Realmente não haveria tempo para se arrumar depois. A princesa a pegou pelo braço e guiou até a câmara do conselho. Nicholas seguia as duas como um cachorrinho perdido.

A reunião começou com a partilha da água, embora feita de uma maneira mais prática, com a taça sendo passada em volta da mesa. O rei a apresentou como uma estudiosa de certo renome, e Sage corou. Nicholas devia ter sugerido aquilo. Com exceção do ministro Sinda, os membros do conselho não pareceram impressionados.

— O que estuda, srta. Saizsch? — o ministro das Estradas perguntou, torcendo o bigode encerado. — Moda?

Ao lado dela, Lani fechou a cara.

— Só porque alguém gosta de coisas bonitas não quer dizer que seja incapaz de entender assuntos maçantes — ela murmurou.

— A princesa tem algo a dizer? — O ministro franziu a testa para Lani como se ela fosse uma criança desobediente.

— Não, perdoe minha interrupção.

— Srta. Saizsch?

Sage limpou a garganta.

— Estudo línguas e história. — Ao menos era o que parecia relevante no momento. — Por isso cheguei a Casmun com certa noção da língua.

— E seu garotinho?

Os lábios dela se contorceram com o impulso de sorrir, como Nicholas devia ter notado.

— Meu irmão não é de estudar muito.

— Como vieram parar em Casmun? — perguntou um homem cujo título ela

tinha esquecido.

Sage recitou uma história com verdades suficientes para não ser desmascarada.

— Estávamos fugindo de um ataque kimisaro. Nossa melhor chance de escapar era de barco, e entramos em seu território. Estávamos sendo perseguidos, por isso aceitamos a proteção de Casmun. A generosidade da sua nação salvou nossas vidas. Seremos sempre gratos por isso.

— Que conveniente que o rei estivesse na região — o ministro disse com sarcasmo.

— Nosso registro de nascentes do deserto não era verificado fazia décadas — disse Banneth tranquilamente. — Eu estava fazendo um favor ao ministro das Estradas.

— Salvar vidas é sempre bom — acrescentou o ministro Sinda. — Assim como o fato de proporcionar uma chance para que nossa nação possa aprender e crescer.

Quando ele virou a cabeça, Sage viu um grande hematoma em seu rosto. Também havia um ponto inchado em sua nuca e um longo corte vertical nela. Os ferimentos pareciam recentes.

— O que a srta. Saizsch deseja fazer agora? — perguntou o ministro da Guerra, sempre fungando como se sentisse um cheiro ruim vindo dela.

— Desejamos apenas voltar para casa o quanto antes — Sage disse. — Nossa família retribuiria seus esforços em dobro.

— Seria um esforço considerável — disse o ministro da Guerra com desdém.

— Considere a imagem que terão de nosso país quando levarmos nossos hóspedes de volta — disse o ministro Sinda. Sage viu que Lani parecia muito orgulhosa ao seu lado.

— Muito bem — disse o homem que era o equivalente a um lorde tesoureiro e até ali mantinha uma expressão entediada no rosto. — Vamos discutir a questão e decidir quais recursos alocar. — Ele acenou para os dois. — Obrigado por comparecerem hoje.

Sage se levantou e fez uma reverência, sendo imitada por Nicholas.

— Obrigada por sua consideração — ela disse.

— A princesa Alaniah também está dispensada.

O rosto de Lani ficou vermelho de fúria, e o ministro Sinda cerrou o punho sobre a mesa, seus dedos se curvando sob os grandes anéis de Estado que usava.

— Posso contribuir com a reunião — ela disse —, visto que participo delas há muitos meses.

— Pelo que me lembro, você se ausentou da última para visitar as lojas da cidade — disse o ministro da Guerra, seco.

— A pedido do rei — Lani redarguiu.

— Ela estava atendendo às necessidades de nossa convidada de todas as maneiras possíveis — acrescentou Sinda.

A boca fina do tesoureiro se contorceu em um sorriso repugnante.

— Falou o homem que sabe atender às necessidades de uma dama.

Toda a cor se esvaiu do rosto de Sinda. Lani corou, vermelha.

— Quero ficar — ela disse. — Minha presença não prejudica em nada. — Seus olhos se voltaram para Banneth em busca de apoio, mas ele apenas balançou a cabeça de leve. Ela o encarou por alguns segundos, depois empurrou a cadeira e saiu tão furiosa e rapidamente que Sage e Nicholas tiveram de correr para acompanhá-la.

DO LADO DE FORA, JÁ BEM LONGE DA CÂMARA, a princesa se permitiu explodir.

— A audácia daquele homem! — Ela pegou um vaso de planta e o jogou contra a parede. Um criado se apressou a limpar os cacos. — “Está dispensada, garotinha” — Lani disse com a voz zombeteira. — “Por que não vai fazer compras, garotinha?”

— Não foi exatamente o que ele disse — Sage comentou com cautela.

— Não, mas foi exatamente o que quis dizer.

Lani franziu a testa para o vaso que fora vítima de sua raiva.

— Desculpe pelo incômodo — ela disse ao homem que limpava a terra de joelhos. — Quando essa flor for replantada, pode deixá-la no meu quarto. Vou cuidar dela como pedido de desculpas.

O criado curvou a cabeça em agradecimento.

Sage abriu um sorriso irônico.

— Vai compartilhar água com ela e lhe dar um nome?

— Talvez. — A tempestade tinha passado. Lani sorriu e se sentou num sofá acolchoado sob uma janela de vidro colorido. — Viu como Dev lutou por você e como ficou bravo por não poder me defender?

Sage tinha ficado grata pelos esforços do ministro Sinda, mas também notara que o romance secreto de Lani não era lá muito secreto.

— Vi — ela disse, sentando-se ao seu lado. — Foi bom ver um sorriso entre tantas caretas.

— Mal posso esperar para me casar com ele. Então não serei afastada das reuniões de conselho e das questões importantes.

— Por que o casamento vai ajudar? — perguntou Nicholas, que as seguia. Sua pronúncia em casmuni era muito pior que sua compreensão. Ele falava devagar e sem jeito.

— Porque... — Lani hesitou. — Como esposa de um membro do conselho, serei mais respeitada.

— Não vi outras esposas — Nicholas disse. — Você é uma princesa. Não há

ninguém além do rei e da rainha, e não há nenhuma rainha agora.

Lani franziu a testa, e Sage viu que ele tinha razão. O amor de Lani e do ministro Sinda poderia ser genuíno, mas a princesa estava um pouco cega quanto ao que tinha a ganhar.

— Nicholas — Sage disse. — Pode nos dar licença?

O príncipe deu de ombros e saiu.

— Lani — ela disse baixo. — Até onde chegou sua relação com o ministro Sinda?

A princesa corou um pouco.

— Não seja *taku*, Saizsch. Vou me casar com ele.

Depois de ouvir em segredo a conversa entre Lani e Sinda, Sage não estava surpresa, mas aquilo complicava as coisas. Quanto a ser chamada de *taku* — uma avó autoritária —, ela mesma estivera disposta a fazer aquilo, mas Alex não aceitara. Sage interrompeu a linha de pensamento antes que ganhasse força.

— Que poder o marido de uma princesa tem? — ela perguntou.

— Não mais do que Dev já tem — disse Lani. — Na verdade, ele terá de renunciar à sua posição como ministro das Finanças. Dois membros da família real não podem ter acesso direto à tesouraria. Seria conflito de interesses.

— Ele vai abandonar o conselho?

— Sim — Lani respondeu —, mas tenho planos para ele. — Ela se aproximou de Sage e falou mais baixo: — O general Cara de Porco vai se aposentar em breve. Só preciso plantar na cabeça de Banneth a ideia de que Dev é o homem certo para o cargo. Tradicionalmente, o Ministério da Guerra é ocupado pelo irmão ou pelo tio do rei. Cara de Porco só está no cargo porque não temos parentes vivos. — Ela se recostou. — Dev não faz ideia de que essa é a minha intenção, claro.

— Acho que Casmun precisa de uma princesa no conselho — disse Sage. — Como Nicholas disse, não existe nenhuma mulher acima de você.

Lani sorriu, pensativa.

— Talvez o que Casmun realmente precise seja uma rainha.

Sage não gostou da expressão no rosto da amiga.

— O que aconteceu com o ministro Sinda? — ela perguntou para mudar de assunto. — Ele está machucado.

— Ah, você não soube! — A princesa sorriu. — Dev estava analisando as contagens semanais da prisão quando um kimisaro tentou escapar, mas ele o deteve. Foi um herói — ela se gabou.

— Vocês têm prisioneiros kimisaros aqui?

Lani assentiu.

— Dois espiões capturados no mês passado e um que chegou com você.

— Posso vê-los? — Sage perguntou.

— Não vejo por que não.

LANI GUIOU SAGE POR VÁRIAS ESCADAS EM ESPIRAL até os andares inferiores do palácio. O ar ficou úmido e frio, e a toda hora elas tinham de erguer as saias para passar por poças.

— O escoamento não é bom — disse a princesa, apontando para uma poça. — As pedras foram desgastadas pelos passos, e toda a água que pinga do teto acumula. Deveríamos preencher os buracos com cimento ou abrir ranhuras no chão para que a água pudesse escorrer.

Lani era muito mais inteligente do que os outros pensavam.

Depois de um tempo, chegaram a um patamar com vários guardas. Com um sinal da princesa, eles abriram caminho. Sage foi atrás dela, pensando que Lani sabia se orientar tão bem na prisão como no mercado.

— Você vem aqui com frequência? — perguntou.

— Faço as inspeções quando Banneth não está — Lani respondeu. Ela trocou algumas palavras com um homem que parecia o encarregado. Ele fez uma reverência e mostrou o caminho por mais alguns degraus e túneis até chegarem a uma porta vigiada. Do lado de dentro, havia um grande corredor central com grades de metal dos dois lados. Lani agradeceu ao passar pelo guarda.

As únicas celas ocupadas estavam no fundo. Quando as duas se aproximaram, os prisioneiros ergueram a cabeça nos colchões de palha em que dormiam. Apesar da umidade, de modo geral a prisão era limpa. O guarda foi correndo atrás de Sage, carregando uma tocha para suplementar a luz fraca que entrava por uma abertura no teto.

— Fique para trás, minha princesa — ele disse. — Esses homens são perigosos.

Lani revirou os olhos para Sage.

— E eu aqui pensando que estavam aqui para fazer um piquenique.

Um dos prisioneiros se levantou e foi até a frente da cela.

— Princesa, hein? — ele disse em kimisaro, observando Lani com desdém. — Acho que entendi algumas coisas agora.

O outro se sentou e estreitou os olhos para a princesa da mesma forma. Nenhum deles parecia incomodado com o ambiente, como se já tivesse se tornado seu estilo de vida.

Lani os ignorou e se dirigiu ao guarda.

— Onde está o terceiro homem?

— Não o vejo desde ontem — disse o prisioneiro antes que o guarda pudesse responder. — Mas o ouvi algumas vezes.

O guarda tossiu e coçou o pescoço.

— Ele precisou de mais confinamento.

— Já viu estes o suficiente? — Lani perguntou a Sage, que assentiu. Algo naqueles dois homens lhe causava arrepios. — Nos leve ao outro — Lani disse ao guarda.

Sage abriu caminho para que a princesa pudesse ir na frente. O kimisaro gritou para ela.

— Ei, demorana. — Sem pensar, ela olhou por cima do ombro. O homem a encarou nos olhos e piscou. — Espero que goste daqui de baixo.

Sage saiu dali o mais rápido que pôde.

Depois de algumas curvas no corredor, o guarda parou diante de uma porta de ferro.

— Ele está aí dentro, minha princesa.

Lani deu um passo à frente e abriu uma janelinha horizontal para olhar para dentro. Sage ficou na ponta dos pés ao lado dela. A cela minúscula estava completamente escura, exceto pela fresta de luz que entrava por aquela abertura.

— Não consigo enxergar nada — Sage disse.

Com a voz dela, houve um movimento dentro da cela. Uma sombra se mexeu e correntes chacoalharam. Embora Sage soubesse que estava segura, sobressaltou-se.

— Ele mal consegue se mover.

— É necessário — disse o guarda, fechando a janela com um rangido agudo de ferrugem.

As correntes chacoalharam de novo, fracas, e Sage deu outro passo para trás.

— Deve haver outra maneira de conter esse homem.

— Ele quase escapou ontem à noite, e já tinha tentado à tarde, com o ministro Sinda. Machucou dois guardas e quase matou o rapaz da água.

— Ele receberia um tratamento melhor caso se comportasse — disse Lani.

Uma coisa era saber que existiam homens monstruosos, outra bem diferente era ver o que precisava ser feito para contê-los. Aquelas condições os tornavam

mais violentos, como animais de rinha enjaulados?

— Talvez ele estivesse desesperado — disse Sage.

A princesa franziu a testa.

— Saizsch, esse homem participou do ataque que matou Ah'lecks, não?

Ela torceu as mãos quando a imagem do capitão caindo do cavalo se repetiu em sua cabeça. Lani estava certa, mas a cela era pouco maior que um caixão. Só de imaginar ficar enclausurada ali dentro tornava difícil para Sage respirar.

— Quanto tempo ele vai ser mantido aí? — ela perguntou.

— Não cabe a mim decidir, senhorita — o guarda disse, nervoso.

Lani fez uma careta.

— Posso ordenar que ele seja transferido. — Ela arqueou uma sobrancelha para Sage. — É o que você deseja?

Ela pensou nos hematomas no rosto do ministro Sinda e no garoto aterrorizado sendo mantido como refém. Mesmo considerando aquilo, o tratamento que o homem recebia a deixava nauseada. Talvez fosse a culpa por ter tentado matá-lo com as próprias mãos.

— Sim? — ela disse, insegura.

A princesa voltou o olhar para o guarda, que mudou de postura e hesitou antes de responder:

— Quero obedecer às ordens de minha princesa, mas também devo respeitar meus superiores.

— Entendo — disse Lani, magnânima. — Repasse minha ordem então. Se o chefe da guarda discordar, pode me explicar pessoalmente o motivo dele até o pôr do sol.

O homem fez uma reverência, parecendo aliviado.

— Sim, minha princesa.

Sage olhou para a porta de ferro, sentindo-se estranhamente atraída por ela. O homem seria colocado em condições melhores antes do cair da noite. Ela se perguntou se teria ouvido e entendido a conversa. Provavelmente não. Talvez devesse dizer algo a ele. Mas o quê?

— Está satisfeita, Saizsch? — perguntou Lani. — Ou gostaria de ver mais alguma coisa?

No fundo, queria falar com o homem apenas para que ficasse grato e ela pudesse se sentir melhor consigo mesma. Sage deu as costas.

— Já vi o suficiente.

EM UM MOMENTO, ele pensou ter ouvido a voz dela, como se através de uma névoa densa. Então ela se foi.

A tentativa de fuga na tarde anterior fora malsucedida, e Alex não se entregara sem lutar. O traidor casmuni o havia interrogado por horas, mas ele mal conseguira se concentrar com a dor de todos os socos que havia levado no estômago durante o confronto.

Alex tentou resistir ao interrogatório, revelando apenas informações irrelevantes, como se fosse um soldado raso que não sabia de nada, prolongando suas respostas o máximo possível para adiar o próximo golpe. Admitir que era demorano seria uma sentença de morte.

À noite, quando tudo acabara, quase tinha escapado agarrando o guarda que lhe levava comida. Ele não tinha as chaves, mas o guarda que fora ajudá-lo, sim. Alex as tirou de sua cintura enquanto os outros arfavam no chão perto dele — sem ter sofrido danos permanentes, apenas incapacitados para que Alex pudesse soltar as algemas. Ele conseguiu fazer seis curvas no corredor antes de trombar em um menino carregando dois baldes d'água. Quando conseguiu se levantar, estava cercado, e o menino se encolhia no chão à frente dele.

Alex não resistiu, para que o menino não se machucasse. Botaram-no numa cela tão apertada que ele não conseguia se virar mesmo se todos os seus membros não estivessem acorrentados às paredes. Ele recuperara e perdera a consciência, sonhando com Sage, até o homem com os anéis voltar. De repente, o único pensamento que o havia sustentado era perigoso.

Porque as perguntas tinham passado a ser sobre ela.

Conhecendo Sage, ela tinha se tornado valiosa. Havia se aproximado do rei e, portanto, poderia ser usada por aquele homem. Ele queria incriminá-la pelo assassinato do rei, o que Alex não sabia se já tinha acontecido.

— Quem é ela?

O capitão estava vendado, com os punhos amarrados ao teto, mas tinha aprendido a sentir a mudança no ar pouco antes de ser golpeado, e ficou tenso

em expectativa.

— Não sei! — gritou quando a primeira onda de dor passou. — O capitão Huzar nunca me disse. — Alex manteve sua identidade kimisara, acreditando que era sua única chance de sair vivo, sua única chance de manter Sage viva.

— O que seu comandante queria com ela? — A dor das algemas enfraqueceu com o novo ataque.

— Ele não disse. — Suas costelas estavam tão machucadas que ele mal conseguia respirar. — Eu estava apenas seguindo ordens.

— Mentiroso. — O homem ergueu o queixo de Alex. — Quer mesmo que eu acredite que você atravessou as *dremshadda* e quilômetros de deserto sozinho sem saber o porquê?

Uma luz forte entrou pela lateral da venda, fazendo seus olhos arderem.

— Ela era secundária — ele arfou. Era difícil pensar em Sage daquele modo, considerando que importava mais do que tudo para ele. — Eu estava atrás do príncipe.

Apesar da dor latejante em sua cabeça, ele se deu conta do que havia dito, mas era tarde demais.

Por um momento, fez-se silêncio na cela. Não houve nenhum movimento, ninguém respirou.

Então:

— Que príncipe?

O CONSELHO AINDA NÃO HAVIA TOMADO NENHUMA DECISÃO na manhã seguinte. Sage estava inquieta, analisando mapas de Casmun e tentando estimar quanto tempo levaria para chegar em casa pelo caminho mais longo. Lani a tirou do quarto para treinar *tashaivar* à tarde, dizendo que precisava relaxar. O exercício ajudou, mas só por algumas horas.

Na hora do jantar, Lani a encheu de perguntas sobre os casamentos que havia ajudado a arranjar durante seu período como aprendiz de Darnessa Rodelle, a alta casamenteira de Crescera. A princesa lançava olhares frequentes para o irmão, sem dúvida com o intuito de prepará-lo para seu desejo de se casar com o ministro Sinda. Sage tentou apoiar a amiga, mas se ateve a casamentos políticos. Era doloroso demais falar de uniões por amor, mais comuns em Demora do que as pessoas pensavam. Os pais dela haviam rejeitado o sistema, e os de Alex também — embora, segundo os registros oficiais, tivessem sido unidos e se casado nove meses antes do nascimento dele.

No fim da noite, ela retornou aos mapas, pretendendo dormir apenas quando estivesse cansada demais para sonhar.

— Srta. Saizsch?

Ela se levantou da mesa em que estava debruçada e derrubou sua ferramenta de medição de distância.

— *Palandret*?

— Posso entrar?

— Claro.

Banneth abriu as cortinas leves que davam para o pátio e entrou, parecendo nervoso.

— Está estudando mapas?

— Sim. — Sage apontou para as marcas de carvão. — Estava tentando determinar em quanto tempo conseguiríamos chegar em casa.

— Está tão ansiosa assim para partir?

— Não. Sim. — Sage suspirou. — Me sinto bem-vinda aqui, mas esta não é a

nossa casa, e quero que nossa família saiba que estamos bem.

Banneth se voltou para o mapa.

— Eles saberão em breve.

O alívio tomou conta dela.

— O conselho aceitou nos enviar para casa?

— Não, Saizsch. — Banneth balançou a cabeça. — Os demoranos estão aqui.

— *Aqui?*

— Bom, na verdade, estão mais ou menos *aqui*. — O rei apontou para um local a nordeste de Casmun, ao longo da antiga rota comercial. — Em quatro ou cinco dias, chegarão a Osthiza.

Bendito Espírito, tinham sido rápidos. Deviam ter levado poucos dias para entender aonde ela e Nicholas haviam ido parar.

— Que bom. — Sage tentou falar num tom casual. — Quantos?

— Quatrocentos soldados, mais um embaixador e seu destacamento.

Ah, não.

— É um número e tanto. — Banneth inclinou a cabeça e a encarou com os olhos verdes penetrantes. — Me faz pensar que você e Nikkolaz são mais importantes do que nos contaram.

Sage gelou, apesar da noite quente.

— *Palandret...*

— Não estou bravo — ele disse. — Entendo por que não quis revelar. E lhe devo um pedido de desculpas. Faz dois dias que sei a respeito dos demoranos.

— O conselho sabe?

O rei assentiu.

— Conte depois que você saiu com Lani. Por isso não queria que ela ficasse. Teria contado a você, e eu precisava de tempo para pensar.

— O que o conselho decidiu?

— O ministro da Guerra não gostou nem um pouco, como você pode imaginar

— Banneth disse. — Insiste numa resposta militar. Outros estão temerosos. Questionam seu verdadeiro objetivo ao vir aqui.

— Estávamos fugindo — Sage insistiu. — Nunca menti sobre o que aconteceu. Os demoranos não querem um combate, juro.

— E eu acredito em você. — De repente, Banneth pareceu apreensivo de novo. — Eu e Lani estamos discutindo formas de demonstrar ao nosso povo que não há o que temer, o que me traz ao motivo da minha visita. — Ele ergueu um dedo, depois saiu para o pátio por um breve momento e voltou carregando um cinto e uma *harish*, uma espada casmuni curva. — Isto é para você.

Sage já havia empunhado espadas de treino nas aulas de *tashaivar*, mas a qualidade daquela *harish* fazia as outras parecer sucata. Seus olhos perpassaram a bainha e o cabo forjados com elegância. A decoração era simples, e a jovem se perguntou se era em respeito ao estilo dela. Seus dedos ansiaram por tocar a arma e testar seu peso, que, sem dúvida, se equiparava à sua beleza.

O rei a ofereceu com um sorriso tímido.

— É o aço mais refinado de Casmun — disse. — Uma arma digna da realeza.

A boca de Sage secou de repente.

— Não sou da realeza, *palandret*.

— Eu sei. — Ele fez uma pausa. — Tenho uma para Nikkolaz também. Os presentes vão demonstrar minha confiança em vocês.

Ele a estendeu para ela, e Sage praticamente a arrancou de suas mãos, de tão ansiosa que estava para ficar com a arma. A jovem prendeu a respiração enquanto a empunhava. O som da arma deslizando na bainha saiu como um sussurro. Delicadamente, Banneth pegou o cinto da mão esquerda dela e deu um passo para trás enquanto Sage experimentava balançar a *harish*. A lâmina era tão lisa e afiada que o ar parecia se partir visivelmente diante dela, como tecido. O peso era perfeito.

— Ah — ela murmurou.

O dourado das lamparinas refletido na lâmina a fazia parecer feita de luz. Sage a admirou de vários ângulos, vagamente ciente de que Banneth estava tirando seu cinto e colocando o novo em volta de sua cintura. A diferença no peso atraiu sua atenção, e sua mão esquerda apalpou onde suas adagas costumavam ficar. Fendas no couro a tranquilizaram de que havia espaço para elas também. Sage sorriu acanhada para Banneth.

— Vamos experimentar amanhã na arena?

A expressão dele era séria.

— Há algo que gostaria de pedir a você, srta. Saizsch.

— Sim? — ela disse, distraída com a espada.

— Quando os demoranos partirem, consideraria ficar?

Ela baixou a espada. As palavras de Banneth provocaram um efeito estranho nela.

— Como embaixadora?

— Não, Saizsch — ele sussurrou. — Gostaria que fosse minha rainha.

ELE NÃO A PRESSIONOU PARA ACEITAR, apenas declarou seus motivos para propor o casamento: aquilo ia protegê-la e mostraria aos casmunis que os demoranos deviam ser bem-vindos; ele achava que Sage tinha o conhecimento e a sabedoria para usar a posição com inteligência; e o mais importante: uma união entre Demora e Casmun seria criada, e os conselhos das nações não poderiam ignorá-la.

As últimas palavras dele, porém, foram as que mais mexeram com Sage.

— Eu não te amo — Banneth disse baixo. — E sei que você não me ama. — Ele baixou os olhos. — Sei também sobre Ah’lecks e seu coração partido. O mesmo aconteceu com o meu.

Então ele *tinha* amado a rainha Tamosa, embora ela não o houvesse amado. Sage deu um passo para trás, apertando a arma junto ao peito.

— Mas está me pedindo mesmo assim.

Ele ergueu os olhos para encará-la.

— Ouso pensar que talvez não deseje retornar a Demora, já que Ah’lecks não está lá. Talvez compreenda a parte boa de ficar.

Alex não era a única pessoa que ela amava lá — também havia Clare, a rainha e as princesas... até Darnessa e a família que ela havia deixado em Crescera. Mas, em certo sentido, já os havia perdido também. O rei Raymond e o embaixador Gramwell dependeriam dela para negociações futuras, não apenas pela língua, mas pelas amizades que havia criado. Quando Sage voltasse a Demora, a vida de todos teria seguido em frente, incluindo a de Clare, e não haveria espaço para ela. Seu país nunca mais seria sua casa.

— E quanto aos seus sentimentos, *palandret*? — ela conseguiu perguntar. — Consegue casar pela segunda vez sem amor?

Banneth sorriu, hesitante.

— Admiro e respeito você, e me sinto à vontade em sua companhia. Espero que algum dia possamos nos afeiçoar um ao outro. Creio que ao menos não ficaremos tristes juntos.

Sage quase conseguia ouvir a voz da casamenteira em seu ouvido, sussurrando o mesmo. Ela diria que aquele tipo de união — em cujo sucesso muitos tinham interesse — costumava ter mais chances de funcionar do que as feitas por amor ou paixão.

— Eu... preciso pensar — ela balbuciou.

O rei assentiu.

— Não é uma decisão a ser tomada de maneira leviana, mas, se aceitar, devemos agir imediatamente. — Ele corou um pouco. — Tenho dois herdeiros, além de Lani, então não precisamos ter filhos a menos que assim deseje. Você poderia continuar nestes aposentos.

— Depois da primeira noite — ela sussurrou roucamente. — Depois que estiver consumado.

Deveria haver apenas Alex.

Banneth corou mais.

— Sim.

Sage baixou os olhos para a arma em suas mãos, com um medo repentino de que trouxesse uma marca pessoal. O rei deu um passo adiante e apontou para o cabo. Estava em branco, como o espaço na adaga dela para o Q que nunca seria gravado.

— Só gravarei meu nome aqui se aceitar — ele disse. — De qualquer forma, é sua.

Sage estremeceu.

— Vou considerar tudo o que me disse.

Banneth ergueu as mãos quentes para tocar o rosto dela.

— Como minha rainha, não há nada que eu não daria a você, se me pedisse — ele disse.

Ela ainda estava sem palavras, mas o rei pareceu entender.

Ele se inclinou e beijou a testa dela.

— Boa noite, Saizsch Fahler.

Sage continuou imóvel por alguns minutos depois que Banneth saiu.

Ele queria que ela fosse sua rainha.

Não a amava, o que era um alívio, mas Sage não podia ignorar as outras coisas que ele havia dito.

Em todos os aspectos, era uma boa união, com enorme potencial. Entrariam no casamento sabendo plenamente que poderia nunca haver amor, mas eram compatíveis como amigos, e filhos não eram necessários. Nem Darnessa, que controlava os casamentos de quase toda a Demora, poderia ter tramado uma

união política melhor.

Sage fechou os olhos e segurou a *harish* junto ao peito. Mesmo tendo arranjado várias uniões bem-sucedidas em seu tempo com a casamenteira, ela nunca havia considerado se casar com um homem que não amava. E não amava Banneth.

Mas agora estava considerando.

Alex, me perdoe.

Que tipo de vida seria aquela? Não uma terrível. Banneth nunca ia abusar dela ou tratá-la mal.

Mas Alex.

Seria irmã de Lani e mãe de Reza. Poderia ter seus próprios filhos e criá-los junto com os da princesa. Seria uma decisão dela.

Mas Alex.

Os soldados sacrificavam seu conforto, seu tempo com a família e, às vezes, sua vida pelo bem de milhares de estranhos. Ela poderia não ter as habilidades para lutar pela paz no campo de batalha, mas poderia fazer aquilo.

Alex. Alex. Alex.

Ele estava morto.

Havia morrido por *ela*. Como poderia considerar traí-lo daquela forma?

Quando digo e repito o quanto desejo que seja minha, é apenas porque já sou inteiramente seu.

Sage nunca poderia amar alguém como o havia amado, mas Alex não gostaria que ela desperdiçasse sua vida, sofrendo tanto de saudades a ponto de se sentir morta por dentro.

Ele havia se sacrificado para que ela pudesse viver.

As mãos de Sage apertaram o cabo da espada.

Alex.

Sou sua.

Sou, sim.

Sempre serei.

A textura do cabo fazia suas mãos doerem. Ela segurava o choro.

Mas você se foi.

SAGE OBRIGOU NICHOLAS A PARTICIPAR DAS AULAS de *tashaivar* na tarde seguinte, porque não queria ficar a sós com Lani, que parecia ter sido a idealizadora da proposta de Banneth. Ela ainda não havia decidido o que fazer, e não tinha muito tempo mais para dar sua resposta, com os demoranos a cerca de três dias de distância.

— Não é um jeito feminino de lutar? — Nicholas reclamou, olhando para Sage, Lani, a princesa Reza e sua instrutora, uma mulher grisalha de quem Sage tinha um pouco de medo.

— Só porque mulheres aprendem não quer dizer que seja apenas para elas — disse uma voz conhecida.

Sage se virou para encontrar Darit e o rei, vestidos para lutar. Fazia apenas alguns dias que não via seu amigo, mas parecia muito mais. Ela não tinha se dado conta do quanto tinha sentido saudade dele. Darit sorriu calorosamente ao apertar o ombro direito de Sage, que retribuiu o gesto.

— É bom ver você de novo, Darit.

Ele sorriu.

— Igualmente, Saizsch. Sua pronúncia está muito melhor. — Darit apontou para a arena. — Vim ver o que mais você aprendeu.

Banneth tinha trazido a espada que mencionara para Nicholas e treinou principalmente com ele, mantendo uma distância respeitosa de Sage, mas sem evitá-la. Ela duvidava que ele tomaria a iniciativa de comentar sobre a noite anterior, pelo menos até os norsaris estarem às portas deles.

— Não sabia que os demoranos cortavam tanta lenha — Darit disse piscando para o rei.

O príncipe lançou um olhar inquisitivo para Sage, que não conseguiu conter um sorriso.

— Ele está brincando, Nick — ela disse em demorano, usando o apelido que havia se tornado habitual nos últimos dias. — Só quis dizer que você luta como se estivesse cortando lenha.

O príncipe fechou a cara em resposta.

— Luto como fui treinado a lutar. E eu era muito bom para minha idade, como você lembra.

Banneth e Darit os observavam falar em demorano com uma mistura de paciência e incômodo. Ela passou para o idioma casmuni.

— Você deve desaprender a esgrima demorana para aprender este estilo.

As espadas demoranas eram mais longas e pesadas, usadas para atacar, bloquear e bater, mais do que cortar o ar e se esquivar. A *harish* enaltecia o estilo de luta *tashaivar* com sua velocidade e leveza, sempre atacando e voltando ao ponto de partida antes de avançar — quando avançava. Muitos movimentos eram projetados para pôr fim a uma luta antes que ela começasse de verdade.

O rei fez um leve aceno de cabeça em agradecimento. A testa de Nicholas continuou franzida.

— Funciona contra os kimisaros. Faz muitos anos que os casmunis não lutam contra eles. Esse estilo pode derrotá-los?

Sage corou com a grosseria do príncipe, mas Banneth pareceu pensativo.

— É um bom argumento — ele disse. — E um bom professor sempre é um aluno também, por isso não sou contra aprender o que você tem a ensinar. Me dá a honra?

Talvez ele só tivesse dito aquilo para agradar Sage, mas Nicholas não considerou nada daquilo. Brandiu a *harish* para demonstrar sua leveza.

— Faz anos que não forjo uma lâmina — ele disse, referindo-se ao treinamento de ferreiro pelo qual todos os pajens passavam. — Vou precisar de ajuda, mas posso projetar e fazer espadas em estilo demorano com sua permissão.

Banneth sorriu de leve.

— Talvez não seja necessário, se as armas kimisaras são semelhantes, como você disse. Temos duas que foram tiradas de nossos prisioneiros do deserto.

Sage esperou até Banneth ter instruído um criado a buscar as armas para falar.

— Dois prisioneiros, *palandret*? Eu só sabia do que Darit trouxe conosco.

O rei sorriu de viés.

— Um segundo veio com a última patrulha. Considerando como Darit disse que reagiu ao primeiro, não achei prudente informar você na hora. O que veio com vocês morreu durante a jornada, em consequência do ferimento.

Então quem estava acorrentado na cela apertada era o segundo.

Sage esperou com Banneth até o criado retornar, carregando dois cintos e espadas obviamente mais longas e pesadas do que aquelas com que estava

acostumado. Ele parou diante do rei e as estendeu. Banneth fez sinal para Nicholas escolher, e o príncipe, ansioso, optou pela ligeiramente menor.

O rei pegou a outra e a tirou da bainha, esticando o braço de forma desajeitada com a lâmina reta.

— Vai servir perfeitamente — Nicholas disse enquanto golpeava o ar, exibindo a competência e o conforto que não conseguia com a *harish*.

Mas Sage estava concentrada na arma na mão de Banneth.

Ela a conhecia, desde o formato simples mas elegante do cabo e do guarda-mão até a maneira como se pressionava contra suas costelas em momentos roubados.

Banneth pareceu impressionado.

— Ótimo equilíbrio para o peso... — Ele parou ao olhar para Sage. — Você está bem?

Um bramido surdo começou a crescer nos ouvidos dela.

— Onde conseguiram essa espada? — ela sussurrou.

Nicholas olhou para eles e depois para a espada. Os olhos dele se arregalaram.

Banneth estendeu a arma para ela.

— Reconhece este modelo?

O bramido passara a ensurdecedor. Sage envolveu os dedos no cabo e sentiu o peso com as mãos trêmulas. A última vez que tinha visto aquela espada fora enquanto Alex caía do cavalo em meio a um grupo de kimisaros.

— Onde a conseguiram? — ela perguntou de novo, mais alto.

Sage se desequilibrou um pouco, e Banneth estendeu a mão, pronto para segurá-la.

— Estava com o kimisaro trazido com a última patrulha.

Mesmo com uma flecha no peito, Alex não teria se entregado facilmente. Em sua mente, ela viu um homem mantendo-o ao chão com um pé sobre seu peito, dificultando ainda mais os últimos suspiros dele, esperando até que não tivesse mais forças, mais resistência, mais vida.

Sage tirou os olhos da espada para encontrar o olhar preocupado de Banneth.

— Você me prometeu tudo o que eu quisesse, se aceitasse sua proposta.

Ele arregalou os olhos.

— Sim.

O calor da emoção foi subitamente arrancado dela, como se tivesse sido mergulhada em um rio gelado, uma casca oca e frágil. Sage ergueu a espada entre eles, fazendo-o se retraindo.

— Quero a cabeça desse homem.

GUARDAS SE APROXIMAVAM. Rapidamente. Com um objetivo.

Alex virou a cabeça no catre de palha. Fazia três refeições — sua única maneira de medir a passagem do tempo — desde a última visita do homem com anéis. Ele tinha sido transferido para uma cela diferente, embora estivesse dolorido demais para valorizar o lugar. Atreveu-se a ter esperança de que o homem não queria mais nada com ele. Então ouviu passos e alguém parando na frente de sua porta. A luz de tochas entrou pela fenda. Pelo visto estava enganado.

A porta se abriu, e ele semicerrou os olhos lacrimejantes contra o brilho. Então a luz foi bloqueada pelo guarda que carregava as chaves. Os braços e as pernas de Alex foram desacorrentados da parede e algemados, então ele soube o que ia acontecer. Seria levado para sua execução.

A adrenalina correu por suas veias, deixando-o desperto e alerta. Apesar da dor em todo o corpo, não achava que havia quebrado algum osso exceto talvez por algumas costelas. Ele deixou os guardas o levantarem e o arrastarem porta afora, o tempo todo se contorcendo e se movimentando para alongar os músculos e as articulações. As correntes em seus tornozelos eram um impedimento, mas Alex fingia que o efeito delas sobre ele era ainda maior, na esperança de iludir os guardas a uma falsa sensação de segurança.

Ele não ia se entregar sem lutar.

— Para onde estão me levando? — perguntou a um guarda de cada vez, fingindo um medo desvairado que se obrigava a não sentir e usando aquilo como desculpa para observar ao redor. Ninguém respondeu, e o medo realmente ameaçou tomar conta quando viraram na direção contrária à que ele sabia que levava para fora. Um capuz foi colocado sobre sua cabeça. Alex lutou contra o pânico quando a escuridão o envolveu.

Um minuto depois, sentiu o sol na pele e não pôde deixar de pensar que morreria sem nunca voltar a vê-lo. Sem nunca voltar a ver Sage. Mas a luz do sol significava que ele estava do lado de fora, o que representava sua melhor e

talvez única chance de fuga. Não podia desperdiçá-la.

Ele firmou os pés e deu uma ombrada no homem à sua direita, depois rodou com as mãos unidas, girando a corrente pendurada. O metal vibrou em seus punhos quando acertou o que pensava ser a cabeça do outro guarda. Alex arrancou o capuz e, por reflexo, protegeu os olhos contra a luz forte. Estava numa área aberta, do lado de fora. Tinha uma chance.

Um guarda partiu para cima dele, e Alex abriu os braços e saltou para prendê-lo num mata-leão. Mantendo-o em pé, fez uma alavanca para chutar outro guarda com as pernas acorrentadas, mas o homem que ele segurava caiu e Alex foi obrigado a soltá-lo. Ele tentou pegar o cabo de uma espada, mas, quando a puxou, percebeu que a lâmina era curva demais para sair direto da bainha. No segundo de hesitação, os guardas restantes já estavam em volta dele. Alex lutou com todas as forças que tinha, mas eram muitos.

Algo foi pressionado em seu pescoço, e sua visão ficou turva, depois explodiu em cores enquanto sua mente combatia as trevas que se infiltravam aos poucos. Ele parou de lutar. A única coisa pior do que morrer era morrer inconsciente.

A pressão se aliviou um segundo antes que desmaiasse, e sua cabeça explodiu de dor quando permitiram que o sangue voltasse a circular. De repente, teve consciência de todos os ferimentos novos, o que aumentou sua agonia.

— Sage — ele arfou, embora não conseguisse pronunciar as palavras com muita força no começo. — Sage Fowler. Preciso falar com a demorana, Sage Fowler.

Quando sua voz se ergueu, mais alta e mais aguda, alguém puxou sua cabeça para trás e enfiou uma mordaca em sua boca. Aturdido pela dor, Alex sentiu uma estranha gratidão pelo nome dela ter sido a última coisa que diria.

BANNETH A OBSERVOU COM SEU SILÊNCIO TÍPICO. Lani tinha se aproximado imediatamente de Sage e estava com um braço em volta da cintura dela. Nicholas, porém, não parava de suplicar para que esperasse.

— Você não sabe por que o homem estava com a espada do capitão. Vai ver a encontrou.

Sage estava concentrada na direção de que o homem viria.

— Ele estava com o *cinto* de Alex, Nicholas. O cinto e a adaga. Tirou do corpo depois que o matou, ou enquanto ele morria.

— Você não tem como saber!

— Eu sei o que vi.

— Sage, essa não é você. *Me escuta*. — Ele segurou o braço dela, e Sage recuou.

A comoção se aproximando fez Nicholas parar de argumentar. Alguns guardas apareceram, praticamente arrastando um homem acorrentado de cabeça baixa. As únicas coisas claramente visíveis eram sua calça suja e o cabelo preto que começava a crescer.

Banneth franziu a testa e se aproximou de seus homens.

— O que aconteceu?

O casmuni que guiava o caminho carregava uma *harish* de carrasco na cintura. Ele parou diante de Banneth e fez uma reverência.

— Ele tentou fugir, *palandret*. Tivemos de dominá-lo.

Quatro guardas estavam visivelmente machucados e sangrando. Os outros que tinham participado da briga estavam, no mínimo, desalinhados. Banneth arqueou as sobrancelhas enquanto empurravam o homem à frente, que caiu de joelhos na terra.

— Impressionante. Ele chegou perto de escapar?

— Mais perto do que eu gostaria de admitir, *palandret*.

Sage não conseguiu ver direito por entre os guardas. Eles mantinham uma postura alerta e preparada, embora o prisioneiro cambaleasse como se estivesse

prestes a desmaiar. Ela apertou o cabo da espada de Alex para controlar o tremor das mãos.

— Vai ser aqui?

O prisioneiro devia tê-la entendido, porque balançou e contorceu o corpo. Os guardas em volta se moveram imediatamente para imobilizá-lo de novo, mas ele continuou a se debater. Grunhidos e gritos abafados escapavam de sua mordaça. Foram necessários seis homens para segurá-lo no chão, e ainda assim ele se contorcia. Sage se perguntou como o homem conseguia respirar.

— Vamos acabar logo com isso — ela disse.

Banneth balançou a cabeça.

— Vou lhe dar o que você pediu, Saizsch, mas ele tem o direito de saber o motivo de sua morte. Também deve ter a chance de dizer suas últimas palavras.

Lani revirou os olhos e soltou um ruído de repulsa.

— Duvido que ele tenha dado a Ah'lecks a mesma cortesia.

O rei lançou um olhar incisivo para ela.

— Felizmente essa é a diferença entre nós e eles.

Lani abriu a boca para argumentar, mas Sage balançou a cabeça.

— Ele está certo.

Alex teria aprovado. Quanto à clemência, porém, ela duvidava que teria demonstrado alguma se ficasse de frente com o homem que a tivesse matado.

Um guarda foi buscar um balde d'água. Sage manteve o olhar fixo em um ponto no chão. Conseguiria encará-lo nos olhos? Parecia covarde não encarar o homem cuja morte estava exigindo, mas ela não queria que a imagem dele estragasse a memória de Alex. Sage nunca conseguiria pensar em um sem pensar no outro.

— Espero que ele implore por misericórdia — Lani murmurou, o braço ficando mais tenso em volta da amiga.

Sage olhou para o homem através dos guardas que o imobilizavam no chão. Em breve, o sangue dele mancharia a areia e seu corpo apodreceria no cemitério dos criminosos, fora da cidade. Cães selvagens escavariam a terra em busca de seus ossos e devorariam o que o deserto não devorasse. Era o que ele merecia.

Mas, de alguma forma, o pensamento não lhe trouxe paz.

A água chegou, e os guardas viraram o homem. Ele não resistiu; Sage se perguntou se ainda estava consciente. Darit se agachou ao lado do prisioneiro e entornou uma caneca sobre seu rosto coberto de terra e sangue.

— Esperem — disse Banneth, vindo à frente. — Por que ele está tão ferido?

— O rei apontou para o tronco do prisioneiro. A pele exposta onde a camisa

tinha rasgado estava quase completamente coberta de hematomas.

— Ele tentou escapar outras duas vezes, *palandret*.

Os homens abriram espaço para que Banneth conseguisse ver melhor.

— Acho difícil acreditar que isso tudo tenha sido necessário — o rei disse, balançando a cabeça.

— E importa? Ele está prestes a morrer — interrompeu Lani.

— Importa se aconteceu na minha prisão. — Banneth se agachou e ergueu a camisa do homem, revelando uma marca em carne viva na caixa torácica dele. Ele se levantou, furioso. — Preciso descobrir quem fez isso.

Darit usou um pano úmido para limpar o rosto do homem.

— Vamos ter de perguntar para ele e investigar.

— Mais atrasos. — Lani bateu o pé no chão. — Não vê como isso machuca Saizsch?

Darit recuou de repente.

— *Palandret*, eu conheço esse homem. — Ele ergueu os olhos para Sage. — Ele estava com você no deserto quando fui levado. É demorano.

Nicholas se ajoelhou ao lado de Darit para olhar.

— Minha nossa, Sage.

— É verdade? — Ela se aproximou deles, tentando entender como era possível. — É um norsari? Você o conhece?

— Eu não... não... — O príncipe balançava a cabeça, sem conseguir encontrar palavras nem mesmo em demorano. — Não é possível... Não... — Ele se levantou com um salto e ficou de frente para ela. — Ah, meu Espírito! — O príncipe a segurou pela blusa e a chacoalhou.

— *Quem é, Nick?* — Ela deu a volta por ele para ver.

— É o capitão Quinn.

ELA NÃO CONSEGUIA PARAR DE OLHAR PARA ELE, mesmo horas depois.

A cabeça de Alex estava apoiada numa almofada em uma das pontas da banheira enquanto o resto de seu corpo flutuava logo abaixo da superfície. Em vez de tratar seus hematomas e lacerações com pomadas, os curandeiros casmunis tinham colocado remédios na água para embeber os ferimentos e a pele. Sage lavou a terra e o sangue do rosto dele com toda a delicadeza que pôde e tratou o que não estava submerso. Mesmo inconsciente e cheio de anestésicos, Alex se retraía quando qualquer um além dela encostava nele.

Banneth observava do outro lado da banheira.

— Lamento mais do que poderia expressar, Saizsch — ele disse.

— Eu sei — ela sussurrou.

— Ele não nos contou que era demorano. Por que faria isso?

Sage tinha passado as três horas anteriores tentando compreender.

— Acho que teve medo de que Darit o reconhecesse e você ficasse revoltado com o que fez. — Ela olhou para o rei do outro lado da água. — Embora seja difícil imaginar que pudesse ser tratado de maneira pior.

— Lamento muito. — O rei suspirou. — Mas talvez seja verdade. E minha raiva e desconfiança teriam recaído sobre você, quando soubesse de sua relação.

— Talvez ele tivesse medo disso também. — Era fácil imaginar Alex suportando o cárcere para protegê-la, especialmente se tinha se assegurado de que ela estava a salvo.

Por volta da meia-noite, os curandeiros o levaram para a cama de Sage, enfaixando o que era possível. Sage parecia a única capaz de encostar nele sem causar dor. Felizmente, nenhum dos cortes ou escoriações era muito profundo. Tirando aqueles de sua última tentativa de fuga, as feridas eram de dias antes e já estavam cicatrizando por conta própria. Os pelos raspados facilitavam limpar as feridas. A recuperação dos hematomas seria mais demorada — quase todo o tronco dele tinha manchas azuis e roxas, em geral com três marcas redondas próximas. Ela teria de obrigar Alex a mudar de posição quando acordasse.

Darit bateu na porta e entrou.

— Pronto — ele anunciou. — Gispan Brazco está morto.

Aquele era o nome com que Alex tinha entrado na prisão, e Banneth havia concluído que todos deveriam pensar que ele não havia sobrevivido a uma tentativa de fuga. Aqueles que sabiam a verdade — Lani, Nicholas, Darit, os curandeiros e os guardas presentes na hora — tinham jurado segredo até que a tortura de Alex fosse investigada. Lani tinha reclamado por não poder contar ao ministro Sinda, mas o rei insistira que seria mais fácil encontrar o agressor se ele não soubesse que estava sendo caçado.

Banneth agradeceu a Darit com um movimento de cabeça.

— Vamos começar pela manhã.

— O que mais ele disse? — Sage perguntou. Quando Alex tinha sido desamarrado, havia balbuciado sobre o rei e um assassinato. Ele só tinha se acalmado quando Sage garantira que Banneth estava são e salvo. Então, os anestésicos haviam surtido efeito, deixando-o inconsciente enquanto especulavam sobre as palavras dele. — Parece que ele mencionou que havia *dolofans* na prisão.

Darit balançou a cabeça.

— Não nos registros.

— Mas eles estão lá — Sage insistiu. — Eu os vi. Dois homens num pavilhão vazio. Faz semanas. — Ela não queria pensar que não tinha olhado de perto o bastante para notar que o terceiro prisioneiro era Alex. Era culpa dela que não o tivessem encontrado antes.

— Vou olhar de novo de manhã, mas, se estão na prisão, é o melhor lugar para eles.

Banneth assentiu.

— E não podemos manter Ah'lecks nesse estado. — Ele se levantou e se espreguiçou, depois se dirigiu ao curandeiro no canto da sala. — Vou descansar um pouco. Me informe assim que ele acordar.

— Sim, *palandret*.

Banneth e Darit saíram. Alguns minutos depois, o curandeiro estava cochilando no canto, deixando Sage sozinha. Ela se sentou na cama e segurou a mão de Alex. Depois de algumas semanas o imaginando frio e sem vida, era um milagre sentir seu calor novamente.

Ele estava vivo.

Tinha ido atrás dela. Depois de tudo o que Sage havia feito, ele tinha ido atrás dela.

Sage acariciou a mão dele, querendo beijá-lo mais do que tudo, mas tinha medo demais de tocar seu rosto ferido. O céu a leste tingia-se de rosa quando os olhos dele se abriram de repente.

— Bom dia.

Sage ergueu a cabeça sobressaltada. Ele sorriu e piscou preguiçoso, ainda zonzinho pelos medicamentos. As emoções do dia anterior voltaram com tudo, e os olhos dela se encheram de lágrimas.

Alex franziu a testa.

— Por que está chorando?

— Pensei que estava *morto*, Alex. — Ela secou as bochechas com a manga da roupa, mas as lágrimas não paravam de cair. — Pensei que nunca mais veria você.

— Bom, aqui estou eu — ele disse, seu rosto relaxando num meio sorriso.

— E olhe só para você. — Ela fungou. — O que eles fizeram?

— Em parte foi merecido — Alex disse, contorcendo-se ao alongar as bochechas e a boca. — Pensei que estava a caminho da execução, então resisti.

Sage segurou o choro.

— E estava. Vi sua espada. Disseram que era de um prisioneiro. Pensei que ele a tinha tirado de você depois que... depois que... — Sage parou, o pânico ameaçando tomar conta dela ao pensar no que quase tinha feito.

— Então você exigiu minha execução. — Os ombros de Alex tremeram com um riso baixo. Parte da névoa tinha deixado seus olhos. — Me prometa que nunca vai mudar, Sage.

A reação dele só a fez chorar mais.

— Como você pode rir disso?

— Porque não aconteceu. Tudo é engraçado quando se acaba de enganar a morte.

Não fora apenas aquilo que não acontecera. Sage colocou a mão no peito dele.

— Eu vi a flecha — ela sussurrou. — Você caiu do cavalo. Como sobreviveu?

Alex pareceu confuso por um momento, depois colocou a mão sobre a dela.

— Quando vi o arqueiro, me joguei no chão. A flecha acertou embaixo do meu braço, ficou presa no gibão. Nem me cortou. — Ele segurou a mão dela com carinho. — Não fazia ideia de que você tinha visto. Sinto muito que tenha sofrido todo esse tempo.

— Eu mereci — ela disse, puxando a mão para trás. — Menti para você e desafiei sua autoridade na frente dos outros.

Ele balançou a cabeça devagar.

— Você fez a coisa certa quando eu estava errado. Me impediu de começar uma guerra. — Alex lançou um olhar incisivo para o quarto ao redor. — Pelo visto, você também ganhou a confiança da família real casmuni e manteve Nicholas a salvo. — Ele parou, com a expressão culpada. — Ele está a salvo, não?

— Claro. — Sage apertou as roupas de cama com os dedos brancos e tensos. — Mas nada disso compensa o que fiz com você. Fui teimosa e egoísta demais para ver além do que queria.

— Você parece ter esquecido que eu estava agindo como um completo imbecil. Para dizer o mínimo. — Alex fechou os olhos e respirou fundo. — Sage... O que passei em Tegann, quando achei que teria de escolher entre...

— Eu sei. Cass me contou.

— Eu deveria ter te contado. — Ele soltou um suspiro forte. Quando reabriu os olhos, estavam cheios de lágrimas. — Mas é por isso que temia tanto ter você comigo. Se tiver de escolher entre você e todos os outros, vou escolher você. — O braço enfaixado de Alex tremeu um pouco quando ele o ergueu para tocar a bochecha dela. — Sempre.

— Só piorei as coisas — ela insistiu, entregando-se à carícia dele. — Transformei seu pior medo em realidade.

— Vamos disputar a culpa agora? — Ele desceu a mão para o pescoço dela, depois deslizou os dedos trêmulos por seu cabelo curto. — Prefiro nunca mais brigar com você. Pode escolher minhas refeições e roupas pelo resto da vida que nunca vou reclamar.

— Não vou esquecer isso. — Ela riu enquanto secava as últimas lágrimas, depois encostou a mão esquerda sobre o peito dele novamente, alegrando-se com a batida forte sob seus dedos. Todos os traços do anestésico haviam deixado os olhos dele, que estavam claros e brilhantes.

Alex estava ali. Vivo.

E era dela.

— Eu te amo — Sage sussurrou.

— Essa — ele disse, puxando-a para um beijo intenso — é a melhor coisa que escuto em meses.

ALEX PODERIA TÊ-LA BEIJADO O DIA TODO, mas em algum momento o som de alguém limpando a garganta a fez se virar. O rei casmuni estava na porta que dava para um jardim, educadamente evitando olhar.

Sage ajudou Alex a se sentar e ajeitou travesseiros atrás dele, mas o simples esforço de ficar ereto se mostrou exaustivo depois de alguns minutos. Sua mente, porém, estava clara. Antes que o rei casmuni pudesse fazer qualquer pergunta, Alex agradeceu por cuidar de Sage e Nicholas.

— Você salvou a vida deles — ele disse em kimisaro. — Serei eternamente grato por isso.

— Talvez possa retribuir explicando o que disse ontem — falou o rei. — Mas, antes... — Ele pegou um cálice da mesa de cabeceira, bebeu dele e o estendeu para Alex.

Sage tinha dito a ele que o rei faria aquilo, e que era importante. Seus braços tremiam só de segurar o copo, mas Alex deu um gole e o devolveu.

— Agora — disse Banneth —, você deve nos contar tudo o que aconteceu.

Alex começou pelo que o rei já sabia, na esperança de provar sua sinceridade. Quando descreveu sua primeira tentativa de fuga na prisão, Sage se empertigou na ponta da cama, com os olhos arregalados.

— Você reconheceria o homem? — perguntou Banneth.

— Só o vi uma vez. Depois meus olhos ficaram cobertos — Alex respondeu. — Mas acredito que, se o visse de novo, saberia.

O rei balançou a cabeça enquanto andava de um lado para o outro do quarto.

— Talvez ele seja apenas um intermediário. Pode não levar a lugar nenhum, mas vamos investigar. — Banneth parou num espaço iluminado pela luz dourada do sol. — O que ele queria saber?

— Queria saber sobre Demora, Sage e Nicholas. Acho que pretendia culpá-los pelo seu assassinato.

O rei franziu a testa.

— Não faz muito sentido. O complô devia estar em andamento muito antes de

eu conhecê-los.

— Pelo que entendi, houve uma mudança nos planos... uma oportunidade surgiu — disse Alex. — Alguém no conselho foi hostil contra eles?

— Só três quartos deles. O que o fez mais abertamente foi o ministro da Guerra, mas desconfiar de estrangeiros é o trabalho dele.

Sage ainda não havia dito nada, mas Alex podia ver que ela estava pensando em alguma coisa.

— Talvez possamos reverter a linha de raciocínio — sugeriu Alex. — Quem teria sido culpado originalmente?

— Há algum conselho sem disputas de poder? — Banneth balançou a cabeça. — O ministro das Estradas odeia o do Comércio, e o ministro da Guerra odeia o das Finanças. O lorde tesoureiro odeia todo mundo. — O rei voltou a andar de um lado para o outro.

Alex respirou fundo e se crispou.

— Certo. Quem tem a ganhar com sua morte? Quem herda o trono?

— Meu filho Hasseth, que tem quase onze anos.

Alex achou que estava no caminho certo.

— Jovem demais. Quem seria nomeado regente?

— Tradicionalmente, o ministro da Guerra, que costuma ser o irmão do rei, portanto tio do herdeiro. — Banneth parou e olhou para o jardim, pensativo. — Mas minha irmã também poderia reclamar o trono. Lani é maior de idade e governa quando estou fora. Também é amada pelo povo.

Era a terceira vez que o ministro da Guerra era mencionado.

— Quem é inimigo do ministro da Guerra mesmo? — perguntou Alex.

— O ministro Sinda — disse Sage, pálida.

Banneth assentiu.

— Sim, é uma boa pista. O ministro das Finanças tem apoiado a abertura de diálogos com Demora. Ele e o general Calodan discordam há anos.

— Não — ela disse. — O traidor é o ministro Sinda.

O rei a encarou.

— Dev Sinda é seu maior defensor desde que você chegou.

Sage parecia querer chorar.

— Eu sei, mas agora tudo faz sentido.

ELA NÃO QUISERA ACREDITAR quando Alex descreveu o golpe com as correntes no homem enquanto tentava escapar. Dev Sinda tinha um ferimento como aquele, mas poderia ter sido feito ao tentar controlar Alex, como Lani havia se gabado. Sage não queria tirar conclusões precipitadas, ainda mais porque Sinda tinha apoiado abertamente o rei, Lani e os demoranos. Pelo amor do Espírito, ele tinha colocado Lani nas reuniões do conselho e lhe dado mais poder.

Mas aquilo também lhe dera uma enorme influência sobre Lani. A princesa podia ter idade suficiente para ser nomeada regente, mas, se Sinda se casasse com ela, ele também teria direito tanto ao cargo de ministro da Guerra como ao de regente. Incriminar o general Calodan deixaria sua posição disponível, e Sinda poderia assumir como tio do jovem rei. Se a juventude e a relativa inexperiência de Lani fossem consideradas impedimentos, seu marido seria uma alternativa que ela mesma não contestaria. E mesmo se ele fosse rejeitado para os dois cargos, Sinda ainda poderia exercer um forte poder através da esposa.

No entanto, Lani tinha dito que Calodan — ou o general Cara de Porco, como o chamava — estava planejando renunciar. Sinda não precisava mais tirar o ministro da Guerra do caminho, mas sua aposentadoria quase certamente seria adiada se tivesse de lidar com a força demorana a caminho. Sinda poderia usar a “revelação” da culpa de Sage e Nicholas no assassinato de Banneth para garantir a renúncia do comandante militar que teria deixado aquilo acontecer debaixo do seu nariz — e oferecendo-se para sucedê-lo em seguida. Além disso, a princesa ficaria com o coração partido com a traição de Sage e acabaria ainda mais dependente de Sinda.

A terceira peça tinha sido a ausência dos *dolofans* nos registros da prisão. O ministro Sinda vistoriava a contagem de prisioneiros toda semana, segundo Lani. Ele tivera todas as oportunidades de apagar a existência oficial deles, sem mencionar o fácil acesso aos fundos do tesouro que ele tinha, possibilitando que subornasse qualquer um que visse demais. Quando ficara sabendo sobre Alex, Sinda o vira como uma mina de ouro, com informações que poderia usar para

prejudicar e incriminar os demoranos.

Banneth não se convenceu.

— Você sugeriu que Kimisara faria isso em troca de acesso através das montanhas para atacar Demora — ele disse a Alex. — Apenas o ministro da Guerra ou o rei poderia ordenar que a guarnição no desfiladeiro baixasse a guarda. Isso envolve o general Calodan.

— A menos que a ideia fosse incriminá-lo — disse Sage. — Sinda poderia forjar a ordem para fazer parecer que Calodan a tinha emitido. Se ele está subornando os guardas da prisão, pode pagar as pessoas certas para isso também.

— Se está subornando os guardas da prisão. — O rei suspirou e esfregou a testa. — Não consigo decidir se sou eu ou se é você quem está tentando se agarrar à areia. É tudo circunstancial.

— Eu reconheceria o homem se o visse ou ouvisse sua voz — disse Alex.

— Não importa se acredito ou não em você; não posso prender um membro do conselho por uma tentativa de assassinato que não aconteceu com base nas palavras de um prisioneiro estrangeiro — disse Banneth. — Preciso de provas.

— Podemos conseguir algo dos *dolofans* — disse Sage. — Mas talvez possamos descobrir algum detalhe que Sinda saiba embora não devesse saber. — Ela olhou para Alex. — Quando você foi... interrogado, o que contou para ele?

— Conteí sobre Nicholas. — O rosto de Alex ficou branco como pergaminho sob os hematomas.

Os olhos dela se arregalaram e se voltaram para o rei.

— Nunca contei a ninguém.

— Acho que está na hora de contar então — disse Banneth, cruzando os braços.

Sage encarou Alex nos olhos por alguns segundos e respirou fundo.

— Nicholas é um príncipe. É o filho caçula do rei de Demora.

— Entendo. — Banneth franziu as sobrancelhas. — E você?

— Sou tutora das crianças da realeza. Nada além disso.

O rei voltou os olhos verdes para Alex.

— Ela está falando a verdade?

— Estritamente falando, sim — Alex admitiu. Ele deu um sorriso de lado para Sage. — Mas ela também é tudo para mim. — Sage revirou os olhos e corou.

Banneth suspirou.

— Muito bem. Se conseguirmos fazer Sinda admitir que sabe disso e tivermos uma confissão dos *dolofans*, será prova suficiente.

— E a princesa Lani? — Sage perguntou. — Não podemos deixar que isso a

pegue de surpresa.

— Você diz que ela está apaixonada por Sinda. — Banneth balançou a cabeça.
— Se teve dificuldade em me convencer, e ainda nem estou plenamente convencido, imagine como ela vai reagir. Vai ser um choque, não importa quando descubra.

Sage se recusou a ceder.

— Quanto mais esperar para contar, mais humilhante será, e mais público. Se a deixar de fora, sua irmã nunca mais vai confiar em você. E, o que é mais importante: ela merece saber.

Alex nem hesitou.

— Concordo com Sage.

— Você nem conhece minha irmã — disse Banneth.

— Não importa — disse Alex. — Ela merece saber.

Lani não quis dar ouvidos. Gritou com Alex e atirou vasos contra a parede.

Banneth ficou em silêncio, esperando a fúria da irmã passar. Quando ela finalmente caiu no chão, chorando, o rei se ajoelhou ao seu lado e a envolveu em um abraço.

— A traição é pior para você — ele disse. — Sei que seu coração está partido.

— Não acredito — Lani soluçou. — Ele não seria capaz disso. Não ligo para o que dizem. — Ela ergueu os olhos tão verdes quanto os de Banneth. — Prove, Saizsch. Prove, se for capaz.

Sage olhou para Alex, que tinha assistido à maior parte da conversa sem entender o que era dito.

— Venha aqui — ela disse a Lani.

A princesa se levantou e andou até a cabeceira de Alex enquanto Sage erguia a camisa dele para expor seu peitoral. Ela apontou para as feridas em grupos de três por todo o corpo dele. Alex se contraiu enquanto Sage o virava de lado para mostrar mais em suas costas.

— Quem usa anéis que deixariam essas marcas, Lani? — ela perguntou em voz baixa.

A princesa deu meia-volta para correr na direção do pátio, mas Banneth a segurou pelo braço.

— Você não vai sair deste quarto, Alaniah.

— Ele ia pedir minha mão hoje, Banna — Lani gritou, as lágrimas escorrendo por suas bochechas vermelhas. — Era para ser o dia mais feliz da minha vida.

— Então não chegou a acontecer nada que não possa ser desfeito — ele disse, para acalmá-la.

Lani olhou para a amiga. Banneth estava errado. Sage foi até a princesa e a abraçou. A casmuni sempre tinha parecido mais alta com sua presença descomunal, mas naquele momento Sage percebeu que tinham a mesma altura.

— Ele nunca me forçou — Lani sussurrou. — Às vezes até dizia que não deveríamos, e eu falava que não tinha importância, porque íamos nos casar. Pensei que eu tinha algo verdadeiro.

— Um dia você vai ter, Lani — Sage respondeu baixo. — Prometo.

Depois de alguns minutos, a princesa se recompôs e se voltou para Banneth e Alex.

— E o que vamos fazer agora para convencer o conselho?

— Vamos levar os *dolofans* até eles — disse Banneth. — No interrogatório, tentaremos fazer Sinda admitir o que sabe. Se não der certo, revelaremos Ah'lecks, mas a palavra dele pode ser usada contra todos os demoranos, de modo que será nosso último recurso.

— Vai ser suficiente? — Lani perguntou.

— Não importa — disse uma voz. Todos se voltaram para encontrar Darit, que estava no batente que dava para o quarto de Nicholas. — Os *dolofans* sumiram.

ALEX ACHOU QUE BANNETH RECEBEU MUITO BEM a notícia de que havia dois assassinos à solta no palácio.

— Sabemos do plano deles — o rei disse, voltando a falar em kimisaro para que Alex entendesse. — Estamos um passo à frente.

— Sim, mas pegar os dois no flagra apenas pega os dois — disse Lani. O kimisaro da princesa não era tão bom quanto o dos outros. — Acho confissão improvável.

— Então talvez devamos fazer Sinda achar que teve sucesso — disse Sage. — Ver como ele age e em quem bota a culpa. — Ela olhou para Banneth. — Quais seriam os primeiros passos após o assassinato de um rei?

— Além de fechar as portas do palácio e procurar o culpado, seria convocada uma sessão do conselho para definir o novo governante.

— Em quanto tempo? — ela perguntou.

— Assim que a morte fosse descoberta.

— Mesmo que fosse no meio da noite?

— Sim — Banneth respondeu —, mas não acho que haveria motivos para meu corpo ser descoberto antes do amanhecer.

Sage mordeu o lábio.

— Então acho melhor ser encontrado no meio da noite. Ele não vai estar preparado para isso, o que nos daria uma pequena vantagem.

— Concordo, mas como? Fazemos os guardas ouvirem um barulho e investigarem?

Sage lançou um estranho olhar para o rei.

— Talvez eu possa descobrir o corpo. Vai parecer perfeito para o ministro, que vai ficar ainda mais confiante.

Banneth lançou um olhar furtivo para Alex antes de responder para ela em casmuni. Sage assentiu, ficando vermelha.

— Espera um pouco — interrompeu Alex em demorano. Uma desconfiança terrível crescia dentro dele. — Por que você estaria no quarto do rei no meio da

noite?

— Eu não estaria — ela respondeu rápido. — Mas, se dissermos a Sinda durante o jantar que Banneth me pediu em casamento, posso descobrir o corpo oficialmente mais cedo.

Era uma boa ideia, mas tinha ocorrido a ela rápido demais.

— O rei pediu você em casamento?

O rosto dela estava vermelho. Embora não tivesse entendido a pergunta de Alex, o rei respondeu em kimisaro:

— Pedi Saizsch em casamento duas noites atrás.

Alex alternou o olhar entre os dois.

— E qual foi a resposta?

— Não — disse Banneth.

Depois de terem traçado um plano para aquela noite, Alex precisou descansar, embora tivesse recusado a expressa recomendação dos curandeiros de que tomasse uma fórmula especial para dormir bem. Por melhor que fosse o torpor, era mais importante ter a mente clara. Ele também desconfiava de que Sage não dormia havia dias, e a convenceu de que não faria mal se deitasse um pouco com ele. Na verdade, doía quando ela encostava nele, mas valia a pena tê-la por perto.

Era fim de tarde quando ele acordou sozinho. Tudo doía de novo, e as articulações não queriam dobrar. Alex estava acostumado a ferimentos, embora não ficasse tão machucado desde seus primeiros dias como pajem, quando um escudeiro havia questionado abertamente a fidelidade de Lady Quinn ao pai dele. Oficialmente, Alex tinha sido disciplinado e levado bronca do coronel Quinn em pessoa, mas, extraoficialmente, ele e os meninos que tinham se juntado para ajudá-lo receberam rações extras por uma semana.

Alex estava se espreguiçando e alongando o corpo quando Sage chegou do jardim com o que pareciam roupas de equitação e uma espada casmuni presa à cintura. Ela estava suada e descabelada, mas alegre. Explicou que estava aprendendo um tipo de luta casmuni com a princesa Lani, que tinha muita raiva para descarregar.

— Como está se sentindo? — Sage perguntou, sentando-se na cama e se inclinando para um beijo. — A maior parte do inchaço no rosto diminuiu.

— Estou melhor agora com você, mas muito dolorido — ele admitiu.

Sage examinou alguns curativos, tocando nele mais do que deveria, mas Alex não reclamou.

— Quer ficar aqui à noite? Banneth teme que você se sinta indisposto.

— Acho que mais um banho daquele faria bem. — Ele havia ficado

inconsciente na maior parte do tempo quando o tinham imergido num banho medicinal por algumas horas.

Ela se levantou e começou a soltar o cinto da espada.

— Vou pedir seu banho, mas vou tomar um primeiro. Estou fedendo.

Alex se sentou enquanto ela seguia para a sala de banho.

— Aquela banheira é grande o suficiente para nós dois — ele gritou.

— Não me faça cair em tentação.

Uma hora depois, ele estava na água enquanto Sage se preparava para o jantar com o rei e o ministro Sinda. Depois que Alex a assegurou de que estava vestido, ela entrou na sala de banho usando um vestido verde-floresta com mangas drapejadas. O modelo envolvia o corpo esguio dela e deixava muito menos para a imaginação do que as roupas fartas e ondulantes que as demoranas usavam.

— Por favor, prometa que vai levar esse vestido quando formos para Demora — ele disse.

Sage sorriu e se sentou num banquinho perto de Alex. O aroma de flores de laranjeira e jasmim chegava até ele. Não era o de lavanda e sálvia com que estava acostumado, mas aquilo não o incomodava tanto quanto imaginaria.

— O que digo a Banneth? — ela perguntou. — Está bem o suficiente para ajudar? Ninguém vai pensar menos de você se não tiver se recuperado.

Ela achava mesmo que ele ficaria escondido no quarto enquanto assassinos estavam à solta no palácio?

— Estou bem — Alex garantiu. Sage assentiu e torceu as mãos no colo, mordendo o lábio. — Confie em mim.

— Não é isso — ela disse. — É que... bom... — Sage respirou fundo. — Banneth não foi totalmente sincero quando disse que recusei a proposta dele.

— Entendo.

— Mas tampouco aceitei — ela se apressou em dizer. — Prometi responder em alguns dias.

— Sage...

— Ele só queria garantir nossa segurança e obrigar o conselho a dialogar com os demoranos quando chegassem, em vez de lutar.

— Amor...

— Ele não me ama. Foi puramente político, em nome da paz. Me falou até que não precisaríamos ter filhos.

— Sage...

— Só considerei porque não queria voltar para Demora se você não estivesse

lá.

Alex já havia aceitado aquilo, considerando que Sage tinha pensado que estava morto. Ele se sentou e aproximou o rosto do dela.

— Eu não teria culpado você se tivesse aceitado.

Sage piscou, com lágrimas se acumulando em seus olhos.

— Jura?

— Juro — ele sussurrou antes de dar um beijo demorado e intenso nela. Sage parecia estar precisando. Alex se recostou, tentando não se contrair, e acrescentou: — Só ficaria preocupado se dissesse sim depois de me encontrar.

Sage secou os olhos e riu. Pelo Espírito, como ele tinha sentido falta daquele som. Nunca faria algo que pudesse levá-lo embora.

— Certo. Preciso sair. Os curandeiros vão enfaixar seus ferimentos desta vez.

— Ela se levantou, deixando-o livre para admirá-la mais uma vez.

— Você só está com uma adaga — Alex disse, sibilando de dor quando seus punhos feridos e ensanguentados entraram novamente na água.

— Lani diz que duas ficam ridículas com um vestido. — Ela passou os dedos no cabo. — É a sua. Não importa quanto tempo eu passe com Banneth hoje, ainda são suas iniciais que tenho na cintura.

Alex franziu levemente a testa.

— Mas você normalmente carrega duas.

— E daí? — Ela inclinou a cabeça para o lado.

Sage pareceu entender o que ele estava dizendo, e Alex assentiu.

— Talvez devamos considerar uma pequena mudança nos planos.

SAGE FICOU IMPRESSIONADA com a postura de Lani durante o jantar. Quando o ministro Sinda beijou a mão dela, a princesa passou os dedos sobre as pedras dos anéis que ele usava com um brilho de fúria no olhar. Todos os traços de dúvida dela tinham ficado para trás. Depois daquele momento, ela sorriu durante os dois primeiros pratos, lançando olhares para ele de minutos em minutos e se mantendo fiel ao papel de futura noiva apaixonada. Talvez o vinho ajudasse.

Quanto a Sage, sua ansiedade não era difícil de disfarçar como nervosismo pelo anúncio iminente de Banneth. Duas vezes ele segurou a mão dela, e a jovem corou e tentou olhar para ele com carinho. Sinda franziu um pouco a testa em ambas as vezes.

Banneth havia sugerido deixar Nicholas de fora daquela noite, temendo que pudesse revelar alguma coisa, mas Sage relutava a perdê-lo de vista. Se Alex estivesse certo, poderia haver uma oportunidade de capturar um ou ambos os assassinos enquanto estavam no jantar. Ela tinha medo de que algo acontecesse a Nicholas enquanto Alex e Darit estavam ocupados. E Banneth não precisava se preocupar. Nicholas representava bem seu papel.

Quando Sinda perguntou a Banneth se podia se casar com Lani, ela ficou vermelha, chegando até mesmo a chorar quando o rei concedeu permissão. Quando Sinda fez menção de beijá-la, no entanto, a princesa pareceu que era demais e virou o rosto para ele.

— Não pense que pode tomar liberdades agora — ela disse em tom de brincadeira enquanto lançava um olhar completamente diferente para Sage. Sinda deu um beijo inocente nela e voltou a se sentar.

Banneth pigarreou e segurou a mão de Sage novamente.

— Eu tinha pensado em não dizer nada ainda, mas parece um momento oportuno. — Ele levou os dedos de Sage aos lábios e olhou para ela de uma forma que a fez se questionar se tinha sido sincero ao dizer que não a amava. — Hoje à tarde pedi a srta. Saizsch em casamento.

Nicholas comemorou e se levantou com um salto para dar um beijo em Sage,

depois apertar a mão do rei, que pareceu sinceramente perplexo com o gesto. Pelo canto de olho, Sage viu Sinda ficar tenso, depois se recuperar e sorrir. Lani sorriu para ele.

— Não é maravilhoso, Dev?

— Mais que isso — ele respondeu, erguendo a taça. — Desejo a *palandret* toda a felicidade que pretendo ter. — O homem deu um gole sem esperar que os outros acompanhassem o brinde. — Quando pretende contar ao conselho?

— Amanhã — disse Banneth. — Com a vinda dos demoranos, desejo agir o mais rápido possível. — Ele lançou um olhar expressivo para Sage. — Quanto antes consolidarmos essa união, melhor para as duas nações.

Ela corou e desviou os olhos. O sorriso de Sinda se ampliou.

Durante o resto da noite, discutiram quando os casamentos deveriam ser celebrados e quem estaria envolvido. O ministro Sinda insistiu que ele mesmo bancaria o custo de seu casamento, e que nenhum dinheiro deveria sair do tesouro.

O brilho duro no olhar de Lani mostrou a Sage que ela não via a hora de fazer com que pagasse por sua traição.

ALEX ESTAVA ESCONDIDO ATRÁS DE UMA TAPEÇARIA ornamentada num canto escuro do vestiário de Sage, pensando em como era estranho que fosse tão decorado. Então ouviu a porta que os criados usavam se abrir no cômodo ao lado. Flexionou as mãos algumas vezes antes de ficar completamente imóvel e esperar que os vultos atravessassem o quarto dela, vasculhando tudo. Sem encontrar o que queriam, os *dolofans* entraram no vestiário e começaram a apalpar e apertar os tecidos e objetos espalhados.

— Aqui — um deles sussurrou em kimisaro, então pegou a segunda adaga de Sage de baixo de uma pilha de roupas de seda.

Alex reconheceu o rosto de Kamron, que fazia uma careta.

— Vou verificar nossa rota de fuga.

Stesh enfiou a adaga no próprio cinto.

— Vou esperar no jardim, de onde vou conseguir ver quando ele apagar a luz.

— Não seja pego, irmão. — Kamron deu um peteleco na orelha dele. — Não vou ter como salvar seu narizinho desta vez.

O kimisaro respondeu com um gesto obsceno e saiu pela porta. Kamron ficou para trás, revirando as coisas de Sage e enfiando algumas joias que encontrou no colete. Alex tinha receado perder o homem de vista, mas a ganância do kimisaro tornou possível derrubá-lo ali mesmo.

Depois de usar alguns lenços de seda para amarrá-lo, Alex entornou uma dose tripla de chá medicinal na mordaca do kimisaro. Então arrastou o corpo imóvel até o corredor dos criados. No meio do caminho, Alex percebeu que havia superestimado a capacidade de seu corpo. Embora breve, a luta com Kamron o havia esgotado e, sem dúvida, atrasado em alguns dias sua recuperação. Ele precisava parar para descansar de metros em metros, e demorou muito mais do que o esperado para chegar ao quarto de Banneth.

Alex tinha planejado ficar ali, esperando com Darit, mas, quando vira Sage vestida para o jantar com apenas uma adaga na cintura, entendeu que aquilo seria uma oportunidade de incriminá-la e decidiu esperar no quarto dela. O alívio de

Darit ficou claro em seu rosto quando Alex finalmente apareceu.

— Tenho de admitir que parte de mim não confiava em sua honestidade — o casmuni disse a ele enquanto pegava as pernas do kimisaro e o ajudava a carregá-lo para a sala de banhos.

Alex não ficou ofendido.

— Ainda tenho que me redimir com você, Darit — ele disse. — Também por ter salvado Sage e meu príncipe. — O casmuni apenas acenou em resposta. Depois que o kimisaro foi encostado a uma parede e suas amarras foram verificadas, Alex desfaleceu num canto. Quando deu por si, o rei já tinha voltado do jantar.

— Saizsch está no quarto dela — Banneth disse, chacoalhando de leve os ombros de Alex. — Ela vai esperar você voltar para vir.

Alex esfregou os olhos para acordar.

— Onde está Darit?

— Saiu depois que os guardas me viram conversar com ele. Assim, tem uma desculpa para estar por perto quando meu corpo for encontrado. — O rei tirou do gibão uma adaga de cabo preto que Alex conhecia bem. — Saizsch mandou para você.

— Obrigado. — Ele se apoiou na parede para se levantar e pegou a arma. No lado oposto da sala, Kamron ainda estava inconsciente, os olhos entreabertos pelo efeito dos sedativos.

Banneth observou o capitão andar um pouco para alongar os músculos.

— Sei que está arriscando sua vida por Saizsch e Nikkolaz — ele disse depois de alguns minutos em silêncio. — Mas também por mim, e fico grato.

— Tenho muito a agradecer também — disse Alex simplesmente.

O rei hesitou.

— Eu teria tratado Sage bem, mas ela nunca poderia me amar como ama você.

— Eu sei. — Alex abriu um sorriso para Banneth. — É por isso que não tenho raiva. Além do mais — ele desviou o olhar, porque aquela situação era um pouco dolorosa, ainda que não quisesse admitir — entendo que tenha se encantado por ela.

Darit voltou, e Banneth começou a se preparar para dormir, como se fosse uma noite qualquer. Um criado o ajudou enquanto Alex e Darit se escondiam. Depois de dispensá-lo, Banneth enfiou almofadas sob as roupas de cama para que parecesse que estava ali, apagou a lamparina e voltou para a sala de banhos. Queria ficar na cama como isca, mas Alex e Darit consideraram perigoso demais. Eles assumiram suas posições a dois cantos do quarto silencioso e

esperaram.

Alex quase não percebeu o homem entrar. Ele chegou com uma brisa que balançou as cortinas finas que davam para o pátio. Por mais escuro que estivesse lá fora, os aposentos do rei estavam ainda mais, dando a Alex e Darit uma pequena vantagem. A lua não estava alta, e Stesh não projetava nenhuma sombra enquanto entrava no quarto feito um fantasma. Apesar das intenções do kimisaro, Alex não podia deixar de admirar a furtividade dele.

O assassino estava de costas para Darit, que começou a se afastar da parede enquanto o outro se aproximava da cama do rei. Alex estava na linha de visão de Stesh e não se atreveu a se mover. Houve um silvo baixo quando o assassino desembainhou a adaga de Sage. Então ele avançou para o contorno sobre a cama.

Sua mão parou e Stesh deu um passo para trás.

Darit ainda estava no meio do caminho. Antes que o kimisaro pudesse se virar, Alex saltou de seu canto, resistindo ao impulso de usar a adaga — eles o queriam vivo. O assassino reagiu no mesmo instante, lançando a adaga de Sage na direção de Alex, mas o capitão já estava se jogando sobre o tapete. Seu objetivo era dar a Darit uma chance de se aproximar. Um corte ardente em seu ombro esquerdo indicava que tinha sido atingido de raspão pela adaga. O impacto no chão foi pior, e Alex quase desmaiou de dor enquanto se virava, apertando a ferida aberta no braço.

Quando tinha se recuperado o suficiente para levantar, Darit já estava lutando com Stesh do outro lado da cama. Ele hesitou por um momento, sem saber quem era quem na escuridão, então o par se separou. A espada de Darit avançou e Stesh desviou o golpe com uma arma curva. Alex lançou sua adaga na mão do kimisaro, fazendo a arma dele cair e permitindo que Darit golpeasse. Stesh caiu de joelhos, apertando a barriga. O casmuni o chutou para o lado e pisou em seu pescoço para mantê-lo no chão enquanto Alex se jogava na cama, ofegante.

— *Palandret* — Darit chamou baixo. — Está feito.

SAGE ESTAVA SENTADA NO QUARTO, tentando não vomitar com o cheiro acobreado de sangue em sua camisola. Ele a lembrava de quando acordara ensopada pelo sangue do primeiro homem que havia matado. Mas o dono do sangue em sua camisola não estava morto. Ao menos não ainda.

Ela olhou para as mãos. O sangue nelas era de Alex. Tudo tinha corrido conforme o planejado, mas ele tinha sido ferido de novo. Dizia ser só um arranhão, mas para ele “só um arranhão” significava meia dúzia de pontos. Alex e os *dolofans* estavam escondidos no vestiário de Lani, o lugar com menos probabilidade de ser revistado em busca dos assassinos do rei, principalmente porque todos acreditariam que já tinham sido pegos. Alguns dos guardas que haviam estado presentes quando Alex fora descoberto tinham ficado com ele, vigiando os kimisaros. Ela torceu para que estivesse descansando um pouco.

Quando tudo estava organizado, Sage saíra correndo dos aposentos de Banneth até a suíte de Lani, que fizera soar o alarme. Darit tinha sido o primeiro a chegar, seguido pelos guardas do corredor externo. Como era amigo próximo do rei e comandante da cavalaria, todos os guardas o haviam obedecido quando ordenara o bloqueio do palácio. Apenas os membros do conselho tinham recebido permissão de entrar pelos portões, sendo escoltados diretamente para a câmara em que se reuniam. Alguns fizeram um desvio para dar uma olhada no quarto do rei, mas ninguém podia se aproximar do corpo, para que não vissem que o rei ainda respirava.

O ministro Sinda chegou nem cedo nem tarde demais. Lani tinha se jogado nos braços dele, chorando, e Sage pensou que ela devia estar adorando manchá-lo de sangue. Ao descobrir que fora Sage quem havia encontrado o corpo, ele tinha ordenado que ela e Nicholas fossem confinados em seus aposentos e que o jardim fosse vasculhado. Sage não ficou surpresa quando encontraram sua adaga cheia de sangue enterrada em meio às flores do pátio. Afinal, ela havia escolhido aquele lugar.

Os quatro guardas no quarto impunham silêncio toda vez que Sage tentava

conversar com Nicholas, que parecia aterrorizado. Embora ele soubesse desde o jantar que havia alguma coisa acontecendo, ela não tinha contado tudo, apenas garantido na língua deles que Banneth não estava morto, só deitado na cama coberta de sangue. A reunião do conselho devia estar a pleno vapor, e Sage esperava ser convocada e acusada a qualquer minuto. Torcia para que fosse logo. Ela já não gostava das manchas em sua roupa, de modo que devia ser ainda pior para o rei, que tinha que ficar deitado naquele sangue todo.

Quando o sol nasceu, Sage começou a ficar agitada. Queriam que tudo estivesse resolvido até o amanhecer, antes que o povo da cidade tivesse a chance de ouvir rumores sobre a morte de Banneth. Sinda provavelmente estava prolongando para gerar o máximo de pânico possível. Finalmente, ela e Nicholas foram convocados pelo conselho e cutucados pelos guardas com lanças durante todo o caminho. Pararam diante da mesa comprida, ainda usando as roupas de dormir, com mais de uma dezena de rostos hostis os encarando. Do outro lado da sala, Lani abriu um sorriso gélido.

O ministro Sinda se levantou e se dirigiu a todos, fazendo um longo discurso sobre como a nação havia abrigado duas víboras em seu seio, alegando que ele próprio tinha sido enganado pela aparência inocente deles e convencido pelas boas e ingênuas intenções de seu querido rei. Sage permaneceu calma durante todo o discurso, segurando a mão de Nicholas quando ele começou a tremer. Ela deixou Sinda dizer tudo o que queria. Seu conhecimento e sua história elaborada seriam usados contra ele assim que Banneth aparecesse.

Sinda terminou o discurso e se voltou para os demoranos.

— O que têm a dizer em sua defesa?

— Vocês não têm provas — disse Sage.

— Onde estava ontem à noite? — Sinda questionou.

— Depois de jantar com você e com a família real, fiquei acordada até tarde com a princesa Alaniah. Como deve lembrar, você pediu a mão dela em casamento. Tínhamos muito sobre o que conversar.

Os rostos em volta da mesa se entreolharam surpresos. Aparentemente, aquilo ainda não tinha sido mencionado. Era provável que o ministro quisesse esperar até sair como o herói da situação antes de dar a notícia.

Ele não se deixou abalar.

— Me lembro de outro acontecimento daquele jantar. Você não?

— A sobremesa foi creme de laranja.

— *Acha isso engraçado?* — Sinda berrou. Ela o havia abalado. Seu comportamento era muito diferente do esperado. — O rei está morto!

Sage piscou, inocente.

— Ainda não tínhamos chegado nessa parte.

Lani cobriu o rosto com as mãos e chorou, mas Sage desconfiou que estivesse rindo.

— Nosso querido rei me contou que pediu você em casamento.

Sage assentiu.

— É verdade. — Os homens voltaram a se agitar, em choque. — Mas por que eu aceitaria, se pretendia matá-lo?

— Não sei — disse Sinda. — Talvez fosse seu objetivo ao vir a Casmun: seduzir o rei para chegar perto o suficiente para assassiná-lo. Foi você quem “encontrou” o corpo dele no meio da noite.

— Mas não o matei — ela disse. Alex acreditava que os *dolofans* não teriam motivo para não envolver o ministro na conspiração, mas não podiam contar com aquela possibilidade, nem com a de que o conselho aceitaria o testemunho deles. Sinda teria de admitir o que havia descoberto sobre Nicholas, e se possível como, na frente de todos, para que o testemunho posterior de Alex soasse verdadeiro. A dúvida era se ele queria reter a informação por algum motivo.

Sinda apontou para um guarda, que colocou uma adaga ensanguentada em cima da mesa. O sf dourado cintilou sob a luz do sol que entrava pela janela.

— Essa arma é sua? — Sinda perguntou.

Sage mal olhou para a adaga.

— Você sabe que é.

— Ela foi encontrada escondida no jardim da família real, entre seus aposentos e os do rei.

— Isso não prova nada — Sage disse. — Pode ter sido colocada lá para me incriminar. — Estava adorando aquilo. A única coisa que a fazia se sentir mal era o medo de Nicholas. Ela apertou a mão dele para acalmá-lo. — Não ganho nada com a morte do rei. Como você mesmo apontou, perdi a chance de me tornar rainha de Casmun.

— Age com uma despreocupação incrível, srta. Saizsch. — Sinda se voltou para o conselho. — Será porque sabe que seu país está vindo ao seu resgate? É por isso que uma tropa de quatrocentos demoranos está a caminho de Osthiza agora?

Ela viu naquilo sua chance de voltar o foco para Nicholas.

— Se é verdade, parece que estão um pouco atrasados para salvar meu irmão e eu.

Sinda bufou.

— Seu irmão? — Ele se voltou para ela. — Ou seu príncipe?

Um murmúrio reverberou pelo conselho. Nicholas ficou ainda mais pálido, e Sage apertou os dedos dele outra vez. Quanto menos ela dissesse, mais Sinda usaria as informações que tinha para interrogá-la.

— Descobri isso interrogando o kimisaro que os seguiu até Casmun — Sinda disse aos homens em volta da mesa. — Uma informação que o general Calodan não se deu ao trabalho de investigar, devo dizer. — O rosto do ministro da Guerra ficou roxo de fúria. Sinda arqueou uma sobrancelha para Sage. — Nega que Nikkolaz é filho de seu rei? Que foi mandado para Casmun para dar ao seu país uma desculpa para invadir?

— São perguntas com respostas diferentes.

— Você vai pagar por sua traição! — gritou Sinda.

Darit estava parado ao lado das portas duplas que davam para a câmara e se virou para abri-las.

— Não cometi traição nenhuma, ministro — Sage disse, soltando a mão de Nicholas e dando um passo à frente. Todos na sala estavam tão concentrados que ninguém notou a abertura das portas. — Ao contrário de você, não tenho nenhuma obrigação com Casmun ou seu rei.

Com o rosto triunfante, Sinda balançou a cabeça.

— Não, mas vai ser julgada pelo assassinato dele. Assim como Nikkolaz.

Um sorriso surgiu nos lábios de Sage ao reconhecer os vultos sob o batente.

— Isso, eu acho difícil — disse Banneth.

A ÚNICA COISA MELHOR DO QUE A EXPRESSÃO do ministro Sinda ao ver Banneth foi ver Alex ao lado dele. Os dois entraram juntos na sala, o capitão três passos atrás do rei, enquanto o conselho irrompia em gritos. Alguns ministros se jogaram no chão de joelhos, agradecendo ao Espírito. A pele de Sinda assumiu um tom esverdeado que ficou mais intenso quando Lani se levantou para ficar ao lado de Sage.

Banneth tinha se lavado e trocado de roupa, parecendo imponente e controlado, ao contrário do resto da sala. Quando as coisas se acalmaram e todos voltaram a seus lugares — com exceção de Sinda, que estava paralisado —, ele pediu ordem ao conselho.

— Senhores — o rei disse, então parou para cumprimentar Lani e Sage. — Como todo o conselho está presente, invoco um julgamento de emergência, pelo bem da nação, para que possamos resolver este assunto de maneira rápida e decisiva.

Ninguém se opôs. Sage imaginou que todos estavam chocados demais para entender o que acontecia.

— A qualquer momento, um membro pode pedir um julgamento que encerrará a sessão caso o voto seja unânime a favor da culpa ou da inocência. O réu tem o direito de convocar qualquer testemunha em sua defesa até ser tomada uma decisão.

— *Palandret* — disse o ministro das Estradas com a voz fraca. — Quem está sendo julgado e sob que acusações?

— Dev Sinda é acusado de traição, conspiração e tentativa de assassinato do soberano. Tenho certeza de que poderíamos acrescentar suborno, mas não será necessário.

— Contesto — disse Sinda, recuperando a voz. — Nunca vou votar a favor da minha própria culpa; o julgamento é impossível.

Banneth havia previsto aquilo.

— O ministro das Finanças é noivo da princesa Alaniah. Segundo a lei, uma

relação tão próxima com a família real o exclui do cargo. Dev Sinda não é mais um membro votante do conselho.

Antes que Sinda pudesse protestar que não existia mais um conselho completo, Lani ergueu a voz.

— Indico Darit Yamon para a vaga de ministro das Finanças.

— Como rei, tenho o direito de fazer uma nomeação interina — disse Banneth. — Darit Yamon, você aceita?

Ele fez uma reverência.

— Sim, *palandret*.

— Que assim seja.

Guardas aparecem em volta de Sinda, tirando a adaga que ele carregava e o revistando em busca de outras armas. Sage ficou sem palavras diante da perfeita coordenação dos acontecimentos.

— Agora — disse Banneth, assumindo seu lugar à cabeceira da mesa. — Sugiro começar com minhas duas primeiras testemunhas, visto que uma provavelmente não viverá muito. — As portas se abriram e quatro guardas entraram com os *dolofans*. Diante do olhar de ódio do kimisaro apertando o estômago ensanguentado, Sinda entrou em pânico e disparou em direção à porta, mas os guardas foram mais rápidos. Alex ofereceu um par de algemas para prender o réu, o que pareceu muito justo.

A primeira e única votação foi realizada uma hora depois.

*

A lei casmuni exigia um dia inteiro entre a sentença e a execução. Duas manhãs depois, Dev Sinda foi levado ao bloco do carrasco na praça do mercado em frente à prisão. Embora parecesse calma e majestosa como sempre, Lani estava à beira de um colapso. Sage colocou o braço em torno da cintura dela para apoiá-la.

As acusações de conspiração, traição e tentativa de assassinato foram lidas em voz alta, e o veredicto e a sentença foram anunciados. Sinda permaneceu em silêncio, seus punhos algemados pendendo à frente. Seu cabelo desganhado e seu rosto enrugado não pareciam bonitos e elegantes, mas frios e calculistas.

Banneth deu um passo adiante, e a multidão soltou um suspiro de alívio. Apesar do fechamento imediato das portas do palácio, rumores sobre seu assassinato haviam se espalhado rapidamente, e o povo ficou contente ao ver que não eram verdadeiros.

— Tem algo a dizer em sua defesa? — o rei perguntou.

Sinda ergueu os olhos para Banneth com desprezo.

— Sua irmã renunciou à honra dela muito facilmente. Boa sorte para encontrar alguém que aceite se casar com ela. — Um murmúrio perpassou a multidão, e os joelhos de Lani ameaçaram ceder, mas Alex ajudou Sage a apoiá-la.

Sinda voltou os olhos para Sage e Nicholas.

— Mandem meus cumprimentos aos kimisaros quando voltarem para casa.

Os *dolofans* haviam falhado, mas a arrogância no rosto de Sinda revirou o estômago de Sage.

— Espere! — ela gritou em casmuni.

O carrasco parou o machado no meio do golpe e olhou para Banneth, que ergueu a mão para indicar que obedecesse. Sinda virou a cabeça e ergueu os olhos para ela.

— Pois não? — ele ironizou.

— Você enviou a ordem para a guarnição baixar a guarda assim que pensou que o rei estava morto, não? — Sage perguntou. — O desfiladeiro está aberto.

Ou estaria, em questão de dias.

Sinda apenas sorriu.

— *Bas medari*, Saizsch Fahler.

Ele se virou para recolocar o pescoço sobre o bloco de execução.

— Vamos acabar logo com isso.

OS DEMORANOS CHEGARAM A OTHIZA naquela noite e encontraram a cidade em alvoroço. Banneth estava organizando o máximo de tropas possível para marchar na manhã seguinte rumo ao desfiladeiro a oeste. A distância era longa, mas o solo do deserto era sólido o suficiente para suportar uma estrada que ligava a capital à fortaleza. Sete dias era considerado o tempo mínimo necessário. Banneth planejava fazer o trajeto em menos de cinco.

O rei estava ocupado, então Sage, Nicholas e Alex partiram para encontrar os demoranos, que montaram acampamento na planície fora dos portões da cidade. O embaixador Gramwell estava lá, como Sage imaginara, mas ela ficou surpresa ao encontrar Clare junto dele. Alex se aproximou do coronel Traysden e o saudou formalmente antes de pedir permissão para fazer seu relatório. Enquanto ele explicava tudo ao embaixador e aos oficiais, Clare atualizou Sage sobre o que havia acontecido no lado demorano.

A entrada de Sage e Nicholas em território Casmun se tornara conhecida em um dia. Enquanto Alex e dois voluntários tinham ido ao deserto atrás deles, Casseck voltara para o acampamento, ocupado pelo coronel Traysden, que assumira o comando dos norsaris. Remessas tinham sido enviadas para a capital e os demoranos haviam seguido os kimisaros até a base dos Catrix, onde tinham se voltado para o sul e entrado em Casmun. Os norsaris não haviam ido atrás deles. Mais tropas tinham chegado através do Jovan caso os kimisaros retornassem, mas os norsaris e a unidade do coronel Traysden haviam seguido para Vinova, prevendo a permissão de Tennegol para ir atrás de Nicholas pelo caminho mais longo. Assim que receberam a autorização, o embaixador e quase todos os soldados em Vinova tinham rumado para o sul. Graças ao que Sage e Clare haviam aprendido, os demoranos sequer consideraram tentar atravessar o deserto.

Os relatos terminaram quase ao mesmo tempo, e todos ficaram se entreolhando por um momento. O coronel Traysden limpou a garganta.

— Capitão, devolvo formalmente o comando do Primeiro Batalhão Norsari a

— você. Foi uma honra servir como comandante em sua ausência.

Alex bateu continência, e Sage pôde ver que ele estava à beira das lágrimas. O coronel retribuiu a continência, e a emoção passou.

— Então, capitão — disse Traysden depois que os oficiais se revezaram para apertar a mão de Alex e lhe dar as boas-vindas. — Quando partimos para o desfiladeiro?

Eles voltaram ao palácio com o embaixador Gramwell, Clare, a comitiva e a notícia de que os soldados demorados marchariam pela manhã. Banneth deu uma olhada nos cavalos estrangeiros e insistiu em oferecer montarias casmunis para os oficiais, dizendo que raças mais leves e esguias eram mais seguras em uma jornada pelo deserto. Alex pareceu um pouco ofendido, mas admitiu que os cavalos demorados estavam exaustos depois da viagem a Osthiza.

Lani ofereceu seu garanhão branco para Sage. Quando traduziram sua oferta a Alex, ele fez que não.

— Você vai ficar aqui com Nicholas.

Ela cruzou os braços.

— Quem vai escolher suas refeições e roupas se eu não estiver junto?

Ele abriu a boca para reclamar, depois a fechou e expirou.

— Vou ter de ver você partir por anos, Alex — ela disse, se aproximando e baixando a voz. — Me recuso a fazer isso quando tenho opção. — Ela encostou uma mão nos braços cruzados dele. — Vou me manter longe da luta, prometo.

Alex suspirou.

— É o momento errado para dizer o quanto você me lembra da minha mãe?

— É uma tentativa de me dissuadir?

— Só se funcionar — ele disse, descruzando os braços e dando um beijo na testa dela.

Dez minutos depois, Clare declarou que ia também.

— Sage não pode ir sozinha — ela disse. — Pense na reputação dela.

Alex revirou os olhos, mas nem tentou argumentar.

Partiram ao amanhecer, mas, em vez de seguir direto para a estrada, Banneth os guiou para o sul, até uma pedreira. Em frente a uma entrada aberta nas rochas, uma carroça era carregada com vasos de barro selados com cera. Toda vez que um vaso era colocado nela, um homem enrolava um pano em volta dele, provavelmente para que não quebrasse durante o trajeto.

— O que é isso? — Sage perguntou a Banneth.

— Venha, vou mostrar a você — ele disse, desmontando. — Traga Ah'lecks e os homens mais próximos dele.

Sage fez um sinal, e eles se reuniram em volta de um vaso que tinha rachado e sido deixado de lado. Banneth o pegou com cuidado e indicou que todos se afastassem, em seguida o jogou no chão. Em meio aos cacos de cerâmica havia uma gosma que parecia geleia de maçã. O rei derramou um pouco de água na mão e a respingou sobre a sujeira. Quando as gotas tocaram a geleia, ela chiou e queimou por alguns segundos.

— É uma arma antiga que a maioria dos casmunis nem lembra que possuímos — disse Banneth enquanto Sage traduzia. — A água é o que cria a chama. Nunca se deve tocar. Até o suor da pele pode dispará-la. — O rei deu mais um passo para trás do pote e da gosma e entornou um fio de água nele. Chamas subiram, fazendo todos se sobressaltarem. Diante de seus olhos, o calor do fogo transformou a areia e a pedra ao redor em vidro negro. — Chamamos de *dremvasha* — disse Banneth.

Fogoágua.

— É feita de óleo? — Sage perguntou, e Banneth confirmou. — Se colocada numa grande quantidade de água, vai flutuar e se espalhar?

— Sim. — Banneth pendurou o cantil de volta no ombro. — Isso já foi feito uma vez, muitos anos atrás. A devastação dura até hoje.

Sage observou a gelatina líquida deslizar pelo vidro até atingir a areia.

— Yanli — ela sussurrou, depois explicou para Alex o que havia descoberto.

Enquanto montavam nos cavalos e seguiam com as carroças carregadas, Sage olhou para trás e viu que as chamas ainda estavam acesas.

OS CASMUNIS E OS DEMORANOS CHEGARAM AO DESFILADEIRO cinco dias depois e encontraram a fortaleza abandonada. Alex e Banneth se preocuparam menos com o paradeiro daqueles homens e mais com organizar as defesas. O rei guiou o caminho pela abertura na rocha, que era larga o suficiente para que cinco homens montados atravessassem. Algumas dezenas de metros depois, porém, o desfiladeiro se abria numa área côncava grande o suficiente para abrigar cerca de mil homens antes de se estreitar novamente.

Alex examinou os contornos do lugar. O círculo quase perfeito não parecia natural. Quando questionara aquilo, o rei respondera que a área tinha sido minada deliberadamente como uma pedreira séculos antes. A ideia tinha sido criar uma primeira defesa a fim de impedir uma invasão. Se fracassasse, os invasores ainda teriam de atravessar a abertura estreita, onde os casmunis teriam uma segunda chance de derrotá-los usando a geografia.

— Mas isso significa que os homens podem ficar presos aqui, sem ter como bater em retirada — disse Alex.

— Sim — Banneth respondeu. — É a troca que fizemos para ter dois lugares para deter o inimigo: podemos nós mesmos ficar detidos. Mas não seria uma grande perda. Apenas de algumas centenas de homens.

Era um bom espaço onde combater com o número de soldados que haviam trazido, mas não haveria ninguém fora do desfiladeiro para lhes dar reforço.

— Acha que chegamos a tempo? — Alex perguntou. Seu maior medo tinha sido deparar com a retaguarda do exército kimisaro seguindo para o norte.

Banneth apontou para um lugar no chão onde a areia tinha uma aparência fluida.

— O rio acabou de secar. Se tivessem passado na última semana, saberíamos.

Perto deles, o coronel Traysden assentiu. Ele estava no comando de sua própria unidade, que era pequena para sua patente, mas não fazia menção de interferir na forma como Alex comandava os norsaris.

— Onde usamos o fogoágua? — Traysden perguntou.

O rei os guiou para fora da concavidade e dentro do desfiladeiro, largo o bastante para dez homens armados andarem lado a lado. Depois de cerca de quatrocentos metros, fazia várias curvas sinuosas. Ele parou e apontou para o alto das encostas quase retas do cânion.

— Aqui. Se conseguirmos espalhar fogo o suficiente enquanto estão de costas, tentando entrar na concavidade, talvez recuem.

Alex assentiu. Não era um plano ruim.

SAGE E CLARE FORAM DEIXADAS SOZINHAS enquanto os soldados se preparavam. O número de homens parecia patético quando se considerava quantos milhares poderiam chegar através do desfiladeiro. Outros soldados casmunis viriam depois, como reforço, mas, se os kimisaros chegassem nos próximos três ou quatro dias, a força que já estava lá seria tudo o que havia entre eles e Demora.

Foram construídos engradados para guardar os potes de *dremvasha*, que foram içados para uma beirada que percorria o comprimento do desfiladeiro a cerca de dez metros de altura. Barris de água foram posicionados perto para acender o fogoágua. Batedores se aventuraram nas profundezas do desfiladeiro, procurando sinais dos kimisaros em marcha, mas, pela estreiteza e pelas curvas frequentes, era difícil ver adiante na maioria dos lugares. Dependendo da velocidade a que os mensageiros conseguissem correr, só teriam algumas horas de vantagem.

Alex disse a Sage e Clare que, quando chegasse a hora, elas deveriam ficar na torre alta de vigia da fortaleza. Sage pretendia obedecer — quando chegasse a hora. Ele estava quase curado de seu tempo na masmorra, o que era um alívio, considerando que teria lutado em qualquer condição.

O segundo dia passou mais devagar do que nunca. Todos os barulhos lhe davam um sobressalto, e a mão de Sage estava dolorida de tanto apertar o cabo da adaga. Os homens também estavam irritadiços, brigando e discutindo por qualquer besteira. O tenente Casseck teve de apartar dois homens antes que saíssem no soco. Quando a noite caiu, Sage se sentou sob as estrelas com Alex, pronta para dormir no ombro dele depois de ficar tensa o dia todo.

— É sempre assim? — ela perguntou. — Antes de uma batalha?

— Normalmente — ele respondeu. — É por isso que alguns partem para a luta em desvantagem. São impacientes demais para esperar o momento certo.

— Pensar antes de agir não é meu forte — disse Sage. — Acho que eu não seria um bom soldado.

Alex roçou o nariz no cabelo dela.

— Meu amor, você é uma das pessoas mais fortes e valentes que eu conheço.
— Ele beijou o topo da cabeça dela. — Isso é inegável.

Era um dos maiores elogios que ele poderia fazer. Mas Sage não sabia se tinha a valentia necessária para o campo de batalha.

Alex se levantou de repente, quase a derrubando. Em volta dele, soldados se levantavam, incluindo o tenente Gramwell, que estivera sentado com Clare não muito longe dali. Gritos ecoaram pelo desfiladeiro. Alex ajudou Sage a se levantar, e ela resistiu ao impulso de se segurar ao braço dele para não o impedir de sacar a espada se precisasse. Dois homens entraram correndo pelo portão de pedra. Um caiu de joelhos, ofegante, e o outro se curvou e vomitou de tanto correr.

— Eles estão vindo — o homem no chão arfou. — Vão chegar ao nascer do sol.

Em questão de segundos, todos estavam se movendo. Alex puxou Sage pela cintura e a beijou.

— É agora — ele disse. — Vá para a fortaleza. Acompanhe tudo de lá. Se perdermos, você e Clare precisam voltar a Osthiza para contar o que aconteceu.

— E deixar você aqui? — Sage choramingou.

— Sim. — Ele encostou sua testa à dela enquanto ordens eram gritadas em duas línguas ao redor deles. — Me prometa isso, Sage. Não posso me concentrar aqui embaixo se não tiver certeza de que você está segura.

Ela assentiu, relutante, e ele a beijou de novo, devagar, como se tivesse todo o tempo do mundo. Em seguida, Clare puxou a mão da amiga, e as duas correram até seus cavalos já selados. Sage a guiou no caminho de volta pelo Gargalo, o último trecho estreito, ouvindo os relatórios de prontidão atrás delas. Fora do cânion, deram a volta pela direita e entraram no abrigo da fortaleza. Sage não queria deixar os cavalos selados — pareceria que estavam à espera de uma derrota —, mas tinha prometido a Alex se preparar para fugir.

Quando chegaram ao alto da torre, metade das estrelas havia se apagado. Fileiras de tropas se espalhavam lá embaixo, parecendo ridiculamente pequenas, mesmo na área contida da concavidade. O rosto de Clare estava branco como pergaminho; sua boca, tensionada numa linha fina.

— Estou arrependida de ter vindo — ela murmurou.

Sage ia responder quando viu o brilho das chamas refletido nas paredes de pedra que davam para o desfiladeiro. Aquilo era *dremvasha*? Deveria estar longe demais para ver.

Mas não, eram tochas carregadas pelas primeiras fileiras para iluminar o

caminho através do cânion escuro. Os kimisaros entraram na área aberta, parecendo surpresos ao encontrar oposição.

Os casmunis e demoranos atacaram.

Durante a primeira hora, o inimigo avançou pouco. Toda vez que ganhava alguns metros na concavidade, os aliados os rechaçavam. Sage podia ver os homens de seu lado se revezando, os da frente recuando para que a fileira mais descansada assumisse. O sol nasceu no horizonte, iluminando o campo de batalha através do Gargalo.

Se a *dremvasha* estava sendo usada, Sage não conseguia ver.

— Sage. — Clare puxou seu braço, mas ela estava concentrada na batalha, tentando identificar a figura daquele com quem mais se importava. — Sage.

— O quê? — ela retrucou, mais ríspida do que pretendia.

A torre de vigia da fortaleza era construída de maneira a permitir a visão tanto de dentro da concavidade como de fora do desfiladeiro. Clare apontou para a planície lá embaixo.

— Quem são eles?

Sage estreitou os olhos para uma coluna de figuras se aproximando ao norte, ao longo das encostas. Não podiam ser reforços — ninguém viria daquela direção. Ela guiou Clare pelos degraus da torre até uma janela de onde não seriam notadas pelo grupo que avançava. Os primeiros recém-chegados se aproximaram da entrada do cânion e, depois de uma breve conversa, entraram no desfiladeiro. Alguns minutos depois, voltaram e se reuniram com outros.

— Venha. — Sage desceu mais para encontrar um ponto de observação melhor, e Clare a seguiu.

— Parecem demoranos — Clare sussurrou, e Sage concordou. Suas roupas indicavam aquilo, mas estavam gastas e sujas, como se tivessem percorrido um longo caminho.

Sage se aproximou em silêncio da janela para ouvir a conversa deles.

Kimisaros.

Estavam falando sobre o que tinham visto na concavidade, concluindo que os que estavam de costas para eles lutavam contra seus compatriotas. Vários queriam entrar na batalha.

Sage avaliou seus números rapidamente, mas perdeu a conta duas vezes já perto de cem porque se movimentavam de um lado para o outro. Ela tinha certeza de que havia mais. Os casmunis e demoranos não estavam esperando ninguém vindo do leste. Com o sol nascente, sequer veriam os kimisaros até estarem logo atrás deles.

— O que vamos fazer? — sussurrou Clare.

HUZAR HAVIA TENTADO CHEGAR AO DESFILADEIRO antes da aurora, na esperança de conseguir entrar sorrateiramente sob a proteção da noite. Enquanto se aproximavam, ele não viu nenhuma luz na fortaleza de rocha; parecia não haver ninguém ali. Sem nada que os impedisse, decidiu continuar enquanto a luz do sol começava a aparecer no horizonte.

O som de gritos e metal contra metal ecoou da entrada do desfiladeiro, e Huzar enviou alguns homens para investigar. Havia luta na área circular depois da abertura estreita. Devia ser para lá que os homens da fortaleza tinham ido, para deter os kimisaros que vinham pelo desfiladeiro. Huzar não contava com muitos homens, não passavam de cento e trinta, mas os casmunis estavam encurralados na concavidade. Se chegassem por trás da batalha, os kimisaros poderiam cansar os casmunis em duas frentes. Huzar discutiu a possibilidade com os homens ao seu redor, que ficaram ansiosos para participar do combate.

Era o que soldados de verdade faziam — não se aliavam a traidores, não pegavam garotinhos como reféns. Não morriam sob deslizamentos de rocha. Enfrentavam seus inimigos como homens.

Huzar tinha organizado seus soldados em colunas e os instruía sobre como queria que se espalhassem quando um grito o interrompeu. Um cavalo branco veio em disparada dando a volta pela muralha da fortaleza, com um casmuni empunhando uma espada sobre ele. Os kimisaros se dispersaram por instinto e o cavaleiro entrou velozmente no desfiladeiro.

Droga. Quando os casmunis não estavam olhando para trás, Huzar tinha sido complacente quanto a quem poderia surpreender os kimisaros. O cavaleiro, porém, não havia atacado — só ia alertar os casmunis lá dentro.

Huzar havia perdido o elemento surpresa.

ALEX PASSOU PARA AS FILEIRAS DE TRÁS DOS SOLDADOS ALIADOS, aproveitando a chance de recuperar o fôlego. Gramwell estava perto dele, apoiado na espada, arfando.

— Cadê o maldito fogoágua? — Alex perguntou. — Não vi nenhum sinal dele sendo usado.

— Quer que eu vá olhar? — perguntou Gram.

— Talvez seja bom. — O bufo de um cavalo fez Alex se virar. Da luz dourada que atravessava o desfiladeiro, um cavaleiro se aproximava. Seguiu até o capitão e parou na frente dele.

— Alex! — Sage gritou para ele. — Graças ao Espírito! — Ela embainhou a espada que estava empunhando.

— O que está fazendo aqui?

Sage apontou para trás.

— Kimisaros — ela arfou. — Vindo de trás.

— De onde?

— Não sei — Sage respondeu. — Mas são mais de cem.

Alex pegou o homem ao lado dele.

— Virem-se! Todos, deem meia-volta! Estão vindo de trás! — Os soldados começaram a reagir, formando uma linha de retaguarda. — Sage, você precisa sair daqui!

— Não dá — ela disse. — Não até todos os kimisaros passarem.

Ela estava certa. Naquele exato momento, um norsari correu até eles, chamando o capitão Quinn.

— Aqui! — ele gritou.

Um homem do destacamento da *dremvasha* se jogou na frente de Alex.

— O fogoágua, senhor! Houve um deslizamento de rochas. Metade foi enterrado, com quase todos os homens. Não poderemos usar!

— Lá vêm eles! — alguém berrou, e dezenas de kimisaros saíram correndo da luz do sol.

Sage esporou o cavalo para entrar atrás da linha de combate. Alex a seguiu, ficando entre ela e os kimisaros.

— Escutei o que ele falou sobre a *dremvasha*! — ela gritou, então apontou para a trilha que subia o monte. — Não tenho como voltar... Me deixe ajudar lá em cima!

Alex a encarou por alguns segundos, depois assentiu e puxou o tenente Gramwell ao seu lado.

— Vá com ela, Luke!

Sage puxou as rédeas, deu meia-volta e partiu para o cânion.

SAGE ABANDONOU O CAVALO DE LANI quando o chão começou a ficar íngreme demais para ele e escalou a lateral do desfiladeiro sozinha. Ao chegar, parou para observar a batalha lá embaixo. Os kimisaros vindos de trás tinham mudado toda a dinâmica da luta.

Ela correu ao longo do topo da montanha, tentando ignorar o penhasco de doze metros à direita. O ar estava tomado pela poeira, e a pedra vibrava sob seus pés com o movimento dos soldados que passavam lá embaixo. Aquilo devia ter provocado o deslizamento de terra. Sage ergueu o lenço para cobrir o rosto e passou por cima de um braço que se sobressaía de uma pilha de terra e rocha. No último segundo, parou para passar os dedos na palma do cadáver, sussurrando uma oração rápida.

Havia alguns soldados à frente, cavando com as próprias mãos e com ferramentas improvisadas para soltar um engradado de *dremvasha* parcialmente enterrado na encosta. Eles conseguiram, mas o engradado estava cheio de terra. Dois homens o puxaram para a beirada, provocando um deslocamento de terra ainda maior. Sage gritou para saírem do caminho quando um pedaço da encosta se despedaçou e lançou o engradado pela beirada, junto com um dos homens. Ver o homem cair a deixou tão tonta que Sage teve que se virar e se agarrar à inclinação logo atrás.

Quando a poeira baixou, Sage estava de um lado de uma escarpa vertical, enquanto três homens do lado oposto seguravam outro engradado, que tinha sido aberto na lateral. Ela olhou para os kimisaros lá embaixo. *Dremvasha* e cerâmica estavam esparramados num monte recém-formado, e os kimisaros corriam por cima e em volta do deslizamento. Não havia sinal do homem que tinham perdido, e Sage torceu que, pelo bem dele, não tivesse sobrevivido à queda.

De segundos em segundos, outra fileira de kimisaros passava, rumo à entrada estreita da concavidade. O único jeito de botar um fim naquilo era acabar com os recém-chegados.

Sage olhou para trás, na direção dos homens do outro lado do deslizamento de

terra.

— Joguem tudo! — ela gritou, e sinalizou com a mão.

Um pote após o outro foi jogado, o som da cerâmica se partindo quase todo abafado pela movimentação lá embaixo. Só faltava a água, que estava ao lado dela. Sage se virou para encontrar os barris parcialmente enterrados. Começou a afastar as rochas com as mãos, grata por ainda estar com as luvas de equitação.

Um dos homens do lado da *dremvasha* gritou para que ela estourasse os barris em vez de desenterrá-los. Sage sacou a espada, mas o soldado gritou de novo e estendeu o braço sobre as pedras para lhe passar um machado. Aquilo funcionaria melhor. Ela estendeu a mão, mas não conseguiu alcançar, e ele teve de jogar o machado.

Uma olhada rápida garantiu que o resto da *dremvasha* logo seria derrubado. Sage segurou o machado com as duas mãos enquanto se virava para os barris e os golpeava na horizontal.

A lâmina ricocheteou, fazendo todos os ossos de seu corpo tremerem. Ela quase perdeu o equilíbrio. Firmou os pés e tentou de novo, mirando num ângulo para baixo. Só algumas lascas pesadas se quebraram, mas era melhor do que nada. De novo e de novo, Sage foi atingindo o barril, às vezes mudando o ângulo para tornar mais larga a abertura que se formava. Quando sentiu que faltavam poucos golpes, ela subiu sobre os barris do outro lado. Depois que a água fosse liberada, só teria alguns segundos para abrir outro barril antes que o cânion lá embaixo estourasse em chamas. Sage martelou o segundo até se sentir segura de que mais poucos golpes o fariam entornar água por cima da beirada.

Ela parou por um momento para olhar o caminho pelo qual tinha vindo. O tenente Gramwell subia correndo a trilha, coberto de terra e sangue.

— Tem kimisaros atrás de mim! — ele gritou. — Corra!

— Não posso! — ela berrou. — Tenho que abrir isto aqui!

Gram parou e avaliou a situação, depois assentiu.

— Certo! Vou detê-los! — Ele se virou e firmou os pés, segurando a espada com as duas mãos.

Para escapar, Sage precisava chegar ao outro lado. Ela passou por cima dos barris de novo, depois ergueu o machado para quebrar o primeiro deles. Com três golpes, o barril se abriu, entornando água do buraco até a *dremvasha* lá embaixo. Sage estava se posicionando para abrir o segundo quando Gramwell cambaleou para trás, caindo contra o barril, ofegante e com o rosto cinza.

Sage gritou o nome dele e soltou o machado para segurá-lo antes que ele escorregasse pela beirada, encharcando uma perna da calça no processo. O lado

esquerdo do corpo dele estava ensanguentado e, enquanto encaixava o braço em volta dele e o erguia para ficar ao seu lado, ela sentiu uma umidade quente através da manga.

Muito sangue.

O que havia acontecido? Sage não conseguia ver nenhum kimisaro na trilha. Ela o encostou na colina íngreme e apalpou o corpo dele, encontrando uma flecha cravada quase até o fim sob a caixa torácica. O ângulo mostrava que tinha sido atirada do vale lá embaixo. Sage sentiu luz e calor atrás de si quando a *dremvasha* pegou fogo, e rezou ao Espírito para que quem quer que tivesse disparado a flecha fosse pego pelas chamas em fúria.

— Fique parado — ela disse a Gramwell. — Vou tirar você daqui.

Mas a profundidade e o sangue mostravam que não havia nada que ela pudesse fazer. Sage tinha certeza de que a flecha havia perfurado o pulmão dele, e provavelmente o coração também.

— Não consigo... Não consigo... — Gramwell arfou, com sangue borbulhando em seus lábios azuis.

Não havia onde deitá-lo, então Sage colocou as mãos sobre o peito dele e o segurou em pé contra a encosta. Gramwell inspirou de forma trêmula, tentando encher os pulmões, mas com dificuldade. A poça de sangue sob ele aumentou.

— Clare — Sage disse, com o rosto sobre o dele. — Pense nela.

— Cla... Clare. — Gramwell engasgou, cuspiendo sangue.

— Isso. Pense no quanto a ama.

Sage continuou ao lado de Gramwell até ele não conseguir pensar mais.

HUZAR FEZ A CURVA CORRENDO E PAROU DE REPENTE, com a onda de calor e luz vinda do cânion lá embaixo. Na encosta rochosa, água entornava de uma abertura lateral de um barril semienterrado. Em vez de apagar as chamas lá embaixo, parecia aumentá-las. Que tipo de arma era aquela? Ele segurou a espada com força e deu mais alguns passos, à procura do demorano de cabelo cor de bronze com quem havia lutado alguns minutos antes. Do outro lado dos barris, o garoto a cavalo que ele havia seguido até a concavidade se empertigou e o encarou. Huzar paralisou ao reconhecer o rosto. Era aquela mulher.

Ele a tinha visto pela primeira vez perto de Tegann, quando ela subira numa árvore e derrubara seu falcão com um estilingue. Havia considerado atirar nela no momento; tinha uma mira certa, mas algo o impedira. Talvez o fato de que ela o lembrava de Ulara, a irmã que havia perdido para a fome três anos antes. De todo modo, a garota era relativamente inofensiva.

Ao menos fora o que pensara.

Ela tinha usado a mesma arma para derrubar seu segundo no comando quando perseguiam o príncipe ao longo do rio. Poucos minutos depois ele a tinha visto derrotar dois de seus homens que tentavam subir no barco em que ela estava com o príncipe — um morreu e o outro ficou gravemente ferido. Apesar de tudo, ele ficara grato por tê-la poupado da primeira vez, porque o Espírito sabia como aquele tipo de coragem era raro. A mulher e o capitão Quinn tinham sido seus dois maiores obstáculos no ano anterior, e ele não conseguia odiar nenhum deles.

Agora, ela estava diante dele com roupas casmunis, o cabelo curto voando emaranhado diante do rosto, a lateral do corpo coberta pelo sangue do companheiro, um olhar agressivo. Huzar hesitou.

Ela aproveitou para sacar a espada casmuni do cinto e brandir a lâmina curva num arco flamejante, refletindo a luz lá embaixo. O barril à sua frente se partiu ao meio com o golpe, fazendo voar litros d'água numa torrente.

Chamas explodiram lá embaixo, tão intensas que Huzar deu um passo para trás.

Triunfo cintilou nos olhos da mulher, mas a perda de peso dos barris vazando mudou tudo. A encosta tremeu, a terra deslizava pela beirada, sem ser contida pelos recipientes. Ao menos um dos outros barris caiu, e Huzar soube que não havia como deter o que quer que estivesse acontecendo lá embaixo.

A mulher se esforçou para sair do caminho, e Huzar a observou horrorizado subir na massa de terra deslizante, procurando desesperadamente algo em que se segurar, mas sem encontrar nada, até que ela também caiu pela beirada.

A QUEDA DE DEZ METROS FOI CONSIDERAVELMENTE MENOR graças aos deslizamentos de terra, mas ainda era uma distância e tanto.

Sage bateu o quadril no chão, estendendo a mão esquerda por instinto para se apoiar enquanto a direita protegia o rosto. A manga e a perna da calça esquerdas estavam encharcadas de sangue e água. Ela tombou sobre o monte de terra, rolando sobre potes estilhaçados de *dremvasha*, que explodiram em chamas com a umidade das roupas dela. Sage pensou que sentiria o calor, mas ele não veio, apenas a dor.

Sai, sai, sai!

No momento da queda, ela sabia qual era o caminho mais curto para fora das chamas, mas, enquanto gritava e se debatia, perdeu todo o senso de direção, todo o senso de dignidade.

Não encoste em nada!

Só ia piorar as coisas se sua roupa ficasse mais suja com aquela gosma. Sage se lançou na única direção que parecia possível e quase desmaiou com a onda de agonia. Gritando mantinha a consciência, tinha energia para avançar de novo.

E de novo.

E de novo.

Uma figura alta estava à beira do fogo, perto dela. Casseck. Ele estendeu a mão, e ela rolou e esticou o braço bom para ele, que o pegou e a puxou.

As chamas a seguiram pelo rio de fogo enquanto ele puxava e a fazia rolar no terreno arenoso. Parte da gosma se extinguiu antes de voltar a acender.

Mãos na cintura arrancaram sua calça. Metade da roupa tinha se queimado e o resto derretia junto à pele. Ela gritou enquanto as peças foram rasgadas. Sua manga já tinha se desfeito, mas Cass tirou as pontas também. E a luva. A luva grossa saiu, e Sage a viu em chamas. Havia protegido seu punho e sua mão, embora estivessem cheios de bolhas. De alguma forma, doía mais do que...

Através da névoa de dor, Sage conseguiu se concentrar na perna, que estava vermelha como carne crua, com pedaços cinzentos de tecido grudados a ela. A

garota estendeu a mão direita, pensando em arrancá-los, mas Casseck a segurou para impedir.

— Só quero tirar, ali não está doendo — ela disse. Pareciam ilhas de calma no mar de agonia que era o lado esquerdo do seu corpo.

E então ela viu seu braço, perto o bastante para, mesmo com a visão turvada, compreender que não se tratava de tecido, mas de pele carbonizada.

Sage não sentia dor porque não conseguia mais.

Ela baixou os olhos para a perna, cuja pele borbilhava, e novas ondas de dor tomaram conta. Então mergulhou num oceano de agonia e deixou a escuridão das profundezas envolvê-la.

DEPOIS DO DESLIZAMENTO DE TERRA, todos tinham ficado parados, em choque com a explosão de chamas, luz e calor. Mas Alex só conseguia pensar numa coisa: Sage.

Ele perdeu a conta de quantos homens matou ou mutilou para chegar até ela. A maioria estava fugindo, não lutando, mas ele não fizera distinção enquanto abria caminho com a espada. Eram obstáculos, nada mais.

Casseck já estava lá, curvado sobre Sage perto de um rio de chamas que fluía de um monte enorme de areia e vidro. Alex caiu de joelhos ao lado dela e analisou a situação. Cass já havia arrancado as roupas atingidas, embora Alex desconfiasse que a maioria tinha sido consumida pelo fogo. O braço e a perna esquerdos dela estavam expostos, vermelhos e cobertos por pedaços nauseantes de preto, mas Sage não parecia em risco de se queimar mais. Ele apalpou o pescoço dela, orando para encontrar pulso, o que de fato encontrou, ainda que superficial e rápido. Estava viva, embora inconsciente, o que era melhor para ela.

Chamas se lançavam do alto da pilha de terra. As próprias pedras pareciam derreter, embora fosse difícil saber pelas ondas de calor. Os córregos derretidos avançavam devagar, crepitando das fendas entre as rochas perto da base. Ele precisava tirá-la dali, mas como? Se a aninhasse do lado esquerdo, apertaria os ferimentos, mas talvez os protegesse mais. Se a segurasse do outro lado, talvez concentrasse a pressão em determinados pontos, causando mais danos.

— Preciso de uma coberta — ele gritou para Casseck. O tenente se levantou com um salto e correu. Alex colocou o braço em volta dos ombros de Sage e a ergueu contra si, com a boca em seu ouvido. — Estou aqui, Sage — ele sussurrou. As costas dela se arquearam, e os cílios tremularam contra seu pescoço. — Fique comigo. Vou tirar você daqui. — Ele encostou os lábios na testa cheia de fuligem.

Pelo Espírito, era exatamente como havia acontecido com Charlie...

O som de uma espada sendo desembainhada o fez erguer os olhos. Casseck estava entre eles e um soldado kimisaro com roupas demoranas. Tatuagens

tribais decoravam seus antebraços expostos. O homem ergueu as mãos, com as palmas para cima, depois as levantou devagar para baixar o manto da cabeça. Não era muito mais velho que o próprio Alex, mas parecia muito mais cansado. Seus olhos castanhos observavam além de Casseck, na direção de Alex e Sage. Parecia reconhecê-los, embora Alex não se lembrasse de tê-lo visto antes.

— Para trás! — Casseck gritou mais alto que o rugido do fogo. Eles não tinham tempo a perder para tirar Sage dali.

O homem balançou a cabeça e baixou as mãos para desatar o nó no pescoço. Devagar e propositadamente, ele tirou o manto e o estendeu.

— Levem — ele disse em demorano. — Tirem-na daqui.

O kimisaro tinha uma adaga na cintura, então Cass pegou o manto sem baixar a espada. O homem recuou em seguida, as mãos erguidas novamente, até desaparecer na fumaça.

Alex nem considerou que poderia ser um truque, mas Casseck não deu as costas enquanto levava o manto até ele. Depois de um momento de hesitação, cravou a espada no chão e estendeu o tecido áspero para perto de Sage.

O capitão pegou uma ponta do manto e o puxou sob o tronco dela, enrolando o resto de modo que Sage ficasse deitada sobre o lado direito. Em seguida, dobrou a ponta em volta dela, formando uma rede. Alex pegou a espada e se levantou, e os dois a ergueram juntos.

— Por aqui! — ele gritou, puxando sua ponta. Casseck o seguiu fumaça adentro.

ELA ESTAVA DEITADA DE VIÉS, de maneira que seu peso se apoiava no lado direito e nas costas. O lado esquerdo do corpo doía demais, latejando como se tivesse sido atingido por mil adagas. Mesmo assim, quando acordou com alguém limpando a areia e a terra de suas feridas, se sentia melhor do que antes. A mandíbula de Sage doía de tanto morder a faixa de couro que tinham colocado em sua boca. Ela gritou e se debateu no começo, até perceber que Alex a segurava junto a si como podia. Ele sussurrava em seu ouvido, tentando tranquilizá-la, mas sem conseguir esconder o choro. Sage se concentrou na voz dele e conseguiu se aquietar. Parou de se debater, exceto pelas contrações e os espasmos que não conseguia evitar. Lágrimas do rosto de Alex caíam e se misturavam às dela.

Um tecido úmido foi estendido sobre seu corpo para impedir que as feridas ressecassem. A maior parte da perna, do quadril e do tronco tinha queimado, formando bolhas enormes e dolorosas que se encontravam e estouravam antes de descamar, deixando a carne viva gotejante. Partes da coxa e da panturrilha, além de uma região do braço, tinham queimado a ponto de carbonizar. A mão dela, porém, mal tinha chamuscado, protegida pela luva grossa. Sage só olhou para suas queimaduras uma vez. Era mais do que o suficiente.

Alex se dedicou a cuidar dela, sendo gentil quando ela precisava, mas também severo quando resistia. De horas em horas, ele espalhava um bálsamo oleoso e pungente sobre as queimaduras, murmurando pedidos de desculpa por machucá-la. Sage não precisava mais da faixa na boca para suportar o tratamento. Duas vezes ao dia ele a obrigava a se alongar e mover o braço e a perna em várias direções, dizendo que era necessário para manter a flexibilidade dos músculos, dos tendões e da pele. Durante os exercícios, Sage soltava uma sequência de palavrões, mas ele apenas sorria e dizia que ela precisava ser mais criativa. De hora em hora, Alex a fazia beber água e um caldo — cheio de sedativos, ela tinha certeza.

Com frequência Clare também estava lá, afagando seu cabelo enquanto Alex

tirava a pele morta. O rosto da amiga estava sempre retraído e pálido, e seus olhos vermelhos nunca focavam em Sage, mesmo quando conversava para distraí-la do trabalho de Alex. Apesar da dor e dos remédios, Sage não se esquecera de como o tenente Gramwell havia morrido, mas não sabia como dizer a Clare que sentia muito.

— Impedimos a invasão? — ela perguntou a Alex certo dia.

Ele assentiu.

— Depois que o exército foi separado, a maioria dos kimisaros se espalhou. Não acho que Casmun ou Demora precisem se preocupar com uma invasão por aqui durante muitos e muitos anos. Há uma muralha de vidro negro bloqueando o caminho, graças a você.

Em outro momento, ela perguntou sobre Gramwell, mas não ficou surpresa quando Alex disse que não o haviam encontrado. Ele provavelmente fora enterrado pela muralha de pedra derretida.

A bela espada dela também se perdera. Sage foi a única que se incomodara com aquilo. Banneth disse que mandaria fazer outra assim que voltasse a Osthiza.

— Assim como seu amigo, ela pereceu enquanto nos salvava, e não há honra maior que essa — ele disse.

Aquilo dificilmente consolaria Clare.

Levou quase duas semanas para que Banneth e Alex concordassem que Sage podia ser transportada. Viajaram devagar pelo bem dos feridos, que eram muitos. Ao todo, mais de uma dezena de norsaris tinha sido perdida no cume ou na concavidade, além de dez outros soldados demoramos. Banneth perdera cerca de quarenta homens, e Sage chorou um dia inteiro quando soube que Darit havia sobrevivido, mas perdido o braço esquerdo.

Antes que a colocassem na carroça, Alex enfaixou as queimaduras pela primeira vez e a ajudou a vestir uma roupa que Clare tinha costurado especialmente para cobrir onde a pele podia ser tocada. Era um traje estranho, com aberturas em lugares esquisitos para tornar mais fácil colocar e tirar, mas era melhor do que as cobertas que viviam escorregando. Antes da viagem, Sage não tinha dado valor à imobilidade com que era mantida. O balanço constante da carroça lançava ondas de dor que a lembravam os primeiros dias. Depois de uma hora, ela implorou por mais dos opiáceos que Alex vinha tirando aos poucos. Ele fez uma careta, mas cedeu.

Por volta do décimo dia de viagem, Sage precisou de doses mais altas e frequentes para manter a dor sob controle. Passara a gostar das horas de torpor,

quando não tinha de pensar ou se lembrar do que havia acontecido. Quando pediu um sedativo depois de pararem uma noite e Alex recusou, ela gritou com ele. Alex tentou abraçá-la, mas Sage se debateu até a dor ser forte demais, então se deixou cair no peito dele, chorando.

— Desculpe — Alex sussurrou enquanto a embalava. — Não deveria ter deixado você tomar por tanto tempo, mas não aguentava vê-la com dor.

— Então me deixa tomar agora — ela soluçou. — Quero esquecer.

Alex pareceu confuso.

— Esquecer o que, Sage?

— Gramwell, Charlie... — Ela continuou: — Os guardas no quartel, os homens no rio, os kimisaros no desfiladeiro... matei todos. — Alex não disse nada, só continuou a abraçá-la. — E eu mesma.

— Você?

Era egoísta. Ela estava viva e deveria se sentir grata, mas não era o caso.

Alex deu um beijo na testa dela.

— Você vai ficar bem. Só precisa de tempo.

Sage não queria dizer aquilo, mas estava com dor demais para conter suas palavras.

— Vou ficar cheia de cicatrizes.

— Provavelmente. — O sorriso irônico de Alex era obscurecido pelas lágrimas em seus olhos. — Vai me superar em feridas de batalha. Não sei se vou conseguir alcançar você.

Ela tentou rir, mas os medos e as emoções que havia afastado com as drogas nas semanas anteriores voltaram com tudo, exigindo ser sentidos. Sage chorava descontroladamente enquanto era atingida por eles.

Alex permaneceu em silêncio, mas a abraçou junto a si até ela pegar no sono, exausta.

OS DIAS SEGUINTEs FORAM LONGOS E TERRÍVEIS. Sage teve a vaga noção de que Alex insistia em parar por ela, mas Banneth, Clare e a maior parte do grupo queriam seguir em frente. O único alívio para a dor que ele a deixava ter era o bálsamo para queimadura que ainda aplicava várias vezes ao dia e que não chegava nem perto de ser o suficiente. O humor de Sage mudava violentamente da raiva para a depressão, e ela quase não conseguia comer sem vomitar. Tentava apelar a Casseck, mas ele balançava a cabeça com tristeza, ficando do lado de Alex.

Ninguém lhe dava ouvidos, então Sage gritava, tinha surtos e mergulhava em um silêncio emburrado. Ou ficava deitada chorando, triste demais até para levantar a cabeça.

Às vezes, sentia tanto frio que tremia como se estivesse numa tempestade de neve. De repente, estava arfando de calor, o suor encharcando seu cabelo e pingando em suas feridas, queimando como chumbo derretido.

E havia a dor. Sempre a dor.

Dor que coçava e dor que trespassava. Dor que retumbava como um trovão e dor que queimava como um raio. Ela tinha a sensação de que sua pele era costurada ou estava coberta de insetos rastejantes. Amarraram suas mãos e seus pés como um porco abatido para impedi-la de se coçar.

Sage também tinha pesadelos.

Sonhava com fogo, que estava presa embaixo de uma muralha derretida de vidro negro. Certa noite, sonhara que amputava o braço e a perna queimados, enquanto Alex observava horrorizado. Mas nem em seus pesadelos ele a deixava, e estava sempre lá quando acordava, rouca de tanto gritar.

Em certo momento, ela viu seu pai, ou pensou ter visto. Ele entrou no acampamento e sentou perto da fogueira sem olhar para Sage, mesmo quando gritou por ele. Alex a obrigou a encará-lo enquanto ela tentava dizer a ele o que havia visto. Alex insistiu que Sage estava enganada. Quando olhou de novo, seu pai tinha ido embora, e ela chorou a noite toda.

Até que, certa manhã, Sage acordou lúcida e alerta — e com fome. Sentou-se com cuidado, contorcendo-se de dor, e observou ao redor. Estavam acampados ao pé de duas colunas de pedra — o Portão do Protetor, próximo a Osthiza.

Alex estava deitado ali perto, ao lado de um balde em que ela se lembrava de ter vomitado várias vezes. Ele tinha olheiras escuras e marcas de lágrimas no rosto. Um movimento perto da fogueira em brasa chamou a atenção dela, que viu Casseck agachado, reacendendo a chama sob a luz cinza do alvorecer. Ele teve um leve sobressalto quando a viu.

Alguns segundos depois, estava desamarrando os punhos dela e lhe dando um copo d'água.

— Como está se sentindo? — Cass perguntou em voz baixa.

— Como um potro recém-nascido — ela respondeu. Suas mãos não paravam de tremer, mas de um modo diferente daquele dos dias anteriores. De certa forma, era um tremor mais limpo. — O que aconteceu?

— Tivemos que esperar o remédio sair do seu organismo. Já tinha ouvido falar disso em casos de recuperação de ferimentos graves, mas é muito diferente ver acontecendo. — Cass olhou para Alex. — Ele ficou do seu lado o tempo todo.

Lembranças emergiram na mente de Sage, mas ela não sabia quais eram reais e quais eram alucinações.

— Cheguei a bater nele?

Cass sorriu com tristeza.

— Uma ou duas vezes. Mais arranhou, na verdade. Com seus machucados, era difícil segurar você.

Ela ficou vermelha de vergonha.

— Quanto tempo demorou?

— Esta é a oitava manhã.

— *Oito dias?* — Ela derrubou o copo e cobriu os olhos. O braço esquerdo latejou com o movimento.

Alex se agitou e se sentou, subitamente acordado.

— O que está acontecendo?

— Acho que ela está fora de perigo — Cass disse, voltando a encher o copo de água.

Alex engatinhou para perto dela, e Sage estendeu o braço para tocar os arranhões vermelhos no rosto e no pescoço dele. Ela tinha feito aquilo.

— Desculpe. Ah, Alex, me desculpe.

Ela chorou.

— Não, não — ele disse, puxando-a com cuidado para seus braços fortes,

como havia aprendido a fazer nas semanas anteriores. — Acabou, meu amor. — Alex a embalou e acariciou seu cabelo enquanto a beijava de novo e de novo. — Só estou feliz em ter você de volta.

ELES FICARAM EM OTHIZA POR MAIS DUAS SEMANAS. Depois desse período, a maior parte da pele queimada de Sage tinha cicatrizado. Estava rosa e brilhante — e como coçava! Pelo menos ela tinha voltado a usar roupas normais. Ainda sentia falta do alívio dos opiáceos que tinham lhe dado, e duas vezes caíra aos prantos.

Clare a evitava na maior parte do tempo — tanto que, por dois dias, Sage achara que ela havia partido para Vinova com o embaixador Gramwell, o coronel Traysden e Nicholas. Tinha medo de perguntar, de ter a confirmação de que sua amiga havia partido sem se despedir. No terceiro dia, no entanto, Clare apareceu em seu batente. Sage olhava seus vestidos tentando decidir quais levar para Demora. Ao ouvir Clare limpando a garganta, ela ergueu os olhos, surpresa, e derrubou alguns. Por meio minuto, ficaram se encarando sem jeito, então Clare entrou e parou na frente dela.

— Eu te odeio — ela disse. — Te odeio porque você sobreviveu e ele não. Te odeio porque ele morreu salvando sua vida. Te odeio porque você ainda tem o capitão Quinn e eu... — Clare perdeu a voz. Tudo o que Sage podia fazer era ficar ali enquanto sua amiga tentava se controlar. — Lani me mandou falar tudo isso. Disse que faria com que eu me sentisse melhor.

— E funcionou? — Sage perguntou.

Clare balançou a cabeça, com lágrimas escorrendo por suas bochechas.

— Me sinto pior, porque nada disso é verdade. Sentiria tanto a sua falta quanto sinto a dele. Mais, até.

— Clare, eu faria de tudo para trazer Gram de volta. Se achasse que poderia voltar e desenterrá-lo com minhas próprias mãos, faria isso.

— Eu sei — ela disse, fungando e secando os olhos. — Me desculpe.

— Você não tem que pedir desculpas.

— Como pode me perdoar tão fácil?

Sage se sentou na beira da cama e arrumou o vestido sobre a pele sensível da perna.

— Porque eu entendo. Quando meu pai morreu, eu sentia ódio de todo mundo,

até daqueles que cuidaram de mim.

— Quanto tempo demorou para superar? — Clare sussurrou.

— Anos. Às vezes acho que ainda não superei. — Ela apertou a mão de Clare.

— Mas só melhorou quando comecei a falar sobre ele. Você já está em vantagem.

Banneth deu um banquete em homenagem a Sage na última noite dela em Osthiza. Lani mandou preparar os pratos favoritos da amiga. Queria conversar o tempo todo sobre os planos de casamento dela.

— Lani, falta quase um ano e meio. — Sage lançou um olhar preocupado para Clare, cuja compreensão da língua casmuni era boa o suficiente para entender do que falavam.

— Acho que vou visitar você no próximo verão para podermos planejar. — A princesa jogou a longa trança preta por cima do ombro.

— Você sempre vai ser bem-vinda em Demora, mas no inverno fica muito frio.

— Então vou ter de encontrar alguém para me aquecer — ela disse alegremente. Em seguida lançou um olhar para o tenente Casseck, que estava comendo à direita dela, sem desconfiar do que a princesa tinha dito. Sage quase engasgou. Lani deu de ombros. — Mas não estou com pressa. Sei que os homens demoranos só podem se casar depois dos vinte e quatro anos.

— Isso é só para oficiais do exército demorano — Sage disse depois de engolir.

— Tanto faz — Lani disse, tomando um gole de vinho. Ela encontrou o olhar de Casseck e sorriu. Ele pestanejou, surpreso, então retribuiu o sorriso, sem entender.

Banneth se inclinou para perto de Sage e falou baixo.

— Sugiro que você ensine a ele mais do que “por favor” e “obrigado” antes de nos encontrarmos de novo. Senão ela vai convencê-lo sem que ele ao menos entenda com o que está concordando.

A jornada para o norte foi tranquila. Banneth os acompanhou até chegarem à última grande cidade ao longo do rio Kaz. De lá, seguiram para Vinova, mas o embaixador Gramwell não estava lá, então só descansaram brevemente antes de continuar pela estrada Jovan. No jantar numa hospedaria, certa noite, receberam várias remessas de Tennegol.

Alex passou dezenas de pergaminhos para seus homens. Todos os norsaris receberam uma condecoração do rei, assim como Sage e Clare. O capitão leu a mensagem por cima do ombro dela enquanto Sage corava e o cutucava com o

ombro.

— Nada mal para alguém com apenas dezoito anos — ele disse. — Mas é claro que na sua idade eu já tinha umas duas ou três dessas.

— Tinha nada!

Ele sorriu e beijou a ponta do nariz dela.

— Não, não tinha.

— Sobre o que são as outras mensagens? — ela perguntou.

— Vamos ver... — Alex revirou a bolsa. — As últimas duas têm selos de ordens oficiais no lugar dos laços chiques. São para mim e para os norsaris, e...

— Alex perdeu a voz ao ver os dois alfinetes de prata fixados no pergaminho.

Sage se inclinou para olhar.

— Promovido para major, hein? Nada mal para alguém da sua idade.

Alex balançou a cabeça.

— Você não sabe de nada. — Ele tirou os alfinetes e os enfiou no bolso. — Não conte a ninguém. Nem posso usar já que estou sem o uniforme. Ficariam estranhos com isso. — Ele apontou para sua calça e seu colete casmuni.

— E a outra? — Sage perguntou.

Alex semicerrou os olhos para ler o segundo pergaminho.

— É para você. Meu tio tem planos, aparentemente.

— Interessante — Sage disse, pegando a carta. Ela rompeu o selo, e um bilhete menor de aparência extraoficial com três caligrafias diferentes caiu. Sage o abriu primeiro, encontrando uma correspondência pessoal da rainha e das duas princesas.

Querida Sage,

Não tenho como expressar minha gratidão pelo que fez para proteger meu filho. Ele nos contou inúmeras vezes, e todos estamos ansiosos para ouvir seu relato mais modesto dos acontecimentos, mas desconfio que terá de esperar. Você tem obrigações mais importantes agora, que servirão ao reino como um todo, mas vamos sentir sua falta de qualquer maneira. Por favor, lembre que, se houver algo que possamos fazer, é só pedir, pois estarei sempre em dívida com você.

Com afeto,

Orianna March Devlin

Os dois parágrafos abaixo eram de Rose e Carinthia, implorando para que se lembrasse delas com carinho. Rose insinuava fortemente que estava mais do que disposta a visitá-la, caso Sage se sentisse solitária. Todas se referiam ao que devia estar no pergaminho oficial, que ela percebeu que deveria ter lido antes.

Ela sentiu um frio na barriga enquanto desenrolava a proclamação real.

Tendo em vista a aposentadoria permanente do embaixador Lord Gramwell, a srta. Sage Fowler é convidada por sua majestade, o rei Raymond II, a servir como embaixadora na nação de Casmun, representando a Coroa em questões relativas à abertura e à instauração de rotas e leis de comércio, julgando questões de cidadãos demoramos ali, representando nossos interesses e mantendo a comunicação aberta e clara entre ambas as nações. Por enquanto, o cargo deve ser exercido da fortaleza de Vinova, perto da fronteira entre as duas terras. Todas as honras e necessidades ao posto e suas obrigações serão providenciadas.

Assinado,

H. M. Raymond II

Sage ficou paralisada com a carta nas mãos. A honra da oferta e a confiança nela eram inebriantes, mas seu coração se apertou. Ela ergueu o rosto com lágrimas nos olhos.

Alex estava com a boca comprimida enquanto lia suas ordens.

— Basicamente o que eu esperava. De volta à capital para buscar mais recrutas, depois ao treinamento. O rei quer formar um batalhão completo de norsaris até o próximo verão. Por isso a promoção, imagino. — Alex passou as ordens para Cass e franziu a testa ao ver a expressão de Sage. — O que há de errado?

— Ele me nomeou embaixadora junto a Casmun.

— Mas isso é maravilhoso — Alex disse, pegando o papel das mãos dela. A expressão dele ficou séria ao ler. — Vinova — ele sussurrou.

Sage balançou a cabeça.

— Não vou com você.

Casseck estava lendo as ordens dos norsaris em voz alta, para o grande entusiasmo dos homens na taverna, mas nem Sage nem Alex prestavam atenção ao barulho. Sem dizer uma palavra, Alex pegou a mão de Sage e a guiou até o quarto dela no andar de cima, depois trancou a porta atrás de si e a envolveu em seus braços.

— Pensei que ficaríamos juntos pelo menos durante a viagem para Tennegol — Sage engasgou.

Alex acariciou as costas dela e encostou a bochecha no topo de sua cabeça.

— Eu também.

— Odeio isso!

— Eu sei, mas agora é tarde demais para eu me dedicar à agricultura.

Sage riu baixo e secou os olhos na camisa dela, sentindo o cheiro dele. Em nome do Espírito, eles só tinham algumas horas.

— A decisão é sua — Alex sussurrou. — Você pode recusar. Já contribuiu com muita coisa.

Ela bufou.

— Você sabe que não vou recusar. Não quando o reino precisa de mim.

— Os dois reinos precisam de você. Sei disso. Foi só uma esperança boba. — Ele continuou segurando-a junto a seu corpo.

— Clare pode ir comigo... Preciso de companhia, e ela já sabe tanta coisa... Não pode ser mandada de volta para o pai. Ele é horrível. Vai arranjar outro casamento para ela em menos de um mês.

— Vou avisar meu tio. Tenho certeza de que ele não verá problema.

— Alex? — Os dedos dela apertaram a camisa dele. — Fique comigo esta noite. Por favor. Temos só mais algumas horas juntos.

Ele engoliu em seco.

— Certo. Só me prometa...

Ela assentiu.

— Vou me comportar, juro.

— Bem. — Alex deu um meio sorriso, e o coração dela parou por um segundo. — Não me importo se você não se comportar *tanto* assim.

Epílogo

UMA SEMANA DEPOIS DA BATALHA, Huzar guiava os sobreviventes kimisaros que conseguira reunir através do desfiladeiro ao sul. Ele tinha se aproximado sozinho do acampamento casmuni, depois que tudo havia acabado, carregando uma bandeira de trégua improvisada, e mandara chamar o capitão Quinn. Quando o demorano o encontrara, reconhecera Huzar imediatamente e mandara que o manto dele fosse trazido. Era a última coisa que o kimisaro esperava, mas o aceitara com um agradecimento.

— Não — Quinn havia dito. — Eu que agradeço.

Huzar dobrara o manto sobre o braço tatuado.

— Ela vai sobreviver?

Uma onda de dor perpassara o rosto do demorano.

— Só nos resta torcer agora. Mas ela é forte.

Huzar sorria de leve antes de limpar a garganta.

— Vim pedir a libertação de meus compatriotas, para que possam voltar para casa.

Quinn cruzara os braços.

— E por que eu permitiria isso?

— Por favor — Huzar dissera simplesmente. — Somos apenas soldados seguindo ordens. Com certeza você entende isso. — Ele apontara para o desfiladeiro. — A ameaça passou. Nos deixe voltar para casa.

Quinn o observara por alguns segundos.

— Seu demorano é muito bom.

— Sim, passei um bom tempo no seu país.

Quinn arqueara uma sobrancelha.

— É o que parece.

Huzar baixara os olhos.

— Fomos abandonados e isolados pelos D'Amiran. Tudo o que fiz no último ano foi para voltar a Kimisara. Não poderia me denominar um comandante se não tentasse de tudo para conduzir meus homens para casa.

Finalmente, Quinn assentira.

— Vou falar com o rei casmuni.

No fim, Banneth entregara os prisioneiros e Huzar os guiara de volta a Kimisara, esperando retornar a uma nação ainda mais destruída do que quando havia partido, quase dois anos antes, mas não tinha aonde mais ir. Ao menos não podiam esperar que ele voltasse à guerra. A maioria do exército tinha se dissolvido depois que se espalhara a informação de que o rei Ragat havia caído do cavalo e sido pisoteado na correria para fugir do rio de fogo.

Huzar e os sobreviventes viajaram devagar, carregando muitos feridos. Desviaram da muralha incandescente de vidro negro usando o penhasco rochoso acima. Depois, seguiram o cânion através das montanhas, sem nem se dar ao trabalho de montar uma retaguarda. No fim do desfiladeiro, encontraram um comboio de provisões abandonado e revirado. Como não havia ninguém de patente mais alta, Huzar assumiu a responsabilidade de dispensar os kimisaros com ele de suas obrigações militares.

Em seguida, permitiu-se alguns dias de descanso e se alimentou das provisões dos destroços das carroças antes de partir com alguns companheiros. A época de colheita se aproximava, e certamente ele estava em sua terra. Três dias depois, encontrou tropas reais na estrada. Quando descobriram quem era Huzar e onde havia estado, o escoltaram até a baronia local, onde aconteciam os julgamentos regionais.

Pela primeira vez em sua vida, Huzar ficou frente a frente com a realeza. Com quase trinta anos, a rainha Zoraya tinha metade da idade do marido. Sua pele morena era quase dourada e seu cabelo era tão preto que parecia ter uma camada azulada. De perto, dava para ver as rugas em seu rosto pela extenuação de anos de aridez, contando apenas com um filho para protegê-la da dispensa de que haviam sido alvo as duas esposas anteriores de Ragat. O menino tinha apenas cinco anos, e era herdeiro de uma terra de cinzas.

— Os ministros do meu marido não acharam conveniente me contar tudo o que aconteceu — ela disse, apertando os braços da cadeira que servia de trono improvisado. — Talvez você possa esclarecer os acontecimentos.

Huzar contara tudo o que havia ocorrido desde que partira de Kimisara. Embora não soubesse nada sobre o rei Ragat, elogiara sua bravura na batalha, mas a rainha só tinha bufado e revirado os olhos. Quando a narrativa chegou ao fim, Zoraya se levantou e andou de um lado para o outro da plataforma à frente dele.

— Você foi um filho muito leal de Kimisara, capitão. Não tenho como

recompensar o serviço que prestou ou sua honestidade agora.

— Vivo apenas para servir, minha rainha — ele disse.

Ela parou à sua frente.

— Deve entender como minha posição é precária. Meu filho é o rei e posso ser regente por lei, mas sou desprezada a todo momento por aqueles que usurpariam da minha posição e roubariam o poder para si.

— O que minha rainha deseja de mim?

— O país está se recuperando da fome, mas a morte do rei e o fracasso da campanha dele podem nos mergulhar de volta no caos. Preciso projetar força e conseguir estabilidade. Homens honestos e leais me são necessários. — Ela estendeu a mão direita, seus olhos azuis-safira penetrando a alma dele. — Posso contar com seus serviços?

Huzar fitou os anéis em todos os dedos da mão lisa da rainha.

— Posso antes perguntar o que minha rainha planeja fazer? Me perdoe, mas não sei como um mero capitão pode ajudar.

Ela baixou a mão.

— Primeiro vou negociar a paz com Demora e Casmun. A guerra precisa acabar. Você, que tem um conhecimento tão vasto de ambas as nações, vai cuidar desse processo, mas será leal a mim, não aos ministros ou generais. Preciso que os impeça de agir pelas minhas costas, prejudicando meus objetivos. Agora. — Ela ergueu a mão novamente. — Posso contar com você?

Permita que isso acabe. Que chegue ao fim.

Que eu possa voltar para casa.

Huzar tremia enquanto se ajoelhava e segurava a mão que ela estendia, beijando a estrela de quatro pontas de Kimisara no dedo médio dela.

— Até a morte, minha rainha.

Agradecimentos

Este segundo livro foi muito mais difícil do que o primeiro, mas aguentei firme, e você, querido leitor, aguentou junto comigo. Me sinto honrada. Um agradecimento especial aos resenhistas gentis que chamaram a minha atenção para vários pontos, e aos fãs que me mandaram e-mails de madrugada. Ah, e as fanarts... Mal posso acreditar no que as pessoas fizeram! Para mim! (Droga, caiu um cisco no meu olho.)

Como da outra vez, agradeço ao Pai de todos, e às minhas líderes de torcida espirituais, Dymphna e Francis — para parafrasear santa Teresa, eu realmente gostaria que vocês não sentissem a necessidade de provar para mim que eu era capaz de lidar com todo esse estresse. *Deo gratias*.

Meus anjos editoriais na terra são liderados pela melhor agente que já vasculhou pilhas de originais, Valerie Noble, que tirou as teias de aranha, desembaraçou enredos, e me salvou de abismos metafóricos, além de me ajudar com todas as questões normais de assinar um contrato. Desculpa por dizer que você era baixinha. Eu achava que você sabia que eu não tinha tato. E Rhoda e Nicole — finalmente não estou mais hiperventilando quando falamos ao telefone. Obrigada pela paciência com os prazos que perdi e com toda a bagunça que tive que limpar no manuscrito. Prometo aprender com meus erros. Reverencio o mestre dos textos, Alexei Esikoff; e Natalie, você não fez uma, mas duas capas lindas. Mal posso esperar para ver a terceira.

Da última vez, não tive a chance de agradecer todas as pessoas maravilhosas do Fierce Reads, que me proporcionaram a oportunidade incrível de sair em turnê. Brittany, Amanda e Ashley, especialmente, tornaram tudo maravilhoso. Penso em vocês, meninas, com corações saltando dos olhos. Meus companheiros de turnê Taran Marathu e Scott Westerfeld foram, ao mesmo tempo, intimidadores e divertidos, e aprendi muito com ambos. Só gostaria de viver em um universo paralelo em que Kristen Orlando conseguisse chegar a tempo. (Leiam os livros dela, todos vocês, mesmo que o namorado da Reagan vá estudar na Academia de West Point. Ninguém é perfeito.)

O círculo de leitores deste livro foi muito menor devido a limitações de tempo, mas contou com os velhos amigos Kim, Caroline, Amy, Kammy, Dan, El Deeferino e a rede de apoio da turma de autores estreantes de 2017, além de alguns novos amigos, especialmente Laurie, a adorável escritora de histórias de dragões, que me inspira com seu entusiasmo, sua resiliência e sua habilidade de se desconectar das redes sociais por um bom tempo. Obrigada, mãe, por falar bem de mim durante todos os quarenta anos da minha vida, e pai, por me ensinar a esfaquear as pessoas. Um agradecimento especial para a dra. Kate, que forneceu muitas informações nojentas sobre queimaduras. Todos os meus amigos e familiares maravilhosos que me apoiaram com pequenas mensagens e presentes, vieram me ver na turnê, e falaram de mim para qualquer pessoa disposta a ouvir: vocês são muitos para nomear, mas todos foram mais importantes para a minha sanidade mental do que podem imaginar.

Existem dois leitores especiais que arranjaram tempo para me ajudar a arrumar coisas que eu nunca teria percebido: Ashley Woodfolk e Joshua Gabriel Lontoc. Sou eternamente grata a vocês.

Falei bastante das dificuldades que passei, mas não guardei o sofrimento só para mim. Sou supergenerosa nesse quesito. Então, para os meus filhos: desculpa por ignorá-los e por saber mais sobre a vida de pessoas imaginárias do que sobre a de vocês nos últimos meses. Vou compensá-los, mas não me peçam fast-food ou pizza, porque já vão comer muitas besteiras quando eu estiver trabalhando no próximo livro. Obrigada por contarem para todo mundo o quão legal vocês acham que sua mãe é.

E Michael. É engraçado como não consigo encontrar as palavras certas quando chega a sua vez. Ainda bem que somos psicoticamente conectados, então você sempre sabe o que estou pensando — o que normalmente é “preciso de um cochilo”. Amo você.



DEVON SHANOR PHOTOGRAPHY

ERIN BEATY nasceu e cresceu em Indianapolis, Indiana. Formou-se na Academia Naval dos Estados Unidos com diploma em engenharia aeroespacial e serviu à Marinha como oficial de armas e instrutora de liderança. Ela e o marido têm cinco filhos, dois gatos e uma horta, e moram onde quer que a Marinha os leve.